

DO NOBEL DE LITERATURA

MOYAIN



AS RÃS

COMPANHIA DAS LETRAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

MO YAN

As rãs

Tradução do chinês
Amilton Reis

PRÊMIO  NOBEL
COMPANHIA DAS LETRAS

PARTE I

Prezado professor Yoshihito Sugitani:

Faz quase um mês que nos despedimos, mas ainda vejo com nitidez os dias em que tivemos sua companhia na minha terra natal. Ficamos profundamente tocados pelo fato de o senhor se dispor a atravessar mares e montanhas, apesar dos inconvenientes da idade e da saúde, para falar de literatura para mim e meus colegas aficionados nesta aldeia remota e atrasada. Acabamos de transcrever a gravação da extensa palestra intitulada "Literatura e vida", ministrada pelo senhor na manhã do segundo dia do Ano-Novo lunar no auditório da hospedaria oficial. Se for do seu consentimento, gostaríamos de inserir esse texto no Canto das Rãs, publicação interna da Federação Literária Distrital. Queremos, dessa forma, estender aos que não puderam estar presentes a oportunidade de apreciar a elegância de seu discurso e dele extrair lições proveitosas.

Na manhã de Ano-Novo, acompanhei o senhor na visita a minha tia paterna, que trabalhou cinquenta anos como ginecologista e obstetra. Mesmo sem entender tudo o que ela dizia, devido ao sotaque carregado e à rapidez de sua fala, acredito que minha tia o tenha impressionado profundamente. O senhor a tomou como exemplo em diversos trechos de sua palestra para expor sua visão

de literatura. Disse que lhe vinha à mente a imagem de uma médica correndo de bicicleta sobre um rio congelado, a imagem de uma médica com a maleta de remédios nas costas, um guarda-chuva na mão e as calças arregaçadas abrindo caminho em meio a uma enxurrada de rãs, a imagem de uma médica com um bebê nos braços, as mangas sujas de sangue, rindo às gargalhadas, a imagem de uma médica de cigarro no canto da boca, semblante angustiado e roupa amarrotada...

O senhor nos contou que essas imagens ora se fundiam, ora se multiplicavam, como num grupo de estátuas de uma mesma pessoa. Incentivou cada amante da literatura de nossa comunidade a escrever algo inspirado em minha tia: um romance, um poema, uma peça de teatro. Com o entusiasmo criativo despertado pelo senhor, muitos estão ávidos para tentar. Um amigo do círculo literário local já começou a escrever um romance sobre uma médica da aldeia. Não quero entrar em choque com ele. Vou deixá-lo escrever, apesar de ninguém saber das histórias de minha tia melhor do que eu. Minha intenção é escrever uma peça de teatro sobre ela.

A avaliação profunda e a análise minuciosa e diferenciada que o senhor fez de Sartre durante a agradável conversa que tivemos sentados no kang da minha casa ao anoitecer do segundo dia do Ano-Novo foram ao mesmo tempo inspiradoras e esclarecedoras! Quero escrever algo tão bom como As moscas ou Mãos sujas, para avançar decidido rumo ao objetivo de me tornar um grande dramaturgo. Seguirei seu ensinamento: não me apressar, ir com calma, com a paciência de uma rã que espera pousada sobre uma folha de lótus; quando me decidir a correr a pena sobre o papel, devo ser rápido como a rã que salta sobre o inseto.*

No aeroporto de Qingdao, antes de embarcar, o senhor me sugeriu que escrevesse para contar as histórias da minha tia por carta. A vida dela, embora longe de acabar, pode ser descrita em

palavras grandiloquentes como "memorável" ou "destemida". Suas histórias são muitas, não sei quantas páginas vão ocupar nesta carta. De antemão peço desculpas pelos garranchos e, se me permite, escreverei até onde me for possível. Na era da informática, escrever cartas com caneta e papel é um luxo, mas também um prazer. Espero que, ao ler minha carta, também o senhor possa desfrutar esse prazer com sabor de outros tempos.

Aproveito para informar que meu pai me telefonou dizendo que, no dia 25 do primeiro mês lunar, a velha ameixeira de nosso quintal, aquela que o senhor qualificou de "talentosa" por causa de sua forma peculiar, desabrochou numa profusão de flores vermelhas. Muita gente foi apreciar a florada, até mesmo minha tia. Segundo conta meu pai, nevava muito naquele dia, o perfume das flores de ameixeira permeava os cristais de neve e revigorava os sentidos de quem o inalava.

*Seu aluno, Girino
Pequim, 21 de março de 2002*

* Esta e todas as outras palavras e expressões chinesas estão no glossário no fim do livro.

1.

Professor, tínhamos em nossa aldeia um costume bem antigo de batizar as crianças com o nome de partes do corpo humano, como Chen Nariz, Zhao Olho, Wu Intestino, Sun Ombro... Nunca procurei saber a origem dessa prática, talvez tenha surgido por acreditarem que um nome humilde daria vida longa, ou pelo fato de as mães considerarem o filho parte da própria carne. Esse é um costume que caiu em desuso. Os pais de hoje não querem mais dar nomes estranhos aos filhos. As crianças da aldeia agora recebem nomes sofisticados de personagens de novelas de Hong Kong, Taiwan, Japão ou Coreia. Quem tinha o nome à maneira antiga, na maioria dos casos, acabou optando por outro mais elegante. Naturalmente, há aqueles que mantiveram o original, como Chen Orelha e Chen Sobrancelha.

Chen Nariz — pai de Chen Orelha e Chen Sobrancelha — foi meu colega na escola primária e meu amigo na juventude. Entramos na escola primária de Dayanglan no outono de 1960. As memórias mais marcantes que tenho daquela época de fome são, em grande parte, relacionadas à comida. Por exemplo, a história de quando comi carvão. Muitos pensam que é invenção minha, mas juro por minha tia que tudo aquilo aconteceu de fato, não inventei nada.

Era um carregamento de carvão de alta qualidade, produzido na mina de Longkou. Dava para ver nitidamente o nosso reflexo nele,

de tão reluzente. Nunca mais encontrei um carvão brilhante como aquele. O charreteiro da aldeia, Wang Pé, trouxe o minério de carroça desde a sede do distrito. Wang Pé tinha a cabeça quadrada e o pescoço grosso. Sofria de gagueira. Quando falava, seus olhos saltavam e o rosto corava. Era pai de um casal de gêmeos, Wang Fígado e Wang Vesícula, meus colegas de escola. Fígado, o menino, era alto, mas Vesícula, a menina, nunca cresceu muito, era uma miniatura — praticamente uma anã, para usar uma expressão grosseira. Diziam que, no ventre da mãe, Fígado tomou para si todos os nutrientes, e por isso Vesícula saiu miudinha daquele jeito. O carvão chegou bem na hora da saída da escola. Os alunos, de mochila nas costas, cercaram a carroça para ver o minério ser descarregado. Com uma grande pá de ferro, Wang Pé ia tirando o carvão da carroça e despejando-o no chão. As pedras faziam barulho ao cair umas sobre as outras. Wang Pé tirou da cintura um pano azul para enxugar o suor do pescoço. Nisso, viu ali os dois filhos e ralhou: “Vão já para casa cortar capim!”. Wang Vesícula deu meia-volta e saiu correndo — ia balançando o corpo, sem muito equilíbrio, como uma criança dando os primeiros passos; era mesmo um encanto. Wang Fígado afastou-se um pouco, mas não saiu dali. O menino admirava o trabalho do pai. As crianças de hoje não experimentam mais o fascínio que Fígado sentia naquele tempo, nem que o pai seja piloto de avião. Mas a carroça, ah, aquela carroça! Corria ruidosa levantando poeira atrás das rodas. Era guiada por um cavalo militar da reserva que, nos tempos do Exército, transportava explosivos. Dizem que ganhara a marca de ferro na garupa em reconhecimento aos relevantes serviços prestados no front. A tração ficava a cargo de um burro de temperamento irritadiço, perito em coices, especialista em mordidas. Apesar do mau gênio, tinha uma força espantosa e uma velocidade excepcional. Wang Pé era a única pessoa capaz de controlar aquele

burro louco. Muita gente na vila invejava sua ocupação, mas, só de ver o burro, mudava de ideia. O animal mordeu duas crianças: uma foi Yuan Bochecha, filho de Yuan Rosto, a outra foi Wang Vesícula. Certa vez Wang Pé parou a carroça em frente a sua casa e a filha foi brincar perto do burro, que abocanhou a menina pela cabeça e a levantou do chão. Todos tratávamos Wang Pé com a maior consideração. Ele tinha um metro e noventa de altura, ombros largos, a força de um touro. Era capaz de erguer nos braços uma pedra de moinho de cem quilos, e erguia até acima do cocuruto. Tínhamos especial admiração pelo seu chicote. Quando o burro louco mordeu a cabeça de Yuan Bochecha, Wang Pé puxou o freio e ficou em pé sobre os timões da carroça, uma perna de cada lado, brandiu o chicote e começou a fustigar a garupa do animal. A cada chicotada era um fio de sangue que escorria, um som de couro que se rasgava. De início, o burro louco ainda dava coices. Passado algum tempo, começou a tremer, dobrou as pernas dianteiras, arriou a cabeça e mordeu a terra, enquanto a garupa erguida continuava debaixo de açoite. Wang Pé só parou, a contragosto, depois que o pai de Yuan Bochecha veio pedir que poupasse o animal. Yuan Rosto era secretário do Partido na aldeia, uma alta autoridade local. Wang Pé não ousaria desobedecê-lo. Quando o burro louco mordeu Wang Vesícula, esperávamos assistir a outro espetáculo daqueles, mas Wang Pé não desferiu uma única chibatada. Pegou um punhado de cal da beira da estrada e passou na cabeça da filha, em seguida a carregou para dentro de casa. Poupou o burro, mas deu uma chicotada na mulher e um pontapé no filho. Apontávamos para aquele burro marrom enquanto fazíamos comentários. Era tão magro que mostrava os ossos; as covas dos olhos eram tão fundas que caberia um ovo em cada uma. Tinha um olhar triste, zurrava de um jeito que às vezes parecia estar chorando. Não conseguíamos entender como um burro magro daquele podia ter tanta força. À

medida que falávamos, íamos chegando perto dele. Wang Pé descansava a pá, encarava-nos cheio de fúria e corríamos assustados. Aos poucos, o monte de carvão diante da cozinha da escola crescia e a carga da carroça diminuía. Puxamos o ar com o nariz, todos ao mesmo tempo, porque farejamos um aroma diferente. Era um cheiro parecido com o de resina de pinheiro, ou de batata assada. O olfato levou nossos olhos até aquele monte de carvão brilhante. Wang Pé tocou os animais e afastou-se da escola. Em vez de sair atrás da carroça, como sempre fazíamos, só para matar a vontade de pular para cima dela, indiferentes ao risco de levar uma chicotada na cabeça, ficamos com os olhos fixos no monte de carvão e nos aproximamos dele devagarzinho. Velho Wang, o cozinheiro, passou carregando uma vara nos ombros, com um balde d'água pendurado em cada ponta. Seu corpo balançava. A filha dele, Wang Renmei, também era nossa colega de escola, e mais tarde se tornaria minha esposa. Era uma das poucas crianças que não receberam o nome de partes do corpo, porque o cozinheiro era um homem culto. Tinha sido diretor da granja de uma comuna, mas perdeu o cargo e foi mandado de volta para a aldeia porque certa vez falou algo que não devia. Velho Wang nos olhou desconfiado. Achava que talvez quiséssemos entrar na cozinha para roubar comida, quem sabe? Enxotou-nos dali: "Fora, seus pirralhos! Aqui não tem nada para vocês, vão para casa mamar nas suas mães". Claro que ouvimos o que ele disse, até chegamos a considerar a sugestão, mas percebemos que ele estava só ralhando com a gente. Tínhamos entre sete e oito anos, quem é que mama nessa idade? Além do mais, ainda que quiséssemos, nossas mães eram umas mortas de fome, tinham os peitos colados nas costelas, como é que sairia leite dali? Ninguém foi discutir o assunto com Velho Wang. Ficamos debruçados sobre o monte de carvão, parecendo geólogos amadores diante de uma nova descoberta;

farejávamos como cães à procura de comida em meio ao entulho. Antes de continuar, é preciso agradecer a Chen Nariz e também a Wang Vesícula. Foi Chen quem primeiro pegou um pedaço de carvão, colocou-o diante do nariz e cheirou. Franziu a testa como quem reflete sobre alguma questão profunda. Tinha um nariz enorme, do qual adorávamos caçar. Depois de refletir por um momento, ele arremessou contra uma pedra maior o carvão que tinha na mão. O carvão se partiu com um ruído e exalou aquele cheiro. Catou uma lasquinha, seguido de Wang Vesícula, provou com a ponta da língua, virou os olhos e voltou-se para nós. Vesícula fez o mesmo: lambeu o carvão e olhou para nós. Depois se entreolharam, sorrindo, com muito cuidado e, em fortuita sincronia, mordiscaram um pedacinho, mastigaram, depois morderam mais um pedaço e mastigaram com força. Seus rostos transbordavam de excitação. O narigão de Chen Nariz ficou vermelho, orvalhado de suor. O narizinho de Wang Vesícula estava preto, coberto de cinzas. Ouvíamos, encantados, o som que faziam ao mastigar. Víamos, assombrados, eles engolirem o carvão. E engoliram mesmo. Ele disse em voz baixa: "É gostoso, pessoal!". Ela gritou com a vozinha fina: "Venha logo, meu irmão, vamos comer!". Ele pegou outro pedaço e mastigou com mais força ainda. Ela tomou um pedaço maior com sua mãozinha e deu a Wang Fígado. Imitando-os, partimos o carvão, pegamos uma lasca e mordiscamos para sentir que gosto tinha, e até que era bom, apesar de um pouco áspero. Generoso, Chen Nariz indicou um tipo de carvão: "Pessoal, comam deste, que é gostoso". Ele tinha na mão uma pedra translúcida, amarelada, parecida com âmbar: "Este aqui tem gosto de resina de pinheiro". Na aula de ciências, aprendemos que o carvão se formou a partir de florestas soterradas há muitos séculos na crosta terrestre. O professor de ciências era o diretor da nossa escola, Wu Jinbang. Não acreditamos nele, nem na cartilha. As florestas são verdes,

como poderiam se transformar em carvão preto? Achávamos que o diretor e a cartilha estavam falando bobagem. Só quando descobrimos carvão com gosto de resina de pinheiro é que percebemos que nem o diretor, nem a cartilha estavam tentando nos enganar. Quase todos os trinta e cinco alunos de nossa turma se encontravam ali, com exceção de algumas meninas. Cada um de nós segurava um pedaço de carvão, que íamos mordendo e mastigando com grande ruído. Em cada rosto se via uma expressão de deslumbramento e mistério. Era como se estivéssemos num teatro de improviso, ou envolvidos em algum jogo esquisito. Xiao Lábio Inferior pegou uma lasca de carvão, olhou-a de todos os ângulos com cara de desprezo e não comeu. Não comeu porque não tinha fome e não tinha fome porque seu pai era o zelador do armazém de grãos da comuna. O Velho Wang, cozinheiro, ficou estarrecido. Saiu correndo com as mãos cobertas de farinha. Nossa, ele tinha as mãos cobertas de farinha! Naquela época, a cantina só atendia ao diretor da escola e ao coordenador pedagógico, além de dois diretores de comuna lotados na aldeia. O Velho Wang gritou espantado: "O que estão fazendo? Estão... comendo carvão? E isso lá se come?". Com sua mãozinha miúda, Vesícula ergueu um pedaço e ofereceu, numa voz macia: "Tio, é uma delícia, experimente!". O Velho Wang abanou a cabeça e disse: "Wang Vesícula, você, uma menina tão delicada, está seguindo o mau comportamento desses marmanjos?". Vesícula deu mais uma mordida e disse: "Mas é gostoso mesmo, tio". Era fim de tarde, um sol vermelho deitava-se no poente. Os dois diretores de comuna que sempre faziam suas refeições ali chegaram de bicicleta.

Eles também ficaram olhando para nós. Velho Wang tentava nos enxotar agitando uma vara. O diretor Yan — parece que era vice-secretário — mandou o cozinheiro parar com aquilo. Fazendo cara feia, acenou com a mão, deu meia-volta e se meteu na cozinha.

No dia seguinte, na sala de aula, comíamos carvão atentos ao que dizia a professora Yu. Nossas bocas estavam completamente pretas, com cinzas nos cantos. Além dos meninos, agora também se fartavam de carvão aquelas meninas que não tinham participado do banquete do primeiro dia, orientadas por Wang Vesícula. A filha do cozinheiro — minha primeira esposa —, Wang Renmei, era quem demonstrava maior avidez. Lembrando hoje, acho que devia sofrer de periodontite, porque quando comia o carvão sua boca sangrava. Depois de escrever algumas linhas na lousa, a professora Yu se voltou e ficou nos olhando. Primeiro interrogou nosso colega Li Mão, seu filho: “Mão, o que vocês estão comendo?”. “Carvão, mãe!” “Professora, estamos comendo carvão”, miou Wang Vesícula, “a senhora não gostaria de provar?” Sentada na primeira fileira, Wang Vesícula lhe estendia uma amostra. A professora Yu desceu do tablado, tomou o pedaço de carvão da mão da aluna e colocou-o debaixo do nariz. Parecia olhar para ele enquanto o cheirava. Ficou um bom tempo sem dizer nada, por fim o devolveu a Vesícula e disse aos alunos: “Hoje vamos estudar a sexta lição, ‘O corvo e a raposa’. O corvo conseguiu um pedaço de carne e, muito orgulhoso, pousou no alto da árvore. A raposa, ao pé da árvore, lhe disse: ‘Ó corvo, tens uma voz tão linda que, quando cantas, todos os pássaros do mundo se calam’. A bajulação surtiu efeito e a ave, cheia de si, abriu o bico. Nesse momento, a carne caiu direto na boca da raposa”. A professora Yu conduziu a leitura do texto em voz alta, e nós a acompanhamos, com nossas bocas enegrecidas.

A professora Yu era uma mulher culta, mas mesmo assim seguiu o costume da aldeia e deu ao filho o nome de Li Mão. Com as excelentes notas que tirava, Li Mão conseguiu entrar para a escola de medicina e, depois de se formar, veio trabalhar como cirurgião no hospital do distrito. Ele certa vez salvou três dos quatro dedos que Chen Nariz cortou na ceifadeira.

2.

Por que é que Chen Nariz tinha um nariz tão grande e tão diferente? Isso era uma coisa que só a mãe dele saberia explicar.

O pai de Chen Nariz, de nome Chen Testa, também chamado “Fronte”, era o único homem da aldeia com duas esposas. Lia bem e vinha de uma família que, antes da Libertação, possuía muitas terras, uma destilaria de aguardente e um comércio em Harbin. Sua primeira esposa, que era gente da nossa aldeia, deu a ele quatro meninas. Chen Testa fugiu antes da Libertação e, por volta de 1951, Yuan Rosto foi com dois milicianos até o Nordeste para trazê-lo de volta. Quando fugiu, Chen Testa foi sozinho, deixou para trás a esposa e as filhas. Quando voltou, veio com uma mulher loura, de olhos azuis, que aparentava trinta e poucos anos, chamada Ai Lian. Ela trazia no colo um cachorro malhado. Como seu primeiro casamento datava de antes da Libertação, Chen Testa ficou com duas esposas legítimas. Essa situação incomodava os solteirões miseráveis da aldeia, que sugeriam — meio de brincadeira, meio a sério — liberar uma das esposas para uso deles. Chen Testa fazia uma careta, não dava para saber se de riso ou de choro. De início, as duas esposas moravam juntas. Algum tempo depois, por causa do escarcéu que aprontavam com suas brigas, Yuan Rosto permitiu que a segunda esposa se instalasse numa ala de dois cômodos anexa à escola. A construção onde funcionava a escola tinha sido a

destilaria dos Chen, a ala anexa também era parte da propriedade da família. Chen Testa fez um pacto com as mulheres para poder dormir alternadamente nas duas casas. O cachorro que a loura trouxe de Harbin morreu numa briga com os cães da aldeia. Ai Lian, grávida, enterrou o animal e, logo em seguida, teve Chen Nariz. Diziam que esse menino era a reencarnação do cachorro malhado. Talvez por isso tivesse um olfato tão apurado. Naquela época, minha tia já tinha feito o curso de atualização em técnica obstetrícia na sede do distrito para se tornar a parteira da aldeia em tempo integral. Corria o ano de 1953.

Naquele ano, os aldeões ainda eram muito resistentes à nova técnica, por causa dos rumores que as "vovós" parteiras andavam espalhando na surdina. Segundo elas, a nova técnica causava doença mental nos bebês. E por que diziam essas coisas? Porque, assim que se popularizasse, a novidade acabaria com seu ganha-pão. Quando faziam um parto, podiam se fartar de comer na casa da parturiente e ainda ganhavam, como gratificação, duas toalhas e dez ovos. Minha tia nutria pelas tais "vovós" um ódio de ranger os dentes. Dizia ter perdido a conta de quantas mães e bebês morreram nas mãos daquelas bruxas velhas. A descrição de minha tia gravou em nós uma imagem medonha. As "vovós" quase sempre deixavam as unhas bem compridas, os olhos faiscavam um brilho esverdeado de fogo-fátuo e a boca exalava um bafo fedorento. Minha tia contava que elas pressionavam a barriga da mulher com um pau de macarrão e tapavam-lhe a boca com um trapo, como se o bebê fosse sair por ali. Não tinham nenhum conhecimento de anatomia e desconheciam a fisiologia feminina. Em caso de dificuldade, as "vovós" introduziam a mão no canal de parto e puxavam com toda a força, chegavam a arrancar o feto junto com o útero. Por muito tempo, se me perguntassem que tipo de malfeitor eu mandaria para o paredão de fuzilamento, diria sem pestanejar: a

“vovó” parteira. Só depois entendi o exagero da minha tia. Certamente existiram “vovós” bárbaras e ignorantes, mas também é certo que existiram outras mais experientes, que conheciam na própria carne os segredos do corpo feminino. Na verdade, minha avó também foi parteira. Ela era adepta da não intervenção. Acreditava que tudo acontece a seu tempo, abóbora madura cai sozinha. No seu entender, o papel da boa parteira era encorajar a mãe, esperar o bebê sair, cortar o cordão umbilical, passar cal na ferida, amarrar num pano e pronto. Mas minha avó não fazia muito sucesso como parteira. Deviam achá-la preguiçosa. Gostavam mesmo era daquelas “vovós” que metiam os pés pelas mãos, corriam pela casa aos berros e suavam como se elas é que estivessem parindo.

Minha tia era filha do meu tio-avô paterno. Ele foi médico do Exército da Oitava Rota. Era formado em medicina tradicional, mas, depois que entrou para o Exército, aprendeu medicina ocidental com Norman Bethune. Quando o dr. Bethune faleceu, meu tio-avô ficou tão triste que adoeceu gravemente, parecia à beira da morte, sentia saudades de casa e da mãe, dizia ele. Mandaram-no voltar para se tratar. Quando chegou em casa, minha bisavó ainda era viva. Assim que entrou pela porta, sentiu o cheiro de sopa de feijão-verde. Minha bisavó, mais que depressa, pegou uma panela e acendeu o fogo para esquentar a sopa, a nora fez menção de ajudar, mas minha bisavó a empurrou para o lado com a bengala. Sentado no batente, o tio-avô esperava ansioso. Minha tia conta que se lembra de ficar olhando para o pai sem dizer uma sílaba, escondida atrás da mãe. Desde pequena ela ouvia a mãe e a avó falarem do pai. Mas quando finalmente o viu, pareceu-lhe um completo estranho. Sentado na soleira, ele tinha o rosto pálido, o cabelo comprido e piolhos andando pelo pescoço. Vestia uma jaqueta tão puída que o enchimento de algodão escapava pelos furos. A avó da minha tia, ou

seja, minha bisavó, abanava o fogo e chorava. A comida ficou pronta. Sem conseguir esperar mais, meu tio-avô segurou a tigela de sopa escaldante com as duas mãos e quis beber tudo de uma vez. Minha bisavó disse: "Filho, não se afobe, tem mais na panela". Minha tia conta que as mãos dele tremiam. Tão logo terminou a primeira tigela, serviu-se outra vez. Quando terminou a segunda tigela, já não tremia. O suor corria-lhe pelas têmporas. Aos poucos, os olhos recobriram a vivacidade e o rosto corou. A barriga produzia um barulho estranho, como se uma pedra de moinho girasse ali dentro. Um par de horas mais tarde, ainda segundo diz minha tia, ele correu para o banheiro com uma diarreia tão forte que parecia que o intestino ia sair também. Depois foi melhorando e, passados dois meses, tinha recobrado o vigor, estava ligeiro como um dragão e esperto como um tigre.

Disse à minha tia que eu havia lido uma história parecida na *Crônica indiscreta dos mandarins*. "Que livro é esse?", ela me perguntou. É uma obra-prima da literatura clássica, respondi. Ela me olhou com firmeza e disse: "Se até uma obra clássica registra um caso desses, por que você ainda duvida?!".

Depois que se recuperou, meu tio-avô queria voltar aos montes Taihang para se reunir ao Exército. Minha bisavó interveio: "Filho, já não me resta muito tempo de vida, deixe para ir depois de me ver bem sepultada". Como minha tia-avó tinha vergonha de falar, encarregou a filha de dizer: "Pai, minha mãe falou que se você quiser ir embora, pode ir, mas antes tem que me dar um irmãozinho".

Nessa época, veio gente do distrito militar de Jiaodong chamar meu tio-avô para se juntar a eles. Como discípulo de Norman Bethune, meu tio-avô tinha muita fama. "Pertencço à região militar de Jinchaji", disse ele. Os de Jiaodong retrucaram: "Somos todos comunistas, que diferença faz? Precisamos de uma pessoa como

você por aqui, queremos que fique de qualquer maneira”. O comandante Xu acrescentou: “Se recusar o tapete vermelho, irá amarrado mesmo. Mas como não batemos sem assoprar, depois ganhará um banquete!”. E assim meu tio-avô ficou em Jiaodong, onde fundou o Hospital Secreto Xihai do Exército da Oitava Rota.

Esse hospital era tão secreto que funcionava no subterrâneo. Eram várias salas interligadas por túneis, tinha quartos para assepsia, tratamento, cirurgia, enfermaria. Tudo isso se conserva até hoje, num local próximo à cidade de Laizhou. Uma senhora de oitenta e oito anos, Wang Xiulan, foi enfermeira quando meu tio-avô trabalhava lá e ainda está viva. A saída de muitas enfermarias dava em poços artesianos. Certa vez, uma moça foi ao poço buscar água, mas o balde, estranhamente, ficou preso. A moça olhou para baixo e, num buraco na parede do poço, um jovem soldado ferido lhe fazia uma careta engraçada.

A alta competência do meu tio-avô na área médica logo se tornou conhecida por toda Jiaodong. Foi ele que retirou a bala alojada sob a escápula do comandante Xu e salvou a mulher e o filho do comissário Li num parto difícil. Até mesmo o comandante Sugitani, que chefou as tropas japonesas em Pingdu, já tinha ouvido falar nele. Sugitani saiu com os soldados para uma missão de “limpeza”, mas o cavalo importado que montava se feriu numa mina terrestre. O comandante japonês abandonou a montaria e fugiu. Meu tio-avô fez uma cirurgia no animal, que se recuperou bem e virou montaria do comandante Xia. Com saudades do antigo dono, o cavalo partiu a corda com os dentes e voltou para Pingdu. Ao ver seu precioso animal de volta, o comandante Sugitani ficou muito surpreso e mandou seus informantes investigarem. Assim, o japonês ficou sabendo que o Exército da Oitava Rota construía um hospital secreto debaixo do seu bigode e que o diretor desse hospital era Wan Seis Vísceras, o excelente médico que salvara seu cavalo da

morte. O comandante Sugitani também tinha estudado medicina. Atraído pela afinidade, queria que meu tio-avô fosse trabalhar com ele. Para isso, Sugitani pensou num ardil que tinha aprendido no *Romance dos três reinos*: mandaria sequestrar minha bisavó, minha tia-avó e minha tia na aldeia, levaria as três como reféns para Pingdu e depois enviaria uma carta a meu tio-avô.

Meu tio-avô era um comunista convicto. Quando terminou de ler a mensagem de Sugitani, amassou a carta e jogou-a no lixo. Men, o comissário do hospital, pegou a carta do lixo e mandou-a para o distrito militar. O comandante Xu e o comissário Li escreveram uma resposta conjunta a Sugitani, rechaçando sua falta de dignidade. Se ele ousasse tocar num fio de cabelo das três familiares do dr. Wan, escreveram eles, todo o destacamento de Jiaodong cairia sobre Pingdu.

Minha tia conta que passou três meses com minha tia-avó e minha bisavó em Pingdu. Tinham o que comer e o que beber, não foram maltratadas. O comandante Sugitani era um jovem de belas feições, usava óculos de armação branca, tinha um bigode fino, demonstrava grande polidez e era fluente em chinês. Chamava minha bisavó de senhora, minha tia-avó de cunhada e minha tia de sobrinha. Minha tia não teve má impressão dele. Naturalmente, essas coisas ela só contava em particular, para pessoas da família. Em público era diferente, dizia que sofreram horrores nas mãos dos japoneses, que foram torturadas no interrogatório, mas não cederam.

Professor, eu poderia continuar a história do meu tio-avô por mais três dias e três noites e ainda assim não conseguiria terminá-la, vamos deixar essa conversa para outro dia. Só preciso contar como meu tio-avô morreu. Minha tia diz que ele morreu envenenado por gás letal jogado pelo inimigo enquanto fazia uma cirurgia no subterrâneo. O necrológio do Comitê Consultivo Político Distrital

também diz a mesma coisa. Mas tem gente que conta, à boca miúda, que meu tio-avô amarrou oito granadas na cintura, montou um burro e foi sozinho adentrar os portões de Pingdu, com a intenção de resgatar, num ato heroico, a mulher, a filha e a mãe. Infelizmente, ele pisou por distração numa mina plantada pelos milicianos locais. Quem espalhava essa história era Xiao Lábio Superior, que tinha sido padioleiro no Hospital Xihai. Era um sujeito esquisito. Depois da Libertação, virou zelador do armazém de grãos da comuna e gozou de uma fama momentânea ao inventar um raticida especial. Quando o nome dele saiu no jornal, trocaram o ideograma de “lábio” por “puro”. Depois, descobriram que o principal componente do tal raticida especial era um agrotóxico fortíssimo, de uso proibido pelo governo. Xiao Lábio Superior odiava minha tia, por isso não dá para acreditar no que ele diz. “Seu tio-avô”, ele me contou, “desobedecendo a ordens superiores, abandonou os pacientes no hospital e decidiu bancar o herói. Antes de sair, enxugou duas jarras de aguardente para tomar coragem. Bebeu até ficar tonto. Saiu trocando as pernas e pisou numa mina instalada por sua própria gente.” Xiao Lábio Superior mostrava os dentes amarelos, deliciando-se com a desgraça alheia: “Seu tio-avô e o burro voaram pelos ares, recolheram os pedaços deles em dois balaios. Ali dentro tinha braço de gente junto com casco de burro. Despejaram tudo misturado assim mesmo no caixão. Mas era um caixão dos bons, confiscado de uma família rica da vila”. Conteí essa história a minha tia. Ela arregalou seus olhos amendoados e rosnou: “Um dia ainda vou capar essa besta com minhas próprias mãos”.

“Filho”, disse-me num tom firme, “você pode desconfiar de tudo, menos de uma coisa: seu tio-avô foi um herói da resistência aos japoneses, um mártir da revolução. Está sepultado no Cemitério dos Heróis, seus pertences estão expostos no Museu dos Mártires: o

bisturi que usava nas cirurgias e um par de botas de couro da Inglaterra, que ganhou do próprio dr. Bethune no leito de morte.

3.

Professor, apressei-me em terminar a história de meu tio-avô só para poder contar com calma a de minha tia.

Ela nasceu em 13 de junho de 1937, no quinto dia do quinto mês lunar. Na infância, era chamada "Duanyang", na idade adulta, Wan Coração. Esse nome, escolhido por meu tio-avô, respeitava a tradição local e ao mesmo tempo remetia a conotações mais profundas. Depois da morte do meu tio-avô, a bisavó adoeceu e faleceu em Pingdu. Por meio de agentes infiltrados, o destacamento militar de Jiaodong conseguiu resgatar minha tia-avó e minha tia do cativeiro. As duas foram levadas à Zona Liberada. Ali, minha tia passou a frequentar a Escola da Resistência Antijaponesa e minha tia-avó foi trabalhar como costureira de solas numa fábrica de calçados. Depois da Libertação, filhos de mártires como minha tia tinham inúmeras oportunidades de ascensão. Minha tia-avó, no entanto, jamais conseguiria viver longe da terra natal e minha tia não deixaria a mãe por nada. O diretor do distrito perguntou a minha tia que carreira ela gostaria de seguir. Ela respondeu que queria ter a mesma profissão do pai e, por isso, foi mandada para a Escola de Saúde Distrital. Formou-se com apenas dezesseis anos e começou a clinicar no posto de saúde da vila. Quando a Secretaria Distrital de Saúde abriu um curso de atualização em técnicas de parto, enviaram minha tia para participar. Foi então que se formou

seu vínculo indissolúvel com essa profissão sagrada. Pelos seus cálculos, desde o primeiro parto em 4 de abril de 1953 até a Festa da Primavera do ano passado, ela trouxe ao mundo mais de dez mil crianças. Cada dois partos feitos em cooperação com outro profissional contam como um. Isso ela mesma disse ao senhor. Dez mil pode ser exagero, mas uns sete ou oito mil partos ela com certeza fez. Minha tia teve sete discípulas. Uma delas, a “Leoazinha”, de cabelo rebelde, nariz chato, boca reta e rosto cheio de espinhas, a idolatrava. Se minha tia lhe dissesse para matar alguém, ela pegaria a faca no mesmo instante e se lançaria à missão sem pensar duas vezes.

Como já disse, na primavera de 1953, as mulheres de nossa aldeia tinham muitas objeções ao parto moderno. E as “vovós” ainda andavam espalhando boatos maldosos. Minha tia contava então apenas dezessete anos de idade, mas, devido à extraordinária experiência que acumulara desde a infância, à qual se somava um histórico familiar que resplandecia como ouro, já era uma celebridade influente e respeitada no Nordeste de Gaomi. Naturalmente, ela também se destacava pela aparência. Esqueçamos a cabeça e o rosto, não mencionemos o nariz nem os olhos e falemos só dos dentes. Como vivíamos numa região de alto índice de flúor, todos os moradores locais, jovens e velhos, tinham dentes escuros. Quando criança, minha tia morou muito tempo na Zona Liberada de Jiaodong, bebeu água da montanha e aprendeu a escovar os dentes com o Exército da Oitava Rota. Talvez por isso seus dentes tenham escapado da contaminação. Minha tia tinha uns dentes brancos de fazer inveja a todos nós, especialmente às outras moças.

A primeira criança que minha tia trouxe ao mundo foi Chen Nariz. Jamais se conformou com isso. Dizia que o primeiro parto de sua vida deveria ter sido do filho de um revolucionário, nunca imaginou

que seria de um filhote de latifundiário. Porém, como naquela épocaurgia mudar a situação e erradicar as técnicas obsoletas, ela nem teve tempo de pensar nessa questão.

Assim que soube que Ai Lian estava em trabalho de parto, minha tia pegou a bicicleta — coisa ainda rara naquela época — e saiu voando com a maleta de medicamentos nas costas. Em apenas dez minutos ela percorreu os seis quilômetros entre o posto de saúde e a aldeia. A mulher de Yuan Rostó, o secretário do Partido na aldeia, estava lavando roupa na beira do rio e viu minha tia passar a toda velocidade pela ponte estreita de pedra. Um cão que brincava ali pulou no rio, apavorado. Quando minha tia, com a maleta na mão, irrompeu na casa de Ai Lian, aquela construção de dois cômodos, a “vovó” Tian Guihua já estava lá. Era uma velha de cara chupada que na época passava dos sessenta anos. Agora já voltou ao pó, que descanse em paz! Tian Guihua era adepta da escola intervencionista. Assim que entrou pela porta, minha tia a viu montada sobre Ai Lian, comprimindo com força seu ventre avolumado. A velha sofria de bronquite crônica. Sua respiração chiada, misturada aos urros de porco agonizante vindos de Ai Lian, criava uma atmosfera de bravura trágica. Ajoelhado num canto, o latifundiário Chen Testa murmurava algo incompreensível enquanto batia a cabeça repetidas vezes contra a parede, parecia um besouro.

Fui muitas vezes à casa de Chen Nariz e conheço bem sua configuração. A construção de dois cômodos era voltada para o poente, as águas do telhado eram curtas e baixas, os quartos, pequenos. O fogão ficava de frente para a porta. Logo atrás do fogão, havia uma meia-parede de dois pés de altura e, atrás desta, um *kang* feito de tijolos de barro. Assim que entrou pela porta, minha tia viu o que se passava ali e foi tomada de uma raiva incontrolável. Ela mesma admite que perdeu as estribeiras. Largou a maleta e atirou-se como uma flecha sobre a velha, agarrou-a pelo

braço e pelo ombro e puxou-a para trás com tanta força que a parteira caiu do *kang*, bateu com a cabeça no penico e espalhou urina pelo chão. O fedor impregnou a casa. Um filete de sangue escuro descia do corte na cabeça dela. Não era um ferimento grave, mas mesmo assim a velha abriu um berreiro descomunal. Qualquer um que ouvisse aquela gritaria entraria em pânico, menos minha tia, que já tinha visto de tudo e não se deixou impressionar.

A tia ficou em pé sobre o *kang*, calçou as luvas de borracha e disse a Ai Lian, com ar grave: "Pare com essa choradeira, não adianta nada. Se quiser viver, terá de obedecer às minhas ordens e fazer exatamente o que eu mandar". Ela conseguiu calar Ai Lian, que obviamente conhecia seu brilhante histórico familiar e sua lendária experiência. "Você é uma gestante de idade avançada", explicou-lhe minha tia, "o feto não está na posição correta. O normal é sair primeiro a cabeça, mas no seu caso está saindo primeiro a mão, a cabeça continua lá dentro." Minha tia ainda viria a fazer muita troça de Chen Nariz, perguntando o que é que ele queria do mundo ao estender a mão para fora, antes mesmo da cabeça. "Querida comida, ué!", respondia Chen Nariz.

Embora fosse o primeiro parto que fazia, minha tia conseguiu manter a cabeça fria. Sem entrar em pânico, soube aplicar o máximo de conhecimento dominando apenas metade da técnica. Era uma obstetra talentosa, mostrava tino e jeito no exercício da profissão. As mulheres que a viram em ação — seja como espectadoras, seja como pacientes — tinham profunda admiração por ela. Minha mãe costumava dizer: "As mãos de sua tia são diferentes. As mãos de pessoas comuns às vezes estão frias, às vezes quentes, às vezes duras, às vezes suadas... as da sua tia, em todas as estações do ano, estão frescas e macias, mas não macias de um jeito frouxo e sim... como é que se diz mesmo?". Meu irmão que tinha estudo ajudava: "Como uma agulha envolta em algodão, a firmeza dentro

da suavidade?”. Minha mãe dizia: “Isso mesmo. O frescor da sua mão não era uma frieza de gelo, mas sim um...”. O irmão letrado socorria novamente: “Um frescor imbuído de calor, um frescor de seda, de jade”. “Isso mesmo, isso mesmo”, dizia minha mãe, “o simples toque de sua mão aliviava a dor das pacientes.” Minha tia era praticamente idolatrada pelas mulheres da aldeia.

Ai Lian era uma mulher de sorte, mas antes de tudo era uma mulher inteligente. Assim que a mão da minha tia tocou sua barriga, ela recobrou as forças. Depois ainda diria a quem quisesse ouvir que minha tia tinha jeito de general. Em comparação com ela, a velha que chorava estendida no chão ao pé do penico parecia um palhaço. Ao notar a atitude científica e o comportamento digno da minha tia, Ai Lian se encheu de coragem, até a dor de entranhas se rasgando pareceu diminuir. Parou de chorar, obedeceu às ordens da médica, acompanhou seus movimentos e deu à luz um bebê narigudo.

Chen Nariz não respirou logo ao nascer; minha tia precisou virá-lo de cabeça para baixo e lhe dar umas palmadas nas costas e no peito até ele soltar um choro que parecia um miado de gato. “Como pode este menino ter um nariz tão grande?!”, exclamou minha tia. “Parece até americano! Estava feliz como um artesão que acaba de concluir sua primeira obra. Um sorriso luminoso abriu-se no rosto exausto da mãe. Minha tia tinha uma consciência de classe muito forte, mas, no momento em que retirou o bebê do canal de parto, esqueceu as classes e a luta de classes e experimentou uma felicidade que era pura e simplesmente um sentimento humano.

Quando entendeu que era pai de um menino, Chen Testa levantou-se do canto. Sem saber o que fazer, dava voltas no espaço exíguo ao lado do fogão. Duas lágrimas espessas escorreram de seus olhos encovados. Estava tomado de um êxtase que não conseguia expressar em palavras. Queria falar um monte de coisas, mas não se atrevia, falaria de ancestrais, de continuidade do clã e

de tudo o que, vindo da boca de alguém como ele, soaria como ofensa grave.

“Uma criança com um nariz grande assim bem que podia ser chamada de Nariz!”, disse minha tia.

Ela falou de brincadeira, mas Chen Testa acatou como se fosse um édito imperial: “Obrigado, muito obrigado pela escolha do nome!”, dizia ele entre uma reverência e outra: “Nariz está bem, vai se chamar Chen Nariz”.

Em meio à profusão de agradecimentos de Chen Testa e à enxurrada de lágrimas de Ai Lian, minha tia arrumou sua maleta e preparou-se para sair. Nesse instante, viu Tian Guihua encostada à parede, de frente para o penico quebrado, parecia dormir. Minha tia não sabia desde quando ela estava naquela posição, e não se lembrava muito bem em que momento cessara aquele choro medonho. Chegou a pensar que estava morta, mas, assim que percebeu um brilho esverdeado no fundo de seus olhos de gato, soube que a velha ainda vivia. Uma onda de ira varreu o coração da minha tia. “O que é que ainda está fazendo aqui?”, perguntou. “Fiz metade do trabalho”, respondeu a velha, “você fez a outra metade; de costume só peço uma toalha e cinco ovos, mas, como quebrei a cabeça por sua causa, e se não a denuncio é só em consideração a sua mãe, você me deve uma toalha para o curativo e cinco ovos para restaurar minha saúde.” Só então minha tia se deu conta de que a “vovó” queria cobrar seu pagamento. Ficou furiosa. “Você não tem vergonha? Não tem um pingão de vergonha?” Minha tia rosnava. “Que metade do trabalho que nada! Se te deixasse fazer o trabalho todo, teríamos dois cadáveres aqui. Sua bruxa velha, você acha que a vagina de uma mulher é como um cu de galinha? É só apertar com força que o ovo pula para fora? Chama isso de parto? Não é parto, não, isso é assassinato! E ainda quer me denunciar?” Minha tia acertou um chute no queixo da velha. “E ainda quer toalha, quer

ovo!” Deu-lhe mais um chute, dessa vez na bunda. Depois, segurando a maleta numa das mãos, agarrou a velha pelo coque e arrastou-a até o pátio. Chen Testa foi atrás para apartar, minha tia vociferou: “Volte já para dentro! Vá cuidar da sua mulher!”.

Era a primeira vez na vida que ela batia em alguém. Jamais imaginara ser tão boa nisso. Minha tia mirou mais uma vez o traseiro da velha e desferiu outro chute. Tian Guihua rolou por terra, ergueu-se, sentou-se e pôs-se a bater com as mãos no chão, gritando aos quatro ventos: “Socorro! Ela vai me matar! A filha bandida de Wan Seis Vísceras vai me matar...”.

Caía a tarde, era a hora do sol poente, do lusco-fusco, da brisa amena. A maioria dos moradores da aldeia, com a tigela nas mãos, jantava em pé na frente de suas casas. Ouvindo aquele pampeiro, as pessoas logo acorreram ao local. Também acudiram o secretário do Partido, Yuan Rosto, e o chefe da brigada de produção, Lü Dente, que era parente distante de Tian Guihua e por isso mesmo tinha sua imparcialidade comprometida. Foi ele que interveio: “Wan Coração, uma moça jovem como você não tem vergonha de bater numa senhora idosa?”.

“E quem era ele para falar?”, minha tia nos dizia. “Era um animal que vivia batendo na mulher e ainda queria me dar lição de moral?”

“Que senhora que nada! Isso aí é um demônio, uma peste!”, retrucou minha tia. “Pergunte a ela o que ela fez!”

“Quantos morreram em suas mãos? Se eu tivesse uma arma, estourava seus miolos agora mesmo!” Estendeu o braço direito com o dedo indicador, imitando o cano de uma arma apontada para a cabeça da parteira. Ao falar, minha tia usava expressões de gente velha, apesar de ser uma mocinha de dezessete anos, o que fez muita gente rir.

Lü Dente ainda queria argumentar em favor de Tian Guihua, mas o secretário Yuan falou: “A dra. Wan tem razão, é preciso punir com

rigor essas bruxas que brincam com vidas humanas! Tian Guihua, pare de se fazer de vítima! A surra que levou ainda foi pouca, você merecia ir para a cadeia! De agora em diante, quem for ter filho deverá procurar a dra. Wan! Tian Guihua, se ousar fazer mais um parto, eu arranco essas suas patas de cadela!”.

Segundo minha tia, Yuan Rosto podia não ter cultura, mas era um homem de visão e sabia agir com justiça, era um bom dirigente.

4.

Professor, a segunda criança a nascer pelas mãos da minha tia fui eu.

Quando minha mãe entrou em trabalho de parto, minha avó cumpriu os seus ritos de sempre: lavou as mãos, pôs uma roupa limpa, acendeu três incensos no altar dos ancestrais, fez três reverências e enxotou os homens da casa. Não era a primeira vez que minha mãe dava à luz. Antes de mim vieram dois irmãos e uma irmã. “Você tem bastante experiência”, disse minha avó a minha mãe, “é carroça acostumada à estrada, vá deixando o bebê sair aos poucos.” Minha mãe contrapôs: “Sogra, não me sinto bem, dessa vez tem alguma coisa diferente”. Minha avó discordou: “O que é que pode haver de diferente? Será que vai sair daí um *qilin*?”.

A intuição da minha mãe estava correta. Quando meus irmãos nasceram, saiu primeiro a cabeça, mas, no meu caso, saiu primeiro uma perna.

Quando viu aquela perna, minha avó ficou apavorada. Lembrou-se do ditado camponês que diz: “Criança que nasce pela perna é alma sofredora que retorna”. Sabe o que é uma alma sofredora? Se uma família causou sofrimento a alguém em vidas passadas, esse alguém pode reencarnar como filho e provocar sofrimento na mãe durante o parto. Se não morrer junto com a mãe nesse momento, pode adiar sua morte até certa idade para infligir maior perda material e

emocional a toda a família. Fingindo tranquilidade, minha avó disse: "Este menino já nasce com o pé na estrada, quando crescer, vai correr o mundo em missões oficiais. Não se preocupe, tenho uma solução". Minha avó foi até o pátio, pegou uma bacia de cobre, segurou-a pela borda, pôs-se diante do *kang* e começou a bater na bacia com um rolo de macarrão, como se fosse um gongo, pééém-pééém. Batia e se esgoelava: "Anda logo... anda rápido... tem recado urgente que o patrão mandou levar, anda logo senão vai apanhar...".

Percebendo a gravidade da situação, minha mãe bateu na janela com um espanador para chamar a atenção da minha irmã, que acompanhava no pátio toda aquela movimentação: "Filha, depressa, vá chamar a sua tia!".

Minha irmã era muito inteligente, ela correu até o escritório da aldeia e pediu a Yuan Rostó que telefonasse para o posto de saúde. Até hoje guardo comigo aquele velho telefone à manivela, foi esse aparelho que me salvou a vida.

Naquele 6 de junho, o rio Jiao encheu. A água cobriu a superfície da ponte, mas os redemoinhos que se formavam sobre as pedras do calçamento davam uma pista de sua posição. O desocupado do Du Pescoço, que pescava na beira do rio, diz ter visto minha tia descer voando a ribanceira do outro lado e atravessar a ponte, as rodas da bicicleta jogavam água a um metro de altura. A correnteza era rápida, se minha tia fosse arrastada, professor, eu não estaria aqui.

Minha tia, ensopada, entrou correndo pela porta de casa.

A chegada dela produziu em minha mãe o efeito de um calmante. Minha mãe conta que a tia foi logo afastando minha avó para o lado enquanto caçoava: "Como é que a criança vai ter coragem de sair com essa barulheira toda?". Minha avó quis se justificar: "Criança gosta de animação, como não vai querer sair ao ouvir essa algazarra?". Minha tia conta que puxou minha perna como quem tira uma cenoura da terra. Sei que ela diz isso de brincadeira. Depois

que Chen Nariz e eu nascemos pelas mãos da minha tia, as nossas mães se tornaram divulgadoras voluntárias do trabalho dela. Procuravam convencer as pessoas narrando a própria experiência. A esposa de Yuan Rosto e o desocupado do Du Pescoço falavam a todo mundo da alta perícia de minha tia no voo de bicicleta. Assim ela ganhou renome. As "avós", por sua vez, logo perderam clientela e se tornaram parte da história.

Entre 1953 e 1957, o país viveu um período de aumento da produção e prosperidade econômica. Os bons ventos também chegavam até nossa terra, colheitas generosas seguiam-se ano a ano. As pessoas tinham o que comer e o que vestir, viviam felizes, e as mulheres competiam para ver quem tinha mais filhos. Minha tia ficou exausta de tanto trabalhar. Nas dezoito aldeias do Nordeste de Gaomi, cada viela tinha o rastro da sua bicicleta, cada pátio, as marcas dos seus pés.

De 4 de abril de 1953 a 31 de dezembro de 1957, minha tia realizou um total de mil seiscentos e doze partos, assistiu ao nascimento de mil seiscentos e quarenta e cinco bebês, seis deles morreram, isso porque cinco eram natimortos e um sofria de doença congênita. Estes eram, na verdade, números excelentes, bem próximos da perfeição.

Em 17 de fevereiro de 1955, minha tia filiou-se ao Partido Comunista. Naquele dia, ela fez o seu milésimo parto. Aquele bebê viria a ser o nosso colega Li Mão.

Minha tia conta que a professora Yu foi a parturiente mais tranquila que ela já viu. Ela diz que, enquanto se ocupava do parto lá embaixo, a professora Yu lia uma cartilha escolar para preparar a aula.

Quando a velhice chegou, minha tia sempre se lembrava com saudade daquele tempo. Foi uma era de ouro para a China e também para minha tia. Não sei quantas vezes a ouvi dizer,

nostálgica, com um brilho nos olhos: “Naquele tempo, eu era considerada um bodisatva de carne e osso, a deusa da fertilidade, exalava aroma de flores, atraía enxames de abelhas e borboletas por onde passava. Hoje em dia, ai ai, hoje em dia só atraio mosca...”.

Meu nome também foi escolhido por minha tia: o nome oficial é Wan Perna, mas em casa me chamavam de Corre Corre.

Peço desculpas, professor, por não ter esclarecido antes: Wan Perna é meu nome oficial, Girino é meu pseudônimo.

5.

Minha tia havia chegado fazia tempo à idade de se casar. Mas ela ganhava seu próprio salário, ocupava função pública, comia grão comercial* e tinha uma origem familiar tão gloriosa que nenhum rapaz da aldeia nem sequer ousava pensar na possibilidade de pedir sua mão. Aos cinco anos, eu já ouvia com frequência minha tia-avó e minha avó conversarem sobre o casamento da minha tia. Minha tia-avó dizia, aflita: “Tia’,** veja só, Coração já está com vinte e dois anos. As outras moças dessa idade estão todas casadas, com dois filhos, mas Coração não recebeu sequer um pedido de casamento até agora. Como pode ser isso?”. E minha avó dizia: “Cunhada, para que tanta pressa? Uma moça como ela ainda vai se casar com um nobre, quem sabe, e virar imperatriz! Aí você vai ser sogra do imperador e entramos todos para a casa imperial, com certeza alguma benesse há de sobrar para nós!”. Minha tia-avó dizia: “Bobagem! Faz tempo que a revolução derrubou o imperador, vivemos na República Popular, quem manda agora é o presidente!”. Minha avó dizia: “Se é o presidente que manda, então vamos casar Coração com o presidente!”. Minha tia-avó dizia, furiosa: “Mas você, hein, está de corpo presente numa nova era e a cabeça ficou no passado, no tempo antes da Libertação”. Minha avó retrucava: “Não sou como você, passei a vida inteira nesta aldeia, você foi à Zona Liberada, foi a Pingdu”. Minha tia-avó dizia: “Nem me fale de Pingdu,

falar desse lugar me dá arrepios! Fui sequestrada por aqueles demônios japoneses, o que passei lá foi um pesadelo e não um recreio!”. As duas cunhadas falavam e falavam até começarem a brigar. Minha tia-avó saía furiosa, como se nunca mais fosse voltar. No dia seguinte, estava ali de novo. Quando via as duas conversarem sobre esse assunto, minha mãe tinha de esconder o riso.

Lembro-me daquele fim de tarde em que a vaca lá de casa pariu um bezerro. Não sei se foi a vaca que imitou minha mãe, ou se foi o bezerro que seguiu meu exemplo: pôs primeiro uma perna para fora e ficou entalado. A vaca mugia desesperada, parecia sofrer terrivelmente. Preocupadíssimos, meu avô e meu pai esfregavam as mãos, batiam os pés, andavam em círculos sem saber o que fazer. A vaca é a menina dos olhos dos camponeses, ainda mais se pertence à coletividade e foi confiada aos nossos cuidados. Se morresse, aí sim estaríamos em apuros. Minha mãe chamou minha irmã num canto e disse a ela: “Filha, parece que sua tia já está de volta”. Minha irmã saiu correndo antes mesmo que ela terminasse a frase. Meu pai lançou à minha mãe um olhar atravessado: “Você não tinha nada que se meter nisso! Ela trabalha com gente!”. E minha mãe respondeu: “Gente ou bicho, a lógica é a mesma!”.

Minha tia e minha irmã chegaram juntas.

Assim que entrou pela porta, a tia explodiu: “Vocês querem me matar de cansaço? Já ando ocupada demais com gente e vocês ainda me chamam para cuidar de vaca!”.

“Irmãzinha”, sorriu minha mãe, “quem mandou você ser da família? Quem mais podíamos procurar? Não dizem que você é um bodisatva de carne e osso? Pois um bodisatva ajuda todos os seres a atravessar o oceano da existência, socorre tudo que é ser vivo, a vaca pode ser um animal, mas também é um ser vivo, vai lhe negar socorro quando estiver à beira da morte?”

“Cunhada”, disse minha tia, “ainda bem que você não sabe ler, se soubesse ler mais que duas cestas de palavras, quem é que poderia com você nesta aldeia?”

“Mesmo que eu soubesse oito cestas de palavras, nem chegaria aos seus pés, irmãzinha”, respondeu minha mãe.

Minha tia ainda estava de cara amarrada, mas era evidente que a raiva tinha passado. Já estava escuro, minha mãe acendeu as lamparinas da casa, aumentou os pavios e levou tudo para o estábulo.

Assim que viu minha tia, a vaca dobrou as duas pernas dianteiras e ajoelhou-se. Vendo o animal nessa posição, minha tia desatou a chorar.

Todos nós choramos com ela.

Minha tia examinou a vaca e disse, misturando gozação e piedade: “Mais um que quer nascer pela perna”.

Mandou que a gente fosse para o pátio, receava que ficássemos muito impressionados com a cena. Ouvíamos a tia dar ordens em voz alta e imaginávamos nossos pais sob o seu comando, ajudando a vaca a parir. Era o dia 15 do calendário lunar, quando a lua assoma pelo sudeste e derrama no mundo um brilho imaculado. “Pronto, nasceu!”, gritou a tia.

Entramos empolgados no moinho, que servia de estábulo, e vimos ao lado da vaca um bezerrinho coberto de um líquido viscoso. “Que bom, é uma bezerrinha!”, disse meu pai, animado.

Minha tia se zangou: “Que estranho, quando a mulher tem uma menina os homens torcem o nariz, mas quando a vaca tem uma bezerra, ficam rindo de orelha a orelha”.

Meu pai falou: “Mas a bezerrinha quando crescer vai dar cria”.

“E a gente? A menina quando cresce não vai ter filhos?”, questionou minha tia.

“Mas aí é diferente”, disse meu pai.

“Diferente como?”, ela perguntou.

Percebendo que minha tia se exaltava, meu pai encerrou a conversa por aí.

A vaca virou a cabeça e começou a lambe o líquido viscoso da bezerrinha. Sua língua parecia conter algum remédio milagroso, distribuía vigor por onde passava. Assistíamos à cena profundamente emocionados. Olhei minha tia pelo canto do olho, ela estava com a boca entreaberta e os olhos cheios de ternura, como se fosse ela que estivesse sendo lambida pela vaca, ou como se ela mesma lambesse a cria. Depois de ter sido quase toda lambida pela mãe, a bezerrinha se levantou, trêmula.

Fomos buscar bacia, água, sabão e toalha para minha tia lavar as mãos.

Sentada diante do fogão, minha avó aticava o fogo com um fole. Minha mãe, em pé na frente do *kang*, abria a massa de macarrão.

Minha tia terminou de lavar as mãos e disse: “Estou morta de fome. Hoje vou jantar aqui na sua casa”.

“Aqui é sua casa também, não é?”, respondeu minha mãe.

“Pois é”, emendou a avó, “até parece que não comemos da mesma panela por tantos anos.”

Nisso, minha tia-avó gritou do outro lado do muro chamando a tia para comer. Minha tia gritou de volta: “Não posso trabalhar para eles de graça, vou comer aqui”. Minha tia-avó preveniu: “Sua tia vive na penúria, se você comer uma tigela de macarrão aí, ela vai se lembrar disso para o resto da vida”. Minha avó correu para o muro com o pau de aticar fogo na mão: “Se está com tanta vontade, venha comer conosco. Se não quiser, volte para o seu canto”. Minha tia-avó desdenhou: “Não como dessa sua comida nem morta”.

Quando o macarrão ficou pronto, minha mãe serviu uma tigela bem cheia e mandou minha irmã levar para minha tia-avó. Só muitos anos depois fiquei sabendo que minha irmã, na pressa,

tropeçou e caiu como um cachorro que despenca na merda, derrubou todo o macarrão e ainda quebrou a tigela. Para livrar a sobrinha-neta do puxão de orelha, minha tia-avó pegou uma tigela de sua cozinha, deu à minha irmã e mandou-a de volta para casa.

Minha tia é muito conversadeira, sempre adoramos ouvi-la. Terminada a refeição, sentou-se na beirada do *kang* com as costas apoiadas na parede e começou a desfiar seu repertório. Ela cruzou o batente de muitas casas, viu todo tipo de gente, ouviu muitas histórias. Quando contava um caso, não economizava nas cores fortes. Isso deixava sua narrativa tão envolvente quanto a de um contador profissional. No início dos anos 1980, assistíamos ao programa da contadora de histórias Liu Lanfang na televisão e minha mãe comentou: “Não é igualzinha a sua tia? Se ela não fosse médica, daria uma boa contadora de histórias!”.

A conversa daquela noite, mais uma vez, começou com o choque de inteligência e coragem entre minha tia e o comandante Sugitani em Pingdu. “Eu tinha sete anos naquele tempo”, disse ela, me lançando um olhar, “era mais ou menos do tamanho de Corre Corre quando fui levada para Pingdu com sua tia-avó e sua bisavó. Ao chegar lá, fomos trancadas num quarto escuro. A porta era guardada por dois enormes cães-lobos acostumados a comer carne humana. Quando viram a criança que eu era, lamberam os beiços. Sua tia-avó e sua bisavó choraram a noite toda, mas eu não chorei, encostei a cabeça e dormi até clarear o dia. Ficamos não sei quantos dias e quantas noites trancadas naquele quarto escuro, até que nos levaram para um pequeno pátio isolado onde crescia um pé de lilás. Ah, que perfume! Até fiquei tonta. Uma autoridade local chegou de túnica e chapéu para dizer que o comandante Sugitani queria oferecer um banquete para a gente. Sua bisavó e sua tia-avó só sabiam chorar, não se atreviam a sair do lugar. Aquele senhor então me disse: ‘Mocinha, tente convencer sua avó e sua mãe, diga a elas

para não ter medo. O comandante Sugitani não tem intenção de fazer mal a vocês, ele só quer ficar amigo do dr. Wan Seis Vísceras'. Eu disse: 'Vó, mãe, parem de chorar, de que adianta chorar? O choro vai fazer a gente criar asas? Vai derrubar a Grande Muralha?'. O cavalheiro disse, batendo palmas: 'Falou muito bem, a mocinha é muito esperta, quando crescer será uma pessoa extraordinária'. Assim eu convenci as duas a parar de chorar. Acompanhando o cavalheiro, subimos numa charrete puxada por um burro preto e demos não sei quantas voltas. Entramos numa mansão com um portão imponente, duas sentinelas guardavam a entrada, à esquerda um pele-amarela,^{***} à direita, um soldado japonês. A mansão era muito comprida; passado o portão, atravessamos um pátio atrás do outro, parecia que nunca chegaríamos até o final. Por fim, entramos num pavilhão que tinha portas, janelas e divisórias finamente entalhadas, e poltronas feitas de sândalo. O comandante Sugitani, de quimono, segurava um leque dobrável, que abanava com elegância. Só de olhar já dava para saber que era uma pessoa educada. Disse algumas formalidades e nos convidou a tomar nossos lugares à mesa, uma mesa redonda, enorme, forrada com as melhores iguarias. Sua bisavó e sua tia-avó nem tinham coragem de tocar nos pauzinhos, mas eu não fiz cerimônia, fui logo devorando tudo o que aquele cachorro oferecia! Como os pauzinhos atrapalhavam, simplesmente comecei a usar a 'colher anatômica', pegava grandes bocados de comida com a mão e enfiava na boca. Sugitani segurava um cálice de bebida e assistia a tudo sorrindo. Satisfeita, limpei as mãos na toalha da mesa e senti o sono chegar. Ouvi a pergunta de Sugitani: 'Senhorita, não seria ótimo se seu pai pudesse se juntar a nós?'. Arregalei os olhos: 'Não seria, não'. Sugitani perguntou: 'Por quê?'. Eu disse: 'Meu pai é da Oitava Rota, você é japonês, a Oitava Rota luta contra os japoneses, não tem medo de que o meu pai lute com você quando chegar aqui?'"

Minha tia levantou a manga da camisa para ver as horas. Naquela época, havia menos de dez relógios de pulso em toda Gaomi, e um deles era da minha tia. "Uau!", exclamou meu irmão mais velho, a única pessoa lá de casa que já tinha visto um relógio de pulso. Ele frequentava o liceu número 1 do distrito e seu professor de russo, que havia estudado na União Soviética, usava um relógio de pulso. Quando terminou seu "uau", meu irmão gritou: "Um relógio!". Minha irmã e eu gritamos juntos: "Um relógio!".

Minha tia fez cara de contrariada e puxou a manga de volta: "É só um relógio, para que tanto alvoroço?". Seu deliberado pouco-caso só serviu para atiçar nossa curiosidade. Primeiro foi meu irmão mais velho que disse, sondando o terreno: "Tia, até hoje só vi um relógio de longe, o do professor Ji... a senhora me deixa dar uma olhada?". Nós fizemos coro ao meu irmão: "Tia, tia, deixa a gente ver!".

Minha tia disse, sorrindo: "Que bando de moleques, o que é que tem para ver num relógio velho?". Mesmo assim, ela tirou o relógio e entregou-o a meu irmão mais velho.

Minha mãe, ao lado, advertiu em voz alta: "Cuidado com isso!".

Meu irmão pegou o relógio com todo o cuidado, pousou-o na palma da mão para olhar e, em seguida, levou-o ao ouvido para escutar. Terminado o exame, passou o relógio para minha irmã, que olhou e passou para meu outro irmão. Ele deu uma olhada e nem teve tempo de encostar no ouvido porque o mais velho tomou o relógio dele e devolveu a minha tia. Senti uma pontinha de frustração e chorei.

A mãe ralhou comigo.

Minha tia disse: "Corre Corre, quando crescer, você irá longe, ainda vai se importar de não ter relógio para usar?".

"E alguém como ele vai usar relógio? Qualquer hora dessas eu vou desenhar um com tinta no pulso dele", disse meu irmão.

“Não se pode julgar alguém pela aparência, assim como não se pode medir o mar com uma caneca. Não é por ser feio que Corre Corre não terá chance de ser alguém na vida quando crescer”, disse minha tia.

“Se até ele pode ser alguém na vida, então aquele porco no chiqueiro também pode virar tigre!”, disse minha irmã.

“Tia, em que país foi fabricado? Qual é a marca?”, perguntou meu irmão.

“É um Enicar feito na Suíça”, ela respondeu.

“Uau!”, exclamou meu irmão mais velho, seguido pelo outro irmão e pela irmã.

Eu esbravejei, furioso: “Seus metidos!”.

“Irmãzinha, quanto custa isso?”, minha mãe perguntou.

“Não sei, ganhei de presente”, respondeu a tia.

“Que amigo tem coragem de dar um presente tão caro?”, e observando a tia, minha mãe continuou: “Será que é o futuro tio deles, hein?”.

“Já é quase meia-noite”, disse minha tia se levantando, “hora de dormir.”

“Graças ao céu e à terra! A irmãzinha finalmente vai desencalhar!”, exclamou minha mãe.

Não vá sair por aí dando com a língua nos dentes, ainda não riscamos nem o primeiro traço do oito.^{****} Minha tia virou-se para nós e advertiu: “E eu esfolo vivo quem sair por aí falando bobagem, ouviram bem?”.

Na manhã seguinte, meu irmão mais velho, talvez com peso na consciência por não ter me deixado ver o relógio da tia, pegou uma caneta e desenhou um relógio no meu pulso. Ficou bem realista, lindo mesmo. E eu era todo zelo e desvelo por aquele “relógio”, cuidava para não o molhar ao lavar as mãos e, se chovia, escondia o braço. Quando a cor esmaecia, pedia emprestada a caneta do meu

irmão para reforçar os traços. Assim o “relógio” durou uns três meses no meu pulso.

* Expressão indicativa de status social; quem “come grão comercial” pertence à parcela da população que não precisa cultivar o alimento que consome (funcionários públicos, militares, médicos). [Todas as notas são do tradutor.]

** Era comum na forma de tratamento popular se dirigir aos familiares mencionando o parentesco em relação aos próprios filhos, e não o parentesco direto. Assim, uma mulher pode chamar seu marido de “pai da criança” e sua irmã ou cunhada de “tia da criança”, ou “tia”.

*** Soldado chinês aliado dos japoneses.

**** O ideograma de “oito” em chinês se escreve com dois traços diagonais à maneira de um V invertido: 八. Dizer que nem foi feito “o primeiro traço do oito” significa que não há nada certo, nada definido.

6.

Minha tia ganhou aquele relógio de um piloto da aeronáutica. Um piloto da aeronáutica naquele tempo, nossa! Assim que ouviram a notícia, meus irmãos gritaram vários “uau” em uníssono e eu dava cambalhotas no chão.

Isso era motivo de alegria não só lá em casa, mas em toda a aldeia. Todo mundo achava que minha tia e o avião formavam um casal perfeito. O mestre Wang, do refeitório da escola, que tinha participado da Guerra da Coreia, dizia que os aviões eram feitos de ouro. “E dá para fazer gente com ouro?”, perguntei incrédulo. O mestre Wang, diante dos professores e dos diretores da comuna que ainda almoçavam, respondeu: “Como você é burro, Wan Corre Corre! Eu quis dizer que, para formar um avião, o país precisa investir uma quantia enorme, algo equivalente a setenta quilos de ouro”. Voltei para casa e contei isso a minha mãe, que disse: “Nossa! E quando ele vier nos visitar, o que temos que oferecer a ele?”.

Circulavam entre nós, crianças daquele tempo, as mais diversas lendas sobre os aviões. Chen Nariz dizia que a mãe dele tinha visto aviões soviéticos em Harbin: vestiam jaquetas de camurça, calçavam botas de cano alto também de camurça, tinham dentes de ouro, usavam relógios de ouro, comiam pão preto e linguiça, tomavam cerveja. Xiao Lábio Inferior (que depois mudaria seu nome para Xiao Verão-Primavera),* o filho do zelador do armazém de

grãos, dizia que os aviadores chineses comiam ainda melhor que os soviéticos. Ele listou os itens do cardápio dos aviadores chineses — até parecia que cozinhava para eles: de manhã, dois ovos, uma tigela de leite, quatro massas fritas, dois pães de vapor, um pedaço de tofu fermentado; ao meio-dia, uma tigela de guisado de carne, uma corvina amarela, dois pãezinhos grandes; à noite, um frango assado, dois pães de vapor recheados de porco e dois de cordeiro, uma tigela de canja de painço. E, depois de cada refeição, ainda podiam comer frutas à vontade, banana, maçã, pera, uva... se não dessem conta de comer tudo, podiam levar para casa. Era por isso que as jaquetas dos aviadores tinham bolsos bem grandes: foram desenhados para carregar fruta... Essas descrições sobre a vida dos aviadores nos deixavam com água na boca. Todos sonhávamos em ser aviadores um dia, para poder levar aquela vida dos deuses.

A Aeronáutica iria recrutar aviadores no liceu número 1 e meu irmão mais velho se inscreveu, empolgado. Meu avô foi empregado de um fazendeiro, peão de lavoura, depois carregou macas para o Exército de Libertação, participou da Batalha de Menglianggu, foram eles que desceram a montanha levando o corpo de Zhang Lingfu. Minha avó também vinha de uma família pobre do campo e meu tio-avô foi um mártir da revolução. Tudo isso quer dizer que o histórico e as relações sociais da nossa família eram mais que perfeitos. Meu irmão estava entre os melhores atletas do liceu, praticava lançamento de disco. Um dia, depois de comer rabada de cordeiro em casa, ele voltou para a escola cheio de energia, era tanta energia que nem sabia o que fazer com ela, pegou um disco de ferro e arremessou-o com força. O disco passou zunindo por cima do muro e voou até a plantação no exato instante em que um camponês tocava o seu boi para lavrar a terra. O disco acertou em cheio o chifre do boi e partiu-o num corte preciso. Em outras palavras, meu irmão possuía bom histórico familiar, bom desempenho escolar, boa

saúde e ainda tinha um futuro tio que era aviador, por isso todo mundo achava que, se a Aeronáutica tivesse de selecionar um único aviador, sem dúvida alguma seria ele. Mas meu irmão não passou na seleção, o motivo foi uma cicatriz na perna, deixada por um furúnculo que teve na infância. Velho Wang, o cozinheiro da escola, explicou: “Com cicatriz não tem jeito mesmo. Quando o piloto chegar a uma grande altitude, a cicatriz vai explodir por causa da alta pressão. E mesmo sem cicatriz, se tiver um par de narinas muito grandes também não dá”.

Resumindo, desde que minha tia e aquele aviador começaram a namorar, ficamos muito sensíveis às coisas da Aeronáutica. Se eu hoje, na casa dos cinquenta anos, ainda me envaideço, ainda gosto de me gabar — sou do tipo de gente que, se ganhasse cem iuanes na loteria, pegaria um alto-falante e sairia espalhando a notícia pela cidade —, imagine então qual não seria minha conduta quando criança, na escola primária, com um futuro tio aviador.

Vinte e cinco quilômetros ao sul de nossa aldeia ficava a base aérea de Jiaozhou, trinta quilômetros a oeste era a base aérea de Gaomi. Os aviões de Jiaozhou eram grandes e pesados, os adultos diziam que eram bombardeiros. Os aviões de Gaomi eram aqueles de asas para trás, prateados, que soltavam fumaça em grandes altitudes, davam piruetas. Meu irmão mais velho dizia que eram os J-5, caças de verdade, cópia dos Mig-17 soviéticos. Na Guerra da Coreia, eram eles que faziam os aviadores americanos se mijarem de medo. Naturalmente achávamos que nosso futuro tio pilotava um caça desses. Naquele tempo, a atmosfera da guerra era muito presente, os aviões decolavam quase todo dia da base de Gaomi em missões de treino. Voavam como uma flecha até em cima de nossa aldeia e encenavam batalhas sobre nossas cabeças. Ora vinham três, ora seis aviões. Ora vinha um na cola do outro, dando piruetas. Ora, num mergulho repentino, parecia que ia bater no álamo da

aldeia, mas erguia o nariz abruptamente e subia em disparada, como um gavião pronto para furar o céu. Um dia, ouviu-se um estrondo vindo de cima — minha tia conta que, certa vez, fazia o parto de uma mulher mais velha que estava tendo contrações de tão nervosa quando, de repente, no momento em que preparava o bisturi, ouviram um estouro vindo do lado de fora; com o susto, a parturiente se distraiu, a contração sumiu, e daí foi só ela fazer força que a criança nasceu —, um estrondo tão violento que rasgou os papéis das janelas de todas as casas. Ficamos paralisados de susto e, passado o momento de assombro, o professor nos levou correndo para fora da sala de aula. Erguemos a cabeça para olhar. Vimos, naquele céu de anil, um avião que puxava atrás de sua cauda um objeto cilíndrico e era perseguido por outras aeronaves. Ao redor daquele objeto cilíndrico, primeiro estalavam círculos de fumaça branca, depois chegou aos nossos ouvidos o ribombar de um canhão. Mas o tiro de canhão nem de longe ressoava com a violência daquele estrondo de que falei há pouco, aquele estrondo era o segundo maior barulho que eu já tinha escutado na vida, nem o raio que partiu ao meio o salgueiro grande havia sido tão retumbante. Até parecia que aqueles pilotos não queriam acertar, a rajada de balas apenas envolvia o alvo em sua fumaça branca, sem o atingir, e assim foi até o avião sair do nosso campo de visão. Chen Nariz, apalpando o narigão que lhe rendera o apelido de “russinho”, disse com desdém: “A técnica dos pilotos chineses é muito ruim. Se fossem pilotos soviéticos, tinham derrubado aquele alvo no primeiro tiro!”. Sei que Chen Nariz dizia isso por inveja de mim, ele era nascido e criado na nossa aldeia, nunca tinha visto sequer um cachorro da União Soviética, como podia dizer que um piloto soviético tem melhor técnica do que um chinês?

Naquela época, crianças de uma aldeia remota como a nossa ainda não sabiam da deterioração das relações sino-soviéticas. A

observação de Chen Nariz sobre a inferioridade dos nossos aviadores diante dos soviéticos pode ter desagradado a algumas pessoas, e a mim sobretudo, mas ninguém pensou em nada de mais. Alguns anos mais tarde, quando começou a Revolução Cultural, estávamos na quinta série, nosso colega Xiao Lábio Inferior denunciou esse fato passado e provocou sofrimento não só para Chen Nariz, como para os pais dele, que sofreram essas consequências na carne e pagaram com a própria vida. Durante uma busca na casa deles, encontraram um exemplar de *História de um homem real*, um romance soviético sobre um herói aviador que voltava a pilotar na Força Aérea mesmo depois de perder as duas pernas. Em tempos normais, esta seria uma genuína obra de encorajamento revolucionário, mas se tornou prova de que Ai Lian fora amante de um piloto revisionista soviético e que Chen Nariz era o produto bastardo desse romance.

Os caças J-5 da base aérea de Gaomi treinavam durante o dia, mas os aviões da base de Jiaozhou não queriam ficar para trás — eles voavam à noite. Quase toda noite por volta das nove — ou seja, assim que terminava a transmissão dos alto-falantes — os holofotes da base aérea se acendiam de repente. Quando os grossos feixes de luz chegavam a iluminar o céu sobre nossa aldeia, éramos tomados de um assombro sem igual, mesmo que já soubéssemos do que se tratava. Eu sempre dizia alguma bobagem fora de hora: “Ah se eu tivesse uma lanterna dessas...”. “Estúpido!”, ralhava meu segundo irmão toda vez que me ouvia dizer alguma coisa assim, enquanto me enchia de cascudos. Claro que também por causa do nosso futuro tio, meu irmão se tornara praticamente um especialista em aeronáutica. Ele sabia de cor os nomes dos heróis da Força Aérea Voluntária na Guerra da Coreia e sabia ainda narrar as façanhas de cada um. Também foi ele que me contou certa vez, quando eu me preparava para catar piolhos da sua cabeça, que o ruído que rasgou os papéis das janelas se chamava “estrondo sônico” e era produzido

por um avião supersônico ao quebrar a barreira do som. “E o que quer dizer supersônico?” “Quer dizer mais rápido que o som! Seu burro!” Quando os aviões da base aérea de Jiaozhou saíam para seus exercícios, não conseguíamos ver nada além dos holofotes. Alguns diziam que não eram exercícios, que os holofotes serviam como luzes de orientação para os aviões fora de rota. Aqueles grossos feixes de luz varriam o céu para lá e para cá, às vezes se cruzavam, às vezes iam paralelos, às vezes um pássaro aparecia dentro da luz, se assustava e voava desorientado, como uma mosca presa dentro da garrafa. Sempre alguns minutos depois que os holofotes eram acesos, soava no céu o ronco dos aviões. Às vezes, víamos aparecer no feixe de luz um vulto negro, com a silhueta vagamente delineada pelas lâmpadas no nariz, na cauda e nas duas asas. Ele parecia deslizar seguindo o feixe de luz de volta ao ninho. Isso porque, assim como as galinhas, os aviões também têm ninho.

* Na China, algumas pessoas mudam a grafia do nome para um ideograma de pronúncia parecida e sentido mais auspicioso ou elegante.

7.

No segundo semestre de 1960, pouco tempo depois de nossa degustação de carvão, divulgou-se a notícia de que minha tia estava prestes a se casar com o piloto. Minha tia-avó veio até o lado de cá do muro para discutir com minha mãe sobre o dote. As duas decidiram derrubar a árvore centenária que crescia ao pé do muro e contratar o carpinteiro Fan, o melhor de toda a vila, para fazer móveis com a madeira dela. Cheguei a ver meu pai e o carpinteiro tirando as medidas da árvore, que, assustada com o destino fatal que a esperava, agitava os galhos e farfalhava as folhas com voz de choro.

Mas o assunto morreu sem mais novidades e minha tia sumiu por um bom tempo. Fui farejar uma explicação na casa de minha tia-avó, que me expulsou sem piedade com a bengala. De repente, percebi que minha tia-avó estava tão envelhecida como as velhas bruxas das lendas.

Na manhã em que caiu a primeira neve daquele ano, o sol estava especialmente vermelho. Usávamos sapatos de palha para ir à escola e sentíamos muito frio nos pés e nas mãos. Corríamos pelo pátio, gritando, para tentar nos aquecer. De repente, veio do ar um rugido assustador. Olhamos para cima boquiabertos e vimos uma criatura descomunal, de cor vermelho-escura, que vinha arrastando fumaça preta, esbugalhava um par de olhos rubros, arreganhava uns

dentes enormes e brancos, seu corpanzil tremia inteiro e se lançava em nossa direção. É um avião, caramba, um avião! Será que vai pousar no nosso pátio?

Nunca tínhamos visto um avião tão de perto. O vento de suas asas saiu levantando penas de galinha e folhas secas do chão. Seria ótimo se pudesse aterrissar no pátio, assim poderíamos olhá-lo de perto, tocá-lo com as mãos e, com sorte, quem sabe até nos deixariam brincar dentro da sua barriga, e o piloto nos contaria histórias de batalha, se pedíssemos. Ele poderia ser camarada de armas do futuro marido da minha tia. Não. O caça J-5 do meu futuro tio era muito mais bonito do que aquele negócio preto. Logo, quem pilotava aquele troço desajeitado não poderia ser companheiro de armas do meu tio. Mas, pensando bem, pilotar um avião desses também não é para qualquer um, não é mesmo? Quem é capaz de fazer um pedaço de aço tão pesado levantar voo é um herói, não é? Não vi o rosto do piloto, mas muitos alunos juraram tê-lo visto pelo vidro da carlinga. Aquele avião, que tinha certeza de que ia pousar bem ao nosso lado, levantou o nariz, relutante, e deu uma guinada para a direita. Raspou a barriga na copa do álamo a leste da aldeia e mergulhou na imensidão do trigal. Ouvimos um estrondo, mais forte e retumbante que o estrondo sônico da outra vez. Sentimos o chão tremer sob os nossos pés, os ouvidos zuniram e vimos uma porção de estrelas douradas. Logo em seguida, subiu uma grossa coluna de fumaça e labaredas vermelhas, e o sol de repente ficou roxo. Nesse momento, veio um odor sufocante que não deixava ninguém respirar.

Não sei quanto tempo demorou para que a gente acordasse do transe. Corremos para a estrada na entrada da aldeia e sentimos um bafo quente. O avião se partira em vários pedaços, uma asa espetada no chão parecia uma tocha gigante. O trigal também ardia, e pairava um cheiro de couro queimado no ar. Nesse momento,

ouvimos um segundo estrondo e o Velho Wang, experiente, gritou: "De bruços no chão!". Fizemos o que ele mandou, e seguindo o Velho Wang, começamos a rastejar de volta. "Rastejem mais rápido! Tem bomba embaixo da asa."

Mais tarde soubemos que aquela aeronave podia levar quatro bombas sob as asas, mas naquele dia levava apenas duas. Se tivesse as quatro, nenhum de nós estaria aqui para contar a história.

No terceiro dia depois do acidente, meu pai e homens da aldeia levaram os destroços da aeronave e o corpo do piloto em carrinhos de mão até a base aérea. Mal chegou em casa, meu irmão entrou ofegante pela porta. O atleta da família percorreu num fôlego só todo o caminho desde o liceu número 1. Uns vinte e cinco quilômetros, quase uma maratona. Ele entrou no pátio e disse apenas: "Minha tia...". Então caiu no chão babando e revirando os olhos.

A família toda acudiu para socorrê-lo, um pressionou o meio do seu bigode, outro massageou sua mão, enquanto um terceiro lhe dava tapinhas no peito.

"O que foi?"

"O que aconteceu com sua tia?"

Quando finalmente voltou a si, ele torceu a boca e caiu em prantos.

Minha mãe pegou meia cumbuca de água fria da tina, despejou um pouco na boca dele e espalhou o restante pelo rosto.

"Diga logo, o que aconteceu com sua tia?"

"Aquele piloto da minha tia... fugiu com o avião..."

A cumbuca deslizou da mão da minha mãe e se despedaçou no chão.

"Ele fugiu para onde?", perguntou meu pai.

"Aonde mais podia ir?", meu irmão enxugou o rosto com a manga da camisa e disse, rangendo os dentes: "Taiwan! Aquele traidor,

aquele canalha, voou para Taiwan para se render a Chiang Kai-shek!”

“E sua tia?”, perguntou minha mãe.

“Foi levada pela polícia do distrito”, respondeu meu irmão.

Os olhos da minha mãe se encheram de lágrimas. Ela nos instruiu: “Sua tia-avó não pode saber de jeito nenhum, e não vão sair falando por aí”.

“E ainda precisamos falar alguma coisa?”, disse meu irmão. “O distrito inteiro já está sabendo.” Minha mãe pegou uma abóbora grande da sala e entregou a minha irmã: “Venha comigo, vamos visitar sua tia-avó”.

Pouco tempo depois, minha irmã voltou às pressas, quase sem fôlego, e entrou pelo pátio gritando: “Vó! Minha mãe falou para a senhora correr lá, agora. A tia-avó está morrendo!”.

8.

Quatro décadas depois, Xiangqun, o caçula do meu irmão mais velho, foi recrutado pela Aeronáutica. O mundo mudou, nada é mais como antes, muitas coisas que um dia foram sagradas a ponto de custar a vida de alguém agora são motivo de piada; muitas profissões antes admiradas por milhares de pessoas acabaram relegadas às últimas castas. Mas entrar para a escola de aviação continuava sendo um acontecimento capaz de alegrar toda a família e causar inveja nos vizinhos. Por isso meu irmão mais velho, aposentado da diretoria da Secretaria de Educação, voltou à aldeia para comemorar com um banquete com parentes e amigos.

O jantar foi montado no pátio do meu outro irmão. Puxaram um fio elétrico da sala, penduraram nele uma lâmpada potente, de um branco ofuscante, que deixou o lugar claro como dia. Juntaram duas mesas e, ao seu redor, espremeram mais de vinte cadeiras. Tivemos de sentar com os ombros encostados uns nos outros. Os pratos foram encomendados do restaurante, eram iguarias da montanha e do mar. Aves, carnes e peixes se empilhavam numa profusão de cores e temperos. Minha cunhada, arrastando um sotaque de Yantai, disse: "A comida hoje é muito simples, não precisam fazer cerimônia". Meu pai respondeu: "Não diga isso. Lembre-se que, em 1960, nem o presidente Mao tinha a chance de comer essas coisas".

Meu sobrinho, o futuro piloto, reclamou: "Vô, pare com esse papo fora de moda".

Depois de três rodadas de bebida, meu pai tomou a palavra: "Esta família finalmente produziu um piloto de avião. Daquela vez, seu pai inscreveu-se na seleção, mas foi desclassificado por causa de uma cicatriz na perna. Agora Xiangqun conseguiu realizar o sonho da família".

Xiangqun torceu o nariz: "Ser piloto não é nada de mais. Quem tem capacidade mesmo vira alto funcionário ou milionário!".

"Como pode dizer uma coisa dessas!" Meu pai levantou a aguardente, enxugou-a em um gole, bateu o copo na mesa e continuou: "Um piloto é o equivalente humano de um dragão ou uma fênix. O cara que a tia de seu pai namorou, Wang Xiaoti, quando ficava de pé, tinha a coluna reta como um pinheiro; sentado, parecia firme como um sino de bronze; e quando andava, fazia o ar rodopiar atrás dele... Aquele desgraçado, se não tivesse feito a besteira de fugir para Taiwan, quem sabe seria hoje um comandante da Aeronáutica...".

"Que história é essa?", Xiangqun perguntou, surpreso. "O marido dela não é aquele que faz bonecas de barro? De onde saiu esse piloto?"

"Coisas do passado, não vamos falar disso", disse meu irmão.

"De jeito nenhum", discordou Xiangqun, "vou perguntar a minha tia-avó. Wang Xiaoti que fugiu para Taiwan de avião? Essa é demais!"

Meu irmão aconselhou, preocupado: "Não vá atrás desse tipo de emoção. É preciso amar a pátria, sobretudo quando soldado, e mais ainda quando piloto. A pessoa pode furtar, pode roubar, pode matar, atear fogo... O que quero dizer é que jamais pode ser um traidor. Ser traidor é cair na infâmia para sempre, é jogar fora todas as perspectivas...".

“Quanto medo”, desdenhou Xiangqun, “Taiwan é parte da pátria, não vejo o menor problema em voar até lá para dar uma olhada.”

“De jeito nenhum!”, gritou minha cunhada. “Se tiver essa ideia na cabeça, é melhor nem virar piloto. Posso ligar agora para o diretor Liu, do Departamento de Defesa.”

“Não se preocupe, mãe”, disse meu sobrinho. “Acha que sou tão estúpido assim? Eu lá ia fazer algo pensando só em mim, sem me preocupar com vocês? Além do mais, agora o Partido Comunista e o Partido Nacionalista são aliados. Mesmo que eu chegasse lá, seria mandado de volta.”

“Esse é o estilo da família Wan”, comentou meu irmão mais velho, “aquele Wang Xiaoti é um canalha, é um vilão irresponsável, que arruinou a vida da sua tia-avó!”

“Estão falando de mim?” Minha tia entrou no quintal com alarde e sem cerimônia. Apertou os olhos no clarão intenso da lâmpada. Virou-se para colocar um pequeno par de óculos escuros que até tinham certo charme, e também algo de cômico. “O que querem com uma lâmpada forte dessas? Como dizia sua bisavó, mesmo comendo no escuro, ninguém enfia a comida no nariz. A eletricidade vem do carvão e o carvão vem pela mão do homem. A duras penas. Descer a três mil pés debaixo da terra é como descer ao inferno. As autoridades corruptas e os donos de minas movidos pela ganância não têm um pinga de respeito pela vida dos mineiros. Existe uma mancha de sangue em cada pedra de carvão.” Minha tia falava com a mão direita apoiada na cintura e a mão esquerda no ar, o polegar, o mindinho e o anelar dobrados, o indicador e o dedo médio juntos e apontados para a frente. Usava um casaco militar Dacron, que tinha sido bastante popular na década de 1970, com as mangas arregaçadas e o corpo bem folgado. Os cabelos brancos faziam-na parecer uma típica funcionária pública distrital no fim da Revolução Cultural. Fui tomado por uma confusão de sentimentos, veja que

aparência tem hoje aquela nossa tia, que um dia foi bela como um lótus à flor da água.

Meu irmão e a esposa não sabiam se a convidavam ou não para o jantar. Foram conversar com meu pai, que aconselhou, depois de pensar por um momento: "Melhor deixar para lá, ela agora... de qualquer forma... ela não mora mais na aldeia mesmo... Deixa para depois...".

A chegada da minha tia deixou todo mundo encabulado. Levantaram-se ao mesmo tempo e ficaram ali, sem saber como agir.

"Então, passei por tantas coisas na vida e agora, na casa de meus pais, não tenho nem um lugar para sentar?", provocou minha tia.

A frase fez todos voltarem a si. Apressaram-se em arrumar um lugar para ela sentar, atrapalhados.

Meu irmão e a mulher tentavam explicar: "A primeira pessoa que queríamos convidar era justamente a senhora. A cadeira de honra da família Wan vai ser sempre sua!".

"Vai nada!" Minha tia sentou-se ao lado do meu pai e chamou meu irmão: "Boca Grande, enquanto seu pai estiver vivo, jamais ocuparei a cadeira de honra; e mesmo depois que seu pai morrer, o lugar também não será meu! Filha casada é água despejada, não é mesmo, meu irmão?".

"Você não é uma filha qualquer, mas sim a benfeitora do nosso clã." Apontando os presentes na mesa, meu pai continuou: "Quem, dessa geração mais nova, não veio a este mundo pelas suas mãos?".

"Um verdadeiro herói não vive de glórias passadas", disse minha tia. "O passado... de que adianta falar nele? Vamos beber! Mas como assim? Nem copo eu tenho aqui? Trouxe a minha própria bebida!" Tirou do bolso folgado uma garrafa de Maotai e pousou-a na mesa com força. "É um Maotai de cinquenta anos, ganhei de um alto funcionário da cidade de Tinglan. A amante dele, vinte e oito anos mais jovem, queria porque queria ter um filho homem. Contaram a

ela que eu sabia uma receita secreta capaz de mudar o sexo do feto, de menina para menino, e ela insistiu que eu realizasse a tal transformação. Disse a ela que isso não passava de conversa fiada, mas ela se negava a acreditar. Tinha lágrimas nos olhos, não arredava o pé, só faltava se ajoelhar na minha frente. Ela me contou que a esposa oficial teve duas meninas, e se ela, a amante, desse à luz um menino conseguiria fisgar o homem de uma vez. Ele é do tipo que valoriza os meninos e despreza as meninas, tem uma cabeça muito antiquada. Achei que um funcionário daquele nível teria outra visão, mas que nada! De qualquer maneira”, continuou ela, indignada, “o dinheiro dessas pessoas não veio pelo caminho certo, se eu não enfiar a faca neles, em quem vai ser?! Inventei uma fórmula e receitei nove doses, tinha angélica, inhamé, rehmannia, alcaçuz, dessas ervas que custam só dez centavos o maço. No total, aquilo tudo não deu nem trinta iuanes. Mas cobreí dela cem por dose. Saiu toda satisfeita, entrou serelepe num carro vermelho e sumiu. Hoje à tarde, o funcionário e sua amante apareceram com o filho gordo no colo, trouxeram bebidas finas e cigarros de marca para me agradecer. Disseram que, se não fosse o meu remédio milagroso, jamais conseguiriam ter um filho tão lindo!” Riu alto, pegou o copo que meu irmão lhe oferecia, cheio de deferência, e tomou a aguardente de um só gole. “Achei muita graça”, disse ela dando um tapinha na coxa. “Esses burocratas, em geral, tiveram algum estudo, mas como podem ser tão ignorantes? Como seria possível transformar o sexo de um feto? Se eu soubesse fazer mágica, já teria ganhado o Nobel de medicina faz tempo, não é?” Bateu na mesa o copo vazio: “Sirvam mais bebida para mim! Não abram esta garrafa de Maotai, esta vamos deixar para o meu irmão”. Meu pai respondeu, atrapalhado: “Não, não, de jeito nenhum, é um desperdício alguém como eu tomar uma bebida dessas”. Minha tia pôs a garrafa de Maotai na mão do meu pai: “É meu presente para

“você, beba”. Examinando a fita na garrafa, meu pai quis saber, cauteloso: “Quanto custa uma garrafa dessa bebida?”. “Uns oito mil, pelo menos!”, respondeu minha cunhada. “Dizem que o preço subiu ainda mais ultimamente.” “Nossa”, exclamou meu pai, “e isso é só uma bebida? Nem cuspe de dragão, nem sangue de fênix devem custar isso tudo! O quilo do trigo custa um iuane e sessenta. Uma garrafa dessas vale cinco toneladas de trigo? Com um ano de trabalho duro, não compro nem meia garrafa.” Meu pai devolveu o presente para minha tia: “Melhor você levar de volta. Não posso beber essa aguardente, vai encurtar minha vida”. “É meu presente para você, beba”, ela insistiu. “Não saiu do meu bolso. Vai se privar em vão. É como naquele banquete dos militares japoneses em Pingdu, se deixar de comer, será em vão, comer também será em vão e, já que é em vão mesmo, ainda vai deixar de comer?” Meu pai respondeu: “Até faz sentido, mas, pensando bem, como pode um tantinho assim de líquido temperado valer tudo isso?”. “Meu querido”, minha tia disse, “você precisa entender uma coisa. Veja bem, não existe uma só pessoa que beba essa bebida pagando do próprio bolso. Quem paga do próprio bolso só bebe esta aqui”, levantou o copo e secou-o de um gole. “Você já passou dos oitenta anos, mesmo que beba o tanto que quiser, quantos anos ainda terá para isso?” Dando tapinhas no peito, declarou, abnegada: “Tendo todos esses jovens por testemunha, eu, sua irmãzinha, vou cometer um desvario: prometo que de agora em diante vou comprar Maotai para você beber! O que temos a temer? Antes, vivíamos entre a espada e a parede, com medo do lobo ali na frente e do tigre lá atrás. Só que, quanto mais medo temos, mais fantasmas vêm nos assombrar. Sirvam-me mais! Vocês não estão vendo o copo vazio? Ou estão com dó da bebida?”. “Nunca, tia, como faríamos uma coisa dessas? Pode beber à vontade.” “Pois é”, lamuriou-se, “por mais que eu queira, já não aguento beber muito, quando era mais jovem,

competia com aqueles canalhas da Comuna Popular para ver quem bebia mais. Um bando de marmanjos querendo me fazer passar vexame, mas no final eu é que deixava todos eles anestesiados de tão bêbados, enfiavam-se embaixo da mesa latindo como cães! Então, meus jovens, saúde!” “Tia, coma alguma coisa.” “Não vou comer nada. Seu tio-avô bebia meio jarro de aguardente de sorgo com um talo de alho-poró e nada mais. Quem sabe beber, bebe sem comer. Mas vocês... vocês só sabem comer.” A aguardente esquentou a tia, que abriu os botões do peito. “Falei para você beber, então beba”, ela disse afagando o ombro do meu pai. “Da nossa geração, só restamos nós dois. Para que poupar o dinheiro em vez de beber e comer à vontade? Dinheiro guardado não passa de um pedaço de papel, só é dinheiro mesmo quando a gente gasta. Para alguém capacitada como eu, ganhar dinheiro não será problema. Uma pessoa pode ocupar o cargo que for, mas um dia vai ficar doente, e quando ficar doente, vai precisar me procurar para se tratar. Além do mais”, disse a tia rindo alto, “domino a técnica extraordinária de converter o sexo dos fetos, sei transformar uma menina em menino. Por uma técnica tão complexa vão me pagar sem piscar, mesmo que eu peça dez mil.” “Mas e se alguém tomar seu remédio milagroso e nascer uma menina, o que vai fazer?”, perguntou meu pai, preocupado. “Essa parte você não entendeu”, respondeu a tia. “O que é a medicina tradicional chinesa? Metade é adivinhação, é como olhar a sorte. Um olhador de sorte sabe ir enrolando os clientes, mas nunca se enrola junto com eles.”

Aproveitando o momento em que a tia acendia um cigarro, meu sobrinho Xiangqun fez a pergunta: “Vó, a senhora pode me contar um pouco sobre aquele piloto? Quem sabe um dia me dá na telha de ir a Taiwan para visitá-lo!”

“Deixe de besteira!”, disse meu irmão.

“Mostre mais respeito!”, censurou a cunhada.

Minha tia fumava seu cigarro com muita experiência, fios de fumaça iam se enredando pelos cabelos alvoroçados.

“Hoje, pensando bem”, secou o copo num gole e continuou, “ele me arruinou, mas ao mesmo tempo me salvou!”

Deu mais algumas tragadas no cigarro em sua mão e o descartou com um peteleco, a bituca desenhou um arco vermelho-escuro e caiu longe, em cima da parreira. “Pronto”, ela disse, “já bebi demais, chega de banquete, vou para casa. Levantou-se, corpulenta e desajeitada, e caminhou cambaleando até a porta. Corremos para segurá-la pelo braço, mas ela disse: “Acham mesmo que estou bêbada? Nada disso, não me embebedo nem com mil copos”. No portão, vimos seu marido, Hao Mão Grande, o artesão de esculturas de barro recém-condecorado como “Mestre de Arte e Artesanato Populares”, esperando em silêncio.

9.

Professor, no dia seguinte meu sobrinho voltou da vila de moto especialmente para pedir a meu pai que o acompanhasse à casa da tia-avó, queria saber mais sobre Wang Xiaoti. Meu pai disse, sem jeito: “Melhor não ir. Ela já está perto dos setenta anos, teve uma vida dura. Remexer nessas coisas do passado só vai lhe trazer tristeza. Além disso, ela não se sentirá à vontade para falar dessas coisas diante do seu tio-avô”.

“Seu avô tem razão, Xiangqun”, eu disse. “Já que está tão interessado no assunto, vou lhe contar tudo que sei. Na realidade, se você pesquisar na internet, também vai poder entender os prós e contras dessa situação.”

“No romance que eu planejava escrever inspirado em minha tia — agora mudei de ideia e penso numa peça de teatro —, esse Wang Xiaoti era, naturalmente, um personagem importante. Trabalho nessa obra há vinte anos. Acionei todos os meus contatos, entrevistei muitas testemunhas. Fui visitar as três bases aéreas onde Wang trabalhou, conheci sua terra natal na província de Zhejiang, entrevistei um companheiro de armas, um capitão e um major, até subi num caça J-5 que ele pilotava. Entrevistei também o então chefe da contrainteligência da polícia distrital e o então chefe da segurança da Secretaria de Saúde do distrito. Posso dizer que sei mais do que qualquer outra pessoa sobre o assunto, é uma pena

que nunca o tenha visto. Mas seu pai, com a permissão de sua tia-avó, foi ao cinema para espiar e viu Wang Xiaoti e sua tia-avó entrarem na sala de mãos dadas. Ele se sentou ao lado do seu pai, que mais tarde o descreveu para nós: um metro e setenta e cinco centímetros de altura, talvez um metro e setenta e seis, pele clara, rosto fino, olhos não muito grandes, mas cheios de vigor. Dentes alinhados, imaculadamente brancos e bem brilhantes.

“Segundo seu pai, naquela noite estava em cartaz *Assim foi temperado o aço*, um filme soviético adaptado do livro de Nikolai Ostróvski. Seu pai disse que de início ainda espiava o casal de namorados pelo canto do olho, mas logo se distraiu com a história de amor e revolução que se desenrolava na tela. Naquela época, muitos estudantes chineses trocavam correspondência com estudantes soviéticos. Seu pai se correspondia com uma menina que se chamava Tônia, como a moça do filme. Assim, era inevitável que ele mergulhasse no enredo e se esquecesse da missão. Claro, não quer dizer que tenha voltado sem nada para relatar: ele viu Wang Xiaoti antes do início da sessão e durante o intervalo para trocar os rolos (na época ainda se usava só um projetor). Sentiu o cheiro doce de balas vindo da boca de Wang. Também ouviu o barulho e sentiu o cheiro das sementes de girassol e do amendoim que as pessoas mastigavam ao seu redor. Naquele tempo, ainda deixavam comer dentro do cinema, qualquer comida, com ou sem casca. Uma grossa camada de papéis de bala, cascas de amendoim e sementes de girassol se juntava debaixo dos pés. Terminado o filme, quando Wang Xiaoti trouxe a bicicleta para acompanhar sua tia-avó até o dormitório da Secretaria de Saúde (ela tinha sido transferida temporariamente para a Secretaria de Saúde), sob a luz da porta do cinema, sua tia-avó disse, sorrindo: ‘Wang Xiaoti, quero te apresentar uma pessoa!’. Seu pai se escondeu na sombra das colunas do cinema, sem coragem de mostrar a cara. Wang Xiaoti

olhou à sua volta. 'Quem? Onde está essa pessoa?' 'Wan Boca, venha cá!' Só então seu pai saiu de trás das colunas, encolhido. Ele tinha mais ou menos a altura de Wang Xiaoti, mas era muito mais magro, parecia uma vara de bambu. O caso do disco de ferro arremessado para fora dos muros da escola com tanta força que cortou o chifre de um boi muito provavelmente não passava de conversa fiada. Seu cabelo estava desganhado como um ninho de pássaro. 'Este é o meu sobrinho, Wan Boca', apresentou sua tia-avó. 'Ahá!' Wang Xiaoti deu uma palmada firme no ombro do seu pai: 'Mas então é um espião! Wan Boca é um nome muito apropriado!'. Estendeu-lhe a mão: 'Venha cá, rapaz, muito prazer, meu nome é Wang Xiaoti!'. Seu pai, lisonjeado, estendeu as duas mãos para apertar a de Wang e balançou-a com força.

"Ele contou que, mais tarde, ainda foi visitar Wang Xiaoti na base aérea. Almoçaram no refeitório dos aviadores camarões ao bafo, frango xadrez apimentado, ovos mexidos com lírios e arroz, tudo à vontade. A descrição de seu pai me deixou com muita inveja e também com muito orgulho. Não só por causa de Wang Xiaoti, mas também porque seu pai era meu irmão mais velho, e meu irmão mais velho tinha provado a comida dos aviadores!

"Wang Xiaoti ainda presenteou seu pai com uma harmônica, da marca Cotovia, de ótima qualidade. Seu pai descreveu Wang como uma pessoa de muitos talentos. Era um exímio jogador de basquete, fazia bandejas e arremessos de costas com muita classe. Além de harmônica, também tocava acordeão. Tinha boa caligrafia e sabia desenhar. Seu pai contou que um esboço a lápis pregado com percevejos na parede dele era justamente o retrato de sua tia-avó. Tinha um histórico familiar irrepreensível. Era filho de um alto funcionário e de uma professora universitária. Como alguém assim poderia fugir de avião para Taiwan e se tornar um traidor odiado por todos?

“De acordo com seu chefe de esquadra, Wang Xiaoti desertou porque escutava a transmissão inimiga. Ele tinha um rádio de ondas curtas capaz de captar programas de rádio de Taiwan. Havia uma locutora do Partido Nacionalista dona de uma voz meiga, carregada de magnetismo, que ganhou o apelido de ‘Rosa do Céu Noturno’. Era uma voz fatal, que provavelmente fascinou Wang Xiaoti e provocou sua deserção. ‘Será que minha tia não era boa o bastante?’ O chefe de esquadra, já de idade avançada, disse: ‘Claro que sua tia era impecável, tinha bom histórico familiar e feições harmoniosas, e ainda por cima era filiada ao Partido. Ela era extraordinária para o padrão estético da época, e por isso mesmo invejávamos Wang Xiaoti de todo o coração. Mas sua tia é muito revolucionária, muito decente. Para alguém como Wang, sob efeito da perniciosa influência burguesa, ela parecia insossa. Mais tarde, o pessoal da segurança analisou o diário de Wang e descobriu que ele apelidou sua tia de “Madeira Vermelha”, ou seja, uma revolucionária cabeça-dura! Naturalmente foi graças a esse diário’, continuou o capitão, ‘que sua tia se livrou das acusações. Caso contrário, ela não limparia o nome nem mesmo pulando no rio Amarelo.’”

Contei a meu sobrinho que sua tia-avó não foi a única a ter a vida quase arruinada. Seu pai também foi intimado várias vezes pela polícia para interrogatório. A harmônica foi confiscada como prova de uma tentativa de corrupção de menores. Wang Xiaoti escreveu no diário: “Madeira Vermelha me apresentou o sobrinho, um boboca que é ainda mais madeira vermelha e ainda por cima tem um nome esquisito, Wan Boca”. “Se não fosse por esse registro, seu pai também cairia em desgraça.”

“Quem sabe Wang Xiaoti escreveu assim de propósito”, meu sobrinho suspeitou.

“Mais tarde sua tia-avó chegou à mesma conclusão. Wang Xiaoti teria deixado o diário com o intuito de protegê-la. Por isso ontem à

noite ela disse que o homem que a arruinou também a salvou.”

O que meu sobrinho mais queria saber era obviamente como Wang Xiaoti conseguira desertar. Ele nutria profunda admiração pela excelência técnica do aviador em matéria de pilotagem. Segundo ele, num J-5 a apenas cinco metros acima da superfície do mar e a uma velocidade de oitocentos quilômetros por hora, o menor dos erros, por ínfimo que seja, pode fazer o avião se espatifar na água. Desse cara realmente se pode dizer que era inigualável na técnica e na coragem. Estava de fato entre os melhores, era piloto para o qual não havia tempo ruim. Antes do incidente, em cada voo de treino nos céus da nossa aldeia, ele fazia manobras impressionantes que deixavam qualquer um boquiaberto. Na época, acreditávamos que era capaz de dar um rasante sobre a plantação de melancias a leste da aldeia, estender a mão, pegar uma fruta, apertar as asas e subir de novo até as nuvens.

“Quando ele chegou ao outro lado, será que ganhou mesmo a recompensa de cinco mil taéis de ouro?”, meu sobrinho perguntou.

“Talvez”, respondi, “mas ainda que fossem dez mil taéis, não valeria a pena. Xiangqun, meu sobrinho querido, você não pode sentir inveja disso. Dinheiro e mulheres são coisas passageiras como nuvens. Nossos únicos tesouros são a pátria, a honra e a família.”

“Tio”, disse ele, “como você é engraçado! Sabe em que século estamos? Por que ainda me fala essas coisas?”

10.

Na primavera de 1961, minha tia foi liberada do caso Wang Xiaoti e voltou a trabalhar na seção de ginecologia e obstetrícia do posto de saúde. Nos dois anos seguintes não nasceu um único bebê nas mais de quarenta aldeias da comuna. A razão? A fome, naturalmente. Por causa da fome, as mulheres pararam de menstruar, por causa da fome, os homens viraram eunucos. Naquela seção do posto de saúde, só trabalhavam minha tia e uma médica de meia-idade de sobrenome Huang. A dra. Huang se formara em medicina numa escola prestigiada, mas, por causa do mau histórico familiar, e também por ser direitista, foi mandada para o campo. Toda vez que falava dela, minha tia se exaltava. Dizia que ela era esquisita, que às vezes ficava o dia todo sem dizer uma palavra, outras vezes desandava a falar com sarcasmo e era capaz de ministrar uma palestra diante da escarradeira.

Depois que minha tia-avó faleceu, a tia raramente nos visitava. Cada vez que tinha alguma comida boa em casa, mamãe mandava minha irmã levar para ela. Um dia, meu pai encontrou metade de uma lebre no campo, quem sabe deixada por alguma águia. Minha mãe colheu meio cesto de verduras silvestres e cozinhou com a carne da lebre. Encheu uma tigela, embrulhou com um pano e mandou minha irmã levar para minha tia, mas ela se recusou. Eu me ofereci como voluntário. Minha mãe disse: "Pode ir, só não pode

comer escondido pelo caminho, e olhe onde pisa, não vá me quebrar essa tigela”.

Eram cinco quilômetros da nossa aldeia até o posto de saúde. De início, fui correndo, queria chegar antes que a comida esfriasse. Porém, depois de correr um pequeno trecho, senti que as pernas pesavam, o estômago roncava, um suor frio me cobria o corpo, a cabeça rodava e a vista embaralhava. Era fome, eu já havia digerido as duas tigelas de sopa de folhas que tinha tomado pela manhã. Naquele momento, o cheiro da comida atravessava o pano e espalhava-se pelo ar. Havia dois eus discutindo, brigando, um desses eus dizia: “Coma um pouco, só um pouco”; o outro dizia: “De jeito nenhum, você precisa ser um menino honesto e obediente”. Muitas vezes minha mão estava prestes a desatar o nó do pano, mas o olhar da minha mãe logo me aparecia na mente. A estrada que ligava nossa aldeia ao posto de saúde era ladeada por amoreiras. Como todas as folhas já tinham sido arrancadas por aldeões famintos, quebrei um galhinho e mastiguei, era amargo e travoso, difícil de engolir. Foi então que vi, no tronco da árvore, uma cigarra recém-saída da casca, amarelinha e tenra, de asas ainda úmidas. Muito contente, joguei fora o galhinho, peguei o inseto com a mão e, sem pensar em mais nada, enfiei-o na boca. A cigarra é para nós uma iguaria fina, um excelente fortificante, mas deve-se cozinhar antes de consumir. Comi viva mesmo, economizei fogo e tempo. Crua, tinha um sabor delicioso e, além disso, devia ser ainda mais nutritiva do que cozida. Continuei o caminho passando em revista as amoreiras na beira da estrada, não encontrei mais cigarras, mas catei um panfleto impresso em cores vistosas: tinha ali a foto de um rapaz de expressão radiante abraçado a uma mulher tão bonita como uma fada. A legenda explicava: “Wang Xiaoti, o piloto dos bandidos comunistas, abandonou a escuridão em busca da luz e passou para o nosso lado. Foi agraciado com o posto de major do

Exército Nacional, recebeu uma recompensa de cinco mil taéis de ouro e agora forma um casal invejável com a famosa cantora Tao Lili". Esqueci a fome e um impulso indescritível me fez querer gritar. Quando estava na escola, ouvi falar que o Partido Nacionalista usava balões para mandar sua propaganda reacionária para o nosso lado, mas não imaginava que esse material um dia chegaria às minhas mãos, nem que fossem panfletos tão bonitos e bem-feitos. Além do mais, devo admitir que aquela mulher da foto era muito mais encantadora que minha tia.

Quando entrei correndo na seção de ginecologia e obstetrícia do posto de saúde, minha tia estava no meio de uma discussão com a tal da dra. Huang. Aquela mulher usava uns óculos de armação preta, tinha o nariz adunco, lábios finos e, assim que abria a boca, mostrava as gengivas roxas. (Futuramente, minha tia faria questão de nos prevenir: melhor ficar solteiro do que se casar com uma mulher que deixa ver as gengivas enquanto fala.) Aquela mulher tinha um olhar soturno que me dava frio na espinha. Eu a ouvi dizer: "Quem você pensa que é para me dar ordens? Quando eu estava na faculdade de medicina, você ainda usava fraldas".

Minha tia retrucou, ríspida: "Pois sim, eu sei que você, Huang Qiuya, era uma moça de família capitalista, também sei que era a princesinha da faculdade de medicina, você não estava lá agitando bandeirinhas para saudar a entrada dos malditos japoneses na cidade? Será que você não dançou de rosto colado com algum oficial deles? Pois enquanto você dançava com o militar japonês, eu estava em Pingdu enfrentando o comandante do exército inimigo!".

A dra. Huang desdenhou: "E quem foi que viu isso? Quem viu você enfrentar o tal comandante japonês?".

"São fatos históricos, este chão que pisamos é testemunha", disse minha tia.

Eu nunca, mas nunca mesmo, deveria ter dado a minha tia, justo nesse momento, o panfleto colorido que trazia na mão.

“O que veio fazer aqui? O que é isto?“, ela me perguntou de mau humor.

“Um panfleto reacionário, um panfleto reacionário do Partido Nacionalista!“, respondi, agitado. Minha voz tremia.

Primeiro minha tia deu uma olhada sem fazer muito caso, mas de repente foi tomada por um sobressalto, parecia ter levado um choque elétrico. Seus olhos se arregalaram, o rosto ficou lívido. Ela jogou longe o panfleto como se fosse uma cobra, ou melhor, como se fosse uma rã.

Quando se acalmou, quis pegar o papel de volta, mas era tarde demais.

O panfleto já estava em poder de Huang Qiuya. Ela deu uma olhada rápida, levantou a cabeça para encarar minha tia e tornou a olhar a foto. Aquele par de olhos escondidos atrás de lentes grossas de repente lançou um lampejo de fogo-fátuo. Logo em seguida, deixou escapar um riso sarcástico. Minha tia pulou em direção a ela para tomar o panfleto, mas Huang Qiuya esquivou-se, virando o corpo. Minha tia estendeu a mão e agarrou a roupa da doutora pelas costas. “Me dê isso aqui de volta!“, gritava.

Huang Qiuya forçou um movimento para a frente, crac, a roupa se rasgou e expôs a pele de suas costas, branca como uma barriga de rã.

“Me dê isso aqui!“

Huang virou-se, mantendo atrás de si a mão que segurava o panfleto. Tremia dos pés à cabeça enquanto seguia, pé ante pé, em direção à porta. Ao mesmo tempo dizia, ameaçadora e satisfeita: “Devolver? Hum! Espiãzinha ordinária! Mulher de traidor! Nem o traidor te quis mais, trapo inútil! Está com medo agora? Ainda quer

posar de 'órfã de mártir' é?". Minha tia se atirou como louca sobre Huang Qiuya.

Huang Qiuya disparou pelo corredor, estrilava: "Peguem a espiã! Peguem a espiã!".

Minha tia foi atrás dela, estendeu a mão e agarrou-a pelos cabelos. O pescoço de Huang Qiuya inclinou-se para trás, mas a mão que segurava o panfleto manteve-se para a frente a todo o custo. Sobreveio um grito ainda mais agudo. O posto de saúde, naquele tempo, tinha apenas duas fileiras de salas, na frente ficavam os consultórios, atrás a administração. Todo mundo ouviu a gritaria e saiu para ver o que estava acontecendo. Minha tia já tinha derrubado Huang Qiuya no corredor e sentara sobre ela na tentativa de arrancar o panfleto de sua mão.

O diretor do posto veio às pressas. Era um homem de meia-idade, calvo, de olhos finos e empapuçados, que usava uma dentadura exageradamente branca. "Parem com isso!", gritou. "O que estão fazendo?"

Minha tia pareceu não ouvir a bronca do diretor. Com redobrada ferocidade, tentava abrir à força a mão de Huang Qiuya. O ruído que vinha da boca de Huang Qiuya já não era um grito estridente, mas choro.

"Pare já com isso, Wan!" Enfurecido, o diretor gritou aos curiosos que assistiam à cena: "Vocês ficaram cegos? Façam logo alguma coisa para separar essas duas!".

Os médicos foram tirar minha tia de cima de Huang Qiuya. E precisaram de muita força para isso.

As médicas foram ajudar Huang Qiuya a se levantar do chão.

Os óculos dela caíram, corria sangue no vão entre seus dentes, lágrimas turvas rolavam dos seus olhos encovados. Mas o panfleto continuava firme na sua mão. Ela chorava: "Diretor, agora o senhor terá de tomar uma decisão...".

Minha tia tinha a camisa amarfanhada, o rosto lívido, dois arranhões ensanguentados nas bochechas, aparentemente deixados pelas unhas de Huang Qiuya.

“Wan Coração, o que está acontecendo afinal?”, perguntou o diretor.

Minha tia sorriu acabrunhada, dois fios de lágrimas brotaram dos seus olhos. Jogou no chão os pedaços do panfleto que tinha na mão. Sem dizer nada, voltou atordoada para a sua seção.

Nesse momento, Huang Qiuya, como quem presta um grande serviço, tal qual um herói martirizado, pôs na mão do diretor o panfleto que amassara até virar uma bola, ajoelhou-se no chão e começou a tatear em busca dos seus óculos.

Apoiou sobre o nariz os óculos, que tinham perdido uma haste, e ficou segurando-os com uma mão. Assim que viu os pedaços do panfleto que minha tia jogara no chão, ajoelhou-se mais do que depressa para catar tudo, como quem encontra um tesouro. Levantou-se novamente.

“Que negócio é este?”, perguntou o diretor enquanto desamassava o papel.

“Propaganda reacionária!”, disse Huang Qiuya dando os pedaços do panfleto ao diretor como se lhe entregasse o seu tesouro. “E tem mais aqui, é propaganda que Wang Xiaoti, aquele que desertou para Taiwan, mandou para Wan Coração!”

Os médicos e as enfermeiras ao redor soltaram exclamações de surpresa.

O diretor, que tinha presbiopia, afastou bem o papel e fez um grande esforço para focar a visão. Os médicos e as enfermeiras se juntaram em torno dele como um enxame de abelhas.

“Estão olhando o quê? O que é que tem para ver aqui? Voltem ao trabalho!” O diretor guardou o panfleto, concluiu sua bronca nos funcionários e disse: “Dra. Huang, me acompanhe”.

Huang Qiuya acompanhou o diretor até seu escritório. Em grupinhos de dois ou três, médicos e enfermeiras comentavam o assunto, cautelosos.

Nisso, ouviu-se o choro incontido da minha tia vindo da seção de ginecologia e obstetrícia. Eu me dei conta do desastre que causei e, encolhido, entrei devagarinho pela porta. Vi minha tia sentada na cadeira, chorando debruçada na mesa enquanto golpeava o móvel com o punho cerrado.

“Tia, eu trouxe este cozido de lebre que minha mãe mandou...”

Minha tia não me deu a menor bola, só fazia chorar.

“Tia”, eu disse aos soluços, “não chore, prove um pouco da comida...”

Coloquei sobre a mesa a trouxinha que carregava, desatei o nó e deixei a vasilha bem ao lado dela.

Com um movimento do braço, a tia mandou a tigela para o chão. A vasilha caiu e se espatifou.

“Fora! Fora! Fora!” Levantou a cabeça aos berros: “Suma da minha frente, seu imbecil! Fora daqui!”

11.

Só depois fui saber o tamanho do estrago que causei.

Depois que fugi do posto de saúde, minha tia cortou o pulso esquerdo e, com o indicador da mão direita, escreveu em letras de sangue: "Odeio Wang Xiaoti! Sou do Partido enquanto viver! Serei do Partido depois de morrer!".

Quando Huang Qiuya voltou ao escritório alegre e satisfeita, o sangue estava chegando à porta. Ela deu um grito estridente e se estatelou no chão.

Minha tia foi socorrida e, como punição, suspenderam sua filiação ao Partido. O motivo dessa medida disciplinar não era a suspeita de que ela tivesse alguma relação com Wang Xiaoti, mas sim o fato de sua tentativa de suicídio ser vista como uma manifestação contra o próprio Partido.

12.

No outono de 1962, os dois mil hectares de batata-doce do Nordeste de Gaomi produziram uma safra recorde. Aquela terra, que por três anos só nos causara desgosto, como se grão nenhum ali vingasse, agora parecia ter recuperado sua natureza bondosa e profícua. Naquele ano, a produção média de batata-doce foi superior a setenta e cinco mil toneladas por hectare. Só de lembrar aquela colheita, sinto uma emoção indescritível. Debaixo de cada planta havia uma profusão de batatas. A maior batata-doce da nossa aldeia pesava dezenove quilos. O secretário do Partido no distrito, Yang Lin, tirou uma foto abraçado a ela e foi manchete de primeira página do *Diário das Massas*.

Batata-doce é uma coisa boa, é a melhor coisa que existe. Além da alta produtividade, as batatas-doces daquele ano tinham alto teor de amido, esfarinhavam-se quando cozidas, tinham gosto de castanha, boa textura e muitos nutrientes. Em cada pátio da aldeia havia pilhas de batatas, em cada muro havia um arame cheio de fatias de batata-doce penduradas. A gente finalmente pôde comer até se fartar. Até que enfim a época de comer raízes e cascas de árvores estava terminada, os tempos em que se morria de fome foram embora para nunca mais voltar. Nossas pernas logo desincharam, a pele da barriga engrossou, a barriga diminuiu. A gordura acumulou-se aos poucos sob a nossa pele, nosso olhar

deixou de ser mortiço e, quando caminhávamos, as pernas já não formigavam, o corpo crescia em ritmo acelerado. Enquanto isso, os seios das mulheres que se fartaram de batata-doce cresceram gradualmente e suas regras aos poucos se normalizaram. A coluna dos homens se endireitou, os bigodes voltaram a crescer, a libido aos poucos se reacendeu. Dois meses depois do banquete de batata-doce, quase todas as mulheres jovens da aldeia estavam grávidas. No início do inverno de 1963, o Nordeste de Gaomi teve seu primeiro baby boom desde a proclamação da República Popular. Nesse ano, só em nossa comuna, que contava cinquenta e duas vilas, nasceram dois mil oitocentos e sessenta e oito bebês. Minha tia chamava essas crianças de “bebês batata-doce”. O diretor do posto de saúde era um homem de bom coração. Quando minha tia ficou em casa para se recuperar da tentativa de suicídio, ele veio visitá-la. Era sobrinho da minha avó paterna e, portanto, um parente. Criticou o desatino de minha tia. Esperava que ela parasse de pensar bobagens e se dedicasse ao trabalho. Disse que o Partido e o povo tinham uma visão clara. Jamais acusariam injustamente uma pessoa de bem, jamais deixariam escapar uma pessoa má. Aconselhou minha tia a confiar na organização e provar sua inocência com ações concretas, esforçar-se para recuperar assim que possível sua filiação partidária. “Você é diferente de Huang Qiuya”, confidenciou. “Ela é má por natureza, mas você é vermelha de nascença e, apesar do seu deslize, com um pouco de esforço ainda terá um futuro brilhante.”

As palavras do diretor fizeram minha tia cair em prantos mais uma vez.

As palavras do diretor também me fizeram cair em prantos.

Minha tia reergueu-se da poça de sangue e dedicou-se ao trabalho com fervor. Naquele tempo, embora em toda aldeia houvesse parteiras treinadas, muitas mulheres ainda preferiam fazer

o parto no posto de saúde. Deixando de lado o rancor do passado, minha tia trabalhou em estreita cooperação com Huang Qiuya, era médica e enfermeira ao mesmo tempo, às vezes passava dias e noites a fio sem pregar os olhos. Resgatou muitas mães e bebês das portas da morte. Em pouco mais de cinco meses, as duas fizeram oitocentos e oitenta partos, incluindo dezoito cesarianas. Naquela época, a cesariana ainda era uma cirurgia complexa. O pequeno posto de saúde de comuna que ousava empreender algo tão grande tendo apenas duas obstetras virou a sensação do momento. Nem mesmo uma pessoa orgulhosa como minha tia poderia deixar de reconhecer a excelência técnica de Huang Qiuya. Se minha tia pôde se tornar a médica famosa do Nordeste de Gaomi que combinava técnicas modernas e ancestrais, foi graças a sua inimiga declarada.

Huang Qiuya era uma solteirona que provavelmente nunca teve um namorado em toda a vida. Até dava para desculpar seu mau gênio. Depois de velha, minha tia muitas vezes me contava coisas de sua adversária. Huang Qiuya nasceu numa família capitalista de Shanghai, formou-se numa universidade famosa e acabou sendo mandada para a nossa aldeia, isso sim é um caso de "fênix decaída que vale ainda menos que uma galinha". "E quem é a galinha?", minha tia perguntava com certo autodesprezo. "Sou eu essa galinha que vivia brigando com a fênix, que, depois de apanhar de mim, ficou com medo, tremia dos pés à cabeça cada vez que me via, parecia um lagarto que engoliu alcatrão." "Naquela época", disse minha tia suspirando, "estávamos todos enlouquecidos, pensando bem, parecia um pesadelo. Huang Qiuya era uma grande ginecologista. De manhã, podia apanhar até sair sangue, mas à tarde, na mesa de cirurgia, estava totalmente concentrada, numa serenidade absoluta, podiam encenar um espetáculo de ópera chinesa debaixo da sua janela que ela não se distrairia. Suas mãos", dizia minha tia, "eram milagrosas. Ela era capaz de fazer bordados

na barriga das mulheres...”, cada vez que chegava a esse ponto da narrativa minha tia ria alto, e ria, e ria, e seus olhos se enchiam de lágrimas até derramar.

13.

O casamento de minha tia tornou-se preocupação geral da família, inquietava não só a geração mais velha como também os adolescentes como eu. Mesmo assim, ninguém se atrevia a mencionar o assunto na frente dela, porque era só falar nisso e ela fechava a cara.

Na primavera de 1966, na manhã do Festival Qingming, minha tia veio a nossa aldeia com sua aprendiz — naquela altura só sabíamos seu apelido, “Leoazinha”, uma moça de uns dezoito anos de idade, rosto cheio de espinhas, nariz chato, olhos muito separados e cabelo rebelde, não muito alta, mas de corpo bem desenvolvido — para fazer um exame geral das mulheres em idade fértil. Depois do trabalho, ela trouxe Leoazinha para jantar em casa.

Panqueca, ovo cozido, cebolinha “chifre de cabra” e pasta salgada de soja.

Já havíamos comido e ficamos assistindo às duas jantarem.

Leoazinha era muito tímida, olhava para baixo sem coragem de encarar ninguém. As espinhas no rosto pareciam feijõezinhos-vermelhos.

Minha mãe, pelo jeito, gostou muito da moça e encheu-a de perguntas. Como a conversa parecia se encaminhar para o casamento, minha tia se pronunciou: “Cunhada, pare com essa falação. Quer que ela seja sua nora?”.

“Quem me dera”, respondeu minha mãe, “quando é que uma família camponesa como a nossa teria essa pretensão? A moça Leoazinha come grão comercial, seus sobrinhos jamais seriam par para ela.”

Leoazinha baixou a cabeça ainda mais e parou de comer.

Nesse momento, meus colegas Wang Fígado e Chen Nariz vieram correndo. Com toda a sua atenção voltada para dentro da nossa casa, Fígado pisou na vasilha de ração para galinhas e despedaçou o recipiente.

Minha mãe ralhou com ele: “Por que não olha por onde pisa, seu mal-educado?”.

Wang Fígado passou a mão no pescoço e ficou sorrindo, abobado.

“Fígado, como está sua irmã?”, minha tia perguntou. “Ela cresceu mais um pouco?”

“Está do mesmo jeito...”, ele respondeu.

“Quando voltar para casa, diga a seu pai”, minha tia engoliu um pedaço de panqueca, tirou um lenço, limpou a boca e continuou, “diga a ele que sua mãe não pode mais ter filhos em hipótese alguma, se tiver, o útero dela vai arrastar no chão.”

“Não fale dessas coisas de mulher para eles”, disse minha mãe.

“Qual o problema?”, continuou minha tia. “Só quero que saibam que não é nada fácil ser mulher! Metade das mulheres desta aldeia sofre de prolapso uterino, a outra metade tem algum tipo de inflamação. O útero da mãe de Fígado desceu pela vagina como uma pera podre, mas o pai dele ainda quer outro filho homem! Se um dia eu o encontrar... E, Chen Nariz, sua mãe também está doente...”

Minha mãe interrompeu a tia e gritou comigo: “Saia, vá brincar com sua turma, não fique aqui importunando!”.

Na rua, Fígado disse: “Corre Corre, você tem que comprar amendoim torrado para nós!”.

“E por que eu faria isso?”

“Porque temos um segredo para te contar”, respondeu Chen Nariz.

“Que segredo?”

“Primeiro compre o amendoim.”

“Mas não tenho dinheiro.”

“Como não tem dinheiro?”, perguntou Chen Nariz. “Não foi você que roubou um pedaço de cobre da frota de tratores da Fazenda Estatal e vendeu por um iuane e vinte centavos? Acha que não estamos sabendo?”

“Não roubei”, disse logo em minha defesa, “eles é que jogaram fora.”

“Pode não ter roubado, mas mesmo assim vendeu por um iuane e vinte, não é? Vá logo comprar para nós.” Wang Fígado apontou para o balanço ao lado do campo de debulha. Um monte de gente se apinhava a sua volta, o balanço rangia. Ali tinha um velho vendendo amendoim torrado.

Depois que eu distribuí uniformemente o amendoim comprado por trinta centavos, Wang Fígado disse, sério: “Corre Corre, sua tia vai se casar com o secretário do Partido, aquele que ficou viúvo”.

“É mentira!”, eu disse.

“Se sua tia virar esposa do secretário do Partido do distrito, toda a sua família vai se dar bem”, explicou Chen Nariz, “seus dois irmãos, sua irmã e você em pouco tempo vão ser mandados para a cidade, com emprego acertado, vão comer grão comercial, vão estudar na universidade e virar funcionários. Depois de tudo isso, não podem se esquecer da gente!”

“Mas aquela Leoazinha é bonita mesmo!”, comentou Wang Fígado sem mais nem menos.

14.

Quando tivemos a onda de nascimentos dos “bebês batata-doce”, o chefe de família que ia cadastrar o filho na comuna recebia cupons de racionamento que lhe davam direito a cinco metros e meio de tecido e um litro de óleo de soja. Quem tinha gêmeos ganhava o dobro. Ao ver aquele óleo dourado e acariciar os cupons com cheiro de tinta, esses pais de família ficavam de olhos úmidos e alma agradecida. Como é boa esta nova sociedade! Até nos dão coisas quando temos filhos. Minha mãe dizia: “O país carece de pessoas, o país precisa de mais mão de obra, o país valoriza as pessoas”.

Enquanto as massas populares estavam imbuídas desse sentimento de gratidão, os cidadãos tomaram secretamente a decisão de ter mais filhos a fim de retribuir o favor do Estado. A mulher de Xiao Lábio Superior, o zelador do armazém de grãos — mãe do meu colega Xiao Lábio Inferior —, já tinha dado três irmãzinhas ao meu colega. A mais novinha ainda nem tinha desmamado e a barriga da mãe já ia crescendo outra vez. Quando eu voltava com a vaca do pasto, sempre via Xiao Lábio Superior atravessar a pontezinha numa bicicleta surrada. Era tão corpulento que a bicicleta mal suportava o fardo e guinchava. Sempre tinha alguém da aldeia para caçoar dele: “Velho Xiao, que idade você tem? Nunca descansa à noite?”. Ele respondia rindo: “Não posso

descansar, não devo poupar esforços para produzir mais gente para o país!”.

No final de 1965, o rápido crescimento populacional causou inquietação nos altos escalões. Com isso, veio a primeira grande onda de planejamento familiar desde a fundação da Nova China. O governo lançou o seguinte slogan: “Um não é pouco; dois é bom; três é demais”. Quando a equipe de cinema do distrito vinha passar filmes, mostravam slides antes de cada sessão para divulgar o controle de natalidade. Cada vez que aparecia na tela uma daquelas ilustrações exageradas de órgãos genitais do homem ou da mulher, a plateia, no escuro, desandava a dar gritinhos e gargalhadas. Nós, os adolescentes, aderíamos à bagunça, enquanto muitos jovens, homens e mulheres, se davam as mãos sem que ninguém visse. Essas propagandas de contracepção serviam, na realidade, como incentivo à reprodução, como afrodisíaco. O grupo teatral do distrito criou mais de uma dezena de equipes para encenar, de aldeia em aldeia, uma pequena peça intitulada *Metade do céu*, que combatia a crença de que o homem é superior à mulher.

Na época, minha tia já era diretora da seção de ginecologia e obstetrícia do posto de saúde da comuna e assumia, ao mesmo tempo, a vice-chefia da coordenação local de planejamento familiar. O chefe era o secretário do Partido na comuna, Qin Shan, mas ele só ocupava o cargo nominalmente, não cuidava de nada. Na prática, minha tia tinha o comando: era ela quem organizava e executava os trabalhos de controle de natalidade na nossa comuna.

Naquela altura, minha tia já tinha engordado um pouco e seus dentes, antes brancos de dar inveja, amarelaram por falta de tempo para escovar. Sua voz estava rouca, meio masculina. Sempre escutávamos seus discursos pelo alto-falante.

Ela normalmente começava com as seguintes frases: “Bate o gongo, bate bem, cada um vende o que tem. Cada qual vende o seu

peixe, vou vender o meu também. Hoje quero falar de planejamento familiar...”.

Naquele período, ela perdeu parte de seu prestígio em meio à população. Até mesmo as mulheres de nossa aldeia que um dia se beneficiaram de seus favores começaram a falar mal dela.

Embora a tia não poupasse esforços para implementar o planejamento familiar, os resultados eram insignificantes, os moradores locais não apoiavam a causa. Quando o grupo teatral veio se apresentar em nossa aldeia, a atriz principal cantou no palco: “É chegada uma nova era, homens e mulheres são iguais”. Na plateia, Wang Pé, pai de Wang Fígado, estourou: “Conversa fiada! É tudo igual? Quem falou que é tudo igual?”. Na frente do tablado, o povo se juntou em seu apoio, houve confusão, tumulto, gritaria. Tijolos e telhas foram atirados ao palco, os atores bateram em retirada, humilhados. Naquele dia, Wang Pé tinha bebido meio litro de aguardente. Sob efeito do álcool, sua estupidez aflorou. Ele pulou para cima do tablado, cambaleando e gesticulando, e começou a discursar: “Vocês que mandam no céu e na terra, agora também vão mandar em quem quer ter filho? Quero ver vocês acharem uma corda para costurar a mulher naquele lugar”. A plateia caiu na gargalhada. Instigado, Wang Pé catou uma telha do palco, mirou o lampião a gás que lançava uma luz ofuscante pendurado na trave em frente à cortina e atirou com toda a força. A luz se apagou na hora, palco e plateia eram um breu só. Por causa disso, Wang Pé passou duas semanas na cadeia. Depois de liberado, ainda não se dava por vencido e dizia furioso a quem quer que encontrasse: “Quero ver quem tem coragem de cortar meu pinto!”.

Há alguns anos, quando minha tia voltava para casa, chegava cercada de gente; mas agora, nas raras vezes em que aparece, as pessoas a evitam com frieza. Minha mãe tentou aconselhá-la:

“Cunhada, esse negócio de planejamento familiar, foi você que inventou ou foi seu superior que mandou fazer?”.

“Como pode pensar que fui eu que ‘invente’?”, disse minha tia, indignada. “É um apelo do Partido, uma instrução do presidente Mao, uma política nacional. O presidente Mao disse: ‘A humanidade deve exercer o autocontrole e crescer de forma planejada’.”

Minha mãe abanou a cabeça: “Desde a Antiguidade até hoje, pôr filho no mundo é a ordem natural das coisas. Na dinastia Han, o imperador baixou um decreto mandando todas as mulheres se casarem assim que completassem treze anos de idade, do contrário, o pai ou o irmão seriam chamados a prestar contas. Se a mulher não tiver filhos, onde o país vai recrutar soldados? Todo dia anunciam que os americanos vêm nos atacar, todo dia falam de libertar Taiwan, mas, se não deixarem a mulher ter filhos, de onde virão os soldados? E, sem soldados, quem vai enfrentar a invasão americana? Quem vai libertar Taiwan?”.

“Cunhada, não quero mais ouvir essas frases feitas”, interrompeu minha tia. “Não acha que o presidente Mao é mais sensato que você? Foi ele quem disse: ‘A população deve ser controlada. Se continuar sem organização nem disciplina, a humanidade vai acabar antes da hora!’.”

“Mas o presidente Mao disse também: ‘Quanto mais gente, maior a força; quanto mais gente, maior o poder de fazer as coisas; gente é tesouro vivo; o mundo é feito de gente!’. E disse mais!”, continuou minha mãe. “‘Não deixar a chuva cair é tão errado quanto proibir a mulher de ter filhos’.”

Minha tia não sabia se ria ou chorava: “Cunhada, você está deturpando citações do presidente Mao. Antigamente cortavam a cabeça de quem distorcia um decreto imperial. Nunca dissemos que vamos proibir as pessoas de terem filhos, vamos incentivar a terem menos filhos, e de maneira planejada”.

“Mas é o destino que decide quantos filhos uma pessoa vai ter na vida”, disse minha mãe. “Quem precisa de vocês para planejar? Vocês são como um cego que acende a luz: puro desperdício de vela.”

Tal como previu minha mãe, a despeito de todos os esforços, minha tia e suas colegas só desperdiçaram recursos e ainda caíram na boca do povo. No início, distribuía preservativos gratuitos para que as funcionárias de cada aldeia distribuíssem às mulheres em idade fértil, e pediam que exigissem dos maridos que usassem durante a relação. Mas aqueles preservativos ou eram jogados no chiqueiro, ou eram inflados como balões e, pintados de várias cores, viravam brinquedo de criança. Minha tia e suas colegas também foram bater de porta em porta para distribuir contraceptivos femininos, mas as mulheres se recusavam a tomar a pílula, com medo dos efeitos colaterais. Mesmo quando obrigadas a engolir o medicamento na frente delas, era só virarem as costas que as mulheres enfiavam um dedo ou palito na garganta e vomitavam o comprimido. Foi então que surgiu a ideia de recorrer à vasectomia.

Naquela época, corriam na aldeia boatos de que essa técnica tinha sido inventada por minha tia e Huang Qiuya. Diziam que Huang Qiuya contribuiu com a teoria e minha tia com a prática clínica. Xiao Lábio Inferior, sério, nos contou: “Aquelas duas são umas esquisitonas que nunca se casaram e sentem inveja, sentem ódio mesmo, toda vez que veem casais juntinhos, por isso bolaram esse plano para acabar com a família. Primeiro, fizeram experiências com leitões, depois com macacos machos e finalmente com dez presidiários condenados à morte. O teste deu certo e os dez presidiários tiveram sua pena convertida em prisão perpétua”. Naturalmente, não demorou nada para que a gente percebesse que ele estava dizendo um monte de asneiras.

A voz sonora de minha tia era ouvida com frequência nos alto-falantes: "Atenção, diretores das brigadas de produção! Atenção, diretores das brigadas de produção! Conforme a oitava reunião da Coordenação de Planejamento Familiar da Comuna Popular, todo homem cuja mulher teve três ou mais filhos deve ir ao posto de saúde para fazer a vasectomia. Após a cirurgia, receberá vinte iuanes de ajuda de custo para alimentação e uma semana de folga com os pontos de trabalho contados normalmente...".

Ao ouvir o anúncio, os homens se reuniam para resmungar: "Que merda, já vi castrar porco, capar boi, burro e cavalo, mas onde já se viu capar homem? Ninguém aqui quer trabalhar de eunuco em palácio de imperador, querem castrar a gente para quê?". Quando os funcionários do planejamento familiar explicavam que a cirurgia era só uma ligadura que... eles arregalavam os olhos e retorquiam: "Agora vocês falam bonito, mas depois que a gente deitar na mesa de operação e tomar a anestesia, quem garante que elas não vão cortar fora nossas bolas e até nosso pau? Aí sim, todo o mundo aqui vai ter que mijar agachado igual mulher".

Apesar de extremamente salutar para as mulheres, a vasectomia, essa operação tão simples e de raríssimas sequelas, encontrou enormes obstáculos. Minha tia e suas colegas prepararam tudo no posto de saúde, mas ninguém apareceu. A Direção Distrital de Planejamento Familiar telefonava todos os dias para cobrar o relatório com os números e andava extremamente insatisfeita com o trabalho da minha tia. Numa reunião extraordinária, o comitê do Partido na comuna aprovou duas resoluções: primeiro, a vasectomia deveria começar pelos dirigentes e depois ser estendida aos funcionários em geral e aos trabalhadores comuns. Nas aldeias, começaria com a chefia da equipe de produção, estendendo-se em seguida à população em geral. De acordo com a segunda resolução, quem resistisse à cirurgia, iniciasse ou espalhasse boatos estaria

sujeito às medidas da ditadura do proletariado; quem atendesse aos critérios, mas se recusasse a fazer a operação, seria suspenso do trabalho pela equipe de produção, se continuasse a desobedecer, teria sua cota de racionamento diminuída. Caso ainda resistissem, os funcionários seriam afastados do cargo; os trabalhadores seriam demitidos da função; os membros do Partido seriam expulsos.

O próprio secretário do Partido na comuna, Qin Shan, fez um discurso no rádio para dizer que o planejamento familiar era um assunto de grande importância, que dizia respeito à economia nacional e ao bem-estar da população. Todos os órgãos públicos e as equipes diretamente subordinadas à Comuna deviam lhe dar a mais alta prioridade. Os funcionários e membros do Partido que atendessem aos critérios deviam tomar a iniciativa e servir de exemplo para as massas populares. A fala de Qin Shan de repente adquiriu um tom coloquial: “Camaradas, vamos falar de mim, por exemplo, minha mulher já fez a cirurgia de retirada do útero por causa de uma doença, mesmo assim, para mostrar à população que não precisa ter medo da vasectomia, resolvi fazer a operação no posto de saúde amanhã de manhã”.

Em seu discurso, o secretário Qin também solicitou a cooperação ativa da Liga da Juventude Comunista, da Federação das Mulheres e das escolas na campanha de divulgação, a fim de produzir uma poderosa corrente em prol da vasectomia. Como em todos os movimentos precedentes, o professor Xue, o principal literato da nossa escola, redigiu uns versinhos que decoramos com a maior rapidez. Depois, em grupos de quatro, segurando alto-falantes de papelão ou de folha de metal enrolada, subíamos nos telhados e nas árvores e dali gritávamos: “Camaradas da comuna, vamos lá sem pânico nem inquietação! Vasectomia é coisa bem simples, nada a ver com castração! Uma operaçãozinha de nada, em quinze minutos

está terminada! Sem sangue nem suor, o camarada sai pronto para outra jornada!”.

Segundo minha tia, naquela primavera atípica, foram feitas seiscentas e quarenta e oito vasectomias em toda a comuna. Ela mesma fez trezentas e dez operações. Na verdade, disse ela, bastaria explicar a ideia direito, definir bem a política, fazer os diretores darem o exemplo e garantir a implementação em todos os níveis que a população reagiria de forma compreensiva e racional. Nas numerosas cirurgias que ela fez, a grande maioria dos pacientes foi trazida por dirigentes da aldeia ou diretores das unidades de trabalho. Encrenqueiros mesmo, que precisaram de medidas repressoras, só houve dois. Um foi Wang Pé, o carroceiro, o outro foi Xiao Lábio Superior, o zelador do armazém de grãos.

Confiante no seu bom histórico familiar, Wang Pé era reacionário e agressivo. Depois de ser liberado da detenção, saiu falando bobagens. Dizia que a faca entraria branca e sairia vermelha de quem viesse obrigá-lo a fazer a tal operação. Meu amigo Wang Fígado, que estava gostando da Leoazinha, pendia emocionalmente para o lado da assistente da minha tia. Ele tomou a iniciativa de convencer o pai a fazer a vasectomia. Como resultado, ganhou dois tabefes. Fígado saiu de casa correndo, o pai foi atrás dele com um chicote na mão. Chegaram ao açude na entrada da aldeia e ficaram ali batendo boca, cada qual de um lado da água. Wang Pé: “Seu filho de um jumento, como se atreve a mandar seu pai fazer a operação!”. Wang Fígado: “Se você diz que sou filho de um jumento, então sou filho de jumento mesmo”. Pé refletiu por um instante, percebeu que xingar o filho era o mesmo que xingar a si próprio e começou a perseguir o rapaz em volta do açude. Pai e filho ficaram rodando e rodando como quem empurra um moinho. Juntou muita gente em volta para botar mais lenha na fogueira, queriam ver o circo pegar fogo, a risadaria tomou conta.

Wang Fígado roubou um sabre de casa e entregou-o ao secretário Yuan Rosto. Contou que era a arma letal que o pai tinha preparado. Disse ainda que o pai prometera usá-la para cortar ao meio quem o obrigasse a fazer a cirurgia. Yuan, que não queria ser acusado de omissão, pegou o sabre e o levou à comuna, onde reportou tudo ao secretário Qin Shan e a minha tia. Furioso, Qin bateu na mesa e disse: "Reacionário! Sabotar o planejamento familiar é um ato contrarrevolucionário!". Minha tia disse: "Se não dermos um jeito nesse Wang Pé, vai ser difícil fazermos qualquer avanço". Yuan Rosto concordou e disse que os homens que deviam fazer essa cirurgia estavam todos se espelhando em Wang Pé. O secretário Qin decidiu: "Vamos deter esse mau exemplo".

O policial da comuna, o velho Ning, veio com uma pistola Mauser pendurada na cintura para dar apoio moral. O secretário Yuan chegou com a diretora de assuntos da mulher, o capitão da milícia e quatro milicianos para invadir a casa de Wang Pé.

A esposa de Pé amamentava uma criança no colo enquanto trançava palha à sombra de uma árvore. Assim que percebeu o jeito hostil dos visitantes, largou o trabalho, sentou-se no chão e caiu em prantos.

Em pé debaixo do beiral, Wang Fígado não disse uma palavra.

Sentada no batente da sala, Wang Vesícula examinava seu rostinho delicado num pequeno espelho que segurava na mão.

"Saia daí, Wang Pé", gritou Yuan Rosto. "Se não sair por bem, sairá por mal. O policial Ning está aqui. Você pode até escapar hoje, mas amanhã não escapa. Seja homem e venha resolver isso logo."

A diretora de assuntos da mulher disse à esposa de Pé: "Fang Lianhua, pare com essa choradeira. Fale para seu marido sair logo".

O interior da casa continuou em perfeito silêncio. Yuan Rosto olhou para o policial Ning, que fez um sinal com a mão. Quatro milicianos invadiram a casa segurando uma corda.

Nesse momento, Wang Fígado, que continuava debaixo do beiral, piscou para o policial e torceu a boca para o lado do chiqueiro no canto do muro.

Embora tivesse uma perna mais curta que a outra, o policial Ning se movia com agilidade. Em poucas e largas passadas alcançou a entrada do chiqueiro. Sacou a pistola e ordenou: "Wang Pé, saia daí!".

Wang Pé saiu com a cabeça coberta de teias de aranha. Os quatro milicianos o cercaram com a corda.

Pé limpou o suor do rosto e disse, enfurecido: "Ning, seu coxo, para que essa gritaria toda? Acha que me mete medo só porque está com esse pedaço de sucata na mão?".

"Não vim aqui para lhe meter medo", respondeu Velho Ning, "venha comigo sem resistir e vai ficar tudo bem."

"E o que acontece se eu não obedecer? Vai ter coragem de atirar?" Wang Pé apontou o dedo para o meio de suas pernas e disse: "Então acerte aqui se for capaz. É melhor ficar aleijado pela bala do seu revólver do que pela faca daquelas tias".

A diretora de assuntos da mulher disse: "Wang Pé, deixe de ser impertinente, a vasectomia não passa de uma atadura dos canais...".

"Você é que merece que costurem esse seu negócio!", gritou Wang Pé desaforado, apontando para a virilha da diretora.

O policial Ning balançou a arma na mão e comandou: "Amarrem-no já".

"Quero ver quem tem coragem!" Wang Pé virou-se, pegou uma pá e ergueu-a no ar. Com os olhos faiscando, ameaçou: "Arranco a cabeça de quem chegar perto!".

Nesse momento, Wang Vesícula, aquela miniatura de menina, levantou-se com seu espelhinho na mão. Na época já tinha treze anos, mas media apenas setenta centímetros de altura. Apesar da baixa estatura, seu corpo era bem-proporcionado, parecia uma

diminuta beldade de Lilliput. Ela usou o espelho para jogar um feixe de luz no rosto de Wang Pé e deixou escapar um riso singelo.

Aproveitando que Wang Pé se ofuscava sob a luz forte, os quatro milicianos caíram sobre ele, tomaram-lhe a pá e seguraram seus braços atrás das costas.

Enquanto os milicianos tentavam amarrar seus braços com a corda, ele desatou a chorar alto. Foi um choro tão sentido que entristeceu as pessoas que assistiam à cena encarapitadas no muro e apinhadas no portão da casa. Com a corda pronta, os milicianos ficaram sem saber o que fazer.

Yuan Rostó disse: “Wang Pé, você é homem ou não é? Como pode se apavorar desse jeito por causa de uma operaçãozinha? Eu fui o primeiro a fazer para dar o exemplo e não me afetou em nada. Se não acredita, mande sua mulher perguntar à minha!”.

“Não precisa falar mais”, disse Wang Pé chorando, “já chega, vou com vocês.”

Nas palavras de minha tia, o imprestável do Xiao Lábio Superior era um exemplo de mau funcionário nos órgãos subordinados à comuna. Meteu-se a turrão só porque tinha carregado umas macas no hospital secreto do Exército da Oitava Rota. Mas foi só o Comitê do Partido na comuna deliberar se ele devia ser exonerado e mandado de volta para a lavoura, que ele montou em sua bicicleta velha e correu para o posto de saúde. Minha tia contou que Xiao a designou especialmente para fazer a cirurgia nele. Era um descarado, sem-vergonha, boca-suja. Antes de ir para a mesa de operação, ainda ficou importunando a Leoazinha com perguntas: “Moça, não consigo entender uma coisa, dizem que o excesso de esperma sai sozinho. Mas, se vocês amarrarem meus canais de esperma, por onde vai sair o excesso? Não vai fazer minha barriga inchar até estourar?”.

“Leoazinha me olhou totalmente ruborizada. Eu disse: ‘Preparar a pele!’.

“Durante o preparo da pele para a cirurgia, ele teve uma ereção. Leoazinha, que nunca tinha passado por uma situação dessas, largou o bisturi e se afastou para o lado. Então eu disse: ‘Que tal se concentrar em pensamentos mais sadios?’. Ele respondeu no maior cinismo: ‘Meus pensamentos são bem sadios, mas se *e/e* quer ficar duro, o que é que eu posso fazer?’. ‘Pois muito bem’, a tia pegou um martelo de borracha, mirou bem e martelou sem cerimônia. A coisa murchou de imediato.

“Juro por tudo que é mais sagrado”, contou a tia, “que fiz as cirurgias de Wang Pé e Xiao Lábio Superior com todo o cuidado e consegui um resultado excelente. Mas, depois da operação, Wang Pé deu para andar encurvado, dizia que eu mexi em algum nervo dele; Xiao Lábio Superior toda hora vinha ao posto de saúde para criar caso e ainda compareceu várias vezes ao distrito para me acusar, perante as autoridades, de ter comprometido sua capacidade sexual... Sobre esses dois sujeitos”, continuou minha tia, “o problema de Wang Pé provavelmente era psicológico, mas aquele Xiao Lábio Superior só queria azucrinar mesmo. Durante a Grande Revolução Cultural, quando foi chefe dos Guardas Vermelhos, sabe-se lá quantas moças ele desonrou. Se não tivesse feito a ligadura, ele poderia ter algum receio, algum medo de engravidar uma moça e a história acabar mal. Mas, com a vasectomia feita, ele não teve escrúpulos!”

15.

Seriam tantos os participantes da assembleia de denúncia do secretário do Comitê Distrital do Partido, Yang Lin, que não caberiam em lugar nenhum. Xiao Lábio Superior, então diretor do Comitê Revolucionário da comuna, teve a genial ideia de realizar o evento na área de contenção de enchentes na margem norte do rio Jiao. Estávamos em pleno inverno, um gelo grosso cobria a superfície da água. Um mundo de vidro se estendia até onde a vista alcançava. Fui o primeiro da aldeia a saber que a reunião aconteceria nesse local, porque eu sempre matava aula para ir brincar ali. Naquele dia, eu estava sob o arco da comporta, quebrando o gelo para pescar, quando escutei um vozeirão que vinha lá de cima. Reconheci a voz de Xiao Lábio Superior. Sou capaz de distinguir a voz dele num instante, nem que esteja entre dez mil pessoas. Eu o ouvi dizer: "Caramba, que linda paisagem do Norte! A assembleia será aqui, vamos montar a mesa da presidência em cima da barragem".

O local era originalmente um terreno alagadiço. Mais tarde, para proteger as terras a jusante, foram construídas comportas na barragem do rio Jiao. Nas cheias de verão e outono, abriam-se as comportas para escoar a água e esse terreno se transformava numa lagoa. Naquela altura, os moradores locais ficavam extremamente insatisfeitos. Aquela terra, apesar de baixa, não deixava de ser terra, podia não dar muita coisa, mas sorgo sempre dava. Porém, como

pode o povo comum contrariar as decisões do Estado? Muitas vezes eu matei aula e fui até lá para ver a água da enchente jorrar com força das doze comportas. Escuada a água, a área de contenção de enchentes ficava inteiramente alagada, virava uma lagoa com quase cinco quilômetros de circunferência. Havia peixes e camarões em profusão, as pessoas faziam fila para pescar e os vendedores de peixe aos poucos se multiplicaram. De início, montavam barracas na barragem. Quando não cabiam mais lá, passavam para a margem leste da lagoa e, um a um, foram montando suas barracas sob os salgueiros à beira da água. Nos dias de maior movimento, a fila de barracas se estendia por quase um quilômetro. A feira livre, que antes funcionava em frente à sede da comuna, aos poucos se mudou para cá depois que surgiu o mercado de peixes. Vieram os vendedores de legumes, os vendedores de ovos e também os vendedores de amendoim torrado. Vieram até os batedores de carteira, os malandros e os mendigos, próprios da feira. Diversas vezes a comuna mandou milicianos dispersarem as pessoas. Quando os milicianos chegavam, todo mundo debandava. Quando os milicianos iam embora, a aglomeração aos poucos se refazia. E assim a feira subsistiu entre a legalidade e a ilegalidade. Eu gostava muito de ver os peixes. Via carpas comuns, carpas prateadas, carpas crucianas, bagres, cabeças-de-cobra, enguias e também caranguejos, peixes-cobra, amêijoas e coisas do gênero. O maior peixe que vi por ali pesava mais de cinquenta quilos, tinha uma barriga branca parecida com a de uma mulher grávida. O velho vendedor vigiava o peixe apreensivo, como se vigiasse uma divindade. Eu estava bem familiarizado com os vendedores de peixe que viviam de orelha em pé e olhos atentos. Por que viviam assim, de orelha em pé e olhos atentos? Porque os agentes da Secretaria Fiscal da comuna vinham regularmente confiscar seus peixes. Havia também uns funcionários da comuna que se passavam por fiscais

para extorquir. Aquele peixe de mais de cinquenta quilos quase foi confiscado por dois sujeitos de uniforme azul, com um cigarro pendurado na boca e uma maleta preta na mão. Se a filha do vendedor não viesse às pressas para botar a boca no mundo e se Qin He não desmascarasse os dois homens, o peixe teria sido levado por eles.

Qin He era aquele mendigo de cabelo repartido, que andava de uniforme escolar de gabardina azul, uma caneta-tinteiro da marca Doutor e uma esferográfica bicolor da marca Nova China enfiadas no bolso, parecia um estudante do Quatro de Maio.* Tinha o rosto pálido, a expressão melancólica, os olhos sempre úmidos, como se pudesse derramar lágrimas a qualquer momento. Era muitíssimo eloquente, falava um mandarim tão perfeito que, quando abria a boca, parecia estar recitando uma peça de teatro — foi por influência dele que comecei a escrever para teatro mais tarde —, ele sempre carregava uma enorme caneca branca, esmaltada, com uma estrela de cinco pontas e a palavra “prêmio” em vermelho. Punha-se diante dos vendedores de peixes e camarões e dizia com toda a emoção: “Camarada, sou alguém que perdeu a capacidade de trabalhar. Talvez se pergunte como pode um jovem como eu ter perdido a capacidade de trabalhar. Camarada, permita-me explicar, o que vê é só minha aparência externa. Na verdade, padeço de um grave problema cardíaco. Meu coração foi perfurado por uma faca. Se eu trabalhar, a cicatriz no coração vai se abrir e vou sangrar até a morte por todos os orifícios do corpo. Camarada, me dê um peixe. Nem me atrevo a querer um peixe grande, basta-me um pequeno, o menor de todos...”. Ele sempre conseguia algum peixe, ou camarões. Depois, ia para a beira da lagoa, limpava o peixe com uma faquinha, procurava um lugar protegido do vento, catava gravetos, apoiava a caneca em cima de dois tijolos erguidos e acendia o fogo para cozinhar... Eu ficava atrás dele, vendo-o cozinhar o peixe, um aroma

delicioso exalava de sua caneca e me deixava com água na boca. Eu invejava a vida dele do fundo do coração...

Qin He era irmão do secretário do Partido da comuna, Qin Shan. Tinha sido um aluno brilhante da Escola Secundária Distrital número 1. Devia haver razões complexas para o irmão do secretário do Partido da comuna estar mendigando numa feira. Alguns diziam que ele era um dos admiradores fanáticos da minha tia. Sofreu um impacto emocional muito forte e tentou o suicídio com a pistola do irmão. Depois de se recuperar, ficou daquele jeito. De início, havia quem zombasse dele, mas desde que ajudou o velho a salvar seu peixe grande, os vendedores passaram a vê-lo com outros olhos. Senti que o homem tinha muito carisma. Queria entendê-lo melhor. Simpatizava com ele assim que via seus olhos úmidos. Num fim de tarde, terminada a feira, ele ia para oeste, caminhava sozinho em direção ao sol poente, arrastando atrás de si uma longa sombra. Eu o segui às escondidas. Queria saber qual o segredo dele. Quando descobriu que eu o seguia, ele parou, fez-me uma profunda reverência e disse: "Caro amigo, por favor, não faça isso". Imitando seu tom, respondi: "Caro amigo, não estou fazendo nada". "O que eu quero dizer", explicou ele com ar miserável, "é que não venha atrás de mim." Eu disse: "Você estava andando, eu também. Não estava seguindo você". Ele balançou a cabeça e murmurou: "Amigo, por favor, tenha pena deste homem infeliz". Ele se virou e seguiu adiante. Eu continuei no seu encalço. Ele começou a correr. Levantava as pernas bem alto, em passadas largas e leves. O corpo sacudia como um pedaço de papelão. Gastei apenas metade da minha força para alcançá-lo. Ele parou, ofegante, o rosto tinha a cor de papel dourado, os olhos estavam cheios de lágrimas: "Amigo... por favor me deixe em paz... sou um inválido, sofri um ferimento grave...".

Fiquei comovido, parei de andar e deixei de segui-lo. Enquanto olhava sua silhueta se afastando, ouvia soluços abafados que saíam de sua garganta. Na verdade, eu não tinha más intenções, só queria saber como vivia, por exemplo, onde dormia à noite?

Naquele tempo, eu tinha pernas finas e compridas e pés grandes. Adolescente, eu já calçava sapatos grandes, número quarenta, motivo de frequentes aborrecimentos para minha mãe. Quem nos dava aula de educação física era o professor Chen, ex-integrante da equipe de atletismo provincial, um verdadeiro mestre dos esportes, direitista. Ele beliscou minhas pernas e meus pés como se fosse um comprador de cavalos, me considerou ótima matéria-prima e decidiu me dar um treinamento intensivo. Ele me ensinou como levantar as pernas e dar as passadas, controlar a respiração e distribuir a força física. Nos jogos esportivos das escolas primárias e secundárias do distrito, consegui o terceiro lugar na corrida de três mil metros do grupo infantojuvenil. Por isso, o fato de eu matar aula para ir passear no mercado de peixes era algo semipúblico.

Depois que tentei segui-lo, Qin He ficou meu amigo. Todas as vezes que nos encontrávamos, ele me cumprimentava acenando com a cabeça. Era dez anos mais velho que eu, mas nossa amizade superava a diferença de idade. Além dele, havia outros dois mendigos na feira, um se chamava Gao Men, de ombros largos e mãos grandes, parecia ter uma força física infinita. O outro, Lu Florzinha, era um homem com icterícia, não sei por que ganhara um nome tão feminino. Um dia, os dois mendigos batiam sem dó em Qin He com um galho de salgueiro e um sapato velho. Em vez de revidar, Qin He se limitava a repetir:

“Bons irmãos, se me baterem até morrer, eu agradeço. Mas não comam rãs... As rãs são amigas do homem, não são para comer... As rãs têm parasitas no corpo... Quem come rã vira idiota...”

Vi uma fogueira debaixo do salgueiro, a fumaça azulada subindo em espirais, sobre o fogo, algumas rãs meio assadas. Ao lado da fogueira, peles e ossos de rãs espalhavam um odor nauseante. Então entendi que Qin He estava apanhando por tentar impedi-los de assar rãs para comer. Ao vê-lo nessa situação, meus olhos se encheram de lágrimas. Em épocas de fome, muita gente comia rã. Mas nossa família tinha grande aversão por essa gente. Acredito que os membros do nosso clã prefeririam morrer de inanição a se alimentar desse animal. Nesse ponto, Qin He e eu tínhamos o mesmo ideal. Peguei um galho em brasa da fogueira, cutuquei a bunda de Gao Men e espetei o pescoço de Lu Florzinha. Saí correndo pela margem da lagoa, os dois vieram atrás de mim. Eu mantinha certa distância à frente deles, só para provocá-los. Quando paravam de me perseguir, eu os xingava ou pegava pedaços de tijolos e telhas para jogar neles.

Naquele dia, veio gente de todas as quarenta e oito aldeias da comuna. Chegaram em grupos, uns carregando bandeiras vermelhas, outros batendo tambores, gongos e panelas, uns caminhando pela estrada, outros pelo leito do rio, todos escoltavam os maus elementos de suas respectivas aldeias até a área de contenção de enchentes, onde se reuniriam em assembleia para denunciar Yang Lin, o principal seguidor da via capitalista no distrito, e com ele os maus elementos de cada órgão da comuna, de cada departamento subordinado a ela, de cada aldeia. Fomos pelo leito do rio, pisando no gelo escorregadio. Algumas pessoas calçavam raquetes de neve de fabricação caseira. Chen, o professor de educação física a quem eu devia a descoberta do meu talento, usava na cabeça um alto cone de papel e calçava um par de sandálias de palha bem gastas, sem meias. Ele seguia, com ar despreocupado, o diretor da escola, que também tinha um cone de papel na cabeça, mas andava com expressão pesarosa. Xiao Lábio Inferior, filho de

Lábio Superior, ia atrás deles com um dardo na mão. Lábio Superior assumira a diretoria do Comitê Revolucionário da comuna e seu filho, Lábio Inferior, agora era o capitão dos Guardas Vermelhos da nossa escola. O tênis branco, da marca Huili, que ele calçava, foi arrancado dos pés do professor Chen. A pistola de partida que só dava um par de tiros, a menina dos meus olhos, era patrimônio público, mas agora estava pendurada na cintura de Lábio Inferior. De quando em quando ele sacava a pistola, carregava com pólvora, e atirava para cima. Pá! Pá! Saíam dois estampidos junto com uma fumaça branca. Um cheiro bom de salitre e enxofre impregnava o ar.

No início da Revolução, eu também queria fazer parte da Guarda Vermelha, mas Lábio Inferior não me aceitou. Ele disse que eu era a erva daninha cultivada pelo direitista professor Chen, que meu tio-avô era traidor da pátria, falso mártir, e minha tia era espiã do Partido Nacionalista, noiva de um desertor e amante de um seguidor do capitalismo. Para me vingar dele, peguei um cocô de cachorro, embrulhei bem com folhas e escondi na palma da mão. Cheguei na frente dele e disse: "Lábio Inferior, o que aconteceu com sua língua, que ficou preta?". Sem saber que era uma armadilha, ele escancarou a boca. Enfiei o cocô de cachorro na boca dele, dei meia-volta e saí correndo. Ele não conseguiu me alcançar. Ninguém da nossa escola, com exceção do professor Chen, conseguia me pegar.

Ao vê-lo assim exibido com os sapatos do professor Chen nos pés, o dardo na mão e a pistola na cintura, como um canalha realizado, senti inveja e ódio e decidi dar uma lição. Eu sabia que ele tinha pavor de cobras, mas já era fim de outono e elas somem nessa época. Foi então que achei, embaixo de uma amoreira na beira do rio, um pedaço de corda podre. Enrolei-a e escondi atrás do corpo. Aproximei-me dele sem ser notado, coloquei a corda em volta do seu pescoço e gritei: "Olha a cobra!".

Xiao Lábio Inferior deu um grito esquisito, largou o dardo no chão e apressou-se em retirar a corda do pescoço. Só voltou a si, aos poucos, depois de perceber que o que tinha diante dos olhos era um pedaço de corda podre.

Ele pegou o dardo do chão e rosnou: “Corre Corre, seu contrarrevolucionário!”.

Apontou o dardo em minha direção: “Vou te matar!”.

Saí correndo.

Ele veio atrás.

Correndo sobre o gelo era difícil aproveitar toda minha técnica. Sentia nas costas um bafo gelado, ameaçador, e temia ser atravessado pelo dardo. Eu sabia que o rapaz tinha afiado bem aquele dardo, sabia também que o cara era frio e traiçoeiro, e, desde que pusera as mãos numa arma branca, andava ainda mais agressivo. Ele não raro espetava árvores sem o menor motivo, transpassava alvos de palha em forma de gente e, pouco tempo antes, havia matado um porco que estava cruzando com uma porca. Olhei para trás enquanto corria e o vi de cabelos eriçados, os dois olhos redondos de tão arregalados. Se ele me alcançasse, minha vidinha muito provavelmente estaria acabada.

Eu corria, corria contornando as pessoas, corria me enfiando no meio das pessoas. Caí, rolei no chão e rastejei, o dardo na mão de Xiao Lábio Inferior quase me acertou. O dardo fincou-se no chão, voaram lascas de gelo. Ele também caiu. Levantei-me e continuei a correr. Ele se levantou e continuou a me perseguir. Eu trombava nas pessoas, mulheres e homens. “Para que tanta pressa, moleque!” “Ah! Socorro! Ele vai me matar.” Trombei com um grupo que marchava tocando gongos e tambores e atrapelei o ritmo da bateria — o cone de papel que alguns maus elementos usavam na cabeça caiu no chão —, driblei Chen Testa e Ai Lian, pais de Chen Nariz — e Yuan Rosto, pai de Yuan Bochecha, que também tinha

virado “seguidor do capitalismo” —, passei disparado por Wang Pé. Vi o rosto da minha mãe, ouvi o grito assustado da minha mãe, vi meu amigo Wang Fígado, ouvi um som abafado atrás de mim, e em seguida o grito de Lábio Inferior — depois fiquei sabendo que Wang Fígado discretamente estendeu uma perna e derrubou Lábio Inferior, que caiu de cara no chão, bateu a boca no gelo e feriu os lábios. Sorte dele não ter quebrado os dentes da frente. Lábio Inferior se levantou e tentou se vingar de Wang Fígado, mas Wang Pé o intimidou dizendo: “Xiao Lábio Inferior, seu imprestável, se se atrever a tocar num dedo de Fígado, eu arranco seus olhos! Na minha família somos peões de lavoura há três gerações”, continuou ele, “outros até podem ter medo de você, mas eu não!”.

O local da assembleia já estava tomado de gente. Sobre a barragem, um tablado imponente fora montado com tábuas e esteiras. Naqueles anos, a comuna contava com uma equipe especializada em montar tabladou ou quadros de avisos, tinham técnica apurada e uma habilidade extraordinária. O tablado era decorado com dezenas de bandeiras vermelhas e uma faixa vermelha com letras brancas. Nos dois postes nos cantos do tablado estavam pendurados quatro enormes alto-falantes que tocavam a “Canção das citações” no momento em que chegamos: “A teoria marxista, em sua infinidade de ideias, se resume em uma única frase: é justo rebelar-se! É justo rebelar-se!”.

Animação, havia muita animação mesmo. Eu lutava para avançar em meio à multidão, queria forçar a passagem para conseguir chegar bem perto do tablado. As pessoas com quem eu topava me chutavam, socavam, me enfiavam o cotovelo sem a menor cerimônia. Depois de muito esforço, tinha a roupa encharcada de suor e o corpo cheio de hematomas, mas em vez de chegar aonde queria, fui expelido da multidão. Ouvi o gelo estalar — pacá-pacá — e aquilo me causou um mau pressentimento. Nesse momento, um

homem com voz de pato começou a berrar nos alto-falantes: "A assembleia de denúncia está prestes a começar... Peço aos camponeses de renda baixa ou médio-baixa que se acalmem... Sentem-se os que estão nas fileiras da frente... Sentem-se".

Dei a volta até o lado oeste da barragem onde havia três armazéns para guardar peças de reposição para as comportas. Subi por trás, apoiando os pés nas frestas entre os tijolos, segurei no beiral do telhado, dei uma cambalhota e me coloquei lá em cima. Rastejando pelas fileiras de telhas, escalei silenciosamente até a cumeeira. Estiquei a cabeça e tive um panorama da massa popular reunida aos milhares entre incontáveis bandeiras vermelhas, o gelo sobre a lagoa ofuscava. A oeste do tablado, havia dezenas de pessoas acoradas, todas de cabeça baixa. Sabia que eram os "monstros e demônios" da comuna que logo iriam subir ao tablado para serem denunciados junto com o acusado principal. Xiao Lábio Superior gritou no microfone. Aquele reles zelador de armazém nem sonhava que um dia se daria bem na carreira oficial. Quando a Revolução Cultural começou, ele foi um dos primeiros a se rebelar, criou o "Corpo Rebelde Tempestade" e autoproclamou-se comandante.

Vestia uma farda militar velha, desbotada de tanto lavar, com remendos escuros, uma faixa vermelha no braço. Tinha pouco cabelo, sua careca reluzia ao sol. Imitava os discursos de personalidades ilustres que víamos no cinema: falava com voz arrastada, apoiava uma mão na cintura, girava a outra no ar, fazia todo tipo de pose. Os alto-falantes amplificavam sua voz a um volume ensurdecador. A multidão zumbia como ondas batendo na rocha. Decerto havia agitadores em ação, porque quando em alguma parte se aquietava, noutra se alvoroçava. Fiquei preocupado com a segurança da minha mãe e dos idosos da aldeia. Tentava localizá-los, mas a luminosidade do gelo me ofuscava. Um vento

cortante vindo de trás perpassava meu casaco de algodão puído, sentia muito frio.

A um sinal de Lábio Superior, uma dúzia de homens fortes brotou de trás do tablado, empunhavam longas varas de madeira e tinham uma braçadeira com a identificação "brigada de segurança". Pularam ao chão e adentraram a multidão brandindo as varas para reprimir a agitação. As varas tinham panos vermelhos amarrados na ponta, com o movimento ficavam parecendo tochas. Um jovem foi atingido na cabeça. Indignado, tomou a vara e quis discutir com o brigadista, mas levou um soco no peito. A "brigada de segurança" era implacável e impiedosa. Por onde as varas passavam, as pessoas tinham de se abaixar. Ouvia-se o rugido rouco de Lábio Superior pelo alto-falante: "Todos sentados! Sentados! Peguem os agitadores!". O jovem que tinha levado um soco dos brigadistas foi arrastado pelo cabelo para fora da multidão... As pessoas finalmente se aquietaram, umas de cócoras, outras sentadas, ninguém se atrevia a ficar de pé. Os brigadistas, com os porretes em punho, se distribuía uniformemente pela multidão, como espantalhos no arrozal.

"Tragam os 'monstros e demônios' para o tablado!", ordenou Lábio Superior. Os brigadistas, que estavam de prontidão, vinham de dois em dois carregando um monstro ou um demônio até o tablado sem lhes deixar os pés tocarem o chão.

Vi minha tia.

Ela não se deixava subjugar. Os brigadistas forçavam sua cabeça para baixo, mas, tão logo relaxavam a mão, ela reerguia a cabeça com toda a força. Sua resistência só acarretou uma repressão ainda mais violenta. No final, ela apanhou até ficar estendida de bruços no chão. Um brigadista colocou um pé sobre suas costas. Alguém pulou para cima do tablado e começou a gritar slogans, mas lá embaixo pouca gente acompanhou. Sem graça, a pessoa desceu cabisbaixa. Nesse momento, um choro estridente irrompeu da multidão. Era

minha mãe: “Pobre irmãzinha, que sina a sua... Ah, corja desalmada!”.

Lábio Superior mandou tirarem os “monstros e demônios” do tablado, só minha tia continuou lá. O brigadista continuava com um pé sobre ela, numa pose corajosa e destemida — era a ilustração de um slogan popular da época: derrubar o inimigo de classe e pisá-lo. Minha tia permanecia imóvel, eu temia que estivesse morta. Já não se ouvia o choro da minha mãe, eu temia que ela também estivesse morta.

Os “monstros e demônios” retirados do tablado foram reunidos sob o grande álamo, onde eram vigiados por brigadistas armados com espingardas. Sentados no chão, de cabeça baixa, pareciam um grupo de estátuas de barro. Huang Qiuya, sentada num canto, inclinou a cabeça para trás e apoiou-a no muro. Com os cabelos raspados pela metade, no chamado “corte yin-yang”, era uma visão medonha. Ouvei falar que, no início dos movimentos, minha tia esteve entre os iniciadores da “Equipe de Combate Bethune” dentro do sistema de saúde pública. Fanática ao extremo, não demonstrou nenhuma piedade pelo antigo diretor do hospital, que um dia a protegera. No tocante a Huang Qiuya então, foi ainda mais implacável. Entendo que, na realidade, minha tia fazia isso para se proteger, como alguém que anda no breu da noite cantando em voz alta porque no fundo está com medo. O velho diretor, que era uma pessoa boníssima, não aguentou a humilhação e se matou jogando-se num poço. Huang Qiuya, instigada ou coagida pelos opositores da minha tia, revelou as provas do relacionamento secreto entre a tia e o desertor Wang Xiaoti. Huang Qiuya disse que Wan Coração muitas vezes gritava o nome de Wang Xiaoti durante o sono. Segundo ela, certa noite em que estava de plantão, voltou ao dormitório para buscar algo e descobriu que Coração não estava. Ela ficou pensando aonde poderia ter ido uma mulher solteira no meio da noite.

Enquanto matutava, viu três sinalizadores luminosos vermelhos subirem do bosque de salgueiros à beira do rio Jiao. Em seguida, escutou um rugido de avião vindo do céu. Segundo ela, passado algum tempo, um vulto se esgueirou para dentro do dormitório, pela estatura era justamente Wan Coração. Ela afirmou ter relatado logo em seguida o ocorrido ao diretor do hospital, mas aquele seguidor da via capitalista, mancomunado com Wan Coração, abafou o caso. Disse também que Wan Coração era, sem sombra de dúvida, espiã do Partido Nacionalista. Isso já era suficiente para acabar com a vida da minha tia, mas ela fez mais uma denúncia: minha tia teria ido várias vezes à vila para se deitar com Yang Lin, seguidor da via capitalista, e engravidou dele. Ela mesma fez o aborto. As massas possuem uma criatividade riquíssima e, ao mesmo tempo, uma imaginação sinistra. As denúncias de Huang Qiuya contra minha tia satisfaziam plenamente às necessidades psicológicas das pessoas. Some-se a isso o fato de minha tia se recusar a admitir a culpa e sempre oferecer resistência, e cada assembleia de denúncia se tornava mais vibrante e animada. Era o festival de horrores da nossa aldeia.

Eu estava acima de Huang Qiuya, e olhava para aquela cabeça esquisita, sentindo ódio e pena, mais um tanto de confusão, e medo, e tristeza. Tirei uma telha e mirei a cabeça raspada pela metade. Era só abrir minha mão para a telha se espatifar no cocuruto dela. Mas hesitei por um bom tempo e acabei desistindo... Muitos anos mais tarde, contei isso a minha tia. "Ainda bem que você não soltou a telha", ela disse, "só agravaria minha culpa." Depois de velha, a tia carregava um sentimento de culpa, não uma culpa qualquer, mas a culpa de algum delito gravíssimo, irredimível. Acho que minha tia se recrimina demais. Naquela época, qualquer um agiria da mesma forma, ninguém se sairia melhor. Mas ela responde, entristecida: "Você não entende...".

Carregaram Yang Lin para cima do tablado, retiraram o pé que pisava as costas da minha tia. Puxaram-na para cima e a colocaram ao lado de Yang Lin, de cabeça baixa, o corpo curvado para a frente e os braços esticados para trás, como o caça J-5 que Wang Xiaoti pilotava. Fiquei olhando para aquele cabeção liso de Yang Lin. Seis meses antes, esse homem ainda era inacessível como um deus, torcíamos para que ele se casasse com a tia, apesar de ser vinte anos mais velho que ela, embora ela fosse substituir sua esposa falecida. Ele era secretário do Partido no distrito, um funcionário de alto nível que ganhava mais de cem iuanes por mês, uma grande autoridade que visitava as aldeias num jipe verde-oliva, seguido por assessores e guarda-costas! Muitos anos depois, minha tia contou que na verdade só o tinha visto uma vez. Não gostou de sua barriga, grande como a de uma grávida de oito meses, e odiou seu bafo de alho — no fundo ele era um caipira —, mas, mesmo assim, estava disposta a se casar com ele. “Por vocês, por esta família, eu me casaria com ele.” Segundo ela, no dia seguinte a seu encontro com Yang Lin na vila, o secretário da comuna, Qin Shan, foi fazer uma inspeção no hospital. Acompanhado do diretor, ele foi à seção de ginecologia e obstetrícia, cheio de sorrisos e lisonjas, um verdadeiro lacaio. Antes disso, Qin Shan era só presunção e empáfia, mas num piscar de olhos estava transformado, minha tia ficou muito impressionada. “Também por causa desses esnobes, eu me casaria com ele”, disse minha tia, “se não fosse a Revolução Cultural...”

Uma guarda vermelha atarracada subiu ao tablado com dois sapatos velhos na mão. Pendurou um no pescoço de Yang Lin, outro no da minha tia. Minha tia disse depois que até podia suportar ser chamada de contrarrevolucionária, espiã, mas não tolerava, em hipótese alguma, o tratamento de “sapato velho”, ou “vadia”. Isso não tinha o menor fundamento, era uma humilhação atroz. Ela tirou imediatamente o sapato do pescoço e o jogou com força para longe

de si. O sapato velho, como se tivesse olhos, pousou bem na frente de Huang Qiuya.

A guarda vermelha deu um salto e agarrou minha tia pelos cabelos, puxava-a para baixo com força. Minha tia forçou a cabeça para cima e ficou num cabo de guerra com a moça. “Tia, abaixe a cabeça senão ela vai arrancar seu cabelo junto com o couro! Essa gorda tem pelo menos cinquenta quilos e já está pendurada no seu corpo, agarrada ao seu cabelo.” Minha tia sacudiu a cabeça bruscamente, como um cavalo bravo que balança a crina — a moça caiu no chão com duas mechas de cabelo nas mãos. O sangue escorria pela cabeça de minha tia — ainda hoje dá para ver duas cicatrizes do tamanho de uma moeda — até a testa e as orelhas. Mas seu corpo se manteve ereto. A plateia estava em total silêncio, um burro que puxava uma carroça esticou o pescoço e zurrou bem alto. Não ouvir o choro da minha mãe me deixava angustiado.

Nesse momento, Huang Qiuya pegou o sapato caído na frente dela e subiu trotando no tablado. Acho que ela não sabia o que tinha acontecido lá em cima, se soubesse, jamais faria isso. Ela congelou ao ver a cena. Jogou o sapato no chão, murmurou alguma coisa e bateu em retirada. Lábio Superior entrou em cena a passos largos, gritava com voz severa: “Wan Coração, quanta agressividade!”. Ele meneou o braço, tentou ele mesmo puxar slogans, com a intenção de mobilizar o público e sair do impasse, mas ninguém o seguiu. A garota gorda jogou os tufo de cabelo no chão, como se largasse duas cobras, abriu o berreiro e desceu do tablado aos tropeços.

“Parada aí!”, ordenou Lábio Superior a Huang Qiuya, que descia do tablado de costas. Apontando para o sapato no chão, ele disse: “Você, você vai pendurar isso nela!”.

O sangue escorria pela orelha da minha tia até o pescoço, atravessava a sobrancelha e pingava no olho. Ela levantou a mão para limpar o rosto.

Huang Qiuya pegou do chão o sapato gasto e caminhou trêmula até minha tia. Assim que levantou a cabeça e viu o rosto dela, soltou um grito esquisito e caiu para trás, babando.

Alguns guardas vermelhos subiram e arrastaram-na para baixo como quem arrasta um cachorro morto.

Xiao Lábio Superior agarrou Yang Lin pelo colarinho e levantou-o, para que ele endireitasse a cintura.

Yang Lin tinha os dois braços caídos, as pernas dobradas e o corpo amolecido. Se Lábio Superior o soltasse, cairia no tablado.

“Wan Coração teima em resistir, está num beco sem saída!”, disse Xiao Lábio Superior. Se ela não quer confessar, confesse você. Haverá clemência para quem confessar e rigor para quem resistir! Confesse, vocês já cometeram adultério?”

Yang Lin ficou em silêncio.

Lábio Superior acenou, um homem parrudo subiu e, com as mãos, aplicou mais de uma dúzia de bofetadas em Yang Lin. O som era tão nítido que alcançava o topo das árvores. Umas coisas brancas saltaram e caíram no tablado. Acho que eram dentes. O corpo de Yang Lin balançava, visivelmente a ponto de cair. O homem parrudo o segurou pelo colarinho.

“Fale, cometeram ou não?!”

“Sim...”

“Quantas vezes?”

“Uma vez...”

“Fale a verdade!”

“Duas vezes...”

“Não está dizendo a verdade!”

“Três... Quatro... Dez... Muitas vezes... Nem me lembro mais...”

Minha tia soltou um guincho de arrepiar os ossos e pulou sobre Yang Lin, como uma leoa atacando a presa. Yang Lin caiu paralisado no tablado. Minha tia arranhava o rosto dele desesperada... Só

depois de muito esforço alguns brigadistas corpulentos conseguiram tirá-la de cima dele.

Nesse momento, ouviu-se um estalido estranho na lagoa, a camada de gelo rachou e cedeu, muitas pessoas caíram na água gelada.

* Movimento estudantil de protesto contra as cláusulas do Tratado de Versalhes.

PARTE II

Prezado sr. Yoshihito Sugitani,

Sinto-me emocionado e com certo peso na consciência por ter feito o senhor despender tanto do seu precioso tempo e paciência para ler toda aquela longa carta — escrita aqui e ali ao longo de dois meses e enviada em um pacote a fim de poupar dinheiro — e ainda me brindar com tantos elogios e incentivos.

O que me deixou mais profundamente emocionado foi saber que o comandante Sugitani estacionado em Pingdu durante a Guerra de Agressão Japonesa à China que mencionei em minha carta era seu pai. Assim, em nome do seu falecido pai, o senhor pede o perdão a minha tia, a minha família e à população de minha cidade natal. A sua honestidade em face da história e a sua coragem de assumir responsabilidades nos deixam profundamente tocados. Na verdade, também o senhor é uma vítima da guerra. Conforme relata em sua carta, o senhor e sua mãe viviam aterrorizados naquele período, e na miséria depois dele. Também seu pai foi uma vítima. Se não houvesse essa guerra, como o senhor disse, ele teria uma carreira promissora como cirurgião. A guerra mudou seu destino e sua natureza, transformou o salvador de vidas em matador de gente.

Li sua carta para minha tia, meu pai e muitas pessoas daqui que também viveram a guerra. Terminada a leitura, todos tinham

lágrimas nos olhos e suspiravam sem parar. Quando seu pai estava em Pingdu, o senhor era uma criança de quatro ou cinco anos de idade, nada o obriga a assumir a culpa pelos crimes da geração de seu pai, mesmo assim o senhor a assume. Corajosamente, o senhor coloca esse fardo sobre seus ombros e se dispõe a redimir, com os próprios esforços, os crimes daquela geração. Embora sua atitude nos aperte o coração, sabemos que tem um valor incalculável. São atitudes como essa que mais fazem falta no mundo de hoje. Se todos pudessem refletir com tamanha lucidez sobre a história, sobre si mesmos, muito da estupidez humana poderia ser evitado.

Minha tia, meu pai e meus conterrâneos reiteram que, se quiser nos visitar outra vez, o senhor será muito bem-vindo. Minha tia promete acompanhá-lo em uma visita a Pingdu. Ela me disse ainda, em particular, que não guardou má impressão do seu estimado pai. Entre os oficiais do exército invasor, de fato houve muitos como os retratados nos filmes chineses: cruéis, brutais, desumanos. Mas também houve aqueles como seu estimado pai, de modos refinados e gentis. A avaliação que minha tia faz do seu estimado pai é a seguinte: Uma pessoa não muito má em meio a um bando de gente má.

Voltei a Gaomi no início de junho e já estou aqui há mais de um mês, nesse tempo, fiz algumas pesquisas sociais a fim de me preparar para escrever aquela peça inspirada em minha tia. Além disso, como me pediu, continuarei a relatar a história de minha tia por meio de cartas. Também atendendo a seu pedido, farei o possível para incluir, nesta carta, mais episódios da minha experiência pessoal.

Minha tia e meu pai mandam saudações ao senhor e a sua família!

Seja bem-vindo a nossa aldeia!

Girino
Gaomi, julho de 2003

1.

Professor, eu me casei no dia 7 de julho de 1979. Minha noiva, Wang Renmei, foi minha colega na escola primária. Wang Renmei, assim como eu, tinha umas pernas compridas de grou-da-manchúria. Sempre que eu via aqueles cambitos, meu coração pulava descompassado. Certa vez, quando tinha dezoito anos de idade, eu fui buscar água e a encontrei junto ao poço. Seu balde havia caído no fundo e ela andava em círculos, aflita. Ajoelhei-me na beirada para ajudá-la a recuperar o balde. Eu estava com sorte naquele dia, porque logo consegui puxar o balde para cima. Ela me elogiou, dizendo: "Ei, Corre Corre, você é mesmo especialista em salvamento de baldes!". Naquela altura, ela era professora substituta de educação física numa escola primária. Tinha estatura alta, pescoço esguio, cabeça relativamente pequena e duas tranças curtas na nuca. "Wang Renmei", gaguejei, "quero te contar uma coisa." "O que é?", perguntou ela. E eu disse: "Sabia que Wang Vesícula e Chen Nariz estão juntos?". Ela ficou sem ação por um momento e logo desatou a rir. "Corre Corre", disse ela rindo, "o que você está dizendo é a mais pura bobagem. Wang Vesícula é tão pequenina e Chen Nariz é grande como um cavalo importado, como é que podem estar juntos os dois?" Depois, pareceu pensar em alguma coisa, seu rosto ficou todo vermelho e ela se dobrou de tanto rir. Eu disse a ela, sério: "Não estou mentindo, se estiver mentindo quero me

transformar em cachorro agora! Vi com meus próprios olhos”. “O que você viu?”, ela perguntou. Abaixei a voz: “Vou te contar, mas não espalhe — ontem à noite, quando passava pelo campo de debulha depois de sair da sala de registro de pontos de trabalho, ouvi sussurros vindos de trás de um monte de palha. Me aproximei bem devagar e estiquei o ouvido, eram Chen Nariz e Wang Vesícula conversando intimidades. Ouvi Wang Vesícula dizer: ‘Chen Nariz, não se preocupe, posso ser pequenininha mas não me falta nada no corpo, com certeza vou te dar um filho bem grande’”. Wang Renmei se dobrou de rir mais uma vez. “Está me ouvindo ou não?”, eu disse. “Estou sim”, respondeu ela, “fale logo, e depois? O que fizeram depois?” Eu contei: “Depois, acho que os dois se beijaram na boca.” “Mentira”, disse Wang Renmei, “como é que se beijaram?” Eu disse: “Acha que eu ia mentir para você? Como é que se beijaram? Claro que têm lá o seu jeito de beijar! Chen Nariz abraça Wang Vesícula como quem abraça uma criança, e beija como bem entende, ora!”. Wang Renmei enrubesceu novamente e disse: “Corre Corre, você é um tremendo sem-vergonha! E aquele Chen Nariz é outro sem-vergonha!”. “Wang Renmei”, eu disse, “até o Nariz e a Vesícula estão namorando, será que nós dois não podemos namorar também?” Ela congelou por um momento, de repente, sorriu e disse: “Por que é que iríamos namorar?”. “Você tem pernas compridas”, respondi, “e eu também. Minha tia disse que se nós dois nos casarmos e tivermos um filho, ele com certeza vai ter pernas compridas. Daí podemos treinar nosso filho para ser campeão mundial.” Wang Renmei disse, rindo: “Sua tia é muito engraçada! Além de vasectomia, ela também cuida de arranjar os casais!”. Wang Renmei foi embora carregando seus baldes numa barra sobre o ombro. Ia a passos largos, a barra balançando, os dois baldes chacoalhando para cima e para baixo, prontos para voar. Mais tarde, alistei-me no Exército e deixei a aldeia. Anos depois, soube que ela estava de

casamento marcado com Xiao Lábio Inferior. Ele era professor substituto de língua e literatura no Liceu Agrícola. Escreveu um texto intitulado "Ode ao carvão", que foi publicado no suplemento do *Diário das Massas*, e causou sensação em nossa aldeia. A notícia me entristeceu. Nós que comemos carvão não escrevemos nenhuma "Ode ao carvão", Xiao Lábio Inferior não comeu carvão, mas escreveu uma "Ode ao carvão". Wang Renmei parecia ter feito a escolha certa.

Quando Xiao Lábio Inferior entrou na universidade, o pai dele soltou três mil rojões pelas ruas e ainda pagou para a equipe de cinema vir, montar a tela na quadra da escola e passar filmes por três noites consecutivas. Estava cheio de si, era a presunção em pessoa.

Naquela altura, eu acabara de voltar da "Guerra de Autodefesa e Contra-Ataque ao Vietnã", condecorado com a ordem do mérito militar de terceira classe e promovido a tenente do Exército. Muita gente me procurou para falar de casamento. Minha tia disse: "Corre Corre, vou te apresentar uma boa moça, para te deixar contente". Minha mãe perguntou: "Quem?". "Minha aluna, a Leoazinha", respondeu minha tia. "Mas ela já não passou dos trinta?", perguntou minha mãe. "Tem exatamente trinta", disse minha tia. "Mas Corre Corre tem só vinte e seis!", disse minha mãe. "É bom que seja um pouquinho mais velha", disse minha tia, "vai saber cuidar bem dele." "Leoazinha é muito boa moça", respondi, "mas Wang Fígado gosta dela há mais de uma década, não posso roubar o amor de um amigo." A tia disse: "Wang Fígado? Aquele ali é um sapo que sonha comer cisne! Leoazinha vai se casar com qualquer um, menos com ele! Quando é dia de feira, o pai dele aparece lá no hospital, de espinha encurvada, apoiado numa bengala, vai lá criar caso e arruinar minha reputação, e isso há quantos anos? Ele já me extorquiou pelo menos oitocentos iuanes em 'auxílio-alimentação'."

Minha mãe disse: “Esse Wang Pé é meio fingido mesmo”. Minha tia retrucou furiosa: “Meio?! Não tem nada de meio! É um fingido completo! Pega meu dinheiro e vai correndo para a feira comer carne e encher a cara. Quando está bêbado, sai por aí aprontando das suas com a coluna bem retinha. Agora me diga, por que é que eu só topo com trastes como ele nessa minha vida? E ainda tem aquele filho da puta do Xiao Lábio Superior, por pouco não me matou durante a Revolução Cultural, e agora vive de sombra e água fresca, se abanando com seu leque como um digno senhor de família. Ouvi dizer que o filho dele entrou para a universidade! Diz o ditado que os bons serão recompensados e os maus serão punidos, mas isto o que é? Os bons estão aí sem recompensa, os maus vivem de sombra e água fresca!”. Minha mãe ponderou: “Cada um colhe o que planta, só que a hora ainda não chegou”. Minha tia disse: “Mas então quando vai chegar? Já estou de cabeça branca!”.

Depois que minha tia saiu, minha mãe suspirou: “Sua tia teve uma vida muito difícil”. Perguntei: “É verdade que Yang Lin ainda veio procurá-la depois?”. Minha mãe disse: “Segundo sua tia, ele veio mesmo procurar por ela. Parece que virou comissário regional, chegou de carro oficial. Desculpou-se com sua tia e disse que queria se casar com ela, para compensar os erros cometidos na Revolução Cultural. Mas ela não quis nem saber”.

Enquanto lamentávamos a sina da minha tia, Wang Renmei entrou apressada. “Tia”, disse ela a minha mãe, “ouvi dizer que Corre Corre anda procurando uma esposa, o que acha de mim?” “Filha, você não está comprometida?”, minha mãe perguntou. “Não tenho mais nada com ele.” “Entrou para a universidade e largou da mulher, é um Chen Shimei* mesmo!”, esbravejou minha mãe. “Tia, não foi ele que me largou, eu é que quis terminar”, disse Wang Renmei. “O que há de tão especial em entrar para a universidade? E ainda soltou rojões, e passou filmes, é arrogância demais. Prefiro

Corre Corre, que virou oficial do Exército, mas não disse um 'a'. Mal voltou para casa e já foi trabalhar na lavoura." "Filha, nosso Corre Corre não é par para você", disse minha mãe. "Tia, quanto a isso, o que a senhora diz não conta, é preciso perguntar a seu filho. Corre Corre, vou ser sua esposa, vamos criar um campeão do mundo, quer?" "Quero!", eu disse cravando os olhos em suas pernas.

* Personagem da Ópera de Pequim que, depois de passar em primeiro lugar no concurso público imperial, abandona a esposa para se casar com a filha do imperador. Sinônimo de homem que abandona a mulher à própria sorte quando alcança melhor posição social.

2.

O dia do meu casamento amanheceu encoberto. As nuvens escuras formavam uma capa densa, os trovões ribombavam. Quando os trovões pararam, caiu um pé-d'água.

Minha mãe resmungou: "E Yuan Bochecha ainda disse que escolheu para você uma data auspiciosa, agora olhe só para este dilúvio!".

Passava das dez da manhã quando Wang Renmei chegou a minha casa. Veio debaixo de chuva, acompanhada de duas primas. Pelas capas de chuva que usavam, até parecia que estavam indo inspecionar a barragem para prevenir inundações. Com uma lona plástica, montamos uma barraca no pátio e improvisamos um fogão ali, agachei-me para avivar as chamas com um fole e ferver água. Meu primo Cinco Sentidos provocou: "Herói de guerra, a noiva já entrou e você continua agachado aí fervendo água?". "Então venha você fazer isso", eu disse. "Sua mãe já me mandou soltar fogos", respondeu ele, "e soltar fogos num dia de chuva é algo que requer técnica." Minha mãe apareceu na porta e gritou: "Cinco Sentidos! Pare de enrolar e vá logo!". Cinco Sentidos tirou do peito um cordão de panchões embrulhado num plástico, acendeu o pavio, dispensou o cabo e segurou uma ponta do cordão com a mão. Inclinou o corpo enquanto mantinha o guarda-chuva sobre a cabeça e deixou que estalasse. Por causa da chuva, a fumaça envolveu meu primo em

vez de se dispersar. As crianças que estavam ali para assistir ao espetáculo, mais ensopadas que um frango na canja, começaram a bater as mãos e os pés, gritando: "Cinco Sentidos está com a cabeça cheia de fumaça...". "O que esses pirralhos estão gritando agora?", resmungou minha mãe.

Segundo o costume, a noiva deve entrar na casa do noivo sem dizer uma palavra, passar pela sala principal, ir até o quarto nupcial e sentar-se sobre o *kang* com as pernas de lado, é o que se chama de "entronização". Mas Wang Renmei, assim que chegou, ficou no pátio vendo o espetáculo pirotécnico de Cinco Sentidos. Ele estava com a cara preta de fumaça, parecia ter saído de dentro de um fogão à lenha. Wang Renmei caiu na gargalhada. Suas duas primas que faziam as vezes de damas de honra discretamente puxaram a manga do seu vestido para lembrá-la do protocolo, mas ela não deu a mínima atenção. Calçava sandálias de salto, feitas de plástico, que a deixavam parecendo uma árvore, de tão alta. Cinco Sentidos a olhou de cima a baixo e disse: "Cunhada, quem quiser te beijar vai precisar de uma escada!". "Cinco Sentidos, cale essa boca!", ralhou minha mãe. Wang Renmei falou: "Cinco Sentidos, deixe de ser retardado! Até a Wang Vesícula beija o Chen Nariz sem precisar de escada!". Vendo a noiva tagarelar com meu primo no pátio, as tias convidadas teciam comentários ao pé do ouvido. Pulei para fora da barraca segurando uma pá de carvão na mão. As crianças começaram a bater as mãos e os pés: "O herói apareceu! O herói apareceu!".

Eu estava de farda nova, medalha no peito, o rosto coberto de carvão e uma pá numa das mãos, não era nem carne nem peixe. Wang Renmei se dobrava de tanto rir. No íntimo, eu estava numa completa confusão, não sabia se ria ou chorava. Essa Wan Renmei parecia não bater muito bem. Minha mãe gritou: "Leve-a para o quarto logo!". Eu disse a ela, cheio de ironia: "Vá para o quarto

nupcial por gentileza, minha senhora”. Wang Renmei respondeu: “Está muito abafado lá dentro, aqui fora está fresco”. As crianças entoaram, batendo as mãos e os pés: “Ó...Ó...Ó...”. Fui buscar um punhado de doces dentro de casa, levei até a porta de entrada e espalhei na ruazinha da frente. As crianças caíram em cima como um enxame de abelhas e ficaram disputando os doces na lama. Peguei Wang Renmei pelo pulso e a arrastei até o quarto. A porta era baixa e ela, tum!, bateu a testa. “Ai”, gritou, “mãe do céu, acho que quebrei a cabeça!” As tias convidadas se sacudiam de tanto rir.

A casa era pequena, havia tanta gente lá dentro que não dava nem para mexer a bunda. As três tiraram as capas de chuva, estavam pingando, não tinha onde pendurar, a não ser por cima da porta. O chão já estava molhado mesmo, cada pé que ali entrava trazia mais barro ou água, e se misturava, e se remexia, e o lamaçal estava formado. O quarto era pequeno, o *kang* não media nem dois metros de comprimento, na cabeceira estava o enxoval de Wang Renmei: quatro edredons novos, dois acolchoados, dois cobertores de lã, dois travesseiros, formavam uma pilha que quase alcançava o forro de papel do teto. Mal encostou o traseiro no *kang*, Wang Renmei gritou: “Ai, que *kang* é esse pelo amor da minha mãe? Isto é uma chapa quente!”.

Minha mãe explodiu, batia com a bengala no chão, dizendo: “E mesmo que for chapa quente, quero ver você sentar nele para queimar essa sua bunda!”.

Wang Renmei deu outra risada, e me falou em voz baixa: “Corre Corre, sua mãe é engraçada. Se eu queimar minha bunda, como é que vou dar à luz um campeão mundial?”.

Eu estava louco de raiva, mas não convinha sair do sério numa data auspiciosa, estiquei a mão e toquei a esteira do *kang*, de fato estava bem quente. Como iríamos receber muita gente, todas as tias possíveis tinham sido convidadas, os dois fogões da casa arderam

sem parar, assaram pão de vapor, fritaram legumes, cozinharam macarrão. Em consequência, a esteira sobre o *kang* estava a ponto de derreter. Tirei um edredom da pilha, dobrei-o em quadrado e coloquei num canto: "Sente-se por obséquio, minha senhora". Wang Renmei riu e disse: "Corre Corre, você é engraçado, cada vez que abre a boca fala 'minha senhora', por que não me chama do jeito que costumamos falar por aqui? Pode me chamar de 'mulher' ou de 'Renmei', como antes". Eu não sabia o que dizer, estava casado com uma pateta, o que mais poderia dizer? Ela nem mesmo percebeu que eu a chamava de "minha senhora" por pura ironia, para descontar a raiva que sentia. "Pois bem, mulher, Renmei, faça o favor de sentar no *kang*." Com a ajuda das duas primas, tirei seus sapatos, tirei suas meias de náilon ensopadas e a coloquei sobre o *kang*. Uma vez ali em cima, ela ficou de pé, a cabeça encostando no forro do teto. Nesse espaço baixo e estreito, ela parecia ainda mais alta. Aqueles dois cambitos de ave pernalta praticamente não tinham panturrilha. Os pés não eram pequenos, eram quase do tamanho dos meus. Ela ficava dando voltas descalça sobre aquele *kang* de menos de dois metros quadrados. Normalmente as damas de honra devem permanecer sentadas no leito com a noiva, mas Wang Renmei ocupava todo o espaço, restava às suas primas ficar uma em pé e a outra sentada na beirada do *kang*. Talvez para mostrar que era alta, pôs-se na ponta dos pés e tocou o teto com a cabeça. Parece ter achado graça nesse brinquedo, porque começou a saltitar na ponta dos pés, dando voltas sobre o *kang*, deixando a cabeça bater no teto, tum-tum. Minha mãe espichou a cabeça para dentro do quarto e disse: "Minha nora, se você quebrar esse *kang*, onde vai dormir esta noite?". E ela respondeu, sorrindo: "Se o *kang* quebrar, a gente dorme no chão!".

À noitinha minha tia chegou para jantar. Entrou pelo portão, gritando: "A excelentíssima senhora sua tia chegou! Como é que

ninguém vem me receber?”.

Saímos correndo para recebê-la. Minha mãe disse: “Com essa chuva, pensamos que não viria”.

Segurava um guarda-chuva de papel envernizado, arregaçara as calças e andava com os pés nus, os sapatos presos no sovaco.

“Essa chuva não é nada, não deixaria de vir nem que chovesse canivete!”, minha tia disse. “Meu sobrinho é um herói, como eu poderia faltar ao casamento de um herói?” Eu disse: “Tia, quem disse que sou herói? Sou militar de fogão, trabalhei na cozinha, nunca vi nem sombra do inimigo”.

“Quem trabalha na cozinha também é importante. As pessoas são ferro, a comida é aço. Se os soldados não estiverem bem alimentados”, disse a tia, “como vão conseguir romper as linhas inimigas? Rápido, sirvam-me a comida, ainda preciso voltar depois da janta, o rio está subindo, daqui a pouco encobre a ponte e eu não vou ter como passar.”

“Se não conseguir voltar, passe uns dias aqui conosco”, minha mãe disse, “faz tempo que não ouvimos suas histórias, esta noite vamos poder pôr o assunto em dia.”

“Não posso de jeito nenhum”, disse minha tia, “amanhã tenho reunião do Conselho Consultivo Político no distrito.”

“Corre Corre, sabia que sua tia agora é alta funcionária?”, minha mãe perguntou. “Virou membro do comitê permanente do Conselho Consultivo Político!”

“E isso lá é ser alta funcionária? Só me puseram ali para fazer número.”

Minha tia entrou no quarto do oeste, a parentada ali se agitou. Quem estava sentado no *kang* se levantou para lhe ceder lugar, espremendo-se onde podiam. “Fiquem nos seus lugares”, ela disse, “já estou de saída, só vim beliscar alguma coisa.”

Minha mãe mandou minha irmã servir alguma coisa para nossa tia, que levantou a tampa da panela e pegou um pãozinho. Como estava muito quente, jogou o pãozinho de uma mão para outra enquanto assoprava, sua boca fazia fuuu-fuuu. Partiu o pãozinho com as mãos, pegou umas pequenas porções da carne cozida, colocou entre os pedaços de pão e deu uma bela mordida. “Assim está bom”, disse ela mastigando as palavras junto com a comida, “nem precisa trazer prato, nem tigela, comer assim é que é bom, desde que entrei nessa carreira, nunca mais tive tempo de sentar para comer.”

Ainda com a boca cheia, minha tia disse: “Deixe-me ver o seu quarto nupcial”.

Como achava o *kang* quente demais, Wang Renmei estava sentada no parapeito da janela e lia uma revista em quadrinhos, aproveitando a luz que vinha lá de fora. Dava risadas enquanto lia.

“Minha tia está aqui!”, eu disse.

Wang Renmei pulou de onde estava e segurou a mão da minha tia: “Eu queria falar com a senhora e a senhora veio!”.

“O que é que queria falar comigo?”, minha tia perguntou.

Wang Renmei disse, abaixando a voz: “Dizem que a senhora tem aí um remédio para fazer nascer gêmeos”.

Minha tia fechou a cara e perguntou: “Quem te disse isso?”.

“Foi Wang Vesícula.”

“É conversa fiada!” Minha tia engasgou com o pãozinho, tossiu, ficou com o rosto vermelho, minha irmã trouxe meia tigelinha de água, ela bebeu, deu uns tapinhas no peito e disse com seriedade: “Esse remédio não existe, e mesmo que existisse, quem é que teria coragem de receitar?”.

“Wang Vesícula contou que lá em Chenjiazhuang tem uma mulher que tomou o remédio que a senhora receitou e teve um casal de gêmeos”, disse Wang Renmei.

A tia entregou a minha irmã o meio pãozinho que tinha na mão e disse: “Que raiva! Wang Vesícula, aquela peste! Tive o maior trabalho para tirar a criança da barriga daquela bostinha e ela ainda sai espalhando boatos a meu respeito sem um pingo de consideração. A próxima vez que a encontrar, vou arrancar a língua dela”.

“Tia, não se zangue”, falei enquanto chutava discretamente a canela de Wang Renmei. “Cala a boca!”, sussurrei.

Wang Renmei deu um grito exagerado: “Ai, mãe do céu, assim você me quebra a perna!”.

Minha mãe disse, irritada: “Perna de cachorro não quebra!”.

“Quebra sim, sogrinha!”, respondeu Wang Renmei. “O cachorro amarelo do meu tio quebrou a perna no ‘gato de ferro’ do Xiao Lábio Superior.”

Depois de se aposentar, Xiao Lábio Superior voltou para a aldeia e especializou-se em judiar dos animais. Arranjou uma espingarda para matar aves e saía atirando a torto e a direito, atirava em tudo que voava, não deixava escapar nem a pega, que é um pássaro da sorte para a gente da aldeia. Arranjou uma rede finíssima e foi pescar por aí, não deixou escapar nem os menores peixinhos. E ainda arranjou um “gato de ferro”, uma formidável mandíbula de metal — que ele escondia pelo bosque e nas sepulturas do campo para pegar texugo e doninha. O cachorro do tio de Wang Renmei pisou por acidente no tal “gato de ferro” e quebrou a perna.

À menção do nome de Xiao Lábio Superior, o rosto da minha tia se transformou. Ela rangeu os dentes: “Esse imprestável merecia ter sido fulminado por um punhado de raios há muito tempo, mas continua por aí, na vida mansa, comendo e bebendo do bom e do melhor, tem uma saúde de touro, parece que até Deus tem medo desse infeliz!”.

“Tia”, disse Wang Renmei, “Deus pode ter medo dele, mas eu não tenho, posso me vingar dele pela senhora!”

Minha tia se alegrou e riu. Quando terminou de rir, disse: “Sobrinha, me desculpe a franqueza, quando meu sobrinho me contou que iria se casar com você, fui contra, mas assim que soube que foi você que rompeu com o filho de Xiao Lábio Superior, concordei na hora. Eu disse muito bem, essa menina tem caráter! O que há de mais em entrar para a universidade? No futuro, nossos descendentes não vão apenas estudar numa universidade, vão estudar nas mais renomadas, como a Universidade de Pequim, a Tsinghua, Cambridge, Oxford. Não vão só se graduar, vão fazer mestrado e doutorado! Vão ser acadêmicos e cientistas. E, claro, ainda vão ser campeões mundiais!”

“Mas então, tia”, disse Wang Renmei, “a senhora precisa me receitar aquele remédio para ter gêmeos, vou gerar mais dois bons descendentes para a família Wan e matar Xiao Lábio Superior de raiva!”

“Mas será possível?! Dizem que te falta um parafuso, será que falta mesmo? Me enrolou esse tempo todo para me fazer cair de novo na sua conversa.” Minha tia disse, muito séria: “Vocês, jovens, devem escutar o Partido, seguir o Partido, não podem ficar pensando em burlar as regras. O planejamento familiar é uma política nacional básica, é assunto da mais alta relevância. O secretário comanda e o Partido todo colabora. Mostrar o caminho, mostrar o exemplo. Reforçar a pesquisa científica. Melhorar a técnica, implementar as medidas. É preciso perseverar no movimento das massas. Um filho por casal é uma política forjada em ferro, não vai mudar nos próximos cinquenta anos. Se não controlarmos o crescimento populacional, nosso país está acabado. Corre Corre, você é membro do Partido, é um militar revolucionário, tem a obrigação de servir de exemplo aos demais”.

“Tia, a senhora me dá o remédio sem ninguém ver, eu tomo e ninguém fica sabendo”, disse Wang Renmei.

“Mas esta moça tem mesmo um parafuso a menos. Eu já disse e vou repetir: esse remédio não existe! E mesmo que existisse, eu não poderia dar a você! Sou membro do Partido, membro do Conselho Consultivo Político, vice-diretora do Grupo Dirigente de Planejamento Familiar, como é que eu poderia ser a primeira a infringir a lei? Posso ter sofrido algumas injustiças, mas uma coisa é certa: sou comunista de coração, isso não vai mudar nunca. Sou do Partido enquanto viver, serei do Partido depois de morrer. Para onde o Partido aponta, eu vou. Corre Corre, sua mulher é estúpida, não tem um pingão de discernimento, você deve estar consciente dessa situação e não fazer besteira. Agora me deram um novo apelido: ‘Rainha do Inferno’. Fiquei lisonjeada! Sua tia faz de tudo por aquelas que querem ter um filho conforme o planejamento familiar, queimo incenso, faço abluções. Mas quanto àquelas que engravidam fora do planejamento”, minha tia cortou o ar com a mão num movimento brusco, “ninguém me escapa!”

3.

Dois anos mais tarde, no dia 23 do décimo segundo mês lunar, dia de despedida do Deus do Fogão,* nasceu minha filha. Meu primo Cinco Sentidos foi nos buscar de microtrator no posto de saúde da comuna. Na saída, minha tia disse: "Coloquei um dispositivo intrauterino na sua esposa". Wang Renmei levantou o cachecol que lhe cobria a cabeça e disse, irritada: "Por que fez isso sem me perguntar?". A tia pôs o cachecol no lugar: "Cubra-se, não tome vento. Colocar esse dispositivo após o parto é uma ordem expressa da Comissão de Planejamento Familiar. Se o seu marido fosse camponês e você tivesse uma menina na primeira gravidez, poderia esperar oito anos para tirar o dispositivo e engravidar outra vez, mas você se casou com meu sobrinho, que é oficial do Exército. Os militares têm regras muito mais rigorosas do que os civis: para eles, ter um filho fora do planejamento significa perder tudo, voltar para casa e trabalhar na lavoura. Por isso, você não pode mais pensar em ter filhos. É o preço a pagar por ser esposa de militar".

Wang Renmei chorou, desconsolada.

Segurando a criança firmemente envolta num agasalho, pulei no trator e disse a Cinco Sentidos: "Vamos!".

O trator corria pela estradinha esburacada cuspidando fumaça preta. Wang Renmei ia deitada no reboque, embaixo de um cobertor, embalada pelos solavancos. Seu choro ziguezagueava. "Por que fez

isso sem me perguntar... Por que me colocou essa coisa... Por que não me deixam ter outra criança, por quê...”

Eu disse, impaciente: “Pare de chorar! É uma política nacional!”. Ela chorou ainda mais alto, pôs a cabeça para fora do cobertor — estava com o rosto pálido, os lábios escurecidos, uns ramos de palha no cabelo. “Nacional coisa nenhuma, é tudo invenção da sua tia. Lá no Distrito Jiao não tem esse rigor todo, sua tia só faz isso porque quer ser promovida, não é à toa que falam mal dela...”

“Cale a boca”, eu disse, “se tiver algo a dizer, deixe para dizer em casa, se for berrando desse jeito o caminho todo vão rir de você, não tem vergonha?”

Num movimento repentino, ela tirou o cobertor e sentou-se, os olhos arregalados: “Quem está rindo de mim? Quem tem coragem de rir de mim?”.

Bicicletas passavam por nós a todo instante. O vento norte soprava com força, a geada forrava o chão, o sol nascia vermelho, o hálito quente que saía de nossa boca logo se convertia em flocos de gelo nas sobrancelhas e nos cílios. Fiquei com dó ao ver Wang Renmei de lábios pálidos e rachados pelo ar seco, os cabelos despenteados, o olhar perdido, então disse algo afetuoso para consolá-la: “Tudo bem, tudo bem, não tem ninguém rindo de você, deite-se logo embaixo desse cobertor, adoecer no mês de resguardo não é brincadeira”.

“Não tenho medo disso! Sou como um pinheiro no cume do monte Tai, imune aos rigores do inverno, inabalável perante a nevasca, em meu seio arde o sol nascente!”

Esbocei um sorriso forçado e disse: “Sei que pode tudo, você é uma heroína! Mas não quer ter outro filho? Se ficar mal de saúde, como é que vai engravidar de novo?”.

Seus olhos faiscaram e ela falou, animada: “Você está prometendo um segundo filho? Foi você mesmo que disse! Ouviu isso, Cinco

Sentidos? Você é minha testemunha!”.

“Sou testemunha, sim!”, respondeu Cinco Sentidos numa voz abafada.

Ela se deitou, obediente, puxou o cobertor e cobriu a cabeça bruscamente, suas palavras continuaram vindo lá debaixo: “Corre Corre, não vá faltar com sua palavra, se faltar com sua palavra eu acabo com você”.

Quando o trator chegou à entrada da aldeia, dois homens discutiam no meio da ponte, bloqueando nosso caminho.

Um deles era meu colega do ensino primário, Yuan Bochecha, o outro era o artesão de bonecos de barro, Hao Mão Grande.

Hao Mão Grande agarrava o pulso de Yuan Bochecha.

“Me solta! Solta!”, gritava Yuan Bochecha, tentando se esquivar.

Por mais que tentasse, de nada adiantava.

Cinco Sentidos saltou do trator, aproximou-se deles e disse: “O que é que está acontecendo aqui? O dia ainda nem clareou, para que essa briga toda?”.

Yuan Bochecha falou: “Chegou na hora certa, Cinco Sentidos, você vai dizer quem tem razão. Ele ia empurrando o carro na frente, eu vinha de bicicleta atrás. Ele ia pela esquerda e eu queria ultrapassar pela direita. Mas, quando estava bem atrás dele, ele deu uma guinada para a direita, sem mais nem menos. Sorte minha que eu reagi rápido, soltei o guidão e pulei na ponte, não fosse isso, teria ido parar lá embaixo junto com a bicicleta. Quem cair dessa altura, num frio desses, se não morrer fica aleijado. Mas o tio Hao está me culpando de ter jogado o carrinho dele para baixo da ponte”.

Hao Mão Grande não contestou, apenas continuou apertando com firmeza o pulso de Yuan Bochecha.

Saltei da carreta com minha filha no colo. Assim que meu pé tocou o chão, senti uma dor lancinante. Estava mesmo muito frio naquela manhã.

Fui mancando até a ponte. Vi ali um monte de bonecas de argila coloridas, umas quebradas, outras intactas. De um lado, sobre o rio congelado, jazia uma bicicleta surrada, com uma bandeirinha amarela embolada na lateral. Sabia que nela estavam bordadas as palavras "Pequeno Semideus". Desde criança ele já era meio esquisito, depois de grande, continuou fora dos padrões. Ele não só conseguia retirar um prego do estômago de uma vaca usando um ímã, como sabia castrar porcos e cães. E ainda era versado nas artes divinatórias tradicionais, como *feng shui* e *pa-kuá*. Alguém o chamou, por brincadeira, de "Pequeno Semideus", e ele adotou o apelido. Cortou um pano amarelo-damasco e fez uma bandeira bordada onde se lia PEQUENO SEMIDEUS, que amarrou na garupa da bicicleta. A cada pedalada, a bandeirola farfalhava. Na feira, montava a barraca, espetava ali a bandeirinha e, quem diria, seu negócio prosperava.

Enviesado sobre o gelo, do outro lado da ponte, havia um carrinho de mão feito de madeira. Uma das barras de condução se quebrara. Os cestos de vime que ficavam de ambos os lados estavam destruídos e dezenas de bonecos se espalhavam pelo gelo, a maioria em pedaços, uns poucos talvez inteiros. Hao Mão Grande era genioso, mas também sabia ser admirável. Tinha umas mãos enormes e habilidosas. Segurava um pedaço de argila enquanto mantinha os olhos fixos em você, daí a pouco, mexendo aqui e ali, moldava nela seu retrato fiel. Nem durante a Revolução Cultural ele parou de fazer seus bonequinhos. O avô já fazia isso. O pai também. Na geração dele, a técnica se aprimorou. Ele vivia de produzir e vender bonequinhos de argila, era seu ganha-pão. Mas não era só isso, ele até que poderia produzir cachorros, macacos, tigres e outros brinquedos de técnica simples e de muita demanda, dessas coisas com que a criançada gosta de brincar. Os artesãos de argila produzem acima de tudo para as crianças, já que os adultos só vão

desembolsar dinheiro para comprar algo que agrada a elas. Só que Hao Mão grande só fazia figuras humanas. A casa dele tinha cinco cômodos no eixo central e quatro nas laterais, e ainda um barracão improvisado no pátio. A casa e o barracão estavam cheios de bonecos, alguns prontos, de rosto colorido e olhos pintados, outros ainda inacabados, esperando a pintura. No seu *kang*, exceto o espaço onde ele se deitava, tudo o mais estava coberto de fileiras e fileiras de bonequinhos. Ele já passava dos quarenta anos, tinha o rosto corado, cabelos grisalhos, uma trança na nuca. A barba também era grisalha. Nas aldeias vizinhas, também faziam bonecos de argila, mas usavam moldes, as peças eram todas idênticas. As dele eram moldadas à mão, cada uma de um jeito, não havia duas iguais. Dizem que todas as crianças da nossa aldeia lhe serviram de modelo. Dizem que cada pessoa da aldeia acha em algum daqueles bonecos o rosto de sua infância. Dizem que ele não vai à feira vender seu trabalho enquanto ainda tiver o que comer em casa. Vende com lágrimas nos olhos, como se fosse o próprio filho. Ver tantos de seus bonecos em pedaços certamente lhe doeu muito. Dava para entender por que ele não soltava o pulso de Yuan Bochecha.

Caminhei até eles com minha filha no colo. Já era militar havia tempo suficiente para não me sentir nem um pouco natural à paisana. Por isso vesti uma farda até mesmo para acompanhar Wang Renmei ao hospital quando ela foi dar à luz. A imagem de um jovem oficial com um recém-nascido no colo tem uma força considerável. Eu disse: "Tio, solte Yuan Bochecha, ele com certeza não fez de propósito".

"Isso mesmo, tio, não foi de propósito, não mesmo." Yuan Bochecha falou com voz de choro: "Deixe passar dessa vez. Vou mandar alguém consertar seu carrinho e seus cestos; e vou pagar pelos bonecos quebrados".

“Por mim”, eu disse, “por minha filha e por minha mulher, deixe-o ir, e nos deixe passar pela ponte.”

Wang Renmei esticou-se na carreta e gritou: “Tio Hao, faça dois bonequinhos para mim, dois meninos iguaizinhos”.

Diziam na aldeia que quem comprasse um boneco de Hao Mão Grande, amarrasse com um cordão vermelho, pendurasse pelo pescoço na cabeceira do *kang* e lhe fizesse oferendas teria um filho bem parecido com ele. Mas Hao não deixava escolher. Os artesãos das aldeias vizinhas expunham uma grande quantidade no chão e deixavam os clientes escolherem à vontade. Os bonecos de Hao Mão Grande ficavam dentro do cesto, cobertos por um pano grosso, quando alguém ia comprar, ele examinava o cliente detidamente, depois enfiava a mão no cesto, tateava e tirava um boneco. O que ele tirasse era o que o cliente levaria. Tinha gente que reclamava que era feio. Mas ele não trocava de jeito nenhum e punha um sorriso amargurado no canto da boca. Ficava em silêncio, mas era como se você o ouvisse dizer: “Por acaso algum pai reclama que seu filho é feio?”. Assim, o cliente examinava com mais atenção o bonequinho que acabara de receber e, aos poucos, se afeiçoava a ele. Aquele boneco ia ganhando vida, como se tivesse alma. Ele nunca dizia o preço. Se não lhe dessem nada, não iria cobrar. Se lhe dessem algum dinheiro, qualquer quantia, não diria uma única palavra de agradecimento. As pessoas aos poucos começaram a acreditar que comprar um boneco daqueles era como encomendar do artesão uma criança de verdade. E quanto mais se falava nisso, mais surreal ficava a história. Diziam que, se te desse uma menina, você com toda a certeza teria uma menina. Se te desse um menino, com toda a certeza teria um menino. Se te desse dois, sem dúvida seriam gêmeos. Era algum acordo sobrenatural. Se revelasse a alguém, perderia o efeito. Minha mulher, desmiolada como era, foi a única a lhe pedir dois meninos em alto e bom som. Quando ficamos

sabendo da lenda das bonecas de Hao Mão Grande, Wang Renmei já estava grávida. E a encomenda só funcionaria se fosse feita antes da gravidez.

Em consideração a mim, Hao Mão Grande soltou Yuan Bochecha. Este massageou o pulso e disse com cara de choro: “Hoje não é meu dia de sorte, assim que saí de casa, vi uma cadela mijando no meu caminho, e o mau agouro de fato se cumpriu”.

Hao Mão Grande se abaixou, recolheu os cacos de argila e colocou no bolso. Pôs-se de um lado da ponte para nos deixar passar. Tinha flocos de gelo na barba e uma expressão solene no rosto.

“Menino ou menina?”, me perguntou Yuan Bochecha.

“Menina.”

“Não se preocupe, da próxima vez será um menino.”

“Não vai ter próxima vez.”

“Deixe estar”, segredou Yuan piscando para mim, “vou dar um jeito quando chegar a hora.”

* Data em que, segundo a tradição chinesa, a divindade que habita o fogão de cada lar sobe ao céu para relatar ao imperador celestial o comportamento da família ao longo do último ano. É celebrada sete dias antes do Ano-Novo lunar.

4.

Minha filha completou nove dias no primeiro dia do ano do Cachorro. Segundo o costume camponês, esta é uma comemoração importante, que reúne todos os parentes e amigos. Na véspera, chamei Cinco Sentidos e Yuan Bochecha para me ajudar a pegar emprestado mesas e cadeiras, bules de chá, louças e talheres. Contei por alto uns cinquenta convidados, homens e mulheres. Colocaríamos duas mesas nos dois cômodos laterais para receber os homens; e uma mesinha sobre o *kang* da minha mãe para as mulheres. Planejei um cardápio com oito entradas frias, oito pratos quentes e, para finalizar, uma sopa. Yuan Bochecha leu minha lista e deu risada: "Meu irmão, isto aqui não vai funcionar. Seus convidados são camponeses, um bando de sacos sem fundo. Essas comidinhas só vão dar para encher os buracos dos dentes deles. Na minha opinião, não precisa dessa variedade toda, basta servir um pedaço de carne e um copo grande de aguardente, isso é que é bom num banquete para gente da roça. Com o cardápio refinado que você preparou, cada um vai dar uma mordida e acabou, e aí? Aí sim você vai passar vergonha". Reconheci que ele tinha razão. Mandeí Cinco Sentidos à feira buscar vinte e cinco quilos de carne de porco, metade magra, metade gorda. E dez frangos assados, daqueles frangos caipiras, grandes e gordos. Eu fui procurar Wang Huan para encomendar dele vinte quilos de tofu. Mandeí Yuan Bochecha

comprar dez acelgas, cinco quilos de macarrão de feijão, vinte libras de aguardente. A família de Wang Renmei mandou duzentos ovos. O pai dela, meu sogro, veio ver o que eu tinha preparado e disse, contente: "Muito bem, meu genro! Sua família sempre foi mão-fechada, até virou motivo de troça, mas dessa vez você deve mudar essa tradição, botar mais fartura na mesa, fazer os convidados saírem daqui carregando a barriga com as mãos, quem dá festa grande precisa mostrar que tem uma alma grande!".

Quase metade dos convidados já estava em minha casa quando percebi que tinha esquecido os cigarros. Sem pensar duas vezes, mandei Cinco Sentidos ir comprar na cooperativa. Chen Nariz e Wang Vesícula chegaram com a filha. Cinco Sentidos apontou para o presente que Chen trazia na mão e disse, alegre: "Não vai precisar comprar".

Chen Nariz tinha enriquecido nos últimos anos, sua renda anual já passava dos dez mil iuanes. Primeiro foi a Shenzhen, comprou uma grande quantidade de relógios digitais para vender a esses jovens que gostam de moda. Depois foi a Jinan, conseguiu uns cigarros a preço de atacado com um conhecido de uma fábrica de tabaco e mandou a mulher vender na feira.

Eu a vi trabalhando lá na feira. Levava pendurada no pescoço uma peça engenhosa, que fechada era uma caixa e, aberta, virava um mostruário de cigarros. Vestia um casaco de algodão azul e branco, feito sob medida. Carregava nas costas um bebê gordo, embrulhado numa manta de algodão que só deixava entrever os olhos e o nariz. Qualquer um, conhecendo-a ou não, lançaria a ela um olhar atencioso. Os locais sabiam que se tratava da esposa de Chen Nariz, o negociante de cigarros, e que o bebê gorducho era seu. Os forasteiros pensavam: "Pobre menina, vende cigarros enquanto carrega a irmãzinha nas costas". E, movidos pela compaixão, compravam dos seus produtos.

Chen Nariz vestia uma rígida jaqueta de couro de porco e usava por baixo uma malha de fios grossos e gola alta. Tinha o rosto corado e o queixo azulado pelo barbear, o nariz grande, os olhos fundos e de um azul-cinzentos, o cabelo crespo.

Cinco Sentidos anunciou: "Chegou o magnata!".

"Que magnata que nada", disse Chen, "sou um mero sacoleiro!"

Yuan Bochecha disse: "Seu chinês é muito bom, *továrich!*".

Chen Nariz levantou o embrulho de papel que tinha na mão e disse: "Hoje vim aqui para bajular sem dó".

"É cigarro? Os convidados já estavam pedindo", disse Yuan Bochecha.

Chen jogou o embrulho para Yuan, que o pegou, abriu e tirou quatro pacotes de cigarros da marca Daji.

"Os negócios vão bem mesmo, até anda mão-aberta", disse Yuan.

"Mas que boca você tem, Yuan!", disse Wang Vesícula com sua voz fininha. "É capaz de fazer até defunto dançar discoteca."

"Ei, cunhada, me perdoe a indelicadeza", disse Yuan, "mas por que não fez Chen Nariz carregar você no colo hoje?"

"Vou arrebentar essa sua boca!", disse Wang Vesícula enfurecida, agitando a mãozinha.

"Mãe, quero colinho..." Chen Orelha saiu de trás de Wang Vesícula e veio para a frente, choramingando. Já estava quase do tamanho da mãe.

"Chen Orelha!", eu disse, me abaixando para pegá-la. "Deixa o titio te carregar no colo."

Chen Orelha começou a chorar. Chen Nariz pegou a filha, deu-lhe umas palmadinhas no bumbum e disse: "Orelhinha, pare de chorar, não era você que queria vir visitar o tio soldado?"

Orelhinha estendeu os braços para a mãe.

"Ela ainda estranha os desconhecidos", disse Chen Nariz, entregando a criança para a mãe. "Ainda agorinha estava no maior

berreiro porque queria ver o tio soldado.”

Nesse momento, Wang Renmei bateu na treliça da janela e gritou: “Wang Vesícula! Ande logo, venha cá!”

Wang Vesícula carregava a filha como um cachorrinho com um brinquedo grande na boca. Tinha algo de cômico, mas também de imponente. Suas perninhas se moviam rápido, como uma personagem de desenho animado durante a fuga.

“Sua menina é bonita demais!”, eu disse. “Parece uma boneca!”

“É da estirpe soviética, como não sairia bonita?”, disse Yuan Bochecha, piscando o olho. “Nariz, você não tem dó mesmo, dizem que não deixa sua mulher descansar nem uma noite.”

“Cale a boca!”, exclamou Chen.

“Use com mais cuidado!”, continuou Yuan. “Ainda vai precisar dela para te dar outro filho!”

Chen deu um pontapé em Yuan e disse: “Não mandei você calar a boca?!”.

“Tudo bem, tudo bem, vou ficar quieto”, Yuan sorriu, “mas invejo vocês, de verdade, casados há tantos anos e ainda todo dia estão se agarrando, se beijando, se mordiscando, bem se vê que o casamento livre é mesmo muito diferente do arranjado.”

“Toda família tem seus problemas”, disse Chen, “você não sabe do que está falando!”

Dei uns tapinhas na barriga ligeiramente saliente de Chen Nariz e disse: “A barriga de general já está aparecendo”.

“A vida está melhor!”, ele disse. “Nem em sonho eu imaginava que um dia viveria tão bem.”

“Devemos isso ao presidente Hua”, falou Yuan.

“Acho que devemos agradecer ao presidente Mao”, disse Chen, “se aquele velho não fizesse o favor de morrer, tudo estaria como antes.”

Nessa altura, mais convidados tinham chegado e escutavam nossa conversa em pé no pátio. Até os que já tinham sido acomodados nas salas laterais, ouvindo a animação do lado de fora, saíram para conversar.

Meu primo Jin Xiu, filho de um tio materno, se esgueirou até o lado de Chen Nariz: "Tio Chen, o senhor é nosso ídolo lá na aldeia", ele disse, olhando para cima.

Chen tirou um maço de cigarros, jogou um para o meu primo, acendeu outro para si, enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta de couro e perguntou, cheio de bossa: "Mas então me conte, o que andam falando de mim?".

"Dizem que só tinha dez iuanes no bolso quando embarcou no avião para Shenzhen." Meu primo deu uma coçadinha no pescoço e continuou: "Dizem que ficou junto de uma comitiva soviética, bem espalhafatosa, e as aeromoças, crenças que você também era daquele grupo, ficavam abaixando a cabeça sem parar diante de você, cheias de formalidade, e você só falava '*khorochó, khorochó*'... Dizem que quando chegou a Shenzhen, hospedou-se no mesmo hotel de luxo da comitiva soviética, comeu e bebeu do bom e do melhor por três dias, ganhou de brinde um monte de presentes, que depois foi vender na rua, comprou um relógio digital de vinte iuanes, voltou e vendeu, levantou capital, e assim, comprando aqui, vendendo ali, acabou ficando rico".

"Conte mais, continue inventando!", disse Chen, apalpando o narigão.

"Dizem", continuou meu primo, "que estava batendo perna na rua em Jinan quando encontrou um velho chorando. Chegou e perguntou a ele: 'Por que está chorando, senhor?', e o velho falou que tinha saído para dar uma volta e se perdeu. Você o ajudou a voltar para casa. O filho dele era chefe da divisão de fornecimento e vendas de uma fábrica de cigarros e, vendo que você é uma pessoa

de bom coração, adotou-o como irmão. É por isso que você consegue comprar cigarros a preço de atacado.”

Chen Nariz soltou uma risada sonora e disse: “Irmãozinho, está escrevendo um romance? Vou te dizer a verdade, já andei algumas vezes de avião, mas sempre paguei do meu bolso. E realmente conheço gente na fábrica de cigarros de Jinan, mas me vendem por um preço não muito abaixo do mercado, ganho só três centavos por caixa”.

“De qualquer maneira, o senhor é poderoso”, meu primo disse com toda a sinceridade. “Meu pai me mandou tratá-lo como meu mestre.”

“Poderoso mesmo é este aqui”, disse Chen Nariz apontando para Yuan Bochecha. “Ele entende de astronomia e geografia, sabe tudo o que se passou há quinhentos anos, e metade do que ainda vai se passar daqui a quinhentos anos. É ele que você deve tomar por mestre.”

“O tio Yuan também é fenomenal”, disse meu primo, “ele olha a sorte na feira de Xiazhuang, tem o apelido de Semideus. A galinha velha da minha tia um dia desapareceu, o tio Yuan contou nos dedos e disse: ‘Na beira d’água anda o pato, a galinha vai para o mato, vão achá-la num ninho de palha’. E foi assim mesmo que a encontramos.”

“Mas ele não sabe só olhar a sorte”, disse Chen. “Sabe muito mais coisas. Qualquer coisa que ele te ensinar, qualquer uma, já vai poder te sustentar para o resto da vida.”

“Uma reverência para o mestre!”, disse Cinco Sentidos.

“Não mereço tanto elogio. Esses conhecimentos nunca me farão subir na vida, só bastam para ganhar meu pão modestamente. Você deve aprender com seu primo, que foi ser militar, virou oficial, ou então entrar para a universidade, estudar. Só assim você poderá seguir um caminho promissor e ser alguém na vida.” Yuan Bochecha

apontava para si mesmo, e depois para Chen Nariz: "Até mesmo ele, o que ele faz não é cem por cento correto. Só fazemos isso porque não temos outros recursos, você ainda é novo, não deve seguir nosso exemplo".

"Mas isso que vocês fazem é que é ter capacidade", teimou meu primo, "entrar para o Exército, passar no vestibular na verdade não são prova de capacidade."

"Está bem, irmãozinho", disse Chen, "você tem opinião formada, muito bem, futuramente vamos trabalhar juntos."

"E Wang Fígado, por que não aparece?", perguntei a Cinco Sentidos.

"Aquele lá com certeza foi montar guarda no posto de saúde", respondeu ele.

"Nosso amigo anda mesmo obcecado", disse Chen Nariz, "nem três cavalos dão conta de arrastá-lo para outra direção."

"A casa deles não está bem posicionada", disse Yuan fazendo ar de mistério, "a localização da porta principal não é boa, a localização do banheiro também não. Faz mais de dez anos que falei para o pai dele mudar imediatamente a posição da porta e tirar o banheiro de onde está, do contrário alguém ali ia enlouquecer! Mas o velho achou que eu estava rogando praga e pegou o chicote para me botar para fora." "E no que deu? A previsão se cumpriu?" "Sempre que pode, aquele velho corre para o posto de saúde, apoiado na bengala, todo encurvado, vai lá chutar cachorro morto, bancar o valentão, se isso não é doença mental, então é o quê? Wang Fígado saiu-se ainda melhor, um camponês autêntico, mas com cabeça de pequeno-burguês, perdeu o siso por causa daquela moça de cara cheia de espinhas, a Leoazinha, basicamente isso também é doença mental."

Eu disse aos convidados: "Está bem, pessoal, não vamos ficar ouvindo as bobagens de Yuan Bochecha, vamos sentar, vamos

sentar!”.

“O *feng shui* da sede da nossa comuna também não é bom”, prosseguiu Yuan. “Desde sempre a porta principal de um *yamen* fica voltada para o sul, mas na nossa comuna a porta principal dá para o norte, bem na direção do abatedouro, o dia inteiro tem facas se banhando em sangue, carnes sendo retalhadas, a atmosfera de carnificina é muito pesada. Quando fui dizer isso lá na sede, falaram que eu estou envolvido com superstições feudais, por pouco não me prenderam. E viram o que aconteceu? O velho secretário Qin Shan está com um lado do corpo paralisado, o irmão mais novo dele é um biruta de marca maior. Qiu, o secretário novo, foi com mais de uma dúzia de pessoas fazer uma inspeção no Sul, sofreram um acidente de trânsito e, entre mortos e feridos, praticamente não sobrou ninguém para contar a história. *Feng shui* é coisa séria, não adianta você bancar o durão, por mais durão que seja, não será mais que o imperador, não é? E até o imperador devia estar atento ao *feng shui*...”

“Vamos sentar!”, eu disse enquanto dava um tapinha em Yuan. “Mestre, o *feng shui* é importante, mas comer e beber também são muito importantes.”

“Se não mudarem a posição da porta principal da sede da comuna, alguém ainda vai enlouquecer ali, ainda vai acontecer algo muito ruim”, disse Yuan. “Quem não acredita em mim que espere para ver!”

5.

Por causa de seu amor não correspondido pela Leoazinha, Wang Fígado fez muitas coisas estranhas e se tornou tema das conversas nos momentos de ócio, motivo de chacota. Mas eu nunca ri do meu amigo, pelo contrário, sempre senti por ele muita compaixão e muito respeito. Para mim, é um gênio nascido na época e no lugar errados, um apaixonado de tal forma entregue a sua paixão que, em condições mais propícias, teria sido capaz de legar um poema de amor para a eternidade.

Ainda na infância, quando tudo é inocência em relação ao sexo oposto, Wang Fígado foi o primeiro a despertar para o amor ao se apaixonar por Leoazinha. Eu me lembro de ele ter suspirado, há muitos anos: "Mas aquela Leoazinha é linda mesmo!". Sejamos objetivos, a Leoazinha, de linda, não tinha nada, até estava longe de ser bonita. Minha tia tentou me apresentar a ela, mas eu dei um jeito de recusar, com a desculpa de que ela era a mulher dos sonhos de Wang Fígado. A verdade era que eu não gostava dela. Mas, para Wang, era a mulher mais linda do mundo. Como dizem, em linguagem elegante, "a mais bela das beldades se mostra aos olhos de quem ama"; o que, em linguagem menos refinada, se traduz por "quem ama o feio, bonito lhe parece".

Depois de mandar sua primeira carta de amor para a Leoazinha, Wang Fígado ficou em êxtase, arrastou-me até a beira do rio e

contou tudo o que sentia por ela. Corria o verão de 1970, tínhamos acabado de concluir a Escola Agrícola. A torrente do rio levava palhas da lavoura e carcaças de animais, uma gaivota solitária voava em silêncio. O pai de Wang Renmei pescava nas águas calmas perto da margem, observado por nosso colega calouro, Li Mão, agachado ao seu lado.

“Não quer contar a Li Mão?”

“É muito criança, não entende essas coisas.”

Subimos no velho salgueiro que crescia no dique e sentamos lado a lado, numa forquilha que se estendia para o rio. O galho tocava a água e produzia um sem-fim de ondulações passageiras.

“O que foi? Fale logo.”

“Primeiro prometa que vai guardar o meu segredo.”

“Tudo bem, eu prometo: se eu contar o segredo de Wang Fígado, quero morrer afogado neste rio.”

“Hoje eu... eu finalmente coloquei na caixa de correio a carta que queria mandar...” O rosto de Wang Fígado estava pálido, seus lábios tremiam a cada palavra.

“Carta para quem? Com tanta solenidade... é para o presidente Mao?”

“O que está pensando?”, Wang Fígado disse. “O que tem o presidente Mao a ver comigo? Foi para ela... para ela!”

“Ela quem?”, perguntei ansioso.

“Você prometeu... não vá contar esse segredo a ninguém... nunca...”

“Não vou contar a ninguém, nunca.”

“Ela parece distante, mas está diante de seus olhos.”

“Pare de fazer suspense.”

“Ela! Ela...” Os olhos de Wang Fígado coruscavam. “Ela”, disse embevecido, “é a minha Leoazinha...”

“Para que escreveu uma carta para ela? Quer se casar com ela?”

“Que visão utilitarista, muito utilitarista!”, Wang Fígado disse, arrebatado: “Leoa, minha amada Leoazinha, aqui estou, disposto a te amar com todas as forças da minha juventude... Minha amada, minha adorada, por favor, me perdoa se já beijei teu nome uma centena de vezes...”.

Um calafrio percorreu meu corpo, os pelos dos braços se eriçaram. Claro que ele sabia a carta de cor. Enlaçava o tronco da árvore com o rosto colado na casca áspera, lágrimas brilhavam em seus olhos. “Sou fascinado por ti desde a primeira vez que te vi na casa de Corre Corre. Desde aquele momento até agora, e para sempre, meu coração é todo teu. Se quiseres comê-lo, não hesitarei em arrancá-lo para depositá-lo em tuas mãos... Fascinam-me teu rosto corado, teu nariz vívido, teus lábios delicados, teus cabelos em desalinho, teus olhos brilhantes, fascinam-me tua voz, teu cheiro, teu sorriso. Esse teu sorriso me dá vertigem, vontade de me ajoelhar no chão, abraçar tuas pernas e admirar teu rosto risonho...”

O mestre Wang puxou a vara para trás num movimento brusco, a reluzente linha de pesca produziu um rosário de gotas d’água que brilhavam como pérolas contra o sol. Vinha pendurada no anzol uma pequena tartaruga amarelo-clara, do tamanho de uma xícara. Ela despencou sobre o dique e deve ter ficado aturdida com o choque. Deitada de costas, a barriga branca voltada para o céu, movia as quatro patas minúsculas, patética e graciosa.

Li Mão gritou, feliz: “Uma tartaruguinha!”.

“Minha amada, sou filho de camponês, nascido em berço humilde, tu, por outro lado, és uma ginecologista que consome grão comercial, a diferença social entre nós é enorme, talvez me desprezes e, ao terminar de ler minha carta, deixarás escapar um riso de desdém da tua delicada boquinha antes de rasgar esta carta em pedaços; ou ainda, quem sabe, nem te dêes ao trabalho de ler minha carta: vais mandá-la para o lixo tão logo a recebas. Mesmo

assim, quero te dizer, minha amada, minha adorada, que se aceitares o meu amor, serei como um tigre alado, um corcel ajaezado, encontrarei uma força inesgotável, estarei revigorado, lépido como se tivesse tomado uma injeção de sangue de galo novo, não te há de faltar pão, nem leite, acredito que, com teu incentivo, poderei mudar de posição social e me tornar alguém que consome grão comercial, para poder ficar do teu lado...”

“Ei, vocês dois estão fazendo o que aí em cima da árvore? Recitando algum romance?”, Li Mão perguntou em voz alta quando nos descobriu.

“... Se não me responderes, minha adorada, não vou recuar, não vou desistir, vou seguir-te em silêncio. Aonde fores, irei também, vou me ajoelhar no chão para beijar as tuas pegadas, e ficarei em pé diante da tua janela fitando a luz dentro do quarto, do momento em que ela se acende até o momento em que se apaga, quero ser uma vela e queimar por ti, queimar até o fim. Minha adorada, se eu morrer por ti cuspiendo sangue e me concederes a graça de lançar um olhar à minha sepultura, já estarei realizado. Se derramares por mim uma lágrima que seja, já não terei morrido em vão, tua lágrima, minha adorada, há de ser o elixir milagroso que me devolverá à vida...”

O arrepio no meu braço passou. Aos poucos fui me comovendo com sua declamação emocionada. Nunca pensei que ele pudesse ficar cego de paixão pela Leoazinha, nunca pensei que ele tivesse tanto talento literário, que fosse capaz de escrever uma carta de amor tão tocante. Naquele instante, senti que as portas da juventude se abriam com alarde diante de mim e Wang Fígado era o meu guia. Embora eu ainda não soubesse o que é o amor, seu esplendor me atraía, me lançava adiante, esquecido de mim mesmo, como a mariposa que se atira no fogo abrasador.

“Se você a ama tanto assim, ela com certeza vai amar você também”, eu disse.

“Acha mesmo?” Ele agarrou minha mão com firmeza, os olhos faiscavam: “Ela vai me amar mesmo?”.

“Vai sim, com certeza”, falei, apertando sua mão com força. “Se não der certo, falo para minha tia interceder, ela sempre ouve a minha tia.”

“Não, de jeito nenhum”, disse ele, “não quero depender de ninguém para isso. Melão arrancado à força perde o gosto. Quero conquistar o seu coração com meu próprio esforço.”

Li Mão nos perguntava, olhando para cima: “O que vocês dois estão aprontando aí?”.

O mestre Wang pegou um punhado de lama e jogou em nossa direção: “Parem de matraquear! Estão espantando os peixes!”.

Um barco a motor vinha subindo o rio com seu casco metálico pintado de vermelho e azul. O motor produzia um “pó-pó-pó” apressado que despertava ansiedade e terror inexplicados. O barco avançava lento contra a correnteza. Uma espuma branca se avolumava na proa, rastros de ondas finas se separavam do casco em dois sulcos que depois se uniam novamente. Uma fumaça azulada pairava sobre o rio, o cheiro de diesel queimado chegava até nossos lábios. Mais de uma dúzia de gaivotas cinzentas seguiam o barco voando em círculos.

Aquele era o barco do grupo de planejamento familiar da comuna, era o barco usado por minha tia. A Leoazinha, é claro, também estava a bordo. Tinha sido preparado pelo distrito especialmente para minha tia, a fim de prevenir gestações irregulares e outros problemas imprevisíveis durante a época das cheias — quando a ponte de pedra ficava submersa e as comunicações entre as duas margens se interrompiam —, garantir que nossa comuna não excedesse a cota de nascimentos planejados e manter erguida a

bandeira do planejamento familiar. A embarcação possuía uma cabine minúscula. Dentro dessa cabine havia duas fileiras de assentos forrados de couro sintético; na popa, um motor a diesel de doze cavalos; na proa, dois alto-falantes que tocavam uma canção exaltando o presidente Mao. Era uma música folclórica de Hunan, de melodia graciosa, boa de ouvir. A proa virou em direção a nossa aldeia. A música parou de repente. O instante de silêncio fez o ruído do motor soar mais estridente. Então se ouviu a voz rouca da minha tia: "O presidente Mao, nosso grande líder, nos instruiu: o controle populacional é indispensável, crescer de forma planejada...".

Desde o momento em que o barco entrou em nosso campo de visão, Wang Fígado não disse mais nada. Percebi que seu corpo todo tremia. Ele olhava fixamente para a embarcação, com os olhos úmidos e a boca entreaberta. Quando passava pelo meio da correnteza, o barco se inclinou, Wang Fígado deixou escapar um suspiro de apreensão, retesou o corpo, como se estivesse pronto para pular no rio a qualquer instante. O barco fez uma curva rio acima, em águas mais calmas, e veio rápido em nossa direção. O barulho do motor a diesel se estabilizou. Ali vinha a tia. Ali vinha a Leoazinha também.

Quem pilotava o barco era nosso velho conhecido Qin He. No final da Revolução Cultural, seu irmão recuperou o posto de secretário da comuna. Ter um irmão pedinte na feira, por mais elegantes que fossem seus métodos de mendicância, era motivo de vergonha para o secretário. Dizem que, quando os dois negociavam uma solução, Qin He fez uma exigência estranha: "Deixe-me trabalhar na seção de ginecologia do posto de saúde". "Mas você é homem, como vai trabalhar com ginecologia?" "Existem muitos ginecologistas homens." "Você não entende nada de medicina." "E por que é que eu preciso entender de medicina?" Assim ele se tornou o piloto oficial desse barco do planejamento familiar. Desde então, e por muito tempo, ele

foi companhia constante da minha tia: nos dias em que precisava pilotar o barco, ele pilotava, nos dias em que não precisava, ele ficava a bordo, com o olhar perdido.

Seu cabelo continuava repartido ao meio, como aqueles jovens do Quatro de Maio que sempre aparecem nos filmes. Em pleno verão ele ainda usava aquele uniforme escolar azul de gabardina grossa, ainda levava, enfiadas nos bolsos, duas canetas — uma tinteiro e uma esferográfica bicolor —, seu rosto parecia um pouco mais escuro que na última vez em que o vira. Com as mãos no timão, fazia o barco se aproximar lentamente da margem e do salgueiro corcunda onde estávamos. O motor diminuiu as rotações. O som dos alto-falantes, ainda mais ensurdecador, deixou nossos tímpanos zunindo.

A oeste do salgueiro fora construído, segundo as instruções da comuna, um píer improvisado de uso exclusivo do barco do planejamento familiar. Quatro grossas estacas de madeira se elevavam da água, tinham vigas de madeira amarradas com arame sobre elas e tábuas apoiadas sobre as vigas. Qin He prendeu o barco firmemente com uma corda e ficou em pé na proa. O som do motor cessou, o dos alto-falantes também. Voltamos a ouvir o marulho do rio e o grasnar das gaivotas.

A primeira a sair da cabine foi minha tia. O barco balançou, ela vacilou mas afastou para o lado a mão que Qin He lhe estendia, solícito. Deu um salto e pousou no píer. Embora tivesse ganhado peso, continuava ágil como sempre. Vi um curativo na testa da minha tia, reluzia um branco ofuscante.

A segunda a sair da cabine foi Leoazinha. Atarracada, carregava nas costas uma enorme caixa de remédios, que a fazia parecer ainda mais baixa. Apesar de muito mais jovem, não tinha a agilidade de movimentos da minha tia. Era por causa dela que Wang Fígado estava abraçado ao galho da árvore, pálido, com lágrimas nos olhos.

A terceira a sair da cabine foi Huang Qiuya. Fazia anos que não a via, agora tinha as costas encurvadas, a cabeça esticada para a frente, as pernas arqueadas, os movimentos vagarosos. Em pé no barco, ela hesitava, abanava as mãos como se estivesse prestes a cair. Pelo jeito também queria desembarcar, mas suas pernas não conseguiam vencer a distância entre a proa e o píer. Qin He olhava com indiferença, sem oferecer ajuda. Ela se curvou, estendeu as mãos como uma gorila, agarrou a beirada do píer. Foi então que minha tia disse, ríspida: "Huang, espere no barco". Minha tia continuou a dar ordens sem virar a cabeça: "Fiquem de olho nela, não a deixem fugir".

A ordem da minha tia era obviamente destinada a Qin He e a Huang Qiuya, porque vi Qin He inclinar-se para inspecionar o interior da cabine. Nesse momento, ouvi um soluço de mulher, muito fraco, que vinha lá de dentro.

A tia chegou à margem e, em grandes passadas, foi para leste ao longo do dique. Leoazinha tinha de correr para acompanhar o ritmo dela. Vi a bandagem manchada de sangue na testa da tia, seu rosto rígido, seu olhar penetrante, tinha uma expressão resoluta, quase cruel. Wang Fígado, claro, não via a minha tia, seu olhar seguia a Leoazinha. O canto da boca tremia, murmurava alguma coisa. Senti pena dele, mas também me emocionei, naquele tempo eu nem de longe entendia como um homem é capaz de se apaixonar tão perdidamente por uma mulher.

Só depois soubemos que minha tia havia sido ferida por um sujeito armado com um porrete em Dongfeng, aquela aldeia que antes da Libertação era um ninho de bandidos e violência. O homem já tinha três filhas e a mulher dele estava grávida pela quarta vez. Seu sobrenome era Zhang, seu nome era Punho. Tinha uns olhos de

boi e boa origem familiar. Era o valentão da aldeia, ninguém se atrevia a mexer com ele. Todas as mulheres em idade reprodutiva de Dongfeng faziam a ligadura se tivessem um filho na segunda gravidez; se tivessem uma filha, dizia minha tia, não eram obrigadas a fazer a cirurgia, levando em consideração a realidade rural, mas deviam colocar o dispositivo intrauterino. Depois da terceira gestação eram obrigadas a fazer a ligadura, mesmo que nascesse outra filha. Em todas as mais de cinquenta aldeias da comuna, a mulher de Zhang Punho era a única que nem tinha feito a ligadura nem usava o dispositivo intrauterino, e ainda estava grávida mais uma vez. Minha tia e sua equipe foram de barco até Dongfeng, debaixo de uma chuva torrencial, especialmente para levar a mulher de Zhang Punho ao posto de saúde para fazer o aborto. Quando o barco estava a caminho, o secretário do Comitê do Partido na comuna, Qin Shan, telefonou para o secretário da célula do Partido em Dongfeng, Zhang Dente de Ouro, e ordenou expressamente que mobilizasse todas as forças e recorresse a todos os meios para garantir o sucesso da missão. Minha tia contou que Zhang Punho pegou um galho espinhento e montou guarda na porta de sua casa, de olhos rubros, berrando como um louco. Zhang Dente de Ouro e os milicianos da aldeia o cercavam à distância, sem coragem de se aproximar. Ajoelhadas na porta, as três filhas do casal pareciam ter ensaiado suas falas, fungavam, choravam, gritavam em coro: "Tios... tias... irmãos... irmãs... misericórdia... poupem nossa mãe... ela tem reumatismo do coração... se abortar, ela morre... e, se nossa mãe morrer, ficaremos sem mãe...". Segundo o relato da tia, Zhang Punho representava muito bem o papel de vítima, muitas mulheres em volta tinham lágrimas nos olhos. Naturalmente, havia também muitas que não estavam convencidas. As que colocaram o dispositivo depois da segunda gravidez e as que fizeram a ligadura depois da terceira estavam indignadas com a quarta gravidez da

mulher de Zhang Punho. “É preciso equilibrar a tigela para não entornar o caldo”, dizia minha tia, “se Zhang tivesse a quarta criança, aquelas mulheres me esfolariam viva!” Se deixasse Zhang vencer aquela batalha, a bandeira vermelha cairia por terra, mas isso era o de menos, o problema de verdade seria não ter mais como implementar o planejamento familiar. “Pensando nisso”, continuou a tia, “dei o sinal e parti para cima de Zhang Punho, junto com a Leoazinha e Huang Qiuya. Aquela moça, a Leoazinha, era mesmo corajosa e esperta, e muito leal, avançou em direção a Zhang, queria receber a paulada em meu lugar, mas eu a puxei por trás. Huang Qiuya, aquela intelectual capitalista, era boa na técnica, mas, diante de um perigo concreto, seus ossos se esfarelavam de medo.” Minha tia avançou a passos largos na direção de Zhang Punho. “Ele me xingou dos piores nomes, se eu repetir para vocês, vou sujar suas orelhas e minha boca também. Eu estava tão determinada que nem me importei com a minha segurança. Zhang, você pode me xingar à vontade, de puta, cadela, bruxa assassina, eu não me importo com nada disso, mas sua mulher deve vir comigo. Aonde? Ao posto de saúde.”

Minha tia se aproximava de Zhang Punho passo a passo, sem tirar os olhos de sua cara raivosa. As três meninas saltaram sobre ela chorando, xingando, cada uma das menores agarrou uma perna da minha tia, a maior lhe dava cabeçadas na barriga. Minha tia tentava resistir, mas as três tinham se grudado a ela como sanguessugas. Sentiu uma pontada no joelho, percebeu que era uma mordida. Levou uma cabeçada no estômago e caiu de costas no chão. A Leoazinha agarrou a menina maior pelo pescoço e jogou-a para o lado, a menina logo voltou à carga e deu uma cabeçada na barriga de Leoazinha, que usava um cinto de fivela metálica. Bateu com o nariz na fivela, se cortou, sangrou. A menina passou a mão no rosto, pincelado de terror e tragédia. A ira de Zhang Punho redobrou, ele

disparou em direção a Leoazinha pronto para lhe desferir um golpe certeiro, mas minha tia se levantou de um salto e se jogou entre Leoazinha e Zhang Punho. A testa dela recebeu a paulada no lugar de Leoazinha. Minha tia caiu de novo. Leoazinha gritou: "Mas será que vocês não estão vendo? Estão mortos?". Zhang Dente de Ouro e os milicianos enxamearam em volta de Zhang Punho e o puseram no chão, com os braços cruzados nas costas. As três meninas ainda queriam resistir, mas foram imobilizadas pelas oficiais da aldeia. Leoazinha e Huang Qiuya abriram a maleta de medicamentos para fazer um curativo em minha tia. Uma bandagem e mais outra. O sangue atravessava a gaze. Mais uma bandagem. Minha tia estava tonta, seus ouvidos zuniam, ela via estrelas, via um mundo tingido de vermelho-sangue. Os rostos pareciam cristas de galo e até as árvores eram como labaredas que subiam tortuosas. Qin He ficou sabendo do ocorrido e veio da beira do rio. Quando viu minha tia ferida, ficou estático por um momento, exclamou alguma coisa e cuspiu sangue. Um monte de gente acudiu para socorrê-lo, mas ele os afastou e avançou cambaleante como um bêbado, pegou do chão o porrete manchado com o sangue da minha tia e mirou a cabeça de Zhang Punho!... "Pare com isso!", gritou minha tia, que se esforçava para levantar enquanto censurava Qin He: "E você não está lá na beira do rio vigiando o barco por quê? Veio fazer o que aqui? Só veio atrapalhar!". Visivelmente embaraçado, Qin He deixou cair o porrete e caminhou em direção ao rio.

Minha tia afastou para um lado a Leoazinha, que a amparava, e foi até Zhang Punho — Qin He chorava alto, caminhava para o rio a passos lentos —, minha tia nem mesmo virou a cabeça, tinha os olhos fixos em Zhang Punho. Sua boca continuava produzindo improperios, mas o olhar já mostrava algum desalento. Disse aos milicianos que prendiam os braços de Zhang: "Soltem ele!". Hesitaram por um instante e minha tia repetiu: "Soltem ele!".

“Deem o porrete para ele!”, disse minha tia.

Um miliciano catou o porrete e jogou-o para Zhang Punho.

Com um sorriso frio, minha tia disse: “Pegue o porrete!”.

Zhang Punho resmungou: “Eu mato quem se atrever a cortar minha descendência!”.

“Pois muito bem! É metido a valente?” Minha tia apontou para a própria cabeça e disse: “Então acerte aqui! Vamos, acerte!”. Ela deu dois passos à frente e gritou: “Eu, Wan Coração, hoje sacrifico minha vida! Não estremeci quando o japonês me apontou a baioneta, vou ter medo de você agora?”.

Zhang Dente de Ouro aproximou-se, empurrou Zhang Punho e disse: “Não vai pedir desculpas à dra. Wan?”.

“Não preciso das desculpas dele!”, disse minha tia. “O planejamento familiar é importante para o país, sem o controle demográfico vai faltar comida, vai faltar roupa, vai faltar escola, vai ser difícil elevar a qualidade da população, vai ser difícil construir um país forte e próspero. Se eu, Wan Coração, morrer por essa causa, terá valido a pena.”

Leoazinha disse: “Zhang Dente de Ouro, chame a polícia, rápido!”.

Zhang Dente de Ouro deu um chute em Zhang Punho: “Ajoelhe-se, peça perdão à dra. Wan!”.

“Não precisa!”, minha tia disse. “Zhang Punho, você podia pegar três anos de cadeia por essa paulada que me deu! Mas não vou me rebaixar ao seu nível, estou disposta a deixar você se safar desta. Agora você tem dois caminhos à sua frente: ou deixa sua mulher vir comigo, bem quietinha, até o posto de saúde para fazer o aborto, e eu mesma vou cuidar dela, vou me encarregar de sua segurança; ou então você vai para a delegacia para ser punido conforme a lei. Se sua mulher se dispuser a vir comigo, muito bem, se não”, minha tia apontou para Zhang Dente de Ouro e o grupo de milicianos, “vocês vão se encarregar de mandá-la para lá!”

Agachado, Zhang Punho segurava a cabeça entre as duas mãos e dizia em prantos: "Na minha família, há três gerações, só nasce um homem por geração... e minha descendência tem que acabar em mim, em Zhang Punho? Senhor, olha por mim...".

Nisso, a mulher de Zhang saiu chorando do pátio. Tinha palha no cabelo, evidentemente ficara escondida no monte de feno. "Dra. Wan", disse ela, "poupe-o, por misericórdia, vou com a senhora...".

Minha tia e Leoazinha desembarcaram no dique atrás da nossa aldeia e iam para leste provavelmente para conversar com os quadros da brigada de produção, entretanto, assim que pisaram em terra firme e entraram na viela que levava ao escritório, a mulher que estava na cabine do barco, a esposa de Zhang Punho, saiu apressada e se jogou no rio. Qin He pulou atrás dela, mas, como não sabia nadar, afundou assim que caiu na água, a muito custo pôs a cabeça para fora, e afundou de novo logo em seguida. Huang Qiuya soltou um grito esganiçado: "Socorro! Socorro!".

De cima da árvore, vimos minha tia e Leoazinha voltarem correndo de onde estavam.

Wang Fígado jogou-se na água com a desenvoltura de um peixe. Fomos criados à beira do rio, aprendemos a nadar ao mesmo tempo que aprendemos a andar. O salgueiro corcunda parecia ter crescido ali só para que pudéssemos praticar nossos saltos. Queria que a Leoazinha tivesse visto a desenvoltura de Wang Fígado em seu mergulho. Caí na água logo atrás de Wang Fígado. Li Mão também pulou. Deveríamos primeiro salvar a mulher grávida, mas ela havia desaparecido sem deixar rastro. O coitado do Qin He estava bem na nossa frente, seu corpo rolava como um pastel frito no óleo quente. O mestre Wang gritou para nos alertar: "Agarrem-no pelo cabelo! Fiquem longe das mãos!".

Wang Fígado chegou por trás, estendeu a mão e agarrou o cabelo repartido. "Era um cabelo muito bom", contaria depois, "parecia uma crina de cavalo."

De nós todos, Wang Fígado era o que nadava melhor, ele conseguia atravessar o rio de uma margem a outra segurando a roupa acima da água, com as duas mãos, sem deixar que a roupa molhasse. Não é sempre que se podem exhibir as habilidades aquáticas para a mulher dos seus sonhos! Li Mão e eu o escoltamos, um de cada lado, até ele colocar Qin He na margem.

Minha tia e a Leoazinha chegaram correndo.

Minha tia perguntou, zangada: "Por que pulou do barco, seu palerma?".

De bruços, Qin He vomitava água sonoramente sobre o rio.

Huang Qiuya disse em prantos: "Foi a mulher de Zhang Punho que se jogou no rio, ele queria salvá-la".

A expressão de minha tia se transformou, lançou o olhar para o rio: "Onde está ela? Onde está?".

"Ela caiu na água e sumiu sem deixar vestígio...", disse Huang Qiuya.

"Não mandei você ficar de olho nela?" Minha tia pulou para dentro do barco e disse, irritada: "Você é uma inútil! Vai ter que se responsabilizar por isso! Dê partida! Vamos, dê partida!".

Leoazinha tentava acionar o motor, mas, atrapalhada, não conseguia de maneira alguma.

Minha tia gritou: "Qin He! Venha rápido dar partida no motor!".

Qin He levantou-se tremendo, com as costas encurvadas, pôs mais água para fora e novamente caiu de joelhos.

"Corre Corre, Wang Fígado! Venham me ajudar no resgate!", minha tia gritava. "Vou recompensá-los bem!"

Lançamos o olhar para a água e fizemos uma busca minuciosa.

O rio era largo, barrento, caudaloso. A correnteza ia levando mato e espuma. Li Mão apontou para uma casca de melancia que descia o rio lentamente perto da margem: "Olhem lá!", gritou.

A casca de melancia boiava rio abaixo, às vezes se levantava da superfície e deixava aparecer a cabeça e os cabelos despenteados de uma mulher.

Minha tia se sentou na amurada, soltou um longo suspiro de alívio e riu alto.

Estávamos prontos para pular na água e salvá-la, mas minha tia disse: "Calma!".

Ela perguntou a Leoazinha: "Sabe nadar?".

Leoazinha abanou a cabeça.

"Pelo jeito, para ser uma funcionária competente do planejamento familiar, é preciso não só aprender a levar paulada como também a nadar!" Rindo, minha tia apontava para a casca de melancia que ora afundava, ora flutuava: "Olha lá como ela nada bem! Usa a mesma técnica da guerrilha contra os japoneses!".

Qin He subiu no barco com as costas encurvadas. Pingava água, tinha a cabeleira desgrenhada como um punhado de palha. O rosto estava pálido, os lábios arroxeados.

Minha tia ordenou: "Vamos!".

Qin He acionou o motor com uma manivela. Talvez sentisse alguma tontura, não conseguia se equilibrar, arquejou algumas vezes e vomitou espuma.

Nós o ajudamos a desamarrar a corda atada ao píer. "Subam no barco!", ordenou minha tia.

Posso imaginar a emoção de Wang Fígado, sentado na amurada, quase encostado à Leoazinha. Pôs as mãos nos joelhos, os dez dedos tamborilando nervosos. Através da camiseta molhada, colada ao corpo, vi claramente seu coração aos pulos, parecia uma lebre dentro da gaiola, batendo-se contra a grade. Estava petrificado, não

ousava se mover nem um milímetro. Totalmente alheia ao que se passava ao seu lado, a rechonchuda Leoazinha só estava preocupada em não perder de vista a casca de melancia que boiava.

Qin He virou a proa para fora, o barco se moveu pelas águas calmas ao longo do dique, o barulho do motor se estabilizou. Li Mão estava em pé ao seu lado, observava seus movimentos como um aprendiz.

Minha tia disse: “Vá devagar, isso, mais devagar”.

A proa estava a cerca de cinco metros da casca de melancia. A aceleração se reduziu até quase parar. Vimos com nitidez a cabeça da mulher sob a casca da fruta.

“É realmente uma ótima nadadora”, disse minha tia, “grávida de cinco meses e ainda consegue nadar assim.”

Minha tia mandou Leoazinha entrar na cabine e ligar o alto-falante. Leoazinha levantou-se imediatamente e, dobrando as costas, enfiou-se na cabine. Foi como se um vazio infinito se criasse ao lado de Wang Fígado, a expressão no seu rosto era de dor e perda. O que estaria pensando? E aquela sua brilhante carta de amor? Será que Leoazinha tinha recebido?

Meus pensamentos divagavam quando, de repente, os alto-falantes do barco ressoaram. Apesar de saber que os alto-falantes iriam ressoar, eu me assustei quando ouvi aquela voz. “O presidente Mao, nosso grande líder, nos instruiu: o controle populacional é indispensável” — assim que o som dos alto-falantes repercutiu, a gestante levantou a casca de melancia e tirou a cabeça da água barrenta. Virou o pescoço e olhou para trás assustada, depois mergulhou bruscamente. A tia, sorrindo, fez sinal para Qin He reduzir ainda mais a velocidade. Disse em voz baixa: “Quero ver até onde vai a habilidade dela na água!”. Leoazinha saiu da cabine e foi até a proa, olhava em volta do barco, ansiosa. O céu de fato ouve os desejos da gente! Seu corpo roliço estava novamente ao lado de

Wang Fígado. Até senti alguma inveja de Wang. Ele, magrelo como um macaco, estava colado a Leoazinha, tão gordinha, de carnes tão firmes! Tentei adivinhar suas sensações, ele com certeza podia sentir a maciez e o calor do seu corpo, com certeza... nesse ponto meu coração pulava. Senti uma vergonha incomparável da minha mente suja. Rapidamente desviei o olhar deles, pus a mão no bolso e belisquei com força minha coxa.

“Mostrou a cabeça! Mostrou a cabeça!”, gritou Leoazinha.

A mulher emergiu a cinquenta metros do barco. Virou a cabeça para olhar, seu corpo flutuava na superfície, os braços batiam na água, ela descia o rio com grande rapidez.

Minha tia fez um gesto para Qin He. O motor roncou, o barco acelerou até se aproximar da mulher.

Minha tia tirou do bolso um maço de cigarros amarrotado, rasgou o papel, pegou um cigarro e prendeu-o nos lábios. Apalpou o bolso de novo e tirou um isqueiro, girou a pedra, trac trac, até finalmente acender. Apertou os olhos enquanto soltava uma baforada. Começou a ventar sobre o rio, as águas rolavam turvas. “Duvido que você seja capaz de nadar mais rápido que um barco de doze cavalos.” Os alto-falantes voltaram a tocar a canção folclórica de Hunan que enaltecia o presidente Mao. “São nove as curvas do rio Liuyang, são noventa léguas de água até o rio Xiang.” Num rasante, uma gaivota pegou a ponta de cigarro que a tia acabara de jogar do barco e alçou voo novamente.

Os alto-falantes emudeceram, a música tinha acabado. Leoazinha olhou para minha tia. Esta disse que não precisava e gritou: “Geng Xiulian, você consegue nadar até o mar?”.

A mulher não respondeu, continuava a mover os braços tanto quanto podia, mas a velocidade claramente se reduzia.

“Espero poder contar com sua compreensão”, disse minha tia, “deixe de ser teimosa, suba no barco e venha conosco fazer a

operação.”

“A teimosia não vai levar a nada!”, disse Leoazinha furiosa. “Você pode nadar até o mar que nós iremos atrás!”

A mulher começou a chorar alto. Suas braçadas estavam mais lentas. Cada vez mais lentas.

“Está perdendo a força?”, disse Leoazinha, rindo. “Pois nade do jeito que puder, como peixinho, cachorrinho, rã...”

A mulher afundava aos poucos, parecia haver no ar um fedor de sangue. Minha tia se esticou para examinar a água e gritou: “Mau sinal!”.

“Rápido, ultrapasse-a!”, ordenou a Qin He. Logo em seguida, nos mandou pular na água: “Segurem para que ela não afunde!”.

Wang Fígado voou para dentro do rio, Li Mão e eu o seguimos de perto.

Qin He virou ligeiramente a proa do barco e passou ao lado da mulher.

Wang Fígado e eu chegamos até ela. Estiquei a mão e peguei o seu braço esquerdo, o braço direito veio em minha direção como se fosse um tentáculo de polvo e me empurrou para baixo. Eu gritava e engolia água. Wang Fígado agarrou-a pelos cabelos e puxou para cima com força, Li Mão segurou-a pelo ombro e puxou para cima com força, e só então eu consegui pôr a cabeça para fora da água, minha visão estava turva, eu tossia com violência. O barco estava à nossa frente, Qin He diminuiu a velocidade. Meu ombro bateu no barco e a mulher também. Na amurada, minha tia e as outras esticaram as mãos em direção a ela, umas pegaram os cabelos, outras puxaram pelos braços, nós, por baixo, a empurrávamos pela bunda e pelas pernas, depois de muita gritaria desencontrada e alguns esforços coordenados, enfim conseguimos colocá-la no barco.

Todos nós vimos o sangue em suas pernas.

“Vocês não precisam subir a bordo, nadem até a margem”, minha tia nos disse. Em seguida ordenou a Qin He, apurada: “Rápido, manobre o barco, rápido!”.

Apesar de minha tia e sua equipe terem dedicado seus maiores esforços e usado os melhores remédios de que dispunham, Geng Xiulian acabou morrendo.

6.

Meu chefe me mostrou um telegrama urgente, com a notícia de que minha esposa Wang Renmei estava grávida pela segunda vez. “Você é um membro, um quadro do Partido”, disse com ar grave, “já conseguiu o certificado de filho único, todo mês recebe a pensão de filho único, por que foi deixar sua mulher engravidar de novo?” Fiquei sem saber o que responder. O chefe me ordenou: “Volte para casa agora e garanta que esse aborto vai acontecer!”.

Minha chegada repentina surpreendeu a todos. Minha filha de dois anos, escondida atrás da avó, me olhava amedrontada.

“Por que voltou assim de surpresa?”, minha mãe perguntou, preocupada.

“Saí em viagem de trabalho e estava passando por aqui.”

“Yanyan, este é o papai, fale para ele ‘pa-pai.’” Minha mãe empurrava a menina para a frente, dizendo: “Esta menina, quando você está fora, todo dia pergunta pelo pai, agora que o pai volta, fica com medo”.

Estendi as mãos e segurei os seus bracinhos com a intenção de abraçá-la, mas ela começou a chorar.

Minha mãe deu um longo suspiro e falou: “Todo dia é uma apreensão sem fim, ela vive no esconde-esconde, e de que adiantou, a notícia vazou do mesmo jeito”.

“Mas afinal o que aconteceu?”, perguntei, irritado. “Ela não está com o DIU?”

“Ela só me contou quando a barriga começou a aparecer”, minha mãe disse. “Pouco antes de você voltar para casa da outra vez, ela foi procurar Yuan Bochecha para tirar a coisa.”

“Yuan, aquele filho de uma puta!”, eu xingava com ódio. “Ele não sabe que isso é contra a lei?”

“Não vá denunciá-lo, de maneira alguma”, falou minha mãe. “Foi Renmei que implorou para ele várias vezes, e ainda foi pedir para Wang Vesícula interceder, só assim ele acabou concordando em tirar.”

“Foi um risco muito grande”, eu disse, “Yuan Bochecha só sabe capar porco, cachorro, como se atreve a sair tirando DIU? E se desse algum problema, o que iam fazer?”

“Muita gente o procura para isso”, minha mãe baixou a voz, “ouvi sua mulher dizer que a técnica dele é muito boa, ele vai tentando com um ganchinho de arame, não demora muito e já consegue puxar para fora.”

“É um sem-vergonha mesmo!”, falei.

“Não pense bobagem”, disse minha mãe olhando para mim, “Wang Vesícula foi com ela e Yuan Bochecha na hora usou máscara, óculos escuros, luva de borracha, passou álcool no ganchinho de arame, queimou no fogo para garantir que estava desinfetado. Sua mulher disse que nem precisou tirar a calça, foi só descosturar lá embaixo e já bastou.”

“Não foi isso que eu quis dizer.”

“Ah, Corre Corre”, disse minha mãe desgostosa, “seus dois irmãos têm filho homem, só você que não tem, isso me preocupa, acho que você devia deixar sua mulher ter essa criança.”

“Também gostaria de deixar, mas quem garante que vai ser um menino?”

“Está com jeito de ser menino”, disse a mãe, “perguntei a Yanyan: ‘Yanyan, ali na barriga da mamãe tem um irmãozinho ou uma irmãzinha?’. E ela respondeu: ‘Irmãozinho!’. Resposta de criança não falha! Além do mais, mesmo que nascesse outra menina, Yanyan já teria alguém com quem contar no futuro, mas uma menina sozinha, se acontece algum desastre com sua família, vai fazer o quê? Eu já estou velha, daqui a pouco fecho os olhos e não vou saber de mais nada. Vou embora para sempre. Se me preocupo com essas coisas, é por você!”

“Mãe”, eu disse, “a disciplina do Exército é muito rigorosa, se eu tiver o segundo filho, serei expulso do Partido, perderei o cargo, terei de voltar para a lavoura. Batalhei tantos anos para sair da aldeia, e agora vou desistir de tudo só para ter mais um filho? Acha que vale a pena?”

“Ser membro do Partido, ter um cargo, tudo isso vale mais que um filho?”, perguntou minha mãe. “As pessoas é que fazem o mundo, você pode ocupar o posto mais alto que for, pode se tornar o braço direito do presidente Mao, mas, se não tiver descendentes, de que terá valido?”

“O presidente Mao está morto”, falei.

“E eu não sei que o presidente Mao está morto?”, respondeu minha mãe. “É só um exemplo.”

Nisso, o portão fez um ruído. Yanyan gritou: “Mamãe, o papai está aqui!”.

Vi minha filha correr para os braços da mãe, balançando-se sobre as perninhas bambas. Wang Renmei vestia o casaco cinza que eu usava antes de entrar no Exército, a barriga já aparecia. Trazia pendurada no braço uma trouxa de pano vermelho com vários cortes de tecido colorido. Abaixou-se para pegar a filha no colo e disse com um sorriso forçado: “Ei, Corre Corre, o que te trouxe para casa?”.

“E eu por acaso preciso de algum motivo especial para estar em casa?”, disse, ríspido. “Você me aprontou uma das boas!”

Seu rosto cheio de melasmas empalideceu e, num piscar de olhos, ficou rubro. “O que foi que eu fiz?”, ela disse em voz alta. “De dia trabalho na lavoura, de noite volto para casa e cuido da criança, não fiz absolutamente nada que te desonrasse.”

“Ainda tem coragem de retrucar!”, eu disse. “Por que foi procurar Yuan sem eu saber? Por que não me disse?”

“Aquele traidor, dedo-duro!” Wang Renmei pôs a criança no chão e entrou furiosa no quarto, tropeçou num banquinho e chutou-o para longe, xingava: “Foi aquele estrupício que te contou?”.

A filha chorava a plenos pulmões no pátio.

Minha mãe derramava lágrimas ao pé do fogão.

“Não precisa gritar. E também não precisa xingar”, eu disse. “Venha comigo ao posto de saúde para resolver isso e acabou-se o problema.”

“Pode esperar sentado!” Wang Renmei jogou um espelho no chão enquanto berrava: “O filho é meu, está na minha barriga, eu me mato enforcada na porta de quem tocar num fio de cabelo dele!”.

“Filho, vamos deixar para lá isso de ser do Partido, de ser quadro, não seria nada mau voltar para casa e trabalhar na lavoura, não é mesmo? Não estamos mais no tempo das comunas populares, agora cada um cuida da sua terra, a comida dá e sobra, a gente tem mais liberdade, acho que você devia voltar...”

“De jeito nenhum, nem pensar!”

Wang Renmei fazia uma barulheira revirando os armários no quarto.

“Isso não é uma questão pessoal”, eu disse, “envolve a honra da minha unidade de trabalho.”

Wang Renmei saiu do quarto carregando uma trouxa de roupas. Pus-me diante dela: “Aonde pensa que vai?”.

“Não é da sua conta!”

Segurei a trouxa e não a deixei ir. Ela tirou uma tesoura da roupa e, apontando para a própria barriga, com os olhos vermelhos, estrilou: “Me deixe ir!”.

“Corre Corre!”, gritou minha mãe.

Eu naturalmente conhecia bem o temperamento de Wang Renmei.

“Então vá, pode escapar hoje, mas de amanhã não passa, querendo ou não vai ter de fazer esse aborto.”

Ela saiu às pressas levando a trouxa. A filha correu atrás com os bracinhos estendidos e caiu. Wang Renmei foi embora sem olhar para trás.

Corri e abracei minha filha. Em meu colo, ela tentava se soltar, chorava, procurava a mãe. Uma confusão de sentimentos me fazia querer chorar.

Minha mãe saiu vacilante, apoiada na bengala, e disse: “Filho, deixe que ela tenha essa criança... senão a vida vai ficar impossível...”.

7.

À noite, minha filha ficou chorando inconsolável à procura de Renmei. "Vá à casa da avó dela", sugeriu minha mãe. Peguei a menina no colo e fui bater na porta de meu sogro, que pela fresta da porta disse: "Corre Corre, desde que minha filha se casou com você ela faz parte da sua família. Por que vem procurá-la aqui? Se algo acontecer a minha filha, você vai se haver comigo".

Fui à casa de Chen Nariz, tinha um cadeado pendurado no portão, as luzes do pátio estavam apagadas. Fui procurar Wang Fígado. Bati na porta por muito tempo. Um cachorrinho latia lá dentro enlouquecido. A luz se acendeu, a porta se abriu, apareceu lá Wang Pé arrastando uma vara, furioso: "O que você quer?"

"Tio, sou eu."

"Sei que é você, mas o que quer?!"

"Wang Fígado está?"

"Morreu!", disse Wang Pé, fechando a porta com toda a força.

Naturalmente, Wang Fígado estava vivo. Lembrei que, na última visita, minha mãe comentou que Fígado tinha sido expulso de casa pelo pai e agora ficava vagando por aí. De vez em quando aparece na aldeia, mas ninguém sabe onde mora.

Minha filha cansou de chorar e adormeceu em meus braços. Com ela no colo, andei a esmo pela rua, angustiado, sem saber o que fazer para melhorar meu estado de espírito. Há dois anos,

finalmente puxaram a eletricidade até a aldeia. Agora, o poste de cimento atrás da sede da administração tinha também uma lâmpada, além dos dois alto-falantes pendurados lá no alto. Embaixo dessa luz havia sido colocada uma mesa de sinuca forrada de feltro azul, alguns jovens se divertiam ruidosos em volta dela. Sentado num banco quadrado perto da mesa, um menino de mais ou menos cinco anos tirava notas singelas de um teclado de brinquedo. Pelo formato de seu rosto, percebi que era filho de Yuan Bochecha.

Ali em frente ficava o largo portão recém-construído da casa de Yuan Bochecha. Hesitei um momento antes de ir procurá-lo. Não me sentia nada confortável ao pensar nele retirando o dispositivo intrauterino de Wang Renmei. Se fosse um médico de verdade, não diria uma só palavra, mas sendo ele... merda!

Minha chegada o deixou bem surpreso. Ele estava sentado no *kang* bebendo sozinho. Sobre a mesinha, estavam um pratinho de amendoim, outro de anchova enlatada e um prato grande de ovos mexidos. Ele pulou do *kang*, descalço, e fez questão de me convidar para beber com ele. Mandou a esposa preparar mais pratos. Sua esposa, também nossa colega da escola primária, tinha no rosto umas marcas esbranquiçadas e ganhou o apelido de Flor Marcada.

“Mas que vida boa, hein?” Sentei-me num banquinho na frente do *kang*. Flor Marcada pegou minha filha e disse: “Vamos pôr a criança no *kang*, assim ela dorme tranquila”. Resisti um pouco, mas, enfim, deixei que levasse a menina.

Flor Marcada lavou a panela, acendeu o fogo e disse que iria fritar um peixe para acompanhar a bebida. Tentei impedi-la, mas o óleo já chiava na panela e o aroma tomava a casa.

Yuan Bochecha fez questão de que eu tirasse o sapato para me sentar no *kang*. Recusei o pedido com a desculpa de que não ficaria por muito tempo e daria muito trabalho tirar o sapato. Ele repetiu o convite e, sem outro jeito, tive de me sentar na beirada do *kang*.

Serviu um copo de aguardente e colocou-o na minha frente. "Você é um convidado ilustre", disse ele, "qual é a sua patente agora? Major ou coronel?"

"Que nada", respondi, "sou um mero capitão." Peguei o copo e tomei a bebida em um gole. "Nem vou poder trabalhar nisso por muito tempo", continuei, "em breve terei de voltar à lavoura!"

"Que conversa é essa?", disse ele, enxugando seu copo. "Você é o mais promissor de todos nossos colegas da escola. Tudo bem que Xiao Lábio Inferior e Li Mão entraram na universidade, mas nenhum deles se compara a você. O desgraçado do Xiao Lábio Superior vive se gabando de que o filho foi trabalhar no Conselho de Estado. Mas Lábio Inferior tem bochechas largas, testa estreita e um par de orelhas finas e empinadas, uma cara típica de funcionário de baixo escalão; Li Mão tem traços mais definidos e delicados, mas não viverá uma grande felicidade; já você, com suas pernas de garça, braços de gibão, olhos de fênix e pupilas de dragão, teria a aparência de um imperador ou rei se não fosse o sinal na pele embaixo do seu olho direito. Queime isso com laser e, mesmo que não consiga chegar a oficial de alta patente, ainda poderá ser general de brigada ou de divisão."

"Deixe disso", falei, "você pode até enrolar as pessoas na feira, mas agora vem com essa conversa para cima de mim também?"

"É a ciência da fisionomia, um grande conhecimento legado por nossos ancestrais", disse Yuan Bochecha.

"Chega dessas bobagens", eu disse. "Hoje estou aqui para acertar umas contas. Mas você, hein, me meteu numa enrascada!"

"O que foi?", perguntou Yuan Bochecha. "Não fiz nada contra você!"

"Quem mandou retirar o DIU de Wang Renmei sem minha permissão?" Abaixei a voz e continuei: "Mandaram um telegrama contando tudo a meus superiores, e eles me ordenaram que voltasse

para casa e garantisse que minha esposa faça o aborto. Se não fizer isso, perco o cargo e sou expulso do Partido. Para completar, Wang Renmei desapareceu, agora me diga você o que é que eu devo fazer!”.

“Do que está falando?” Yuan Bochecha revirou os olhos e estendeu as mãos abertas: “Quando foi que retirei o dispositivo dela? Sou um olhador de sorte, mexo com horóscopo, *yin-yang*, cartas, *feng shui*, essa é que é minha especialidade. Acha que um homem como eu iria retirar o DIU de sua mulher? Pode não perceber, mas falando desse jeito você está me agourando!”.

“Pare de fingimento”, eu disse, “quem é que não sabe do que Yuan Semideus é capaz? Sua especialidade é olhar sorte, *feng shui*, mas, fora isso, também castra porco e cachorro e tira DIU de mulher. Não vou denunciar, mas você vai ouvir! Devia pelo menos ter me avisado antes de fazer o que fez!”

“Que injustiça, que grande injustiça, de verdade!”, disse Yuan. “Vá chamar Wang Renmei, vamos conversar cara a cara!”

“Ela fugiu, não há nem sombra dela, como é que vou encontrá-la? Além do mais, ela vai admitir? Vai te entregar?”

“Corre Corre, seu infeliz”, disse Yuan Bochecha, “você não é um civil qualquer, é um oficial do Exército, precisa honrar sua palavra. Está dizendo que fui eu que tirei o DIU da sua mulher? Cadê a testemunha? Está arruinando minha reputação, posso te processar se não parar com isso!”

“Tudo bem”, eu disse, “no final das contas não é culpa sua. Vim aqui para ver se pode me ajudar com alguma ideia. A situação é essa que te falei, o que é que eu faço agora?”

Yuan Bochecha fechou os olhos, contou nos dedos enquanto murmurava alguma coisa. Abriu os olhos de repente. “Meu irmãozinho, tenho uma ótima notícia!”

“O que é?”

“O bebê que sua estimada mulher carrega é a reencarnação de uma grande personalidade da última dinastia. Como se trata de um segredo celestial, não posso dizer quem é, mas vou lhe dar quatro frases, para você gravar e não se esquecer: este menino nasce com sublime ossatura; é notável seu talento, nos estudos ele brilha; seu nome costuma figurar entre os primeiros; a túnica púrpura e o cinto de jade são os sinais de sua glória.”

“Como você sabe inventar histórias...” Falei da boca para fora, mas no fundo sentia um alívio inexplicável. “Pois é, se eu pudesse mesmo ter um filho desses...”

Obviamente Yuan Bochecha leu meu pensamento, com um sorriso imperceptível, ele disse: “Meu irmão, é a vontade do céu, não pode contrariar!”

Balancei a cabeça e disse: “Mas se deixar Wang Renmei dar à luz, estarei perdido”.

“Como diz o velho ditado: ‘O Céu nunca fecha todas as portas’.”

“Diga logo.”

“Você manda um telegrama para seus superiores, diz que sua esposa não está grávida, foi tudo calúnia de seu inimigo.”

“É esse o plano brilhante que vai me sugerir?”, zombei. “Acha que dá para embrulhar fogo com papel? Depois que o bebê nascer, não vai precisar ser registrado? Não vai precisar ir à escola?”

“Para que pensar nisso tudo? O nascimento do bebê já seria uma vitória. Aqui é que o controle é rígido, em outras aldeias há montes de bebês sem registro! Agora cada um trabalha para si mesmo, há comida de sobra. Deixe a criança crescer. Com ou sem cadastro, é cidadão da República Popular da China. Não acredito que o governo vá anular a nacionalidade dessas crianças!”

“Mas, uma vez descoberto, eu estaria acabado, não é mesmo?”

“Não tem jeito”, disse Yuan Bochecha, “não existe cana com açúcar nas duas pontas.”

“Merda, essa desgraça de mulher merecia uns sopapos!” Tomei a aguardente que restava no copo e desci do *kang*. “Minha vida está nessa encrenca por culpa dela”, disse com rancor.

“Não diga isso, de modo algum. Fiz o cálculo do horóscopo para vocês, Wang Renmei tem a sina de ajudar o marido. Seu sucesso se deve muito ao auxílio dela.”

“Sina de ajudar o marido?”, ri com desdém. “Deve ser sina de arruinar o marido, isso sim.”

“Na pior das hipóteses”, disse Yuan Bochecha, Wang Renmei dá à luz seu filho, você perde sua patente no Exército e volta à lavoura. O que há de mau nisso? Em vinte anos, seu filho terá uma carreira promissora, e você, como pai dele, só vai aproveitar a vida, então tudo isso terá compensado, não?”

“Se ela tivesse conversado comigo antes, eu até aceitaria”, eu disse, “mas não consigo engolir a maneira como ela me tratou.”

“Corre Corre”, disse Yuan Bochecha, “de qualquer maneira Wang Renmei está grávida de seu filho, tirar a criança ou deixá-la nascer é a sua escolha.”

“Sim, é de fato a minha escolha, mas, meu irmão, lembre-se de que as paredes têm ouvidos, você precisa tomar muito cuidado!”

Peguei minha filha adormecida nos braços de Flor Marcada e saí pelo portão da frente. Virei a cabeça para me despedir da mulher de Yuan, que me sussurrou: “Deixe que ela tenha essa criança, talvez escondida em outro lugar, posso fazer os contatos para vocês”.

Nesse momento, um jipe parou diante da casa, dois policiais saltaram da viatura e forçaram a entrada pelo portão. A mulher estendeu os braços para tentar impedi-los, mas os policiais a empurraram para o lado e invadiram a sala. Lá de dentro veio uma barulheira. Ouviu-se a gritaria de Yuan Bochecha que, poucos minutos mais tarde, saiu puxado pelos policiais, arrastando os sapatos, as mãos algemadas.

“Por que estão me prendendo? Por quê?”, perguntava Yuan Bochecha aos policiais com a cabeça inclinada.

“Fique calado”, um deles respondeu. “Você não sabe mesmo o motivo de sua prisão?”

“Corre Corre”, disse Yuan voltando-se para mim, “você precisa me afiançar! Não fiz nada contra a lei.”

Nisso, uma mulher corpulenta desceu do jipe.

“Tia?!”

Ela tirou a máscara e me disse com frieza: “Quero ver você amanhã no posto de saúde!”.

8.

“Tia, então deixe que ela tenha essa criança”, eu disse desalentado, “não quero mais a filiação ao Partido, nem o cargo.”

Minha tia bateu na mesa com tanta força que fez respingar a água do copo à minha frente.

“Você não presta para nada mesmo, Corre Corre!”, disse ela. “Não é uma questão individual! Nossa comuna completou três anos seguidos sem um único nascimento fora da cota. E agora vem você querendo quebrar a regra?”

“Mas ela tem tendência suicida”, falei constrangido, “e se acontecer mesmo alguma coisa, o que vamos fazer?”

“Sabe qual é a regra deste lugar? Não tomar o frasco de quem bebe veneno! Dar uma corda a quem quiser se enforcar!”

“Que barbaridade!”

“E somos bárbaros porque queremos? No seu Exército não é preciso ser bárbaro; na cidade não é preciso ser bárbaro; no exterior, menos ainda — essas estrangeiras só querem saber de gozar a vida, não têm filhos nem com os incentivos e prêmios do Estado —, mas aqui é a zona rural da China e, com os camponeses, você pode explicar as razões com toda a calma e paciência, explicar a política, gastar as solas de seus sapatos, afinar os beiços de tanto falar, mas quem lhe dá ouvidos? E o que nos resta fazer? O controle populacional não pode deixar de ser feito, as ordens do governo não

podem deixar de ser implementadas, as metas estabelecidas por nossos superiores não podem deixar de ser cumpridas, o que você acha que nos resta a fazer? Quando se trabalha no planejamento familiar, de dia te xingam pelas costas, de noite jogam tijolos em cima da gente, até uma criança de cinco anos furou minha perna com uma agulha de sapateiro.” Minha tia levantou a barra da calça e me mostrou uma cicatriz roxa na barriga da perna. “Viu só? Isso foi há pouco tempo em Dongfeng, um bostinha vesgo! Você se lembra do que aconteceu com a esposa de Zhang Punho?” Fiz que sim com a cabeça enquanto me recordava do que acontecera havia mais de dez anos no rio. “Sem sombra de dúvida foi ela que pulou do barco e nós a tiramos da água. Mas Zhang Punho e outras pessoas daquela aldeia dizem que nós é que empurramos Geng Xiulian no rio e a matamos afogada. Até escreveram uma carta coletiva, assinada com suas digitais marcadas em sangue, para denunciar diretamente ao Conselho de Estado. Os superiores mandaram investigar e, sem outra saída, transformamos Huang Qiuya em bode expiatório”, minha tia acendeu um cigarro e tragou com vontade, a fumaça envolveu seu rosto amargurado. Estava bastante envelhecida, duas linhas verticais desciam direto dos cantos da boca até o queixo, bolsas pendiam sob os seus olhos, que emitiam um brilho embaçado. “Fizemos um esforço enorme para salvar Geng Xiulian, doei a ela quinhentos mililitros de sangue, mas ela tinha uma cardiopatia congênita. Não pudemos fazer nada. Pagamos a Zhang Punho uma indenização de mil iuanes, não era pouco naquela época. Zhang Punho aceitou o dinheiro, mas não deixou barato: colocou o corpo da mulher num carrinho e foi com as três filhas vestidas de luto até a sede do comitê do Partido no distrito para criar caso. E isso justo na hora em que um dirigente provincial tinha vindo inspecionar o trabalho de planejamento familiar. A polícia chegou num jipe velho e me levou junto com Huang Qiuya e Leoazinha para

a hospedaria oficial do distrito. Os policiais nos trataram com truculência, como se fôssemos bandidas. Um dirigente distrital veio falar comigo, virei a cara e disse: 'Não vou falar com você, quero falar com a autoridade provincial'. Invadi o quarto do dirigente provincial. Ele estava sentado no sofá lendo jornal. Assim que o vi, percebi que era Yang Lin! Agora era vice-governador da província e, por sua cara lisa e carnuda, via-se que estava bem de vida. Fui tomada por uma raiva inexplicável e disparei a falar como uma metralhadora, tá-tá-tá-tá. 'Vocês dão as ordens lá em cima e nós aqui embaixo temos de cumpri-las a todo custo, temos de correr de perna quebrada e falar até afinar os beiços. Falam para sermos civilizados, politicamente corretos, trabalhar na conscientização das massas... Ficam lá falando o que lhes dá na telha, mas a verdade é que quem nunca pariu um filho não sabe como dói a *! Desçam aqui nas bases para ver como é. A gente se esforça, dá tudo de si, é xingada, é agredida até ficar em carne viva e ver o sangue correr, mas quando acontece algum acidente, os dirigentes, além de não nos darem apoio, ainda ficam do lado de gente cabeça-dura e encrenqueira! Vocês acabam com nossa motivação!'" Minha tia falava com uma ponta de orgulho: "Algumas pessoas não têm coragem de falar na frente de um alto funcionário, mas eu não estou nem aí! Quanto mais encontro esses funcionários, mais faladeira eu fico — e não é porque eu goste de falar, acontece que tenho muita amargura acumulada aqui dentro. Eu falava aos prantos e ainda mostrava a cicatriz na minha cabeça. 'O fato de Zhang Punho me dar uma paulada na cabeça não é contra a lei? E quanto a pular no rio para salvar aquela mulher e doar a ela meio litro de sangue, não é fazer o humanamente possível para ajudar?' Eu chorava a plenos pulmões e dizia: 'Me mandem para o campo de trabalho, me ponham na cadeia, que eu não quero mais mexer com isso'. Minhas palavras deixaram Yang Lin com lágrimas nos olhos. Ele se levantou,

me serviu um copo d'água, trouxe uma toalha quente do banheiro e disse: 'O trabalho nas bases é mesmo muito árduo, como disse o presidente Mao: "a questão mais importante é educar os camponeses"; camarada Jovem Wan, você foi vítima de uma injustiça, eu a entendo, os dirigentes do distrito também a entendem, nós a temos em alto conceito'. Ele veio se sentar perto de mim e me perguntou: 'Camarada Jovem Wan, não quer vir trabalhar conosco no governo provincial?'. É claro que percebi as intenções dele, mas bastou me lembrar das bobagens que ele dizia nas assembleias de denúncia para eu perder todo o interesse. 'Não', disse eu resoluta, 'não vou, sou imprescindível para o trabalho deste lugar.' Ele balançou a cabeça, lamentoso, e disse: 'Então vá trabalhar no Hospital Distrital!'. Eu respondi: 'Não, não vou a lugar nenhum'. Quem sabe teria sido melhor largar tudo e ir com ele, o que os olhos não veem o coração não sente, quem quiser ter filho, que abra as pernas e tenha, que nasçam dois bilhões, três bilhões, quando o céu desabar, quem for mais alto que o sustente. Para que vou me preocupar tanto? Sua tia nesta vida só se deu mal por ser obediente demais, revolucionária demais, dedicada demais, séria demais."

"Ainda não é tarde para a senhora tomar consciência disso", falei.

"Coisa nenhuma!", zangou-se minha tia. "Do que está falando? Que conversa é essa de 'tomar consciência'? Só estou desabafando com você, que é uma pessoa da família. Sou leal e devotada ao Partido Comunista, nem tudo aquilo que passei na Revolução Cultural conseguiu me abalar, quanto menos agora! O controle de natalidade não pode deixar de ser feito. Se liberar os nascimentos, em um ano serão trinta milhões, em dez anos, trezentos milhões, em mais cinquenta anos, a Terra vai ser esmagada pelos chineses, por isso é preciso baixar a taxa de natalidade a todo custo, é uma contribuição dos chineses para toda a humanidade!"

“Tia”, eu disse, “até posso entender esses motivos maiores, mas o problema que temos agora é que Wang Renmei fugiu...”

“Foge o monge, mas fica o templo!”, disse minha tia. “Para onde mais ela poderia fugir? Ela está escondida lá com o seu sogro!”

“Wang Renmei é meio destemperada, se a gente fizer pressão, tenho medo que aconteça alguma coisa...”

“Quanto a isso, pode ficar tranquilo”, disse minha tia com ar de quem já tinha um plano, “já faz algumas décadas que lido com essa mulherada. Conheço bem o gênio delas, quanto às escandalosas, como sua esposa, que volta e meia ameaçam se matar, mas, na verdade, não têm nenhum problema, fique tranquilo, elas não têm a mínima vontade de morrer. Já as quietas, que não dizem nada, têm mais chances de se enforcar, pular num poço ou tomar veneno. Nas várias décadas que trabalho com planejamento familiar, as mulheres que se suicidaram fizeram isso por outros motivos. Nesse aspecto pode ficar totalmente despreocupado.”

“Mas então a senhora me diga o que fazer”, eu disse indeciso, “não dá para pegá-la como se fosse uma porca e levar para o hospital na marra.”

“Se não puder ser de outro jeito, tem de ser na marra mesmo. Principalmente tratando-se da sua esposa”, disse minha tia, “quem mandou ser meu sobrinho? Se eu poupá-la, como vou conseguir convencer as massas? Assim que eu abrir a boca, vão usar isso para me fazer calar.”

“Já que é assim, só me resta obedecer”, eu disse. “Será preciso o Exército mandar alguém para dar um apoio?”

“Já mandei um telegrama para a sua unidade.”

“O primeiro telegrama também foi a senhora que mandou?”

“Fui eu”, disse minha tia.

“Já que sabia que ela estava grávida, por que não tomou providências antes?”

“Passei dois meses numa reunião na sede do distrito e só fiquei sabendo quando voltei”, minha tia falava com raiva, “aquele filho da mãe do Yuan Bochecha só me dá dor de cabeça, ainda bem que alguém denunciou, senão o problema seria ainda maior.”

“Ele vai ser condenado?”

“Por mim ele deveria ser executado!”, disse ela furiosa.

“Ele não deve ter retirado o DIU só de Wang Renmei.”

“Já estamos a par de toda a situação: sua esposa e a esposa de Wang Sete da aldeia Wang, a esposa de Sun Jinniu da aldeia Sun, e ainda Wang Vesícula, esposa de Chen Nariz, que é a que está grávida há mais tempo. Nos outros distritos ainda tem mais de uma dezena, mas estão fora de nossa alçada. Vamos começar por operar sua esposa e depois vamos cuidar de cada uma, que nenhuma delas pense que vai escapar.”

“E se fugirem?”

“Nem o Rei Macaco, com todo seu engenho, conseguiu escapar da palma de Buda!”*

“Tia”, eu disse, “no meu caso, que sou oficial do Exército, minha esposa é obrigada a fazer o aborto, mas Wang Vesícula e Chen Nariz são camponeses, tiveram primeiro uma menina, de acordo com a política, eles podem ter um segundo filho. Não é fácil para alguém como Wang Vesícula engravidar..”

Minha tia me interrompeu e disse em tom de deboche: “Ainda nem resolveu o problema da própria família e já está querendo resolver o problema alheio! De acordo com a política, eles podem sim ter o segundo filho, mas só depois que a primeira criança completar oito anos de idade. E quantos anos tem a filha deles?”.

“Não é só uma questão de antecipar alguns anos?”, eu disse.

“Você fala como se fosse algo simples: antecipar alguns anos! E se todos resolvessem fazer isso? Não podemos abrir esse precedente, uma vez aberto, isto aqui vai virar uma bagunça. Deixe de se

importar com os outros”, disse minha tia, séria, “e cuide do que lhe diz respeito.”

* O Rei Macaco e a palma de Buda é um episódio da *Jornada ao Oeste*, romance mitológico que narra a peregrinação do monge Xuanzang em busca das escrituras budistas. Confiante em seus poderes mágicos, o Rei Macaco apostou com Buda que seria capaz ir até o fim do mundo. Ele então voou grandes distâncias até chegar a uma montanha de cinco picos. Acreditando ter atingido o sustentáculo do céu, urinou ao pé do pico central e regressou para contar sua façanha. Buda então estendeu a mão ao Rei Macaco e pediu que cheirasse a própria urina em seu dedo médio, fazendo-o entender que jamais havia deixado a palma de sua mão.

9.

Minha tia entrou em nossa aldeia com uma grande força-tarefa de planejamento familiar. A chefe era ela, o vice-chefe era o vice-diretor do departamento de milícias da comuna. Também faziam parte Leoazinha e seis robustos milicianos. Vinham numa van com alto-falante, acompanhada de um possante trator de esteira.

Antes da chegada dessa força-tarefa, fui mais uma vez bater à porta do meu sogro. Dessa vez, ele fez a gentileza de me deixar entrar.

“O senhor também serviu no Exército”, disse a ele, “sabe que uma ordem militar é como uma montanha vindo abaixo, não adianta resistir.”

O sogro fumava um cigarro, ficou quieto por um bom tempo e disse: “Já que você sabia que não iam deixá-la ter o bebê, por que engravidou minha filha? Já está com tantos meses de gravidez, como vai fazer o aborto? E se ela morrer? Essa é a única filha que eu tenho!”.

“Mas não é culpa minha”, tentei explicar.

“Se a culpa não é sua, então é de quem?”

“Se alguém tem culpa nisso, é o filho da mãe do Yuan Bochecha, eu disse, “ele já foi levado pela polícia.”

“Mas se acontecer qualquer coisa com a minha filha, vou te matar nem que isso me custe a vida.”

“Minha tia diz que não tem problema”, expliquei, “diz que fez aborto até em mulher com sete meses de gravidez.”

“Sua tia não é gente, é um demônio!”, disse minha sogra, surgida não sei de onde. “Quantas vidas ela já arruinou nesses anos todos? Está com as mãos sujas de sangue. Quando morrer, o rei do Inferno vai fazer picadinho dela!”

“Por que se mete na nossa conversa?”, disse meu sogro. “Isto é assunto de homem.”

“E como é que pode ser assunto de homem?”, ela gritou com voz estridente, “bem se vê que estão querendo empurrar minha filha para a porta do inferno, e ainda vem me dizer que isso é assunto de homem?”

“Mãe, não vou discutir com a senhora. Pode chamar a Renmei? Quero conversar com ela”, eu disse

“E por que acha que vai encontrar Renmei aqui? Ela é sua mulher e mora na sua casa. Ou será que você fez algum mal a ela? Eu é que devo te pedir para ir buscar minha filha!”

“Renmei, sei que está me escutando”, gritei, “ontem fui conversar com minha tia, disse a ela que estava pronto para deixar o Partido e o cargo, e voltar à lavoura, só para você ter esse filho. Mas minha tia disse que isso também não vai funcionar. O pessoal da província já sabe o que Yuan Bochecha fez, o distrito deu ordens expressas a minha tia para fazer o aborto de todas as mulheres que engravidaram ilegalmente.”

“De jeito nenhum! Que sociedade é esta!” A sogra despejou sobre mim uma bacia de água suja, xingando. “Fale para aquela vadia da sua tia vir aqui, vou acabar com ela, nem que eu morra junto! Ela não consegue ter filho e fica com raiva, com inveja de quem tem.”

Encharcado de água suja, bati em retirada num estado de dar pena.

A van da força-tarefa estacionou na frente da casa do meu sogro. Praticamente qualquer um capaz de andar veio ver o que estava acontecendo. Nem a paralisia deteve Xiao Lábio Superior, que apareceu lá, de cara torta, apoiado numa bengala. Do alto-falante, saía uma voz cheia de entusiasmo e energia: "O planejamento familiar é uma grande prioridade, que diz respeito ao futuro do país e da nação... Para construir um país forte com as quatro modernizações, devemos fazer todo o possível para controlar o crescimento da população e melhorar sua qualidade... Quem engravidar de forma ilegal não deve confiar na sorte e tentar se safar... Nada escapa aos olhos das massas populares, mesmo que se esconda num buraco ou na mata fechada, não será capaz de escapar... Quem emboscar ou agredir um funcionário do planejamento familiar será punido como contrarrevolucionário em flagrante... Quem de alguma maneira sabotar os trabalhos de planejamento familiar, será rigorosamente punido conforme a disciplina do Partido ou a legislação nacional...".

Minha tia ia na frente, o vice-diretor do departamento da milícia da comuna e Leoazinha vinham atrás dela, de escolta. O portão da casa do meu sogro estava firmemente fechado, nos dois lados da entrada se liam os versos: "Infinita é a beleza de nossa terra; eterna é a primavera da pátria". Minha tia disse aos curiosos que a cercavam: "Sem o planejamento familiar, a beleza de nossa terra vai acabar e a pátria vai entrar em colapso! Onde vamos encontrar a beleza infinita? De onde virá a primavera eterna?". Ela bateu a argola da porta e gritou com a voz rouca que lhe era peculiar: "Wang Renmei, você está escondida no silo de batata-doce ao lado do chiqueiro. Acha que não sei? Seu caso já chegou aos ouvidos do comitê distrital e até do Exército, você é um mau exemplo. Agora há apenas dois caminhos à sua frente, ou você sai daí obediente, vem

comigo fazer o aborto no posto de saúde. Levando em conta a fase avançada da sua gravidez e sua própria segurança, podemos acompanhá-la até o hospital do distrito e procurar o melhor profissional para fazer a sua cirurgia. Ou você continua resistindo até o final. Aí vamos usar o trator para pôr abaixo primeiro a casa dos vizinhos e por último a dos seus pais. Seu pai deverá arcar com todo o prejuízo dos vizinhos. E mesmo assim você ainda vai precisar fazer o aborto. Com os outros, eu poderia ser mais educada, mas com você não farei cerimônia! Wang Renmei, escutou o que falei? Wang Jinshan e Wu Xiuzhi, entenderam o que eu disse?”, perguntou minha tia mencionando os nomes dos meus sogros.

Houve um longo silêncio dentro do portão, depois se escutou o cantar estridente de um galo jovem. Em seguida foi minha sogra que abriu o berreiro enquanto rogava pragas: “Wan Coração, sua peste, coisa-ruim, demônio sem alma... Você não há de ter uma boa morte... Depois de morrer, vai escalar uma montanha de lâminas cortantes, vão jogar você num caldeirão de óleo fervente, vão arrancar sua pele e cavar seus olhos, vai queimar inteira numa Lanterna Celestial...”.

Minha tia sorriu com desdém e falou para o vice-diretor: “Podem começar!”.

Sob o comando do vice-diretor, os milicianos amarraram um cabo de aço grosso e comprido na velha acácia no portão do vizinho do meu sogro para o lado do nascente. Apoiado na bengala, Xiao Lábio Superior pulou para fora da multidão e gritou numa pronúncia confusa: “Isto é... árvore da minha família...”. Tentou bater na minha tia com a bengala, mas mal a levantou, perdeu o equilíbrio — a minha tia disse friamente: “É a árvore da sua casa? Que pena... azar o seu ter escolhido mal seu vizinho!”.

“Vocês são uns bandidos... agem como o Partido Nacionalista... fazendo todas as famílias pagarem pelo erro de uma...”

“O Partido Nacionalista nos chamava de ‘bandidos comunistas’”, disse minha tia com um sorriso sarcástico. “Mas para você somos apenas bandidos, você não chega nem à altura do Kuomintang.”

“Vou denunciá-los... Meu filho trabalha no Conselho de Estado...”

“Então denuncie, quanto mais alto chegar sua denúncia, melhor!”

Xiao Lábio Superior jogou a bengala de lado, abraçou a acácia e disse, chorando: “Não podem arrancar a minha árvore... Yuan Bochecha havia dito... que a árvore está ligada à força vital da minha família... Enquanto a árvore medrar, a vida da minha família vai prosperar...”.

Minha tia disse, rindo: “Yuan Bochecha não soube nem prever quando seria levado pela polícia”.

“Então me matem primeiro...”, gritou Xiao Lábio Superior.

“Xiao Lábio Superior”, disse a tia com voz severa, “onde está aquela pessoa temida que batia e torturava durante a Revolução Cultural? Por que fica aí soluçando como uma mulher?”

“Eu sabia... você está agindo em causa própria a pretexto do bem público... quer se vingar de mim... foi a esposa de seu sobrinho que engravidou ilegalmente... com base em que vai arrancar a minha árvore?”

“Não vamos só arrancar sua árvore”, respondeu a tia, “ainda vamos derrubar seu portão e pôr sua casa abaixo. Não adianta nada você ficar chorando aqui, deve reclamar com Wang Jinshan!” Minha tia recebeu da Leoazinha o megafone e disse para a multidão: “Atenção vizinhos dos dois lados da casa de Wang Jinsha! Segundo as disposições especiais da Comissão de Planejamento Familiar da Comuna, como Wang Jinshan escondeu a filha que engravidou de forma ilegal, resistiu obstinadamente ao governo, agrediu com insultos os funcionários, está decidido que serão derrubadas as casas dos vizinhos, todos os prejuízos serão responsabilidade da

família de Wang Jinshan. Quem não quiser ter a casa destruída, que venha logo convencer Wang a entregar a filha”.

Os vizinhos começaram a bater boca e a confusão se instalou.

Minha tia disse ao vice-diretor da milícia: “Mãos à obra!”.

O rugido do trator de esteira sacudiu o chão sob os pés.

O colosso de metal avançava ruidoso, o cabo de aço zunia à medida que tensionava. Os galhos e as folhas da árvore tremiam, farfalhavam.

Xiao Lábio Superior avançou trôpego até o portão da casa do meu sogro e bateu na porta, enlouquecido: “Wang Jinshan, malditos sejam seus antepassados! Você só traz prejuízos para seus vizinhos, jamais descansará em paz!”.

No desespero, até sua pronúncia indistinta ficou mais clara.

O portão da casa do meu sogro continuava firmemente fechado. Do lado de dentro vinha o choro incontido da minha sogra.

Minha tia acenou para o vice-diretor da milícia levantando o braço direito e abaixando-o abruptamente.

“Aumente a potência!”, gritou o vice-diretor para o motorista do trator.

O trator produziu um ronco de estourar os tímpanos. Esticado em linha reta, o cabo de aço zumbia, apertava a acácia, e apertava ainda mais, entranhava-se na casca da árvore, a seiva brotava. O trator avançava lento, centímetro a centímetro, anéis azulados de fumaça saíam empilhados dos tubos metálicos sobre o capô. O condutor dirigia a máquina olhando para trás. Vestia um uniforme azul, bem lavado, de tecido grosso, levava uma toalha imaculadamente branca no pescoço e um boné enviesado na cabeça. Os dentes de cima mordiam o lábio de baixo e, sob o nariz, crescia um bigode preto. Parecia um rapaz bem competente... A árvore, inclinando-se, estralejava em ruídos secos, doídos. O cabo,

que já ia fundo no tronco, arrancara um pedaço da casca e revelava a brancura das fibras internas...

“Wang Jinshan, seu desgraçado, venha aqui fora...” Xiao Lábio Superior esmurrava, dava joelhadas, dava cabeçadas na porta. Mas na casa do meu sogro não se ouvia um pio, até o choro da minha sogra tinha cessado.

A árvore inclinou-se e inclinou-se ainda mais até que sua copa exuberante tocou o chão com estardalhaço.

Xiao Lábio Superior cambaleou até chegar à acácia: “Minha árvore... árvore do nosso destino...”

O movimento das raízes abriu rachaduras no solo.

Xiao Lábio Superior reuniu forças para voltar ao portão da casa do meu sogro: “Wang Jinshan, seu filho de uma puta! Somos vizinhos há décadas, por pouco não nos tornamos compadres, e você vem me arruinar a vida desse jeito...”

Fora do solo, as raízes da árvore mostravam um amarelo-pálido, pareciam grandes jiboias... Estrepitavam à medida que eram arrancadas, algumas se partiam, quanto mais se puxavam, mais se estendiam, um punhado de grandes jiboias... A copa caída por terra parecia uma enorme vassoura arrastada ao contrário. Os galhos mais finos iam se quebrando, a poeira subia do chão. A multidão abria as narinas para sentir o cheiro de terra fresca e seiva...

“Porra, Wang Jinshan, vou morrer de tanto bater na sua porta...” As cabeçadas de Xiao Lábio Superior no portão pareciam mudas, não porque não fizessem barulho, mas porque seu ruído era abafado pelo ronco do trator.

A grande acácia foi parar a dezenas de metros da casa de Xiao. No seu lugar, ficou um grande buraco cheio de raízes quebradas e crianças à procura de ninfas de cigarra.

Minha tia anunciou pelo alto-falante elétrico: “Agora vamos pôr abaixo o portão da casa de Xiao!”

Um grupo de pessoas carregaram Xiao para um lado, apertaram-lhe o meio do bigode para reanimá-lo, massagearam seu peito.

“E vocês, vizinhos de Wang Jinshan”, disse a tia serenamente, “voltem para casa e peguem seus objetos de valor, depois de derrubar a casa de Xiao Lábio Superior, será a vez de vocês. Sei que isso não faz sentido, mas uma razão menor precisa obedecer a uma razão maior, e qual é a razão maior? É o planejamento familiar, o controle populacional. Não me importo de ser a malvada, alguém sempre terá de ser a malvada. Sei que vocês já me condenaram ao inferno! Uma comunista não acredita nessas coisas, uma materialista de verdade não tem medo de nada! Mesmo que o inferno existisse, eu iria sem medo! Se eu não for ao inferno, quem irá? Soltem o cabo de aço e amarrem no portão da casa de Xiao!”

Os vizinhos se apinharam na porta do meu sogro como um enxame de abelhas, esmurravam o portão, chutavam, jogavam pedaços de tijolo e cacos de telha por cima do muro. Um deles até trouxe palha de milho, enfiou sob o beiral da casa e gritou: “Wang Jinshan, se você não sair, vamos tacar fogo na sua casa!”.

A porta finalmente se abriu, mas quem estava lá não era meu sogro nem minha sogra, era minha esposa. Tinha o cabelo desgrenhado, a roupa suja de terra e lama, um sapato no pé esquerdo, o pé direito descalço, aparentemente acabara de sair do silo.

Ela se aproximou da minha tia e disse: “Tia, vou fazer o aborto, o que mais você quer?”.

“Eu sabia que a mulher do meu sobrinho era uma pessoa de princípios!”, disse minha tia com um sorriso.

“Tia, eu realmente admiro você!”, disse minha esposa. “Se fosse homem, seria capaz de comandar um grande exército!”

“Você também”, disse minha tia, “desde que desmanchou o noivado com o filho do Xiao, tão decidida, já sabia que era uma

grande mulher.”

“Renmei”, eu disse, “quanto sofrimento te causamos.”

“Corre Corre, me deixe ver sua mão.”

Sem entender o que ela queria, mostrei-lhe minha mão.

Ela a agarrou e mordeu meu pulso com força.

Eu nem tentei resistir.

Os dentes deixaram no pulso duas fileiras bem marcadas, escorria um sangue escuro.

Ela cuspiu e disse brava: “Você me faz sangrar, eu também te faço”.

Estendi a ela o outro pulso.

Ela o empurrou para o lado e disse: “Não quero morder mais! Fede a cachorro!”.

Xiao Lábio Superior recuperou os sentidos e pôs-se a uivar enquanto batia no chão como uma mulher: “Wang Renmei, Wan Corre Corre, vocês vão me indenizar.. vão me indenizar pela árvore...”.

“Não vou indenizar bosta nenhuma!”, disse minha mulher. “Seu filho passou a mão no meu peito e ainda me deu um beijo na boca! Esta árvore vale como indenização pela minha juventude perdida!”

“Ó! ó! ó!”, fez um grupo de adolescentes aplaudindo o brilhante discurso da minha esposa.

“Renmei!”, gritei enfurecido.

“Para que tanto alvoroço?” Ela subiu na van da minha tia e disse, pondo a cabeça para fora: “Foi por cima da roupa!”.

* Referência a uma frase do bodisatva Dizang (Ksitigarbha em sânscrito), encarregado da instrução de todos os seres em todos os domínios da existência, incluindo o inferno. Na frase original, Dizang promete só se tornar um buda depois de esvaziar o inferno.

10.

A diretora Yang, chefe da Comissão de Planejamento Familiar da minha unidade de trabalho, veio a nossa aldeia. Filha de um líder militar de alta patente, ela ocupava o cargo de general de divisão. Eu a conhecia pelo seu renome, mas era a primeira vez que a via pessoalmente.

A diretoria da comuna ofereceu-lhe um banquete, e ela pediu que eu e Wang Renmei também participássemos.

Minha tia deu seus próprios sapatos de couro para Wang Renmei usar.

O banquete aconteceu numa sala reservada no refeitório da sede de comuna.

“Corre Corre, acho melhor eu não ir. Tenho medo de chegar perto de uma oficial tão graduada”, disse Wang Renmei. “Além do mais, depois de todo aquele bafafá, não é nada honroso.”

Minha tia riu e disse: “Tem medo de quê? Por mais alta que seja a autoridade, ela continua tendo um nariz e dois olhos”.

À mesa, a diretora Yang insistiu que Renmei e eu nos sentássemos junto dela, um de cada lado. Pegando a mão de Wang Renmei, ela disse com carinho: “Camarada Wang, quero lhe agradecer em nome da minha divisão!”.

“Senhora diretora”, respondeu Wang Renmei, emocionada, “fui eu que cometi um erro e lhe causei problemas.”

Eu, que temia que Renmei falasse algo inconveniente, fiquei bastante aliviado ao vê-la se comportar com tanta educação.

“A esposa do meu sobrinho é uma pessoa de muita consciência. Ela engravidou por acidente e tomou a iniciativa de me procurar para fazer o aborto. Mas, como as condições físicas dela não permitiam, ficamos adiando até agora.”

“Wan, preciso criticar você”, disse a diretora Yang. “Vocês, homens, são descuidados, confiam demais na sorte!”

Eu não parava de balançar a cabeça em sinal de concordância.

O secretário da comuna levantou-se com a taça na mão: “Quero agradecer à diretora Yang, que veio até aqui, entre mil afazeres, para nos inspecionar e orientar!”

“Sou muito familiarizada com esta região”, disse Yang, “meu pai lutou na guerrilha aqui. Na batalha Jiao, ele montou o comando geral nesta aldeia, por isso me sinto em casa neste lugar.”

“Estamos muito felizes”, disse o secretário da comuna, “por favor, diga ao senhor comandante que estamos esperando sua visita.”

Minha tia também se levantou com a taça: “Sra. Yang, queria lhe fazer um brinde também!”

O secretário da comuna explicou: “A dra. Wan é filha de um mártir, aderiu à revolução desde muito pequena, junto com o pai”.

Minha tia disse: “Diretora Yang, até existe uma ligação entre nós. Meu pai foi diretor do Hospital Xihai do Exército da Oitava Rota, aluno do dr. Bethune, e tratou um ferimento na perna do vice-comandante Yang!”.

“É mesmo?”, disse ela, levantando-se animada. “Meu pai está escrevendo suas memórias e mencionou um médico chamado Wan Seis Vísceras.”

“É meu pai”, disse minha tia. “Depois da morte dele, morei com minha mãe por dois anos na zona liberada de Jiaodong. Naquele tempo, brincava com uma menina chamada Yang Coração...”

Yang pegou a mão da minha tia, comovida, os olhos cheios de lágrimas: “Wan Coração, você é mesmo Wan Coração?”.

“Wan Coração e Yang Coração, dois corações vermelhos. Não foi o diretor Zhong que disse isso?”, minha tia perguntou.

“Foi ele mesmo”, respondeu Yang, enxugando as lágrimas com a mão. “Quantas vezes sonhei com você, quem diria que a encontraria aqui.”

“Não foi à toa que achei você familiar!”, comentou minha tia.

“Então, vamos brindar pelo reencontro da diretora Yang e da diretora Wan depois de tanto tempo!”, propôs o secretário da comuna.

Minha tia piscou para mim. Entendi o que queria dizer e levei Wang Renmei para a frente da diretora Yang e falei: “Peço sinceras desculpas, diretora Yang, por fazê-la se deslocar até aqui, unicamente por causa de um problema criado por mim”.

“Desculpe, diretora Yang”, disse Wang Renmei, curvando-se, “meu marido não tem nada com isso, a culpa foi minha. Fui eu que furei a camisinha com uma agulha, ele não sabia...”

Yang parou por um segundo e riu sonoramente.

Meu rosto ferveu. Dei uma cotovelada em Wang Renmei e disse: “Pare de falar bobagem”.

A diretora Yang apertou a mão de Renmei e olhou-a de cima a baixo: “Camarada Wang, gosto da sua franqueza. Tem algo da personalidade de sua tia!”.

“Como posso me comparar com minha tia?”, ela reagiu. “A tia é um cão fiel do Partido Comunista, morde onde o Partido mandar...”

“Pare de falar bobagem!”

“E quem disse que estou falando bobagem?”, retrucou. “Isso não é óbvio? Se o Partido mandar a tia subir numa montanha de adagas, ela sobe; se o Partido mandar a tia pular num mar de chamas, ela pula...”

“Pois bem, pois bem”, interveio minha tia, “chega de falar de mim. Ainda acho que não fiz o suficiente, preciso continuar a me esforçar.”

“Camarada Wang”, disse Yang, “que mulher não gosta de criança? Queremos ter um, dois, três filhos, e ainda que tenhamos dez, não vamos achar que é muito. O Partido e o país também amam crianças. Você não viu como o presidente Mao e o premiê Zhou se desmanchavam em sorrisos ao verem crianças? É um amor que vem do fundo do coração. Para que fizemos a revolução? No fundo, queremos que nossos filhos tenham uma vida feliz. As crianças são o futuro do país, o tesouro da nação! Mas estamos com um problema: se não controlarmos a natalidade, as crianças podem ficar sem comida, sem roupa para vestir, sem escola para ir. Por isso o planejamento familiar consiste em trocar um mal menor por um bem maior. Você enfrenta um pequeno sofrimento, faz um pouco de sacrifício, e essa será sua contribuição para o nosso país!”

“Vou fazer o que a senhora diz, diretora Yang”, disse Wang Renmei, “vou agora à noite fazer o aborto.” Virou-se para minha tia e disse: “Tia, aproveite para cortar fora o meu útero e assim acaba com essa história!”.

A diretora Yang ficou atônita e começou a rir.

Todo mundo riu junto.

“Corre Corre”, disse Yang apontando para mim, “sua esposa é um amor! Ela é muito engraçada! Mas não pode cortar o útero, e tem de cuidar muito bem dele! Não é mesmo, dra. Wan?”

“A esposa do meu sobrinho é muito competente”, minha tia disse, “depois que ela se recuperar da operação, vou convidá-la para trabalhar na força-tarefa de planejamento familiar! Secretário Wu, já o estou informando desde agora.”

“Não há problema”, disse o secretário, “precisamos reunir os melhores talentos na força-tarefa de planejamento familiar!”

Camarada Wang Renmei pode aproveitar a experiência pessoal para convencer as pessoas, isso criará um efeito especialmente positivo.”

“Corre Corre, qual é o seu cargo agora?”, a diretora Yang perguntou.

“Oficial de assuntos de arte e esporte com patente de capitão.”

“Há quantos anos você é capitão?”

“Três anos e meio.”

“Em breve será promovido a major”, disse Yang, “com isso a camarada já poderá ir morar com você em Pequim.”

“E minha filha vai poder ir junto?”, perguntou Wang Renmei, cautelosa.

“Claro que sim!”

“Mas ouvi dizer que é muito difícil acompanhar o marido transferido para Pequim, precisa esperar a cota...”

“Volte para casa e faça seu trabalho direitinho”, disse Yang, “eu vou cuidar disso para você.”

“Estou tão contente!”, Wang Renmei gesticulava alegremente. “Minha filha vai estudar em Pequim. Minha filha vai se tornar pequinesa!”

A diretora Yang olhou-a de novo com atenção e disse a minha tia: “Prepare-se bem para a operação, é preciso garantir a segurança”.

“Pode ficar tranquila quanto a isso!”, respondeu minha tia.

11.

Antes de entrar na sala de cirurgia, Wang Renmei agarrou minha mão de repente, olhou para as marcas de dente no meu pulso e disse, cheia de remorso:

“Corre Corre, eu não devia ter te mordido...”

“Não foi nada.”

“Ainda está doendo?”

“Não dói nada”, eu disse, “parece uma picada de mosquito.”

“Não quer me dar uma mordida?”

“Deixe disso”, falei, “parece criança.”

“Corre Corre”, dizia ela, segurando minha mão, “e Yanyan?”

“Está em casa, com os avós.”

“Ela tem o que comer?”

“Tem, eu comprei dois pacotes de leite em pó, um quilo de biscoito de leite, e ainda uma caixa de flocos de carne-seca e uma caixa de farinha de lótus. Não se preocupe.”

“Yanyan se parece com você, tem a pálpebra sem dobra, eu tenho a pálpebra com dobrinha.”

“Pois é, ela teria melhor sorte se parecesse mais com você, mais bonita que eu.”

“Dizem que, na maioria das vezes, a filha se parece com o pai, e o filho se parece com a mãe.”

“Pode ser.”

“Dessa vez estou esperando um menino, tenho certeza, não estou mentindo para você...”

“Os tempos mudaram, homens e mulheres são iguais”, eu disse, fingindo tranquilidade, “daqui a dois anos vocês vão com o Exército para Pequim, vamos procurar a melhor escola para nossa filha, dar a ela uma boa educação e fazer dela uma pessoa bem-sucedida. Uma boa filha vale mais que dez filhos preguiçosos!”

“Corre Corre...”

“O que foi agora?”

“Quando Xiao Lábio Inferior me tocou, foi por cima da roupa mesmo!”

“Você é uma piadista mesmo”, eu disse, rindo. “Já tinha me esquecido faz tempo.”

“Foi por cima de um casaco bem grosso, por baixo do casaco ainda tinha uma malha de lã, por baixo da malha, uma camisa e por baixo da camisa...”

“Tinha o sutiã, não é?”

“Naquele dia o sutiã estava lavando, saí sem ele, por baixo da camisa eu usava uma camiseta.”

“Tudo bem, pare de falar essas bobagens.”

“Quando me beijou, foi ele que atacou de repente.”

“Não vejo nada de mais, foi só um beijo! Estavam namorando, não estavam?”

“Mas não deixei por menos. Quando ele beijou minha boca, eu lhe dei uma joelhada no saco e ele se agachou com as mãos ali em cima.”

“Deus do céu, coitado do Xiao Lábio Inferior”, disse eu, “e por que não me chutou quando eu te beijei?”

“Porque ele tem mau hálito e você tem um hálito doce.”

“Isso quer dizer que você nasceu para ser minha esposa.”

“Corre Corre, sinto muita gratidão por você, de verdade.”

“Por que motivo?”

“Também não sei.”

“Pare de falar essas coisas, se tiver algo a dizer, me diga daqui a pouco.” Minha tia pôs a cabeça para fora da sala de cirurgia e acenou para Wang Renmei: “Pode entrar”.

“Corre Corre”, ela agarrou minha mão.

“Não tenha medo”, eu disse, “minha tia falou que é uma cirurgia simples!”

“Quando a gente voltar para casa, você vai ter de cozinhar uma galinha para mim.”

“Combinado, vou cozinhar duas!”

Antes de entrar na sala de cirurgia, Wang Renmei virou-se para me olhar. Ainda vestia aquela minha jaqueta cinza com uma linha solta no lugar de um botão que tinha caído. Usava uma calça azul, suja de barro amarelo nas pernas, e os sapatos de couro marrom da minha tia.

Eu pressentia um choro iminente, um vazio se instalara no peito. Sentado no banco empoeirado do corredor, ouvia o bater dos metais que vinha da sala de cirurgia. Imaginava a forma daqueles instrumentos, quase via o seu brilho ofuscante, quase sentia o seu toque frio. Do pátio nos fundos do posto de saúde vinha um barulho de crianças brincando. Levantei-me e olhei pelo vidro, um menino de uns três ou quatro anos segurava dois preservativos inflados como se fossem balões. O menino corria na frente de duas meninas mais ou menos do tamanho dele...

Minha tia saiu correndo da sala de cirurgia e me perguntou, afobada:

“Qual o seu tipo sanguíneo?”

“A.”

“E o dela?”

“Dela quem?”

“E de quem mais poderia ser?”, perguntou, impaciente. “Sua esposa!”

“Deve ser O... ou não, não sei...”

“Imbecil!”

“O que aconteceu com ela?” A visão do sangue fresco no jaleco da minha tia me deu um branco na cabeça.

Ela voltou para a sala de cirurgia, a porta se fechou. Colei o rosto na fresta da porta, mas não consegui ver nada. Wang Renmei estava quieta, só se ouvia a voz alta da Leoazinha. Ela falava ao telefone com o hospital distrital, chamava uma ambulância.

Forcei a porta até abrir. Vi Wang Renmei... vi minha tia de manga arregaçada enquanto Leoazinha tirava sangue do braço dela com uma grossa seringa... vi o rosto de Wang Renmei pálido como papel... Renmei... aguento firme... uma enfermeira me empurrou para fora. “Me deixe entrar”, eu disse, “me deixe entrar, droga...” Algumas pessoas de jaleco branco vieram às pressas pelo corredor... um médico de meia-idade que cheirava a cigarro e desinfetante me puxou até o banco e me fez sentar ali. Deu-me um cigarro, acendeu-o para mim. Consolou-me: “Não se preocupe, a ambulância do distrito vai chegar logo. Sua tia doou seiscentos mililitros de sangue para ela... Não deve haver complicações...”.

A ambulância chegou de sirene ligada. Aquele som se entranhava em meu corpo como uma porção de serpentes. Gente de jaleco branco carregando maletas de medicamentos. Gente de jaleco branco que usava óculos e levava o estetoscópio pendurado no pescoço. Homens de jaleco branco. Mulheres de jaleco branco. Homens de jaleco branco carregando a maca dobrável. Alguns entraram na sala de cirurgia, outros ficaram à espera no corredor. Moviam-se com rapidez, mas tinham o rosto sereno. Ninguém me notou ali, ninguém nem sequer me lançou um olhar. Senti um forte cheiro de sangue...

... Os jalecos brancos saíram preguiçosamente da sala de cirurgia. Entraram na ambulância, um atrás do outro, por último colocaram também a maca.

Arrombei a porta da sala de cirurgia. Vi um lençol branco sobre Wang Renmei, cobria o seu corpo, o seu rosto. Minha tia estava coberta de sangue, abatida, sentada numa cadeira dobrável. Leoazinha esperava alguém, petrificada. Meus ouvidos estavam em completo silêncio, depois começaram a zunir como se houvesse duas abelhas ali dentro.

“Tia...”, falei, “a senhora não disse que não era nada?”

Ela ergueu a cabeça, franziu o nariz, apertou os olhos, fez uma cara medonha e, de súbito, produziu um sonoro espirro.

12.

“Cunhada, irmão”, minha tia disse desolada, em pé no pátio, “estou aqui para pedir o seu perdão.”

A urna com as cinzas de Wang Renmei estava sobre uma mesa quadrada no meio da sala principal. Na mesa havia uma tigela branca cheia de grãos de trigo, com três varetas de incenso. A fumaça formava espirais. Eu estava sentado ao lado da mesa, de farda, com uma faixa preta no braço e minha filha no colo, vestida de luto. De quando em quando, ela levantava a cabeça para perguntar:

“Papai, o que tem nessa caixa?”

Sem saber o que responder, as lágrimas rolavam para dentro da minha barba emaranhada.

“Papai, e a mamãe? Para onde foi a mamãe?”

“Sua mãe foi a Pequim...”, respondi. “Daqui a alguns dias, vamos a Pequim para encontrá-la...”

“Meus avós também vão?”

“Vão sim, vamos todos.”

Meu pai e minha mãe serravam uma tábua de salgueiro no pátio. A tábua estava amarrada a um banco comprido, meu pai de pé, minha mãe sentada, a serra subia e descia, ia e vinha, rec-rec, pedaços de serragem voavam na luz do sol.

Eu sabia que estavam cortando a madeira para montar um caixão para Wang Renmei. Embora tivesse introduzido a cremação, o governo não criou um lugar para depositar as urnas, que ainda deviam ser enterradas numa sepultura. As famílias ricas encomendavam um caixão, jogavam as cinzas dentro e quebravam a urna; enquanto famílias pobres enterravam a própria urna com as cinzas.

Vi a minha tia em pé, de cabeça baixa. Vi as expressões de tristeza no rosto dos meus pais e seus movimentos mecânicos, repetitivos. Vi as pessoas que acompanhavam minha tia. O secretário da comuna, a Leoazinha e três funcionários deixaram caixas coloridas de doces ao lado do poço. Perto dessas caixas, havia um pacote de palha molhado, que exalava um odor salobro, eu sabia que era um pacote de peixe salgado.

“Jamais imaginei que uma coisa dessas pudesse acontecer”, disse o secretário da comuna, “o laudo da equipe de especialistas do hospital distrital diz que a diretora Wan e suas colegas fizeram tudo conforme o procedimento operacional, não houve nenhuma falha, as providências de socorro foram corretas e adequadas, a dra. Wan ainda doou seiscentos mililitros de sangue à paciente. Sentimos muito pelo acontecido, viemos expressar nossas condolências...”

“Você não tem olhos?” Meu pai se enfureceu de repente e repreendeu minha mãe: “Não está vendo a linha marcada? A serra já desviou meia polegada, você não percebeu? Para que é que você presta?”.

Minha mãe se levantou e entrou no quarto aos prantos.

Meu pai largou a serra e foi até jarra de água, andava encurvado. Pegou uma concha, levantou a cabeça e bebeu a água toda. A água fria escorria pelo queixo e pelo pescoço até cair no peito, onde se misturava à serragem dourada. Depois de beber, ele voltou para

onde estava, pegou a serra sozinho e começou a serrar a madeira com violência.

O secretário da comuna e seus funcionários entraram na sala da casa, fizeram três profundas reverências diante da urna cinerária.

Um dos funcionários deixou um envelope de papel pardo ao lado do fogão.

O secretário disse: "Camarada Wan Perna, sabemos que dinheiro nenhum pode compensar a grande perda causada por esse incidente infeliz, mas aceite estes cinco mil iuanes como uma pequena amostra de nossa solidariedade".

Um rapaz com cara de assistente disse: "Três mil vêm do cofre público, os dois mil restantes são doações do secretário Wu e de outros líderes da comuna".

"Levem", eu disse, "levem, por favor, não precisamos."

"Comprendemos os seus sentimentos", disse o secretário em tom pesaroso, "mas quem morreu não ressuscita, e quem está vivo continua com a Revolução. A diretora Yang nos ligou de Pequim", continuou o secretário, "primeiro para expressar suas condolências pela morte de Wang Renmei, segundo para manifestar sua compaixão aos familiares da falecida e, terceiro, para lhe passar o recado de que suas férias foram prolongadas por duas semanas para você ter tempo de cuidar do enterro e acertar os assuntos da família."

"Obrigado", disse eu, "vocês podem ir."

Os membros da comitiva fizeram mais uma reverência diante da urna e se retiraram da sala, curvando-se em sinal de respeito.

Fiquei olhando para suas pernas e suas bundas gordas e magras, as lágrimas começaram a rolar novamente.

Ouviam-se no beco o choro de uma mulher e os berros de um homem, eu sabia que eram meus sogros.

Segurando um forcado de madeira, meu sogro gritava: "Devolvam minha filha, seus filhos de uma égua!".

Minha sogra agitava os braços, movia seus pés miúdos, querendo se lançar na direção da minha tia, mas caiu no chão antes. Sentada, aos prantos, ela batia no solo com as mãos: "Minha pobre menina... como você pode nos deixar assim... como vamos continuar vivendo sem você...".

O secretário se aproximou e disse: "Tio, tia, estávamos justamente indo a sua casa. Foi um incidente infeliz e estamos tão tristes quanto...".

Meu sogro bateu o forcado no chão e gritou furioso: "Corre Corre, seu desgraçado, saia daí!".

Fui até meu sogro, segurando minha filha no colo. A menina apertava meu pescoço e escondia o rosto em minha bochecha.

"Pai...", disse eu parado diante do meu sogro, "pode bater em mim..."

Ele levantou o forcado bem alto, mas seus braços congelaram no ar. Vi as lágrimas pingarem na sua barba grisalha, minhas pernas cederam e caí de joelhos no chão.

"Uma moça tão boa, tão cheia de vida..." Meu sogro largou o forcado e ficou de cócoras, soluçava: "Uma moça tão cheia de vida e vocês matam por nada... Isso é maldade... Vocês não têm medo do castigo do céu?".

Minha tia deu um passo à frente, enfiou-se entre meu sogro e minha sogra e disse, de cabeça baixa: "A culpa pelo que aconteceu não é de Corre Corre, é minha". Minha tia levantou o rosto: "Sou culpada por faltar com a responsabilidade e não verificar a tempo as condições dos dispositivos de controle de natalidade nas mulheres em idade fértil, sou culpada por ignorar que o pilantra do Yuan Bochecha aprendeu a técnica de retirar o DIU, sou culpada por não enviar Wang Renmei ao hospital distrital para a cirurgia. Agora",

minha tia olhou para o secretário da comuna, “guardo a decisão dos meus superiores”.

“A decisão já foi tomada”, disse o secretário, “logo mais vamos estudar a questão da indenização para vocês, mas a dra. Wan não errou, foi um caso isolado, determinado pelas condições físicas específicas da sua filha, mesmo que ela fosse mandada para o hospital distrital, o resultado seria o mesmo. No mais”, o secretário voltou-se para as pessoas que se apinhavam no pátio e na rua e anunciou em voz alta: “O planejamento familiar é uma política nacional fundamental que de maneira alguma pode ser mudada em função de um caso isolado. Quem engravidar ilegalmente terá que fazer o aborto por iniciativa própria; quem tentar engravidar ilegalmente, quem burlar o controle de natalidade, será punido com rigor”.

“Eu vou acabar com você”, gritou minha sogra enlouquecida. Tirou uma tesoura de dentro da roupa e espetou-a na coxa da minha tia.

Minha tia cobriu a ferida com a mão. Por entre seus dedos, o sangue escorria aos borbotões.

Alguns funcionários da comuna acudiram às pressas, imobilizaram minha sogra no chão e tomaram a tesoura de sua mão.

Leoazinha ajoelhou-se ao lado de minha tia, abriu a maleta de medicamentos, tirou uma bandagem e envolveu o ferimento com firmeza.

O secretário da comuna disse: “Rápido, chamem uma ambulância pelo telefone!”.

“Não precisa!”, disse minha tia. “D. Wang, doei seiscentos mililitros do meu sangue a sua filha, agora que você me espetou com essa tesoura nossa dívida de sangue está paga com sangue.”

Assim que minha tia se mexeu, a bandagem empapou-se de sangue.

O secretário da comuna se enfureceu: “Mas que velha desaforada! Se algo acontecer à dra. Wan, você terá de arcar com as responsabilidades legais”.

Ao ver a perna da minha tia coberta de sangue, minha sogra se assustou e começou a chorar alto, espalmando a terra.

“Não precisa ter medo, d. Wang”, disse minha tia, “mesmo que eu morra de tétano, você não terá de se responsabilizar. Quero agradecer-lhe porque, com essa tesoura, tirou de mim um fardo e fortaleceu minhas convicções.” Minha tia se dirigiu aos curiosos que assistiam à cena: “Falem para Chen Nariz e Wang Vesícula me procurarem no posto de saúde, senão”, ela meneou a mão ensanguentada, “vou pegá-la mesmo que se enfie num túmulo”.

PARTE III

Prezado professor Yoshihito Sugitani,

Hoje é o primeiro dia do Ano-Novo. Neva sem parar desde o início da noite de ontem. Tudo lá fora está coberto de uma alvura imaculada. Da rua chega o riso de crianças brincando na neve. No álamo em frente a meu apartamento grassnam duas pegas, sua voz parece cheia de boas surpresas.

Quando terminei de ler sua carta, me senti culpado. Não imaginava que minha narrativa poderia causar-lhe insônia e abalar sua saúde. Suas palavras de consolo me emocionaram. O senhor conta que chorou ao ler sobre a morte de Wang Renmei. Enquanto escrevia sobre aquele episódio, também eu tinha os olhos rasos d'água. Não culpo minha tia, não acho que tenha sido erro dela, ainda que nos últimos anos, com a idade, ela mesma confesse remorsos com bastante frequência e diga que suas mãos estão manchadas de sangue. Mas isso é história, e a história olha tão somente para o resultado, ignora os meios, como as pessoas que admiram a Grande Muralha da China, as pirâmides do Egito e outras obras grandiosas sem pensar nas pilhas e pilhas de ossadas debaixo delas. Nas duas últimas décadas, o povo chinês lançou mão de um método radical para enfim conter a explosão populacional. A verdade é que isso contribuiu não só para o desenvolvimento da própria

China mas de toda a humanidade. Afinal de contas, todos nós vivemos neste pequeno planeta. Os recursos naturais da Terra são limitados e, uma vez consumidos, não serão renovados. Nesse ponto, a crítica ocidental ao planejamento familiar chinês é um pouco injusta.

Minha terra natal mudou muito nos últimos dois anos. O novo secretário é um jovem dinâmico e ambicioso de menos de quarenta anos, fez doutorado nos Estados Unidos. Dizem que quer desenvolver as duas margens do rio Jiao no Nordeste de Gaomi. As enormes máquinas de construção já chegaram com seu bramido. Em poucos anos, o lugar estará completamente transformado e talvez nada reste da paisagem que o senhor viu em sua última visita. Não tenho como avaliar se essa mudança iminente é, afinal, boa ou má.

Envio anexa a terceira parte do material — já não ousou chamar de carta — sobre minha tia. É claro que continuarei a escrever, seus elogios me impelem a escrever.

Reitero nosso convite para que o senhor nos faça uma visita quando puder — será essa, quem sabe, a oportunidade de deixar de lado as cerimônias para recebê-lo como um velho amigo.

Mudando de assunto, minha esposa e eu estamos perto de nos aposentar. Depois da aposentadoria, queremos voltar à terra natal. Em Pequim, desde sempre nos sentimos forasteiros. Recentemente, perto do Teatro do Povo, duas mulheres que se diziam "nascidas e criadas nas vielas da capital" ralharam conosco sem motivo por duas horas. Isso reforçou nossa decisão de voltar para a terra natal. Acho que as pessoas de lá não abusam tanto dos outros como na cidade grande; lá, quem sabe, vive-se mais próximo da literatura.

*Girino
Pequim, Ano-Novo de 2004*

1.

Depois de terminado o funeral de Wang Renmei e de acomodar os familiares, voltei às pressas para o quartel. Passado um mês, chegou mais um telegrama: MÃE FALECEU VOLTE JÁ. Com o telegrama na mão, fui procurar os superiores para solicitar uma licença e aproveitei para entregar a eles um pedido de demissão da carreira militar.

Na noite após o enterro da minha mãe, uma lua clara encheu o pátio de um brilho prateado. Minha filha dormia numa esteira de palha debaixo da pereira, meu pai a abanava com um leque para espantar os mosquitos. O estrilar dos grilos ressoava entre as vagens, um marulho de água corrente chegava do rio.

“Melhor achar outra”, disse meu pai num longo suspiro, “uma casa sem mulher não é um lar.”

“Já entreguei aos superiores meu pedido de demissão”, respondi, “vamos deixar esse assunto para depois que eu voltar.”

“A vida estava indo tão bem, mas de repente ficou desse jeito”, suspirou, “e nem sei de quem é a culpa.”

“Na verdade nem dá para culpar minha tia, não foi erro dela”, eu disse.

“Não ponho a culpa nela, é o destino”, falou meu pai.

“Se não existissem pessoas leais e dedicadas como minha tia, o governo não conseguiria fazer valer política nenhuma”, observei.

“Lá isso é”, disse ele, “mas por que precisava ser justo sua tia? Quando vi a sangueira forrando o chão depois de cravarem a tesoura nela, também me deu dó, afinal de contas, é minha prima.”

“É assim mesmo, fazer o quê”, disse eu.

2.

Soube pelo meu pai que, depois de levar aquela tesourada da minha sogra, minha tia se viu às voltas com uma ferida infeccionada e uma febre que não cedia. Mesmo assim, ela comandou a busca e apreensão de Wang Vesícula. Busca e apreensão talvez não sejam os termos apropriados, mas era o que acontecia na prática.

“O portão da casa de Wang Vesícula estava bem fechado, não se ouvia barulho nenhum, nem de galinha nem de cachorro. Sua tia mandou arrombarem o cadeado de ferro para entrar no pátio”, meu pai contou. “Ela com certeza já estava sabendo de alguma coisa. Entrou mancando pela sala dos Wang, levantou a tampa da panela, viu um resto de canja ali dentro, esticou a mão para sentir a temperatura, ainda estava morna. Então ela gritou com um riso maligno: ‘Chen Nariz, Wang Vesícula, vocês vão sair daí por conta própria? Ou vão me fazer desentocar vocês como se fossem ratos?’” De dentro do quarto não vinha nem um pio. Sua tia apontou para o armário no canto. Dentro tinha algumas roupas velhas. Mandou tirar tudo até aparecer o fundo do armário. Então ela catou um rolo de abrir massa e bateu forte na tábua do fundo, tum-tum-tum, até que apareceu a entrada de um buraco. Sua tia disse: ‘Podem sair daí, heróis da guerrilha. Ou será que ainda vamos precisar encher de água?’.

“A primeira a sair foi Chen Orelha, a filha do casal. A menininha saiu com o rosto rajado de poeira cinza e branca, parecendo um diabinho de templo. Ao invés de chorar, mostrou os dentes numa risadinha, ‘hehe’. Em seguida foi a vez de Chen Nariz rastejar para fora, barbudo, de cabelo encarapinhado, vestindo uma camiseta furada que deixava à mostra os pelos louros do peito. Sua aparência era de dar pena. Assim que saiu da toca, aquele homenzarrão desabou de joelhos na frente da sua tia e começou a bater com a testa no chão sem parar, tum-tum-tum.” Meu pai conta que o choro de Chen Nariz sacudiu a aldeia inteira.

“Tia, tiazinha querida, eu fui a primeira criança a nascer pelas suas mãos, Wang Vesícula é só meia porção de gente, por caridade, tia, nos poupe... Minha família há de se lembrar de sua bondade pelo resto dos tempos...”

Segundo as pessoas presentes, sua tia disse a ele com lágrimas nos olhos: “Ah, Chen Nariz, não sou eu que decido. Por mim, poderia fazer o que quisesse. Se quisesse a minha mão, eu cortava para te dar!”

“Tia, tenha misericórdia...”

Esperta, a filha de Chen Nariz imitou o pai e ficou de joelhos, batia a testinha no chão e dizia:

“Misericórdia, misericórdia...”

“Nisso”, continuou meu pai, em meio às pessoas que assistiam à cena do pátio, “Cinco Sentidos começou a cantarolar aquela música do filme *Guerra de túneis*: ‘A guerra de túneis, ei, a guerra de túneis, milhões de valentes soldados à espreita... Pela planície infinita avança a guerra de túneis, o inimigo teima em resistir, mas será aniquilado...’

“A tia enxugou o rosto, sua expressão mudou de repente: ‘Já chega, Chen Nariz, mande Wang Vesícula sair logo!’

“Chen Nariz avançou de joelhos e abraçou uma perna da sua tia. Chen Orelha imitou o pai e abraçou a outra perna.

“Nesse momento, Cinco Sentidos voltou a cantarolar no pátio: ‘Pela planície infinita avança a guerra de túneis... se ousa entrar o invasor... sofrerá uma derrota arrasadora... vasectomia para todos... controle de natalidade para todos...’.

“Sua tia quis se esquivar, mas Chen Nariz e Orelha estavam firmemente agarrados a ela.

“Percebendo alguma coisa, ela ordenou a seus subordinados: ‘Desçam no buraco!’.

“Um miliciano desceu com uma lanterna na boca.

“Outro miliciano o seguiu.

“Uma voz falou lá de dentro: ‘Não tem ninguém aqui!’.

“Sua tia teve um ataque de nervos e caiu desmaiada.

“Chen Nariz é um sujeito bem artiloso”, meu pai disse, “sabe aquela horta nos fundos da casa dele? Ali tem um poço com uma roldana, o túnel ia dar dentro desse poço. Ninguém sabe como ele conseguiu terminar uma empreitada dessa grandeza. E ninguém sabe para onde levou tudo aquilo de terra. Aproveitando que Chen Nariz e a filha estavam agarrados às pernas da tia, Wang Vesícula engatinhou até a saída e subiu puxando a corda da roldana. Deve ter sido muito difícil para ela, pequenina daquele jeito, carregando um barrigão, sair de dentro de um poço fundo puxando uma corda.

“Amparada por outras pessoas, sua tia foi até o poço. Furiosa, batia o pé no chão e gritava: ‘Como pude ser tão burra? Como pude ser tão burra? Meu pai comandou a escavação de um túnel desses no Hospital Xihai!’.

“Sua tia saiu de lá carregada por outras pessoas, foi internada no hospital. Ela pegou a mesma infecção que teve o dr. Bethune e quase morreu. Mas, como foi sempre tão leal e dedicada ao Partido

Comunista, o Partido não a abandonou nessa hora. Dizem que usaram os remédios mais caros para salvá-la.

“Passou duas semanas internada, a ferida nem tinha fechado e ela fugiu do hospital. Estava cismada! Falava que não podia comer nem dormir enquanto não tirasse a criança da barriga de Wang Vesícula. Será que alguém que leva o senso de responsabilidade a esse ponto ainda pode ser considerado gente? Aí já virou um deus ou um demônio”, suspirou meu pai.

“Chen Nariz e a filha ficaram presos na comuna. Dizem que ele foi torturado, mas é boato. Os funcionários da aldeia que foram visitar contaram que só estavam trancados num quarto com cama, cobertores, uma garrafa térmica e duas canecas; recebiam comida e água. A comida era a mesma dos funcionários da comuna: pãozinho no vapor, canja de painço e mais um prato quente. Pai e filha ficaram mais brancos, engordaram. Claro que não comiam de graça, era pago. Chen Nariz ficou rico com os negócios, tinha dinheiro. A comuna combinou com o banco e sacou tudo o que ele tinha em conta, eram trinta e oito mil iuanes! Enquanto sua tia estava no hospital, a comuna mandou uma força-tarefa à aldeia, fizeram uma assembleia e anunciaram a decisão: todos os aldeões que estivessem em condições de andar deveriam sair em busca de Wang Vesícula. Cada pessoa receberia uma gratificação de cinco iuanes por dia, pagos com o dinheiro de Chen Nariz. Tinha gente que não queria ir, achava que não era um ganho honesto. Mas ninguém podia deixar de ir, quem não fosse teria de pagar cinco iuanes; com isso todo mundo logo saiu à procura dela. Eram nada menos de setecentos habitantes na aldeia, no primeiro dia saíram mais de trezentos, à noite voltaram para receber a ‘gratificação’, e lá se foram mais de mil e oitocentos iuanes. A comuna disse ainda que quem encontrasse Wang Vesícula e a trouxesse de volta receberia duzentos iuanes de recompensa; quem desse uma pista que levasse

a sua captura receberia cem. Daí a aldeia inteira enlouqueceu, tinha gente que até batia palmas de animação, mas também tinha gente que tentava esconder o desgosto. Eu sabia que algumas pessoas queriam mesmo pôr a mão naquela recompensa de cem ou duzentos iuanes, mas a grande maioria não estava procurando de verdade, davam umas voltas pela plantação gritando: 'Wang Vesícula, apareça! Se não aparecer vão acabar com o dinheiro da sua família!'. E depois de gritar por algum tempo, iam trabalhar cada qual em sua terra. À noite, naturalmente, deviam ir receber a gratificação, do contrário tinham de pagar multa."

"E não acharam?", perguntei.

"Achar onde? A essa hora já deve estar longe", disse meu pai.

"Pequenina daquele jeito, avançando dois palmos a cada passo, ainda mais com aquele barrigão, será que pode ter ido longe? Para mim, deve estar escondida na aldeia mesmo. Será que ainda está na casa da mãe dela?", falei, abaixando a voz.

"E você acha que ninguém pensou nisso?", respondeu meu pai. "Aquele gente da comuna é muito esperta, só faltou cavoucarem o chão da casa de Wang Pé, abriram até o *kang* achando que Wang Vesícula podia estar ali dentro. Acho que ninguém nesta aldeia ousaria esconder o paradeiro dela, a multa é de três mil iuanes."

"Será que ela entrou em desespero? Foram olhar no rio? Num poço?"

"Você está subestimando aquela menina! É mais esperta que todo mundo desta aldeia junto. Ela não desiste por nada."

E é mesmo. Lembrei-me do seu rostinho faceiro e de sua expressão ora de astúcia, ora de teimosia e disse, preocupado: "Ela já deve estar de sete meses, não é?"

"Por isso é que sua tia tem pressa! Como ela mesma diz, enquanto não sair da 'boca da panela' é só um pedaço de carne, se precisar raspar, então raspa, se precisar tirar, então tira; mas depois

que saiu da 'boca da panela' é gente, pode até faltar um braço ou uma perna, mas é gente, e se é gente está sob a proteção das leis do país."

A imagem de Wang Vesícula voltou a aparecer na minha mente: com seus setenta centímetros de altura, carrega uma barriga enorme, ergue a cabeça delicada, move as perninhas finas e curtas com uma grande trouxa de pano pendurada no braço, foge aos tropeços por uma trilha desolada e espinhosa. Na fuga, olha para trás, tropeça e cai, levanta-se e continua a correr... Ou então, numa tina de madeira levada pelo rio caudaloso, rema ofegante com uma tábua de misturar pasta de soja.

3.

Conforme a tradição, fomos visitar o jazigo da minha mãe no terceiro dia após o enterro. Vieram muitos amigos e parentes. Diante da sepultura, queimamos cavalos e figuras humanas feitos de papel, também um televisor de papel. A dez metros dali, no jazigo de Wang Renmei, o mato crescia verdejante. Segundo a instrução de um ancião do clã, dei voltas em torno do túmulo da minha mãe segurando grãos de arroz na mão esquerda e de milhete na mão direita, foram três voltas para a esquerda e três para a direita. A cada passo eu jogava na sepultura os grãos que tinha nas mãos, enquanto murmurava para mim mesmo: um punhado de arroz novo, um punhado de grão, para a felicidade daqueles que se vão. Minha filha me seguia, jogando os grãos com suas mãozinhas.

Minha tia largou seus mil afazeres para vir. Leoazinha veio com ela, carregando a maleta de medicamentos. Ela ainda mancava. Fazia meses que não a via, pareceu-me bem envelhecida. Ajoelhou-se diante do túmulo da minha mãe e caiu em prantos. Nunca a tínhamos visto chorar daquele jeito e ficamos bastante tocados. Leoazinha permaneceu de pé, com ar grave, tinha lágrimas nos olhos. Algumas mulheres tentaram consolar minha tia, seguraram-na pelos braços para ela poder se levantar. Mal a soltaram, minha tia caiu de joelhos novamente, num choro ainda mais convulsivo. Contagiadas por minha tia, as mulheres que já tinham parado de

chorar também se ajoelharam diante do jazigo e, em prolongados lamentos, lançavam seus gritos e gemidos ao céu e à terra.

Abaixei-me para ajudar minha tia a se levantar, mas Leoazinha me disse em voz baixa: "Deixe ela chorar. Estava segurando isso há muito tempo".

Ver Leoazinha e a expressão de solidariedade em seu rosto me aqueceu o coração.

Quando chorou o bastante, minha tia se levantou, enxugou as lágrimas e me disse: "Corre Corre, a diretora Yang me telefonou, ela disse que você estava pensando em sair da carreira militar".

"Sim", respondi, "já entreguei meu pedido de demissão."

"A diretora Yang me falou para convencer você a não fazer isso", continuou minha tia, "ela já combinou com o departamento de recursos humanos da sua unidade, vão transferi-lo para a Divisão de Planejamento Familiar, diretamente subordinada a ela, e será promovido a major. Ela tem muito apreço por você."

"Isso já não faz nenhum sentido para mim", eu disse, "prefiro limpar fossa a trabalhar com planejamento familiar."

"Você não pode falar assim", disse minha tia, "o planejamento familiar também é uma causa do Partido, um trabalho importante."

"Ligue para a diretora Yang e diga a ela que agradeço a atenção, mas é melhor eu voltar para cá", eu disse. "Se eu abandonar meu pai e minha filha em casa, como é que eles vão viver?"

"Não precisa dar uma resposta definitiva agora", minha tia respondeu, "pense nisso com seriedade. Se puder continuar no Exército, melhor continuar. Não é fácil trabalhar numa repartição civil. Olhe para Yang Coração e olhe para mim, ambas trabalhamos com planejamento familiar; ela, bem conservada, sem preocupações, e eu? Vivo pulando para cima e para baixo, é sangue para um lado, lágrima para o outro. E veja como fiquei!"

4.

Sou uma pessoa que vai atrás de fama e riqueza, admito. Estava falando em sair do Exército, mas, ao saber da promoção adiantada e do apreço que a diretora Yang tinha por mim, comecei a vacilar. De volta a casa, comentei o assunto com meu pai, que também era contra a minha demissão. Ele disse: "Seu tio-avô fez um grande favor ao comandante Yang, curou a perna dele, curou a doença da mulher dele. E agora que ele é um oficial tão importante, se você estiver relacionado a ele de alguma forma, acha que ainda haverá alguma possibilidade de sua carreira não dar certo?". Eu discordava do meu pai da boca para fora, mas no fundo pensava igual a ele. Somos pessoas comuns, da arraia-miúda, e se a gente quiser aproveitar os favores dos privilegiados, se quiser voar de carona no rabo do dragão ou no pé da fênix, hão de nos perdoar. Por isso, quando minha tia voltou a conversar comigo sobre o tema, minha atitude já era outra. Por isso, quando ela sugeriu que eu me casasse com a Leoazinha, apesar de continuar argumentando que Wang Fígado estava perdidamente apaixonado por ela havia mais de uma década, o quebra-mar no meu coração já começava a desmoronar.

"Não tive filhos", disse minha tia, "mas no fundo sempre considerei Leoazinha minha filha. É uma pessoa correta, de bom coração, sempre me foi leal. Como posso casá-la com Wang Fígado?"

“Tia”, eu disse, “a senhora com certeza sabe que desde aquela primeira carta de amor que Fígado escreveu a Leoazinha em 1970 já se passaram doze anos. E nesses doze anos ele escreveu mais de quinhentas cartas, isso foi ele mesmo que me contou. Além do mais, como prova de seu amor, ele entregou a própria irmã sem piscar. E ainda entregou Yuan Bochecha, entregou Wang Renmei, se não, como vocês iriam saber que Bochecha andava tirando DIUS, como iriam saber que Wang Renmei e Wang Vesícula engravidaram fora do planejamento?”

“Para te dizer a verdade”, respondeu minha tia, “Leoazinha nunca chegou a ler nenhuma daquelas cartas melosas. Confisquei todas. Combinei com o diretor Ma, dos Correios, para ele enviar diretamente a mim todas as cartas que viessem dessa pessoa.”

“Mas ele colaborou”, continuei, “ajudou vocês desde o episódio da vasectomia no pai dele, e ainda pôs o dever acima da família para denunciar a própria irmã.”

“Aí sim é que ela não casa!”, disse minha tia, irritada. “Por causa de uma mulher ele traiu o amigo e vendeu a irmã. Acha que uma pessoa assim merece confiança?”

“Mas, apesar de tudo, ele ajudou vocês!”

“Vamos separar bem as coisas!”, disse minha tia, muito séria. “Corre Corre, lembre-se bem, uma pessoa pode ser o que quiser, menos traidora, por mais nobres que sejam seus motivos. Nunca, jamais, traidor nenhum acabou bem, nem aqui, nem no resto do mundo. Nem mesmo aquele Wang Xiaoti. Ele pode ter recebido cinco mil taéis de ouro, mas aposto que não descansará em paz. Se hoje você se bandeia para o lado do Kuomintang por cinco mil, será que não vai bandear de novo amanhã, quando sei lá que partido te oferecer dez mil? Por isso, quanto mais informação Wang Fígado nos fornece, maior o meu desprezo por ele. Para mim, ele não passa de um monte de bosta de cachorro.”

“Mas, tia”, eu disse, “e se a senhora não tivesse confiscado as cartas de Fígado? Será que Leoazinha não teria se sensibilizado e, quem sabe, até casado com ele há muito tempo?”

“De jeito nenhum”, ela respondeu, “mas de jeito nenhum mesmo! Leoazinha tem aspirações muito altas. Nesses anos todos, Wang Fígado não foi o único, teve pelo menos uma dúzia de homens apaixonados por ela, funcionários públicos, operários, mas ela não se engraçou com nenhum deles.”

Balancei a cabeça incrédulo e disse: “Mas na verdade ela tem uma aparência meio...”.

“Bah!”, protestou minha tia. “E o que é que você entende de beleza? Muitas mulheres parecem lindas à primeira vista, mas quando se olha para elas com mais atenção, estão cheias de defeitos. E Leoazinha? Ela realmente pode não parecer tão bonita à primeira vista, mas, quanto mais você olha, mais bela fica. Acho que você nunca olhou direito para ela. Lidei com mulheres a vida inteira, conheço muito bem o tipo de mulher que merece estima. Não sei se ainda se lembra, quando se tornou oficial, já queria arranjar o namoro de vocês. Você estava namorando Wang Renmei e eu não gostava nada da ideia. Mas, como nesta nova sociedade você tem liberdade de escolher com quem vai se casar, eu, sendo sua tia, só podia lhe desejar felicidade. Agora, Wang Renmei não está mais entre nós — é óbvio que eu não queria que ela morresse, queria que ela tivesse uma vida longa —, mas essa é a vontade do céu; você e Leoazinha estavam predestinados pela vontade do céu a formar um casal.

“Tia, de qualquer forma, Wang Fígado é meu amigo de infância. Todo mundo sabe o que aconteceu entre ele e Leoazinha. Se eu me casasse com ela, poderia morrer afogado no cuspe das pessoas!”

“Deixe de bobagem”, disse minha tia. “Ele pode amar Leoazinha, mas é unilateral, ela nunca disse que queria namorar com ele. Se ela

se casar com você, vão dizer 'a boa ave escolheu o galho para pousar'. Além do mais, o amor não tem nada a ver com lealdade fraternal, é uma coisa totalmente egoísta. Se Leoazinha fosse um cavalo e Wang Fígado gostasse dele, claro que você poderia ceder; mas ela é um ser humano e, se você a ama, pode até tomá-la à força se for preciso. Você viveu tantos anos lá fora, viu tantos filmes estrangeiros, por que continua com essa cabeça dura?"

"Até posso concordar, mas e Leoazinha..."

Minha tia me interrompeu e disse: "Pode ficar tranquilo. Faz anos que trabalho com ela, sei muito bem o que ela pensa. Te digo a mais pura verdade, ela gosta é de você. Se Wang Renmei não tivesse morrido, ela viveria o resto da vida sem se casar".

"Tia, me dê uns dias para pensar no assunto", eu disse, "a terra na sepultura de Wang Renmei ainda nem secou."

"Pensar em quê?", minha tia perguntou. "Quanto mais se dorme, mais se sonha. Se Wang Renmei ficar sabendo disso lá de onde estiver, vai bater palmas de aprovação. Por quê? Porque Leoazinha tem bom coração. Sorte da sua filha encontrar uma madrasta dessas. Além do mais", continuou, "segundo as regras, você ainda pode ter um filho com a Leoazinha. Espero que vocês tenham gêmeos. Há males que vêm para bem, Corre Corre!"

5.

Marcamos a data do meu casamento com Leoazinha.

Tudo avançava sob o gerenciamento de minha tia. Eu me sentia como um tronco podre flutuando na água, a cada empurrão, eu dava um pinote para a frente.

Quando fizemos o registro de casamento na comuna, foi a segunda vez que fiquei a sós com Leoazinha.

Nosso primeiro encontro foi no dormitório que ela dividia com minha tia. Também era numa manhã de sábado. Minha tia nos empurrou para dentro do quarto, fechou a porta e saiu. Havia duas camas. Entre elas, uma escrivaninha de três gavetas. Na escrivaninha, uma pilha de jornais empoeirados e alguns livros de ginecologia. Do lado de fora da janela, crescia uma dúzia de girassóis bem robustos. Estavam em florada, tinham abelhas coletando seu pólen. Ela me serviu um copo de água e sentou-se na beirada de sua cama. Eu me sentei na beirada da cama da minha tia. O quarto cheirava a sabonete. No suporte do lavatório, havia uma bacia da marca Hong Deng, com água pela metade e bolhas de sabão. A cama da minha tia estava uma bagunça, o cobertor sem dobrar.

“Minha tia só pensa em trabalho, não é?”

“Pois é.”

“Parece que estou sonhando.”

“Eu também.”

“Sabe o que Wang Fígado fez? Ele escreveu mais de quinhentas cartas para você.”

“Sua tia me contou.”

“Que acha disso?”

“Não acho nada.”

“É meu segundo casamento e ainda tenho uma filha. Isso te incomoda?”

“Não.”

“Não quer conversar com sua família?”

“Não tenho família.”

... Levei-a de bicicleta à sede da comuna. Forraram a estrada com um cascalho feito de cacos de tijolos e telhas, a bicicleta sacolejava, era difícil manobrar. Ela ia na garupa, o ombro apoiado em minhas costas. Sentia o seu peso. Algumas pessoas são fáceis de levar na garupa, outras não. Wang Renmei era fácil de levar e Leoazinha era difícil. Eu fazia força para pedalar. Arrebentou a corrente. Senti um aperto no coração: mau sinal! Será que também não vou envelhecer ao lado dela? A corrente quebrada caiu no chão como uma cobra morta. Com a corrente na mão, fiquei olhando desamparado para os quatro cantos. Nos dois lados da estrada, eram campos de milho. Algumas mulheres estavam pulverizando inseticida. O pulverizador zunia como uma sirene antiaérea, vuum-vuum. As mulheres se cobriam com um plástico, usavam máscara e um lenço na cabeça. Era um trabalho brutal, mas ganhava um toque poético com a névoa que subia do milharal esverdeado — parecia que estavam andando nas nuvens. Me lembrei de Wang Renmei. Era muito arrojada, tinha até coragem de pegar cobra. Segurava a cobra pela cauda, como eu fazia com a corrente da bicicleta. Também trabalhou pulverizando

inseticida. Isso pouco depois de desmanchar o noivado com Xiao Lábio Inferior, quando foi demitida da escola. Seu cabelo tinha um cheiro forte de inseticida. Toda sorridente, ela dizia: “Não preciso lavar, assim não pego piolhos, nem mosquito, nem mosca”. Quando lavava o cabelo, eu ficava atrás dela, despejando água com um bule, e ela ria de cabeça baixa. Perguntei do que estava rindo, e ela riu sem parar até entornar a bacia. A lembrança de Wang Renmei me enchia de culpa. Olhei para Leoazinha de canto de olho. Ela tinha escolhido para essa ocasião uma blusa nova, xadrez, vermelha, de manga curta e colarinho. Um relógio digital brilhava no seu pulso. Como era rechonchuda! Devia ter passado creme de pérola ou algo do gênero, dava para sentir o perfume. Seu rosto parecia estar com menos acne.

Ainda faltava um quilômetro e meio para chegar à sede da comuna. Tivemos de ir empurrando a bicicleta.

Na entrada do abatedouro, encontramos Chen Nariz. Carregava a filha nas costas.

Assim que nos viu, Chen Nariz fechou a cara. Seu olhar me deixou envergonhado. Ele deu meia-volta com a criança nas costas. Era óbvio que não queria falar comigo.

“Chen Nariz!”, o chamei mesmo assim.

“Opa, pensei que fosse alguma celebridade!”, suas palavras pareciam cobertas de espinhos. Lançou um olhar de ódio para Leoazinha.

“Libertaram você?”

“Minha filha está doente, com febre”, disse Nariz. “Eu nem queria ser libertado, tinha o que comer e beber, era melhor ficar lá o resto da vida.”

Preocupada, Leoazinha aproximou-se, estendeu a mão para tocar a testa de Chen Orelha.

Chen Nariz virou o corpo para se afastar dela.

“Leve-a depressa para tomar soro no hospital”, disse Leoazinha, “está com pelo menos trinta e nove de febre.”

“E aquilo lá é hospital?”, disse Chen Nariz com raiva. “É um matadouro!”

“Sei que nos odeia”, disse Leoazinha, “mas não tivemos outro jeito.”

“Como não tiveram outro jeito?”, perguntou Nariz, “você têm todos os jeitos.”

“Chen Nariz”, eu disse, “a criança não tem culpa. Vamos, vou com você.”

“Não, obrigado”, desdenhou, “não quero atrapalhar seu momento de felicidade.”

“Chen Nariz... o que posso te dizer?”

“Não precisa me dizer nada, ainda achava que você era um ser humano, agora percebi que não é!”

“Diga o que quiser, mas leve a criança já para o hospital”, eu disse, enfiando algum dinheiro no bolso dele.

Chen Nariz conseguiu livrar uma mão, tirou o dinheiro do bolso e jogou no chão: “Seu dinheiro fede a sangue!”.

Foi embora de cabeça erguida, carregando a menina nas costas.

Fiquei ali atônito, vendo-o se afastar passo a passo. Me abaixei para pegar o dinheiro do chão e enfiei-o de volta no bolso.

“Ele tem uma antipatia profunda por vocês”, eu disse, olhando para Leoazinha.

“Isso é culpa dele mesmo”, respondeu ressentida, “e nossas amarguras, quem é que ouve?”

Para o registro de casamento era necessária, em tese, uma carta de apresentação emitida pela minha unidade do Exército. Mas o auxiliar de Assuntos Civis, Lu Mazi, disse todo sorridente: “Não precisa mais, sua tia já tinha me avisado. Corre Corre, meu filho também está servindo na sua unidade, se alistou no ano retrasado.

Ele é muito inteligente, aprende rápido, dê uma atenção para ele, está bem?”.

Hesitei por um instante quando ia deixar a impressão digital no livro de registros. Porque me lembrei do momento em que estive ali com Wang Renmei. Foi no mesmo livro de registros, na mesma sala, com o próprio Lu Mazi. Na época, deixei a impressão do meu indicador, bem vermelha, e Wang Renmei exclamou, surpresa: “Nossa, é uma espiral!”. Lu Mazi olhou para mim e para Leoazinha e disse com um sorriso forçado: “Wan Perna, como você tem sorte no amor, casou-se com a moça mais bonita da nossa comuna!”. Apontando para o livro de registros, ele continuou: “Deixe logo sua impressão digital, por que a hesitação?”.

Soou como ironia — e era ironia mesmo. Dane-se, seja o que for. Pronto, pressionou o dedo sem titubear! Pensei comigo que muitas coisas em nossa vida já estavam predeterminadas. É melhor levar o barco conforme a corrente do que remar contra ela. Além do mais, numa situação como essa, se eu não deixasse minha impressão digital acabaria com a reputação de Leoazinha. Eu já havia trazido azar para uma mulher, não podia prejudicar uma segunda.

6.

Naquela altura eu achava que minha tia se ocupava unicamente do meu casamento com Leoazinha e já tinha esquecido Wang Vesícula. Acreditava que ela, movida pela compaixão, aproveitava meu casamento como desculpa para ganhar tempo e deixar o bebê nascer. Só depois eu saberia que a lealdade da minha tia ao seu trabalho resvalava para o campo da loucura. Ela sabia usar a força, mas também a estratégia, tinha tudo sob controle. Não questiono a sinceridade dela ao arranjar meu casamento com Leoazinha, minha tia de fato acreditava que formávamos um casal ideal. Mas fanfarrear nosso casamento, libertar Chen Nariz e a filha, mandar cessarem as buscas, tudo isso formava uma cortina de fumaça para baixar a guarda de Wang Vesícula e de quem quer que a estivesse acobertando. A tia queria matar dois coelhos de uma vez e antevia o seguinte desfecho: a amada discípula, a quem ela queria como filha, se casaria com seu sobrinho e finalmente teria um lar, ao mesmo tempo Wang Vesícula seria “capturada e levada à justiça” e a criança ilegal em seu ventre seria eliminada antes de sair da “boca da panela”. Essas podem não ser as palavras mais apropriadas para descrever o trabalho dela, mas não sou capaz de encontrar outras mais precisas.

Na manhã da véspera do meu casamento, seguindo a tradição, fui à sepultura da minha mãe para queimar o “dinheiro fantasma”, que

serve para avisar à alma dela sobre as bodas e convidá-la a comparecer. Assim que acendi o fogo, um redemoinho súbito veio espalhar as cinzas sobre o túmulo. Mesmo sabendo se tratar de um fenômeno explicável pelas leis da física, fui tomado de um assombro fora do comum. A figura trêmula da minha mãe surgiu em minha mente, sua fala ecoava em meus ouvidos, inteligente, simples, cheia de sabedoria. Não consegui segurar as lágrimas. Se minha mãe ainda pudesse falar, o que diria desse casamento?

Depois de rodopiar sobre a sepultura de minha mãe, o redemoinho mudou de direção e foi para o jazigo verdejante de Wang Renmei. Nesse momento, o papa-figo no galho de pessegueiro soltou um pio longo e choroso, como se rasgassem suas entranhas. No imenso pessegal, os frutos já estavam maduros. Minha mãe e Wang Renmei foram enterradas em nossa parte do pomar. Colhi dois pêssegos vermelhos nas pontas, depusitei um no túmulo da minha mãe e, carregando o outro com ambas as mãos, passei por alguns pessegueiros até chegar à sepultura de Wang Renmei. Antes de vir, meu pai me disse: "Quando for queimar os papéis, não se esqueça de queimar também um pouco no túmulo dela". "Ainda não tive tempo", dizia a mim mesmo, "Wang Renmei, me perdoe, mas não vou te esquecer, não vou esquecer o bem que você me fez. Acredito que Leoazinha é uma boa pessoa, ela vai ser boa para Yanyan, se não for, me separo dela." Queimei o papel diante do túmulo, subi e coloquei um papel novo sobre o jazigo. Depois depusitei o pêssego como oferenda. "Wang Renmei", murmurei, "sei que não deve estar gostando disso, mas eu convido você, de coração, a voltar para casa na companhia de minha mãe, para participar do meu casamento, vou deixar no altar da sala quatro pãezinhos de vapor frescos e vários pratos diferentes e ainda aqueles bombons de licor que você primeiro achou que pareciam remédio, mas depois adorou, honradas sejam as almas a quem deixo esta oferenda!"

Voltando da visita aos túmulos, o capim dos dois lados da trilha passava dos joelhos, a água da chuva enchia a vala à beira do caminho. Ladeando a vereda, o pessegal se estendia para o sul até a margem do rio Mo e para o norte até a margem do rio Jiao. Por entre as árvores, os agricultores já se ocupavam da colheita dos frutos, tratores de três rodas corriam na estrada ao longe.

Wang Fígado apareceu na minha frente, como se tivesse brotado do chão, bloqueava meu caminho. Vestia uma farda militar seminova — a mesma que eu lhe dera de presente no ano passado, lembrei na mesma hora —, o cabelo à escovinha, recém-cortado, a barba bem-feita. Estava magro como sempre, mas parecia bem-disposto, sem o desleixo e o desalento que compunham sua figura habitual. Ainda que seu estado de espírito me trouxesse algum consolo, o coração continuava aos pulos.

“Wang Fígado”, falei, “veja bem...”

Ele balançou a mão, sorrindo, mostrava os dentes cor de terra amarela: “Corre Corre, não precisa explicar nada, eu compreendo, eu entendo, desejo que sejam felizes”.

“Meu irmão...”, eu experimentava uma confusão de sentimentos, estendi a mão na tentativa de apertar a mão dele.

Ele deu um passo para trás: “Parece que acordei de um sonho. Esse tal de amor na verdade é uma doença grave. E estou me curando dela”.

“Isso é ótimo”, respondi, “na verdade, Leoazinha não foi feita para você, assim que você se animar, ainda será capaz de fazer coisas incríveis e então vai poder escolher uma mulher ainda mais notável.”

“Não presto mais para nada”, disse ele, “vim me desculpar com você. Não notou umas cinzas de papel queimado no túmulo de Wang Renmei? Fui eu que deixei. Por causa da minha deduração, Yuan Bochecha foi parar na cadeia e Wang Renmei e seu filho estão mortos, sou um assassino.”

“Mas isso de modo algum é culpa sua!”, eu disse.

“Também tentei me consolar com justificativas nobres como ‘denunciar uma gravidez ilegal é dever do cidadão’ ou ‘é lícito punir a própria família em nome da pátria’, mas nem essas justificativas conseguiram me tranquilizar, não sou assim tão conscientizado, tudo que fiz foi por interesse próprio, foi para conquistar o amor de Leoazinha. Por causa disso, comecei a sofrer de insônia, é só fechar os olhos que vejo Wang Renmei estendendo as mãos ensanguentadas para me arrancar o coração... Acho que estou com os dias contados...”

“Wang Fígado, você está pensando demais, não fez nada de errado, não seja supersticioso, os mortos viraram cinza e fumaça e, mesmo que existisse alma, Renmei não voltaria para persegui-lo. Ela era uma pessoa boa e simples.”

“Ela era uma boa pessoa, sem dúvida”, disse Wang Fígado, “e é justamente por isso que a consciência me pesa ainda mais. Corre Corre, você não precisa ter pena de mim, e também não precisa me perdoar. Eu hoje vim aqui porque queria te pedir uma coisa...”

“Pode falar, meu irmão.”

“Por favor, fale para Leoazinha dizer à sua tia que, naquele dia, depois de fugir pelo poço, Wang Vesícula veio direto a minha casa. Afinal de contas ela é minha irmã. Pequenina, carregando aquela barriga enorme, ela me pediu para salvar a vida dela e da criança que esperava. Posso ter um coração de pedra, mas até eu me comovi. Escondi minha irmã num cesto daqueles de levar esterco, cobri com palha e ainda coloquei por cima um saco de estopa. Amarrei o cesto na garupa da bicicleta e fui pedalando. Na saída da aldeia, encontrei Qin He pronto para me interrogar. Ele é o informante da sua tia — ela nasceu mesmo na época errada e entrou na profissão errada, devia estar comandando um exército contra os inimigos! A última pessoa com quem eu queria topar era

Qin He, porque ele é o cão de guarda da sua tia, capaz de entregar qualquer um por causa dela, do mesmo jeito que sou capaz de entregar qualquer um por Leoazinha. Ele bloqueou o meu caminho. Eu já tinha cruzado várias vezes com ele na porta do hospital, mas nunca trocamos uma palavra. Eu sabia que, no fundo, ele me considerava um amigo, somos companheiros no mesmo infortúnio. Quando ele foi atacado por Gao Men e Lu Florzinha na frente do restaurante da empresa de abastecimento, fui eu que o ajudei. 'Gao, Lu, Qin, Wang', Qin de Qin He, Wang de Wang Fígado, os quatro bobos da aldeia estavam se enfrentando na rua, juntou uma multidão para assistir, parecia que éramos macacos de circo. O que você não sabe, meu irmão, é que quando alguém que não é bobo passa a ser chamado de bobo, na verdade ganha uma liberdade enorme! Pulei da bicicleta e encarei Qin He.

“Você deve estar indo vender porco na feira.”

“Isso mesmo, vou vender porco.”

“Para falar a verdade, eu não vi nada.”

“E assim ele me deixou passar. Os bobos se entendem.”

“Fale para Leoazinha que eu levei minha irmã até Jiaozhou. Lá eu a coloquei num ônibus para Yantai, em Yantai ela ia comprar uma passagem de barco para Dalian e, de Dalian, seguiria de trem até Harbin. Você sabe que a mãe de Chen Nariz é de Harbin, ainda tem parentes lá. Wang Vesícula estava levando dinheiro suficiente, vocês sabem como ela é inteligente, e sabem como Chen Nariz é esperto, os dois já estavam com tudo pronto fazia tempo. Já se passaram treze dias, Wang Vesícula já chegou aonde precisava chegar. Sua tia pode muito, mas não pode tudo. A mão, por maior que seja, não encobre todo o céu. Em nossa comuna ela faz o que quer, mas lá fora não dá. Wang Vesícula já estava de sete meses. Quando sua tia a encontrar, o bebê já terá nascido. Por isso, fale para sua tia deixar esse assunto para lá.”

“Já que é assim, por que ainda precisa contar para elas?”, perguntei.

“É a única forma de me redimir”, disse Wang Fígado, “e é a única coisa que eu te peço.”

“Está bem”, respondi.

7.

Sou mesmo um homem de vontade fraca.

De início pensei que, na minha noite de núpcias com Leoazinha, eu deveria permanecer sentado sozinho diante de uma vela vermelha até o dia clarear, como forma de demonstrar meus sentimentos de remorso e saudade por Wang Renmei, mas só fiquei ali até a meia-noite e acabei abraçado com Leoazinha.

No dia do meu casamento com Wang Renmei choveu forte, no dia do meu casamento com Leoazinha caiu um temporal. Os relâmpagos, um após o outro, ofuscavam com seu clarão branco-azulado. Depois vieram trovões ensurdecedores e a chuvarada. O barulho da água ressoava por todos os lados e um vento úmido, com um cheiro forte de terra molhada e frutas podres, se despejava para dentro do quarto nupcial pela treliça da janela. A vela vermelha, já no fim, tremeluziu e se apagou. Senti medo. Um relâmpago f piscou violentamente por vários segundos, nesse momento vi os olhos cintilantes de Leoazinha. No clarão do relâmpago, o rosto dela parecia de ouro. Em seguida ouviu-se o trovão, tão perto como se tivesse caído em nosso pátio, e veio um cheiro desagradável de queimado. Leoazinha gritou de susto, eu a abracei.

Eu achava que Leoazinha era uma tábua, nunca imaginei que fosse um mamão. Um mamão roliço, bem fornido, que ao mais

suave toque deixa escorrer seu caldo. A textura dela era de mamão, o cheiro era de mamão. Comparar a mulher nova à falecida não é nada delicado, eu tentava barrar essas minhas associações absurdas, mas os pensamentos estavam fora de controle. Quando meu corpo se uniu ao de Leoazinha, nossos corações também se apegaram.

Eu falei sem um pingote de vergonha: "Leoa, acho que você e eu parecemos mais um casal, mais do que Wang Renmei e eu...".

Ela tapou minha boca com a mão e disse: "Melhor não falar certas coisas".

"Wang Fígado pediu para dizer a vocês que ele levou Wang Vesícula para Jiaozhou, já faz treze dias, lá ela tomou um ônibus para Yantai, e de Yantai foi para o Nordeste."

Leoazinha sentou-se na cama de repente, outro relâmpago a iluminou. O rosto cheio de paixão tomou uma expressão séria... Ela me abraçou e nos deitamos de novo. "É mentira dele", me disse ao pé do ouvido, "Wang Vesícula não está em condições de ir para longe."

"Mas então vocês... estão querendo poupá-la?", perguntei.

"Isso não sou eu que decido, depende do que sua tia tem em mente."

"Mas minha tia está com essa ideia, não está?"

"Impossível, se estivesse pensando assim, não seria sua tia."

"Então por que vocês não estão agindo? Será que não sabem que ela já passou dos sete meses?"

"Ela não deixou de agir, arranhou informantes para investigar a situação em segredo."

"E o que descobriram com isso?"

"Bom, quanto a isso...", hesitou por um instante, colocou o rosto no meu peito e disse: "Não preciso esconder nada de você, ela está na

casa da avó de Yanyan, enfurnada no mesmo buraco onde Wang Renmei se escondeu”.

“E o que pretendem fazer?”

“Faço o que sua tia mandar.”

“Minha tia pretende fazer o quê? Vai usar os métodos de sempre, não vai?”

“Ela não seria tão burra.”

“Então vai fazer o quê?”

“Já mandou alguém ir conversar com Chen Nariz, para dizer a ele que sabemos que Wang Vesícula está escondida na casa dos Wang e mandá-lo avisar aos Wang que, se não a entregarem, amanhã o trator de esteira vai estar lá para derrubar a casa deles e as dos vizinhos.”

“O avô de Yanyan é cabeça-dura, se ele resistir, vocês vão mesmo derrubar a casa deles?”

“A ideia da tia não é fazer os Wang entregarem a moça, mas sim que Chen Nariz a tire dali por iniciativa própria. Sua tia já prometeu a ele que, se levar Wang Vesícula para fazer o aborto, vão devolver todo o dinheiro dele. Trinta e oito mil iuanes, acredito que ele não vai ficar indiferente.”

“Mas por que vocês fazem questão de matar até o último?”, perguntei num longo suspiro. “Matar Renmei ainda não foi o bastante?”

“Wang Renmei morreu por culpa dela mesma”, disse Leoazinha com frieza.

De repente, senti que até o seu corpo tinha esfriado.

8.

A chuva continuou por dias a fio, bloqueou as estradas, encheu o rio, nenhum caminhão conseguia chegar a nossa aldeia para comprar a safra de pêssegos.

Todas as famílias tinham pêssegos colhidos. Alguns foram colocados em cestos, empilhados como pequenas colinas, cobertos com uma lona plástica para protegê-los da chuva. Outros ficaram amontoados desordenadamente no chão do pátio, à mercê da chuva que surrava e encharcava. Essa variedade de pêssego, doce e succulenta, é muito sensível ao armazenamento. Nos anos anteriores, os caminhões paravam ao lado do pomar. As frutas iam da árvore para a balança e dali para a caçamba. Sem descansar, os caminhoneiros corriam a noite toda para, na madrugada seguinte, entregar os pêssegos em cidades a mais de quinhentos quilômetros dali. Mas nesse ano parece que o céu quis punir a sorte que as pessoas tiveram nas últimas safras. Desde que os pêssegos amadureceram, praticamente não houve um único dia de tempo bom, as chuvas se sucediam, fortes, médias ou miúdas. Se não fossem colhidos, os frutos apodreceriam no pé. Colhidos, talvez ainda restasse uma chance: assim que o tempo melhorasse, os caminhões viriam para levar a produção. Mas até então não havia sinal de que o tempo iria melhorar.

Em casa só plantávamos trinta pés de pêsego, porque meu pai já estava velho e não dava conta de muita coisa, a produção era pequena, mas ainda assim chegava a quase três mil quilos. Tínhamos poucos cestos para frutas, dezesseis cestos cheios foram guardados no cômodo lateral, os pêsegos restantes ficaram empilhados no pátio, cobertos com um plástico. Meu pai às vezes saía na chuva, levantava a lona e pegava frutos para dar uma olhada. Cada vez que ele levantava aquele plástico, sentíamos o cheiro de pêsego podre.

Como Leoazinha e eu éramos recém-casados, meu pai ficou cuidando de minha filha. Quando meu pai saía para o pátio sob a chuva, minha filha o seguia. Ela carregava um pequeno guarda-chuva com figuras de animais.

Minha filha nos tratava com frieza, mas mantinha um grau suficiente de educação. Leoazinha lhe deu um doce, ela pôs as mãos para trás e recusou, dizendo: "Obrigada, tia".

"Chame-a de mamãe", eu disse.

Minha filha arregalou os olhos e me olhou assustada.

"Não precisa, não precisa chamar de coisa nenhuma", disse Leoazinha. "Todo mundo me chama de Leoazinha", ela apontou para o leãozinho do guarda-chuva, "então você me chama de Leoazona."

"Você come criança?", perguntou minha filha.

"Eu não como crianças", respondeu Leoazinha, "minha especialidade é proteger as crianças."

Meu pai voltou carregando um monte de pêsegos meio podres dentro de um chapéu de bambu e pôs-se a cortar as frutas com uma faca enferrujada, enquanto cortava, suspirava.

"Se for comer, coma as frutas boas", eu disse.

"Isso é tudo dinheiro!", disse meu pai. "Este céu não tem dó dos pobres."

“Pai”, Leoazinha agora o chamava assim, falava de um jeito estranho, e ouvi-la era estranho também, “o governo não vai ficar sem fazer nada, com certeza estão buscando uma solução.”

“O governo só quer saber de planejamento familiar, não estão nem aí para outras coisas!”, disse meu pai com algum ressentimento.

Nesse exato momento, o alto-falante do Comitê do Partido na aldeia começou a falar. Meu pai, com medo de não escutar direito, correu para o pátio e aguçou o ouvido.

Pelo alto-falante avisaram que a comuna havia contatado Qingdao, Yantai e outras cidades. Um comboio de caminhões tinha sido enviado e estava reunido no cais de Wujiaqiao, a mais de vinte e cinco quilômetros da aldeia, onde montaram barracas para comprar nossos pêssegos. A comuna pedia à população que levasse a produção até lá, por terra ou pelo rio. O preço caíria pela metade em relação ao ano anterior, mas era melhor do que deixar as frutas se perderem.

Mal terminou o anúncio, a aldeia começou a fervilhar. E eu sabia que não estávamos sozinhos nisso, todas as aldeias da região fervilhavam junto.

Embora a gente tenha um grande rio por aqui, o número de barcos é bem pequeno. Antes, cada equipe de produção contava com alguns botes de madeira, mas ninguém sabe onde foram parar depois da descoletivização agrária.

As massas populares guardam uma criatividade infinita, essa frase não podia ser mais verdadeira. Meu pai correu até o cômodo lateral e tirou quatro cabaças que estavam penduradas na viga, carregou para o pátio mais quatro pedaços de madeira e uma corda e começou a fazer uma jangada. Tirei o casaco e, vestindo só calção e camiseta, fui ajudar meu pai no trabalho. Leoazinha segurava o guarda-chuva para mim. Minha filha corria para lá e para cá no pátio com seu pequeno guarda-chuva na mão. Fiz um sinal para

Leoazinha segurar o guarda-chuva para meu pai, mas ele disse que não precisava. Meu pai tinha um pedaço de lona plástica sobre os ombros, a cabeça descoberta. A água da chuva escorria pelo seu rosto, misturada ao suor. Na hora da labuta, os velhos camponeses como meu pai voltam sua concentração integralmente ao que estão fazendo, trabalham com precisão e força, não há um só movimento supérfluo. A jangada ficou pronta num instante.

Quando saímos carregando nossa embarcação, um burburinho incomum já se formara na beira do rio. Os botes de madeira desaparecidos tinham reaparecido de repente. Junto com eles, também foram à água dezenas de jangadas. Amarradas a estas, havia cabaças, câmaras de ar e isopor. Não sei quem pegou até uma tina de madeira. Barcos e jangadas estavam amarrados aos salgueiros da margem. De cada viela vinha gente apressada carregando cestos de pêssego.

Quem criava burros ou mulas já tinha abarrotado os cestos no lombo dos animais. Dezenas deles se enfileiravam na beira do rio.

Um funcionário da comuna, que tinha vindo andando pela água com uma capa de chuva, as pernas da calça arregaçadas e as sandálias na mão, gritava de pé na margem.

Vi, à frente da nossa, uma jangada que se aproximava da perfeição... Quatro grossos troncos de cedro cruzados em jogo da velha, atados com cordas de couro. O espaço central era preenchido com bastões de madeira da grossura de um cabo de foice. Embaixo da jangada foram amarradas quatro câmaras de ar de charrete, vermelhas, bem infladas. Apesar de estar carregada com mais de uma dezena de cestos de pêssego, a jangada parecia leve, bem se via que aquelas quatro câmaras de ar eram flutuadores potentes. A jangada contava ainda com cinco paus verticais, amarrados em cada canto e no centro. Sustentavam um plástico azul-claro que servia

para abrigar do sol e, naturalmente, também da chuva. Uma jangada dessas com certeza não era obra de poucas horas.

Wang Pé estava agachado na proa, com uma capa de palha sobre os ombros, um chapéu de bambu na cabeça, parecia um pescador à espera da fígada.

Com apenas seis cestos de pêssego, nossa jangada já estava bem pesada. Meu pai insistiu em colocar mais dois cestos. Eu disse: "Pode colocar mais dois cestos, mas o senhor não vai, eu vou sozinho".

Talvez considerando que era o segundo dia de meu casamento com Leoazinha, meu pai fez questão de ir no meu lugar. Eu disse: "Pai, não discuta, olhe para toda essa gente na margem, será que tem alguém que, na sua idade, ainda enfrenta o rio numa jangada?".

"Então tome cuidado", disse ele.

"Não se preocupe, posso não prestar para outras coisas, mas pelo menos sei nadar."

"E se o rio encrespar muito, jogue os pêssegos na água", recomendou.

"Não se preocupe."

Acenei para Leoazinha, que segurava minha filha pela mão.

Leoazinha acenou para mim também.

Meu pai desatou a corda amarrada na árvore e jogou para mim.

Agarrei a corda e enrolei bem, peguei a vara e apoiei no barranco, empurrei com força e a jangada começou a se mover, pesada e lentamente.

"Vá com cuidado!"

"Vá com muito cuidado!"

Manobrei de forma a acompanhar a margem, sem me afastar muito dela, e a jangada foi descendo o rio sem pressa.

Os animais de carga seguiam em paralelo pela orla. Caminhavam devagar sob o peso dos cestos. Alguns donos mais caprichosos

penduraram sinos de cobre no pescoço das bestas, que tilintavam. Velhos e crianças acompanhavam a caravana de mulas por uma parte do caminho, mas se detiveram no final da aldeia.

O rio fazia uma curva fechada ao sair da aldeia. Aqui os barcos e as jangadas entravam na correnteza rápida. Wang Pé, que conduzia sua jangada sempre à minha frente, não seguiu o fluxo. Em vez disso, levou sua jangada para as águas calmas na curva do rio. Ali, no barranco, crescia uma moita bem fechada, uma profusão de cigarras cantava entre os galhos. Desde o instante em que vi a maravilhosa jangada de Wang Pé, pressenti que algo estava para acontecer. De fato, Wang Pé jogou os cestos na água. Boiaram. Obviamente não tinha pêssego ali dentro. Aproximou-se da folhagem e vi Chen Nariz, alto e corpulento, pular para a jangada carregando Wang Vesícula e seu barrigão. Atrás dele, Wang Fígado também pulou com a sobrinha nos braços.

Imediatamente baixaram a cobertura de plástico, que formou uma cortina. Wang Pé, com a vara na mão, retomou a antiga postura de quando conduzia a carroça empunhando o chicote, parecia rejuvenescido. Sua cintura estava reta, por aí se via que minha tia estava certa ao dizer que aquela corcunda, aquele andar encurvado eram puro fingimento dele. E o tal "rompimento das relações entre pai e filho" era coisa dita no calor da hora. No momento da necessidade, pai e filho vão lutar ombro a ombro na linha de frente. De qualquer forma, do fundo do coração, desejei a eles boa sorte, desejei que conseguissem chegar com Wang Vesícula ao lugar que queriam. Claro que, pensando em toda a inteligência que minha tia havia investido nisso, senti uma ponta de tristeza.

A jangada de Wang Pé tinha boa flutuação e ainda levava pouco peso, ultrapassou-nos com rapidez.

Jangadas e botes desciam de todas as aldeias nas duas margens. Na altura de Dongfeng, aquele lugar onde minha tia feriu a cabeça e

sangrou, centenas de jangadas e dezenas de barcos de madeira se juntavam no meio do rio para formar um longo dragão que descia a correnteza.

Eu não tirava os olhos da jangada dos Wang. Ela podia ter nos ultrapassado, mas não saía do meu campo de visão.

A jangada dos Wang era sem nenhuma dúvida a mais altiva daquele dia, parecia um "Hummer" misturado a um comboio de carros medíocres.

Não só altiva mas também misteriosa. Quem viu aquela cena na curva do rio naturalmente sabia que segredo se escondia sob a cortina plástica, quem não viu, não podia deixar de lançar um olhar atravessado, desconfiava. Porque, fosse qual fosse o ponto de vista, o que aquela jangada levava não era pêssego.

Lembro-me agora que, quando o barco do planejamento familiar usado por minha tia passou por nós a todo o vapor, fui tomado por uma inquietação indefinível. O barco não era mais aquele improvisado nos anos 1970, agora era uma lancha aerodinâmica, de um branco leitoso. A frente da cabine semifechada era de acrílico transparente, o piloto era o mesmo Qin He de sempre, agora grisalho. Minha tia e minha nova esposa estavam em pé, segurando o corrimão atrás da cabine, o vento jogava suas roupas para trás. Olhei para os peitos de Leoazinha, redondos como bolas, e logo me vi numa confusão de sentimentos. Atrás delas, quatro homens estavam sentados cara a cara nos assentos laterais. A lancha produziu ondas que respingaram em nossas jangadas e redemoinhos que nos sacudiram para cima e para baixo. Acredito que Leoazinha me viu quando passou rente a mim, mas nem acenou, a Leoazinha com quem eu acabara de me casar parecia outra pessoa. Tive a sensação de estar sonhando, quase tudo até aquele instante havia sido sonho. A indiferença de Leoazinha fez meu coração pender

rapidamente em favor dos fugitivos — rápido, Wang Vesícula, fuja! Depressa, Wang Pé!

A lancha da minha tia cruzou a fileira de embarcações e se lançou em direção à jangada dos Wang, que flutuava isolada na frente, à direita.

A lancha da minha tia não ultrapassou os Wang. Em vez disso, emparelhou-se com eles e reduziu a velocidade, o motor quase não se ouvia. A lancha estava a dois ou três metros da jangada e continuava se aproximando. Obviamente queriam, com essa manobra, forçar a jangada para a margem. Wang Pé agarrou a vara e apoiou no costado da lancha, provavelmente queria afastar o perigo, mas, em reação oposta, a jangada foi aos poucos levada para fora da correnteza.

Um homem que estava na lancha pegou um bastão com um gancho de ferro na ponta e puxou a lona plástica da jangada. O plástico se rasgou. Deu mais alguns puxões e tudo o que estava na jangada veio à luz.

Wang Pé batia no homem da lancha com a vara. O homem revidava com seu bastão. Nisso, Wang Fígado e Chen Nariz, sentados nos lados da jangada, remavam com todas as suas forças. No meio deles estava Wang Vesícula, aquela miniatura de mulher, na mão esquerda segurava Chen Orelha, que escondia o rosto em seu covado, a mão direita cobria o ventre bojudo. Em meio ao estalar das bordoadas, em meio ao rugir das ondas, volta e meia se ouvia sua voz estridente: “Tia, misericórdia, deixa a gente ir!”.

Quando aos poucos se afastavam do barco, Leoazinha tomou impulso, pulou em direção à jangada e — tchibum — caiu na água. Como não sabia nadar, afundou. Minha tia gritou pedindo socorro. Aproveitando a oportunidade, Chen Nariz e Wang Fígado remaram com todas as forças até colocar a jangada de volta na correnteza.

Levaram um tempo considerável para resgatar Leoazinha. Um homem a bordo da lancha estendeu-lhe um bastão, mas, quando a puxou para junto do barco, ela agarrou a perna dele e o fez cair na água. Era mais um que não sabia nadar direito. Os outros a bordo tiveram de pular na água para salvá-los e Qin He, que pilotava, parecia ter perdido sua destreza. De tanta raiva, a tia saltitava, xingava. Ninguém das jangadas ou dos barquinhos se ofereceu para ajudar. Como Leoazinha, apesar de tudo, é minha esposa, eu remava tentando me aproximar dela, mas outra jangada que vinha atrás me cortou a passagem e quase me fez virar. Vendo que Leoazinha punha cada vez menos a cabeça para fora da água, não hesitei mais, abandonei a jangada e os pêssegos e, com um salto, mergulhei na correnteza, avancei batendo os braços, fui salvar minha mulher.

No instante em que Leoazinha pulou na água, desenhou-se um grande ponto de interrogação na minha mente. Só depois Leoazinha me contaria, como quem relata uma façanha, que sentira cheiro de sangue, o sagrado cheiro de sangue que é próprio das parturientes. Ao mesmo tempo, ela viu sangue na perna de Wang Vesícula. Então caiu na água de propósito — claro que esse ato ainda poderia ter outra explicação: ganhar tempo. Ela se arriscou a morrer afogada para ganhar tempo, e rezou para os espíritos do rio: “Wang Vesícula, depressa, tenha logo seu filho, depressa, assim que sair da ‘boca da panela’ será uma vida, um cidadão da República Popular da China, receberá proteção, as crianças são as flores da pátria, o futuro da nação”. Obviamente, me contou Leoazinha, a tia não se deixaria enganar com esse truquezinho. “Sua tia me conhece bem, é só eu esticar o rabo, que ela já sabe qual é a merda que vai sair.”

Quando conseguimos colocar Leoazinha e o outro funcionário de volta na lancha, a jangada dos Wang já ganhara uma distância de pelo menos um quilômetro e meio. Justamente nesse momento, o

motor morreu. Qin He, com a cabeça encharcada de suor, tentava repetidas vezes acionar a máquina. Minha tia quicava de raiva. Agarrados à amurada, Leoazinha e o funcionário punham a cabeça para fora e vomitavam água.

Depois de quicar por um momento, minha tia se acalmou. No seu rosto apareceu um sorriso meio triste. Um raio de sol penetrou as nuvens, iluminou seu rosto, iluminou também o rio de ondas turvas e a fez parecer uma heroína num beco sem saída. Ela sentou na amurada e disse a Qin He em voz baixa: "Pare de fingir, vocês parem de fingir".

Qin He parou por um instante, e conseguiu acionar o motor de repente. A lancha, como uma flecha que deixa o arco, avançou em direção à jangada dos Wang.

Eu dava palmadinhas nas costas da Leoazinha e espiava minha tia de canto de olho. Ela ora baixava a cabeça e fitava o chão, ora sorria. Em que estaria pensando? De repente lembrei que ela contava quarenta e sete anos, sua juventude havia terminado fazia tempo, agora andava pela meia-idade, mas seu rosto, marcado pela vida, já mostrava a desolação da velhice. Me lembrei do que dizia minha mãe: "A mulher nasce para quê? A mulher, no fim das contas, nasce é para ter filho. O renome de uma mulher vem de seus filhos, a dignidade de uma mulher vem de seus filhos, a felicidade e o orgulho de uma mulher também vêm de seus filhos. Mulher sem filho é uma angústia, mulher sem filho não pode se considerar completa. Além do mais, mulher sem filho fica com o coração duro, envelhece mais rápido". Quando dizia essas coisas, minha mãe se referia a minha tia, mas nunca falou nada na frente dela. Será que o envelhecimento da minha tia tem a ver com o fato de ela não ter filho? Ela já está com quarenta e sete anos, caso se apressasse para casar, ainda teria condições de gerar um filho? E, afinal de contas, onde está o homem que poderia ser o marido da minha tia?

A lancha logo alcançou a jangada dos Wang. Ao se aproximar, Qin He reduziu a velocidade e foi chegando cuidadosamente.

Wang Pé estava na popa, segurando uma vara comprida. Com os olhos esbugalhados de raiva, parecia pronto para matar ou morrer.

Com Chen Orelha no colo, Wang Fígado estava sentado na proa.

Chen Nariz estava no meio da jangada, abraçado a Wang Vesícula, chorava, ria e gritava: "Rápido, Vesícula, tenha essa criança logo! Quando nasce é uma vida! Elas não vão se atrever a esmagar uma vida! Wan Coração, Leoazinha, vocês perderam! Haha, vocês perderam!".

Fios de lágrimas rolavam pelo rosto do homem barbudo.

Foi aí que Wang Vesícula soltou uns gritos de arrepiar os ossos, de quem sente as entranhas se rasgarem.

Quando a lancha encostou na jangada, a tia inclinou o corpo e estendeu a mão.

Chen Nariz sacou uma faca, parecia uma fera: "Demônio, tire daqui sua garra!".

Com toda a calma, minha tia disse: "Isto não é uma garra de demônio, é a mão de uma obstetra".

Quando me dei conta do que acontecia, senti vontade de chorar e gritei: "Chen Nariz, deixe minha tia descer na sua jangada! Deixe que ela faça o parto!".

Segurei um dos paus da jangada com uma vara. Movendo o corpo pesado, minha tia passou para a embarcação dos Wang.

Leoazinha pegou a maleta de medicamentos e pulou na jangada.

No momento em que abriam com uma tesoura a calça de Vesícula, ensopada de sangue, virei de costas. Mantive o braço esticado para trás, segurando firme para não deixar a jangada se separar da lancha.

Na minha mente, surgia a imagem de Vesícula, tal como entrevira por um breve instante: deitada com a parte inferior do corpo

mergulhada em sangue. O corpo pequeno, a barriga bojuda, parecia um golfinho raivoso e assustado.

A corrente fluía indiferente; as nuvens se esgarçavam, trespassadas por raios de sol. A fila de jangadas com a carga de pêssegos seguia serpenteando. A minha jangada, sem condutor, foi levada pela correnteza.

Eu esperava. Esperava em meio aos choros e gritos de Vesícula. Esperava em meio ao bater das ondas. Esperava em meio aos zurros dos jumentos na margem do rio.

Subiu da jangada o choro rouco de um bebê.

Virei a cabeça imediatamente e vi minha tia segurando o bebê prematuro com as duas mãos, enquanto Leoazinha enfaixava sua barriga com gaze.

“Outra menina”, disse minha tia.

Desanimado, Chen Nariz baixou a cabeça, parecia um pneu furado. Golpeava o crânio alternadamente com os dois punhos e dizia cheio de angústia: “O céu quer acabar comigo... O céu quer acabar comigo... Quem diria que, depois de cinco gerações, a linhagem da família Chen termina comigo...”.

“Você é um filho da puta!”, disse minha tia.

Embora a lancha tenha voltado a toda velocidade levando a parturiente e a recém-nascida, não foi possível salvar a vida de Wang Vesícula.

Segundo Leoazinha, antes de morrer Vesícula teve um momento de lucidez. Perdeu quase todo o sangue, seu rosto tinha a cor de um papel dourado. Ela sorriu para minha tia e murmurou algo. Minha tia se aproximou, inclinou a cabeça para escutar o que dizia. Leoazinha diz que não conseguiu entender o que era, mas minha tia certamente entendeu. A cor de ouro no rosto de Vesícula deu lugar a um cinza-pálido. Seus olhos estavam arregalados, mas sem brilho. Seu corpo se encurvou como um saco amassado depois de

esvaziado de seus grãos, ou um casulo vazio depois de saída a mariposa. Minha tia ficou sentada ao lado dela, de cabeça baixa. Depois de muito tempo, levantou-se e deu um longo suspiro. “Para que tudo isso?”, pareceu perguntar a Leoazinha, mas também podia ser que falasse para si mesma.

Sob os cuidados meticulosos de minha tia e de Leoazinha, Chen Sobrancelha, a filha prematura de Wang Vesícula, finalmente conseguiu vencer o período de risco e sobreviveu.

PARTE IV

Caro professor Sugitani,

Agora me dei conta de que já faz três anos que nos aposentamos e voltamos a morar em Gaomi. Nesse período, apesar de uns pequenos percalços, acabamos tendo uma grande surpresa. O senhor teceu tantos elogios ao material sobre minha tia que temo não ser merecedor. Esse material, pelo que o senhor me diz, com pequenos ajustes, poderia ser publicado como romance. Mas guardo alguns receios. Primeiro porque as editoras talvez não tenham interesse num romance com esse tema, segundo porque minha tia talvez se zangue com a eventual publicação. Embora em certos aspectos eu tenha tentado ao máximo "omitir informações por respeito aos mais velhos", ainda assim revelei muitas coisas dolorosas para ela. Quanto a mim, minha intenção na verdade era, por meio da narrativa, confessar meus próprios pecados para aplacar, de alguma forma, o sentimento de culpa. Suas palavras de consolo iluminaram meu coração. Já que a escrita pode redimir, vou continuar escrevendo sem cessar. Já que só a escrita sincera pode redimir, vou manter a sinceridade enquanto escrevo.

Há mais de dez anos afirmei que, ao escrever, é preciso tocar a parte mais dolorida da alma, é preciso contar o que preferiríamos esquecer. Agora, acho que também é preciso escrever sobre o

momento mais constrangedor, a situação mais vexaminosa. É preciso colocar-se sobre a mesa de dissecação, sob a lente do microscópio.

Há mais de vinte anos afirmei sem o menor pudor: escrevo para mim mesmo. Naturalmente, escrever para se redimir pode ser considerado escrever para si mesmo, mas não basta; penso que também devo escrever tanto para aqueles que eu feri como para aqueles que me feriram. Sou grato a estes porque, a cada vez que me ferem, me fazem lembrar dos que eu mesmo feri.

Professor, envio agora um texto escrito descontinuamente ao longo de um ano. Quanto à história da minha tia, quero encerrá-la por aqui; agora pretendo terminar o quanto antes a peça de teatro inspirada nela.

Cada vez que me vê, minha tia menciona o senhor, ela espera sinceramente que o senhor possa nos visitar de novo. Até chegou a dizer: "Será que ele não tem dinheiro para a passagem? Diga a ele que posso comprar a passagem de avião para ele vir". Minha tia também disse guardar muitas coisas que não pode contar a ninguém, mas, se o senhor vier, lhe contará tudo sem ressalvas. Diz ela que sabe de um segredo importante do seu estimado pai, que nunca contou a ninguém. O senhor ficará espantado ao descobrir do que se trata. Faço alguma ideia do que seja, mas vou esperar pela sua vinda para que ela possa lhe contar pessoalmente.

Além disso, embora já tenha mencionado no material que envio desta vez, ainda quero lhe dizer aqui: quase aos sessenta anos, sou pai de um bebê! Professor, não importa como esse bebê chegou, não importa quantos contratempos ainda há de causar, quero pedir ao senhor, essa pessoa tão ilustre, que lhe dê sua bênção e, se possível, que escolha um nome para ele!

Girino

Gaomi, outubro de 2008

1.

Minha tia sempre me deu a impressão de ser dona de uma audácia absoluta, parecia não ter medo de ninguém nem de nada neste mundo. Mas eu e Leoazinha presenciamos uma ocasião em que ela se assustou com uma rã e caiu desmaiada.

Foi numa manhã de abril, Leoazinha e eu tínhamos sido convidados para visitar o ranário aberto por Yuan Bochecha e meu primo Jin Xiu. Em poucos anos, o remoto e atrasado Nordeste de Gaomi mudara drasticamente de fisionomia. Ambas as margens do rio ganharam uma bela e resistente proteção de pedras brancas. Plantas exóticas vicejavam nos canteiros à beira-rio. Ao longo da orla, ergueram-se novos condomínios, uma dúzia deles, com edifícios de todo tipo e mansões de estilo europeu. A aldeia já alcançava os contornos da área urbana e estava a quarenta minutos de carro do aeroporto de Qingdao. Empresários coreanos e japoneses chegavam para investir e construir fábricas. A maior parte da terra virou gramado do campo de golfe metropolitano. Embora esse lugar tenha sido renomeado "subprefeitura de Chaoyang", continuamos a chamá-lo de "aldeia Nordeste".

Do nosso condomínio até o ranário eram dois quilômetros e meio. Meu primo queria nos buscar de carro, mas recusamos a gentileza. Quando descíamos pelo passeio à beira-rio, cruzávamos de vez em quando com mulheres jovens empurrando carrinhos de bebê. Todas

de pele bem hidratada e olhar vago, recendiam a aromas refinados de perfumes caros. Os bebês no carrinho, de chupeta, ou dormiam serenamente, ou arregalavam seus olhinhos pretos, e todos exalavam um cheirinho doce. Leoazinha parava um por um os carrinhos que passavam, curvava seu corpo roliço, estendia a mão para tocar as mãozinhas rechonchudas e as bochechas rosadas. A expressão em seu rosto revelava um carinho genuíno pelos bebês. Uma mulher loira veio empurrando um carrinho com dois assentos. Leoazinha ficou olhando para as duas crianças mestiças com chapeuzinhos de tecido anarruga, bonitas como duas Barbies, acariciou uma e outra, murmurando baixinho com os olhos cheios de lágrimas. Olhei para o rosto da mulher com um sorriso educado, puxei a roupa de Leoazinha e disse:

“Não vá babar no rosto da criança!”

Ela suspirou:

“Por que antes eu não achava as crianças tão encantadoras?”

“Sinal de que estamos velhos.”

“Não é só isso”, ela disse. “Agora a vida melhorou, a qualidade dos bebês também aumentou, por isso estão mais fofos.”

Veza ou outra cruzávamos com velhos conhecidos, nos cumprimentavam com um aperto de mão. E era sempre aquele sentimento de que “estamos velhos” e “décadas se passaram num piscar de olhos”.

Vimos passar lentamente pelo rio um barco de passeio luxuoso, decorado com cores vivas, parecia um pórtico ornamental sobre a água. Ouvia-se uma música melodiosa, que vinha de cítaras e flautas tocadas a bordo por moças em trajes antigos, como personagens de pinturas. De vez em quando uma lancha com a proa bem erguida passava a toda a velocidade, espirrando água e espantando as gaivotas brancas.

De mãos dadas, parecíamos inseparáveis, mas cada um ia mergulhado em si mesmo. Crianças, quantas crianças fofas, talvez fosse esse o pensamento de Leoazinha. Já a cena que passava na minha mente era a perseguição comovente ocorrida nesse mesmo rio há mais de vinte anos.

Atravessamos o rio pela ponte estaiada concluída havia pouco tempo. Entre os veículos que corriam na pista, viam-se muitos BMW e Mercedes. É uma bela ponte, parece uma gaivota de asas abertas. Do outro lado, à direita, ficava o campo de golfe metropolitano, e à esquerda, o famoso templo de Niangniang, a deusa da maternidade.

Era o oitavo dia do quarto mês lunar, dia da feira. O terreno em volta do templo estava cheio de carros. Pelas placas dava para ver que a maioria desses veículos tinha vindo de cidades vizinhas, alguns de outras províncias.

Antes, nesse mesmo lugar, ficava um vilarejo conhecido como aldeia do templo por causa de um pequeno santuário de Niangniang que existia ali. Quando menino, ia lá com minha mãe queimar incenso. Ainda que tenham se passado muitos anos, essa memória continua muito viva. O tempinho foi completamente arrasado logo no início da Revolução Cultural.

O novo templo tinha prédios imponentes, paredes vermelhas, telhas amarelas. Ao longo do corredor de entrada apinhavam-se barracas de incenso, velas e bonecas de barro. Os vendedores apregoavam em voz alta para atrair turistas:

“Venham amarrar um boneco! Amarrem um boneco!”

Tinha um de túnica amarela e cabeça raspada que parecia um monge. Ele batia num peixe de madeira, como fazem os monges, e entoava um pregão rítmico:

Amarre um boneco e leve para casa, para a alegria da família.

Leve um agora e seu filho nasce no ano que vem, mais um ano e já chamará os pais.

Meu boneco é de alta qualidade, feito à mão por um grande mestre.

Meu boneco é lindo, tem bochechas coradas, lábios de cereja.

Meu boneco é o mais eficaz, é vendido para cento e oito municípios.

Amarre um para ter um dragão; dois para ter um dragão e uma fênix.

Três para um trio de astros reluzentes; quatro para um quarteto de altos funcionários.

Amarre cinco para ter um estudioso das cinco disciplinas; e seis... aí já não deixo, com medo de sua esposa se zangar...

A voz me soava muito familiar, quando fui ver, era mesmo Wang Fígado. Tentava vender seus bonecos de barro a umas japonesas ou coreanas. Enquanto eu hesitava se deveria sair dali com Leoazinha para evitar o constrangimento de um reencontro dramático, ela soltou minha mão e foi em direção a ele.

Logo fiquei sabendo que não tinha ido por causa de Fígado, mas pelos bonecos na barraca dele. Fígado não falava à toa, seus bonecos eram realmente diferentes dos outros. Os das outras barracas eram pintados em cores vivas e tinham todos a mesma cara, fosse menino ou menina. Já os de Fígado mostravam uma coloração mais natural, cada qual com fisionomia e expressão distinta: um animado, outro tranquilo, um travesso, outro comportado, um fazendo biquinho, outro rindo de orelha a orelha. Percebi que, de fato, eram parecidos com o trabalho de Hao Mão Grande, o mestre artesão da nossa aldeia. Hao Mão Grande casou-se com minha tia em 1999. Seus bonecos sempre foram vendidos com um método peculiar que ele empregava havia décadas, como ia

entregá-los a Wang Fígado para serem vendidos desse jeito? Apontando com os lábios os bonecos nas outras barracas, Fígado explicou às mulheres, em voz baixa: "Aqueles produtos são baratos mesmo, mas foram feitos com molde. O meu produto é caro, mas foi feito à mão e de olhos fechados por Qin He, o grande artesão do Nordeste de Gaomi, o rei dos bonecos de barro. Já ouviram as expressões 'tão natural que parece de verdade' e 'tão delicado que se quebra com um sopro'". Ele pegou um boneco que franzia a boquinha como se estivesse zangado. "As figuras de cera da Madame Tussaud ao lado das obras do grande mestre Qin não passam de um monte de plástico. Tudo cresce da terra, entende? A deusa Nü Wa criou homem com barro, sabia? A terra tem alma. O barro que o mestre Qin usa é extraído especialmente de uma profundidade de dois metros no leito do rio Jiao. É um sedimento de três mil anos, um barro com cultura, com história. Depois de extraído, o material é queimado ao sol e secado à lua, para receber sua essência e seu espírito. Depois ainda será triturado no moinho de pedra, misturado com água colhida do meio do rio aos primeiros raios do alvorecer e do fundo do poço ao nascer da lua, amassado à mão por algumas horas, sovado com um porrete de madeira por mais algumas horas até virar uma massa. Só então é que começará a ser moldado. E ainda conto mais: quando acaba um boneco de barro, o mestre Qin faz um furo em sua cabeça com um palito de bambu, perfura seu dedo médio e deixa cair uma gota de sangue. Em seguida, ele fecha o furo, guarda o boneco num local ao abrigo da luz. Só depois de quarenta e nove dias, ele retira o boneco, mistura as cores para pintar as sobrancelhas e os olhos. Um boneco de barro feito assim ganha uma alma. Nem vou esconder de vocês, e não tenham medo depois de ouvir isto: nas noites de lua cheia, os bonecos de barro do mestre Qin saem para dançar ao som de uma flauta. Eles dançam, batem palmas e riem, sua voz parece aquela

que vocês escutam no celular, não muito alta, mas bastante nítida. Se não acreditam, levem para casa e vocês vão ver; se não for verdade, voltem aqui e quebrem os bonecos na frente da minha barraca. Tenho certeza de que vão relutar em quebrá-los, porque eles vão sangrar, e vocês vão ouvir seu choro.” Com toda essa conversa, cada mulher comprou alguns bonecos. Wang Fígado pegou uma caixa especial debaixo da barraca e embrulhou os produtos para as clientes. Assim que elas se foram, contentes, Fígado nos cumprimentou.

Acho que ele tinha nos visto logo de início. Mesmo que não tivesse me reconhecido, não teria como não reconhecer Leoazinha, seu grande amor por mais de uma década. Mas exclamou surpreso como se tivesse acabado de nos ver ali:

“Nossa! São vocês dois!”

“Você está bem, amigo!”, eu disse. “Há quanto tempo a gente não se via!”

Leoazinha sorriu e murmurou algo que ninguém entendeu direito.

Apertamos as mãos com força e oferecemos cigarro um ao outro. Acendi o Ba Xi que ele me deu, e ele acendeu o meu Jiangjun.

Leoazinha ficou observando atentamente os bonecos de barro.

“Ouvi dizer que vocês estavam de volta”, ele disse. “Realmente, por mais mundo que se veja, nunca se acha lugar melhor que sua terra!”

“Pois é. A raposa morre com a cabeça virada para a toca, as folhas caem sobre a raiz”, eu disse, “mas a nossa sorte é que vivemos numa época boa. Há algumas décadas, isso era impensável.”

“No passado, as pessoas viviam trancadas numa jaula. E mesmo quem não estava trancado tinha uma corda no pescoço”, disse ele. “Agora, todo mundo está livre. Com dinheiro, você faz o que quiser, desde que não viole a lei.”

“Isso é verdade”, eu disse, “mas que palavreado o seu!” Apontei para os bonecos e continuei: “Funcionam mesmo como você disse?”.

“Você acha que eu ia inventar aquilo?”, disse ele, muito sério. “Tudo que falei é verdade, tem lá um pouquinho de exagero, sempre dentro do aceitável. Até mesmo a imprensa nacional exagera num grau razoável, não?”

“Está bem, não vou vencer você nessa discussão. Foi tudo feito pelo velho Qin mesmo?”, perguntei.

“Por que inventaria isso?”, disse Wang Fígado. “Quando disse que esses bonecos dançam ao som de flauta na noite da lua cheia, estava exagerando. Mas é a mais pura verdade que o velho Qin fez esses bonecos de olhos fechados. Se não acreditar, qualquer dia desses levo vocês para visitá-lo.”

“O velho Qin também conseguiu o registro de residência no nosso bairro?”

“Quem ainda liga para o registro de residência hoje em dia? Cada um mora onde quiser!”, disse ele. “Onde sua tia estiver morando, Qin He vai atrás. Um fã obstinado como ele é difícil encontrar por aí!”

Com ambas as mãos, Leoazinha levantou uma bonequinha linda, de olhos grandes e nariz reto, parecia uma mestiça euro-asiática. “Queria levar esta.”

Fiquei olhando para a boneca. Tive uma impressão vaga. Sim, é isso mesmo, eu conhecia aquela carinha. Mas de onde? Quem é ela? Nossa! É Chen Sobrancelha, filha de Wang Vesícula, a menina que passou quase seis meses sob os cuidados de minha tia e da Leoazinha e foi devolvida, a contragosto, a seu pai, Chen Nariz.

Lembro-me claramente daquele fim de tarde em que Chen Nariz veio a nossa casa para levar Chen Sobrancelha. Era a despedida do Deus do Fogão, já perto do Ano-Novo lunar, quando estalavam bombinhas e o ar cheirava a fumaça. Leoazinha havia tomado as

providências para ir morar comigo em Pequim, já tinha deixado o posto de saúde da comuna. Depois da festa, iríamos de trem para a capital, ela, Yanyan e eu. Nossa nova casa seria um apartamento de dois quartos num complexo militar. Meu pai não queria vir comigo, também não queria morar com meu irmão que trabalhava na cidade. Ele queria ficar em sua terra. Por sorte, meu outro irmão trabalhava perto e podia cuidar dele.

Depois da morte de Wang Vesícula, Chen Nariz passava os dias bebendo. Quando bêbado, chorava, cantava e andava sem rumo pelas ruas. No início, ainda sentiam pena dele, mas, com o passar do tempo, todo mundo se entediou. Na caçada a Wang Vesícula, a comuna usou a poupança de Chen Nariz para remunerar os moradores. Com a morte da mulher, a maioria das pessoas devolveu o dinheiro ao marido. A comuna nem cobrou dele as despesas de detenção. Então, numa estimativa conservadora, ele tinha no mínimo trinta mil iuanes a sua disposição, o suficiente para comer e beber por anos. Parecia ter se esquecido do bebê que minha tia e Leoazinha salvaram. O propósito fundamental dele ao arriscar a vida de Wang Vesícula para ter o segundo bebê era ter um filho homem para dar continuidade ao sangue da família Chen. Por isso, quando viu que, depois de tanto sacrifício e tantas adversidades, nasceu uma menina, chorou amargamente batendo na própria cabeça: "O céu quer acabar comigo!".

Foi minha tia que deu o nome ao bebê. Como tinha feições delicadas e uma irmã chamada Orelha, ela decidiu: "Vamos chamá-la de Chen Sobrancelha". Leoazinha bateu palmas e elogiou: "Que lindo nome!".

Minha tia e Leoazinha até pensaram em adotar Sobrancelha, mas encontraram várias dificuldades para fazer o registro de residência e os trâmites de adoção. Por isso, até o momento em que Nariz tomou Sobrancelha do colo de Leoazinha, a menina ainda não tinha sido

registrada. Ela não existia nos números oficiais da população da República Popular da China, era uma "criança clandestina". Ninguém jamais fez uma estimativa de quantas seriam as crianças clandestinas como ela naquela época, devia ser um número impressionante. A questão de registro de residência dessas crianças só foi resolvida com o quarto censo populacional, em 1990. A multa recolhida também deve ter sido astronômica. Quanto desse dinheiro na verdade entrou no tesouro nacional ninguém sabe dizer, era uma conta impenetrável. Na última década, a quantidade de crianças sem registro produzidas pela população deveria ser outro número impressionante. A multa hoje é mais de dez vezes maior que há duas décadas. Se, no próximo censo, os pais desses bebês clandestinos conseguissem pagar essas multas...

Naqueles dias, o instinto maternal da Leoazinha aflorou. Ela pegava Sobrancelha no colo e a cobria de beijos. Não tirava os olhos dela. Suspeito até que tenha tentado amamentar a bebê, porque percebi algo estranho em seus mamilos — era difícil dizer se conseguiu secretar leite. Dizem que milagres como esse já ocorreram. Uma peça de teatro a que assisti quando menino contava a história de uma família caída em desgraça, morreram os pais e sobreviveram apenas a irmã de dezoito anos e um irmãozinho, criança de colo. Sem outros recursos, a irmã virgem pôs seu mamilo na boca do irmão bebê até que, dias depois, começou a sair leite. Coisas assim não devem acontecer na vida real. Se a irmã já tem dezoito anos, o irmão ainda pode estar mamando? Minha mãe dizia que, no passado, até era comum a sogra e a nora ficarem de resguardo de parto ao mesmo tempo. Pensando bem, hoje isso também é possível. Uma colega de faculdade da minha filha teve uma irmã recentemente. O pai dela é dono de minas de carvão, a quantidade de dinheiro que ele tem é medida com régua. Trabalhadores camponeses arriscam suas vidas para trabalhar nas

minas em condições irregulares, enquanto eles moram em mansões de luxo em Pequim, Shanghai, Los Angeles, San Francisco, Melbourne, Toronto, produzindo filhos com suas amantes e namoradas. Tive de puxar de volta meus pensamentos, como quem puxa as rédeas de um cavalo desembestado. Lembrei-me daquela tarde da despedida do Deus do Fogão. Eu tinha acabado de colocar na panela uma porção de *jiaozi*, minha filha, Yanyan, batia as mãozinhas e repetia uma canção infantil sobre os pasteizinhos: “Vem do sul um bando de gansos, e cai no rio um por um, tchibum tchibum”, Leoazinha ninava Chen Sobrancelha no colo. Nesse momento, Chen Nariz entrou em minha casa trançando as pernas, vestia sua jaqueta de couro de porco já lustrosa de tão usada, um chapéu com tapa-orelhas mal assentado na cabeça. Chen Orelha vinha atrás, agarrada à roupa do pai. Vestia um casaco acolchoado, as mangas curtas demais deixavam descobertas as mãozinhas queimadas de frio. Seus cabelos emaranhados pareciam um ninho de palha. O nariz escorria, parecia estar resfriada.

“Chegaram bem na hora”, eu disse, mexendo os *jiaozis* na panela. “Sentem-se aqui, vamos comer.”

Chen Nariz ficou sentado no batente, o rosto iluminado pela chama do fogão. Seu nariz enorme parecia uma escultura de nabo congelado. Orelhinha, em pé, apoiava-se no ombro do pai. Seus olhos grandes brilhavam de medo e curiosidade. Ora olhava para os *jiaozis* que nadavam na panela, ora olhava para Leoazinha e o bebê em seu colo, ora trocava olhares com Yanyan. Minha filha lhe estendeu um pedaço de chocolate que tinha na mão. Orelha se virou para ver o rosto do pai e ergueu o olhar em nossa direção.

“Pode pegar”, eu disse, “se a irmã te ofereceu, pode aceitar.”

Ela estendeu a mãozinha tímida.

“Chen Orelha!”, Nariz gritou, ríspido.

Ela recuou a mão no mesmo instante.

“O que está fazendo?”, eu disse. “É só uma criança!”

A menina desatou a chorar.

Fui buscar um punhado de chocolates no quarto e enfiei no bolso do casaquinho dela.

Nariz levantou-se e disse a Leoazinha: “Me devolva a criança!”.

Leoazinha arregalou os olhos: “Mas não foi você que a abandonou?”.

“Quem disse que a abandonei?”, retrucou Nariz com raiva. “Ela é carne da minha carne, como poderia abandoná-la?”

“Você não a merece! Quando nasceu, parecia uma gatinha doente, se sobreviveu foi porque eu cuidei dela.”

“Nasceu prematura só por causa da sua perseguição. Não fosse isso, a mãe dela não morria! Vocês me devem uma vida!”

“Besteira!”, disse Leoazinha. “Nas condições de Vesícula, ela não devia nem mesmo engravidar. Você, que só pensava em procriar, em continuar o sangue de sua família, nunca levou a vida dela em consideração! Ela morreu por sua causa!”

“É isso que você tem a me dizer?”, gritou Nariz, enfurecido. “Já que tocou no assunto, não vou deixar vocês em paz neste Ano-Novo!”

Nariz pegou um almofariz de pedra e mirou nossa panela.

“Chen Nariz”, eu disse, “você está louco? Somos amigos de infância!”

“E quem é que ainda liga para a amizade nos dias de hoje?”, zombou. “Não foi você que vazou a informação de que Vesícula estava escondida na casa do seu sogro?”

“Ele não tem nada a ver com isso!”, interveio Leoazinha. “Foi Xiao Lábio Superior que informou.”

“Não interessa mais quem informou. Quero que me devolva a minha filha agora!”

“Nem sonhando!”, disse Leoazinha. “Não posso deixar essa criança morrer em suas mãos. Você não merece ser pai!”

“Sua mocreia! Vocês são umas esquisitonas. Não conseguem ter filhos e por isso não deixam ninguém ter e ainda tomam as crianças das pessoas!”

“Chen Nariz! Cale essa boca suja!”, ralhei. “Para que esse escarcéu na minha casa bem na despedida do Deus do Fogão? Vamos lá, quero ver você quebrar a minha panela com essa pedra!”*

“E você acha que eu não tenho coragem?”

“Pode jogar!”

“Se não me devolverem minha filha, sou capaz de qualquer coisa! Vou matar, vou tacar fogo, vou fazer qualquer coisa!”

Nisso saiu meu pai, que estava escondido no quarto sem dizer uma palavra: “Meu filho, pelo bem deste velhinho barbudo e pela minha amizade de tão longa data com seu pai, largue esse almofariz!”.

“Então fale para ela me devolver a menina!”

“A filha é sua, ninguém rouba de você”, disse meu pai, “mas converse com Leoazinha calmamente. Afinal de contas, sem ela e a tia essa criança já estaria junto da mãe.”

Nariz jogou o almofariz no chão, sentou de volta no batente e começou a chorar.

Orelha, também chorando, acariciou o ombro do pai: “Não chora, pai...”.

Vendo a cena, fiquei com vontade de chorar também: “Então... e se você devolvesse a ele...”, falei para Leoazinha.

“Nem pensar!”, respondeu ela. “Fui eu que salvei esta criança!”

“Vocês estão se aproveitando de mim... Não há justiça aqui...”, ele choramingou.

“Vá chamar sua tia”, disse meu pai.

“Não precisa, estou aqui faz tempo!”, disse minha tia do lado de fora.

Fui recebê-la como se trouxesse a salvação.

“Chen Nariz, levante-se!”, disse minha tia. “Eu estava esperando você jogar esse almofariz na panela!”

Nariz levantou-se, obediente.

“Você tem noção do crime que cometeu?”, ela perguntou, séria.

“Que crime?”

“Abandono de filho”, disse ela. “Fomos nós que levamos Chen Sobrancelha, fomos nós que demos a ela papinha de milhete, leite em pó, e ela sobreviveu por um triz. Por mais de seis meses, você nem sequer pôs a cara na frente dela. Está certo que ela é sangue do seu sangue, mas você fez o que um pai deve fazer?”

“Não interessa, ela é minha filha...”, murmurou Chen Nariz.

“É sua? Então chame por ela!”, disse Leoazinha, furiosa. “Vamos ver se ela responde! Se responder, você leva!”

“Você não diz coisa com coisa, não quero falar com você!”, disse Chen Nariz. “Tia, fiz tudo errado no passado. Agora admito meu erro, admito meu crime, mas devolva a minha filha!”

“Até posso te devolver o bebê, mas antes disso você precisa ir à comuna pagar a multa para poder fazer o registro de residência dela.”

“De quanto é a multa?”, perguntou ele.

“Cinco mil e oitocentos!”, respondeu minha tia.

“Tudo isso?! Não tenho tanto dinheiro!”

“Não tem dinheiro? Então fique sem a menina.”

“Cinco mil e oitocentos! Cinco mil e oitocentos! Dinheiro não tenho. O que tenho é só esta minha vida!”

“Fique com sua vida e fique com seu dinheiro também. Guarde para poder beber e comer à vontade e quem sabe brincar com suas vadias de beira de estrada!”

“Não faço essas coisas!”, gritou Nariz com uma vergonha que se transformou em raiva. “Vou processar vocês! Se eu não conseguir na comuna, vou ao município. Se não conseguir no município, vou à província! Se na província ainda não conseguir, vou ao Comitê Central!”

“E se ainda assim não conseguir? Vai nos processar nas Nações Unidas?”, zombou minha tia.

“Nações Unidas? Também posso chegar lá!”

“Veja só como você é capaz! Mas agora saia da minha frente! Quando ganhar o processo, volte aqui para buscar sua filha. Já vou avisando, mesmo que ganhe o processo, vai me dar uma garantia por escrito assegurando que tem capacidade de criar essa menina direito. Além disso, precisa pagar a mim e a Leoazinha cinco mil iuanes por pessoa como gratificação!”

Naquele fim de tarde, Chen Nariz não conseguiu levar a filha, mas duas semanas depois do Ano-Novo lunar, no dia seguinte à Festa das Lanternas, ele apresentou o recibo da multa e levou a menina. Naturalmente não precisou pagar a tal gratificação, que minha tia mencionou da boca para fora, na hora da raiva. Leoazinha tremia, soluçava como se estivessem levando seu bebê. Minha tia se chateou: “Para que essa choradeira? Gosta de criança? Tenha a sua!”.

Leoazinha não conseguiu conter o choro, minha tia acariciou seu ombro e disse, numa voz desolada como nunca: “Minha vida já não tem remédio, mas a melhor parte de suas vidas ainda está por vir. Ânimo, o trabalho é secundário, a prioridade é ter um filho. Depois traga ele aqui para eu ver...”.

Desde que chegamos a Pequim, não paramos de pensar em ter nosso bebê, mas infelizmente o que Nariz disse parecia verdade. Leoazinha não conseguia engravidar. Ela tratava minha filha muito bem, mas eu sabia que no fundo ainda pensava em Chen

Sobrancelha. Por isso, era totalmente compreensível sua expressão ao ver aquela boneca de feições parecidas com a menina. Ela disse a Fígado, mas na realidade se dirigia a mim:

“Eu quero esta menina!”

“Quanto é?”, perguntei.

“Que é isso, Corre Corre? Está me estranhando?”, disse Fígado, aborrecido.

“Não me entenda mal”, respondi. “Para amarrar o bonequinho é preciso ter fé. Se eu não pagar, como vou provar minha fé?”

“Se pagar, aí sim é que não tem fé.” Fígado baixou a voz: “Com dinheiro você compra um pedaço de barro, mas não um filho.”

“Está bem”, eu disse, “estamos morando no condomínio Bin He, bloco 9, 902. Passe lá em casa para nos visitar.”

“Vou sim. Tomara que tenham um filho logo.”

Balancei a cabeça e me despedi de Fígado com um sorriso amarelo. Juntos, Leoazinha e eu andamos contra o fluxo de gente em direção ao pavilhão principal do templo.

No incensário de ferro diante do pavilhão, uma fumaça de aroma penetrante se levantava. De um lado, num castiçal repleto de velas vermelhas, as chamas cintilavam sobre a cera derretida. Um grande número de mulheres, umas envelhecidas como um tronco podre, outras frescas como flores de hibisco, umas maltrapilhas, outras cobertas de joias, cada qual a seu jeito, mas todas com igual devoção e esperança, acendiam velas e incensos abraçadas a bebês de barro.

O pavilhão se ergue imponente. Até a porta principal são quarenta e nove degraus de pedra branca. Levantei a cabeça para olhar a placa sob o beiral, onde se lia, em grandes letras douradas: CRIAR OS BEBÊS NA VIRTUDE. Nos quatro cantos do telhado pendiam sinetas de cobre que tilintavam ao vento.

A escadaria estava tomada de mulheres com bonecos de barro no colo. Eu me sentia um observador em meio àquela multidão feminina. A procriação é algo tão solene e ao mesmo tempo tão mundano, algo tão sério e ao mesmo tempo tão absurdo. De repente me lembrei de ter visto com meus próprios olhos, quando criança, uma equipe de combate aos “Quatro Velhos”^{**} da Guarda Vermelha do liceu número 1 do município vir especialmente para destruir o templo e derrubar as imagens religiosas. Garotos e garotas carregaram a estátua de Niangniang e a jogaram no rio, gritando: “Viva o planejamento familiar, Niangniang que vá tomar banho”. Enfileiradas de joelhos na margem, algumas senhoras de cabeça branca murmuravam algo. Será que rezavam pela punição daqueles pirralhos? Ou pediam perdão pela ofensa dos seres humanos? Não sei dizer. Tudo passa, ou, como bem diz o provérbio, “trinta anos a leste do rio, trinta anos a oeste”: sobre as ruínas daquele templo ergueu-se outro templo, magnífico, com uma estátua resplandecente no pavilhão principal. Herdaram a tradição cultural e criaram um novo costume; por um lado atenderam a demanda espiritual das massas e, por outro, atraíram turistas de todos os cantos. Era o florescente setor terciário trazendo benefícios econômicos significativos. Realmente é melhor construir um templo do que montar uma fábrica. Meus conterrâneos, meus velhos amigos, todos vivem desse templo e todos dependem dele.

Fiquei admirando a estátua de Niangniang. O rosto era uma lua cheia e a cabeleira, um céu noturno. Delicadas sobancelhas encimavam um olhar piedoso e terno. Sua roupa era branca, um colar de joias adornava seu colo. Na mão direita segurava um abano redondo de cabo comprido, apoiado no ombro; a mão esquerda tocava a cabeça de um menino montado num peixe. Nos dois lados, espremiavam-se doze figuras de crianças em poses diferentes, de feições vivas, cheias de um encanto infantil, eram realmente

adoráveis. Pensei comigo que, em todo o Nordeste de Gaomi, só Hao Mão Grande e Qin He seriam capazes de moldar figuras como aquelas. Se o que Wang Fígado disse era verdade, essas esculturas podiam muito bem ser da autoria de Qin He. Por associação de ideias, pensei numa blasfêmia: as feições dessa deusa de branco lembravam muito minha tia quando jovem! Diante da estátua, nove mulheres estavam ajoelhadas em nove almofadas. Demoravam para se levantar, umas não paravam de se curvar, outras com as mãos unidas rezavam em silêncio com olhos fixos na deusa. No chão de mármore atrás das almofadas, havia mais uma porção de mulheres ajoelhadas. Todas, na almofada ou no chão, acomodavam o boneco de barro entre os joelhos e o faziam olhar para a deusa. De joelhos, Leoazinha se curvava com fé e batia sonoramente com a testa no chão. Tinha os olhos marejados de lágrimas por causa de seu profundo amor por crianças. Mas eu sabia que seu sonho de ter o próprio filho não seria realizado. Ela nasceu em 1950, contava cinquenta e cinco naquele ano. Apesar dos peitos ainda bem redondos, suas regras já haviam parado. Enquanto eu observava as pessoas, com certeza alguém me observava. Eu estava de joelhos ao lado de Leoazinha diante da deusa. Quem nos observasse devia achar que éramos um casal idoso pedindo bebês para seus filhos.

Ao terminar as reverências, as mulheres sacavam algum dinheiro para depositar numa urna vermelha ao pé da estátua. Quem sacava pouco dinheiro, concluía a doação num gesto apressado, quem sacava muito se demorava um pouco mais, não sem alguma ostentação. Após a doação, uma monja ao lado da urna envolvia o pescoço do boneco com um cordão vermelho. Duas monjas ao lado dela, de túnica cinza e olhos baixos, batiam num peixe de madeira murmurando uma oração. Aparentemente não olhavam para parte alguma, mas, sempre que alguém doava mais de cem iuanes, o

peixe de madeira em suas mãos ressoava mais alto, talvez para atrair a atenção de Niangniang.

Sáimos de casa sem pensar que chegaríamos até aqui, por isso viemos sem dinheiro. Ansiosa, Leoazinha tirou a aliança de ouro e a depositou na urna. O peixe de madeira na mão das monjas deu três estalos sonoros — pá, pá, pá —, parecia o som da pistola de partida de uma corrida da qual participei há muitos anos.

Nos pavilhões menores atrás do prédio principal, cultuavam-se diversas Niangniang: a Mãe Imortal, a da Boa Visão, a da Posteridade, a da Boa Pele, a do Leite, a das Primeiras Letras, a Educadora das Meninas, a do Bom Parto, a Trazedora de Bebês. Em cada pavilhão, havia gente ocupada em reverências e oferendas, em cada pavilhão, uma monja atenta ao movimento batia num peixe de madeira. Olhei para o sol, pedi para Leoazinha voltar outro dia. Ela concordou, relutante. Sáimos pelo corredor lateral, das portas enfileiradas ao longo dessa passagem de quando em quando assomava uma monja:

“Senhor, leve uma medalhinha da longevidade para seu bebê!”

“Senhor, leve uma roupinha de arco-íris!”

“Senhor, leve um sapatinho celestial!”

Como estávamos sem dinheiro, tivemos de ir pedindo desculpas sem parar e fugimos às pressas.

Já era meio-dia quando deixamos o templo. Meu primo telefonou para o celular querendo saber o motivo de nossa demora. O comércio fervilhava, era um formigueiro de gente. Havia quinquilharias em profusão e compradores aos borbotões. Não tínhamos mais tempo de passear e abríamos caminho apressados em meio à multidão. Meu primo avisou que seu carro estaria à nossa espera no lado leste da feira do templo, bem em frente à

Maternidade Jiabao, um consórcio sino-americano inaugurado no mesmo dia.

No momento em que chegamos lá, a cerimônia já tinha terminado. O chão estava forrado de restos de rojões. Uma dúzia de cestas de flores enfileiradas nos dois lados da entrada lembrava uma cauda de fênix. Flutuavam no ar dois balões gigantes, com banners enormes. A construção curvilínea, azul e branca, se estendia como dois braços num abraço sereno e elegante, em marcante contraste com o templo que fulgurava ao seu lado.

Encontramos meu primo, de terno e sapato social. Ao mesmo tempo avistamos minha tia. Ela estava ali, tirando flores das cestas, como faziam várias outras pessoas. Já segurava uma dúzia de rosas, brancas, vermelhas, amarelas, todas ainda em botão. Conseguimos identificá-la de costas. Seríamos capazes de identificá-la sem a menor dificuldade ainda que se misturasse a dez mil pessoas vestidas com a mesma roupa.

Vimos um menino de uns dez anos entregar a ela um pacote de papel branco e sair correndo. Minha tia abriu o embrulho, retesou os ombros, deixou escapar um grito, balançou o corpanzil e caiu de costas no chão.

Junto dela vimos saltar uma rã magricela e preta.

* Quebrar a panela na época do Ano-Novo atrai má sorte para o ano que se inicia.

** Um dos objetivos da Revolução Cultural era combater os "Quatro Velhos": velhas ideias, velha cultura, velhos costumes e velhos hábitos.

2.

Na entrada do ranário, um guarda afetado bateu continência ao carro do meu primo, parecia ridículo. O portão elétrico se abriu lentamente e o Passat do meu primo entrou devagar. Yuan Bochecha, outrora adivinho e curandeiro, hoje presidente Yuan da Companhia Geral de Criação de Rãs-Touro, já nos aguardava ao pé de uma escultura pretíssima.

Era a estátua de uma rã-touro.

De longe, parecia um veículo blindado de transporte de pessoal.

No revestimento de mármore do pedestal, lia-se: "Rã-touro (*Rana catesbeiana*), Amphibia, Anura, Ranidae, Rana: produz coxos sonoros semelhantes ao mugido de um touro, daí seu nome popular".

"Vamos tirar fotos", sugeriu Yuan Bochecha, "primeiro as fotos, depois a visita e, por fim, o almoço."

A visão daquela rã colossal me inspirou um temor reverente. Via-se um dorso negro, a boca verde-musgo, cor de ouro no contorno dos olhos. A pele tinha a textura das algas, com verrugas aqui e ali. Aquele par de olhos salientes, sombrios, parecia me trazer notícias de um passado distante.

"Jovem Bi! Traga a câmera!", gritou meu primo.

Uma moça magra de óculos vermelhos e vestido xadrez colorido veio correndo com uma pesada máquina fotográfica.

“Jovem Bi é formada em artes pela Universidade Qidong e nossa diretora administrativa”, meu primo disse, nos apresentando a moça.

“Além de bonita, é talentosa”, acrescentou Yuan Bochecha. “Ela entende de tudo: canta, dança, tira fotos, faz esculturas. E ainda sabe beber!”

“Estou lisonjeada, presidente Yuan”, disse Jovem Bi, corando.

“Este meu velho colega de escola também é uma figura importante. Quando menino, era bom na corrida, todo mundo achava que seria campeão mundial, ninguém imaginava que se tornaria dramaturgo.” Yuan Bochecha me apresentou à moça: “Nome oficial: Wan Perna, apelido de infância: Corre Corre, hoje conhecido como Girino”.

“Girino é meu pseudônimo literário”, expliquei.

“Esta é a esposa do professor Girino, Leoazinha, ginecologista”, disse meu primo, apontando para minha mulher.

Leoazinha, que segurava o boneco de barro, acenou com a cabeça, meio distraída.

“O sr. Yuan e o sr. Jin me falaram muito do senhor”, disse Jovem Bi.

“A rã número 1 do mundo!”, disse Bochecha. “Esta escultura é da autoria de Jovem Bi”, contou meu primo.

Soltei uma exclamação um tanto exagerada.

“Sua crítica terá grande valor para mim, professor Girino.”

Demos a volta em torno da escultura. Fosse qual fosse a minha posição, sentia que aqueles olhos enormes e sombrios podiam me seguir, que estavam olhando para mim.

Terminada a sessão de fotos, fomos com Bochecha, meu primo e Jovem Bi conhecer os viveiros de reprodução, de girinos, de metamorfose e de rãs jovens, assim como as oficinas de processamento de ração e de beneficiamento de produtos ranícolas, nessa ordem.

Depois daquela visita, sonhei muitas vezes com o viveiro de reprodução. É um tanque de aproximadamente quarenta metros quadrados, com mais ou menos meio metro de água turva. Na superfície, os machos, inflando seus papos brancos, emitem um mugido de boi para atrair as fêmeas, e elas, flutuando com as pernas esticadas, vão se aproximando devagar do parceiro. Cada vez mais pares se formam. A fêmea nada com o macho nas costas; o macho usa as patas anteriores para segurar a fêmea e as posteriores para golpear a barriga dela. Massas de ovos transparentes são excretadas pela abertura genital enquanto o macho despeja na água um sêmen transparente — a rã faz fertilização externa —, foi meu primo, ou Bochecha talvez, que explicou — as fêmeas podem eliminar de oito a dez mil ovos por vez, são muito mais capazes que o ser humano. No tanque, o coaxar soa aqui e acolá, a água aquecida pelo sol de abril exala um odor nauseante. É o espaço do romance, da busca de parceiros, mas também o espaço da procriação, da produção de descendência. “Para que as fêmeas liberem mais ovos, colocamos na ração um aditivo que estimula a ovulação.” Coac, coac, coac — buá, buá, buá...

Com os ouvidos cheios de coaxos e a cabeça cheia de rãs, fomos levados a um restaurante com decoração luxuosa.

Duas garçonetes de uniforme rosa nos serviram chá, trouxeram a comida, encheram as taças.

“O banquete hoje é só de rãs”, disse Yuan Bochecha.

Dei uma olhada no menu sobre a mesa, que listava: pernas de rã ao sal e pimenta, pele de rã frita, iscas de rã com pimentão, fatias de rã com broto de bambu, girinos ao vinagrete, sopa de ovos de rã com sagu...

“Vão me desculpar, mas não como rãs”, eu disse.

“Nem eu”, disse Leoazinha.

“Mas por quê?”, estranhou Yuan Bochecha, “é uma delícia, por que não experimentam?”

Fiz um esforço para esquecer os olhos esbugalhados, a pele pegajosa, o cheiro desagradável que se desprende de seu corpo, em vão. Balancei a cabeça, angustiado.

“Recentemente cientistas sul-coreanos extraíram da pele da rã-touro um peptídeo valiosíssimo, com propriedades antioxidantes, que elimina os radicais livres no corpo humano e age como retardador natural do envelhecimento. E, claro, ainda tem outras propriedades secretas”, disse meu primo Jin Xiu com ar de mistério. “Sobretudo consegue aumentar substancialmente a probabilidade de nascimentos múltiplos.”

“Não querem provar um pouco?”, perguntou Yuan Bochecha. “Precisa ser mais ousado! Já teve coragem de comer escorpião, sanguessuga, minhoca e cobra peçonhenta, vai deixar de comer rã-touro?”

“Você se esqueceu? Meu pseudônimo é Girino!”

“Pois bem! Então retirem todos os pratos da mesa. Mandem a cozinha preparar outros pratos, não façam nada que tenha a ver com rã!”, ordenou Bochecha às garçonetes.

Trouxeram novos pratos à mesa, serviram mais de três rodadas de bebida.

“Como você teve a ideia de criar rãs-touro?”, perguntei a Bochecha.

“Para fazer fortuna, você precisa pensar em coisas que os outros não pensam!”, disse Bochecha, orgulhoso, enquanto soltava anéis de fumaça.

“Mas que talento o seu, hein? Desde menino sempre foi diferente”, falei com algum sarcasmo, imitando a entonação de um conhecido comediante. “Não vejo problema em criar rã-touro, mas

não seria um desperdício abandonar as maravilhosas técnicas de retirar prego de bucho de boi e ler a sorte das pessoas na feira?”

“Girino, seu patife, você nunca ouviu falar em não bater na cara dos outros e não revelar defeitos alheios?”, protestou Bochecha.

“E também tirava DIU com um gancho de ferro”, lembrou Leoazinha friamente.

“Ora, minha irmã, isso jamais deve ser lembrado”, disse Bochecha. “Naquele tempo, em primeiro lugar, eu não sabia de nada, em segundo, tinha coração mole e não resistia à insistência daquela mulherada louca para ter filho homem e, terceiro, era a pobreza que me forçava.”

“Agora ainda teria coragem de fazer?”, perguntei.

“Fazer o quê?”, questionou ele de olhos arregalados.

“Tirar DIU!”

“Mas que conversa é essa? Acha que tenho memória tão curta? Depois de anos de trabalho forçado, sou um homem feito”, disse Bochecha, “agora sou um homem digno e ganho meu dinheiro à luz do dia. Faço tudo e qualquer coisa desde que não viole a lei. Não mexo com coisas ilegais nem com uma arma na cabeça.”

“Somos uma empresa bem conceituada no município, cumprimos as leis, pagamos os impostos e trabalhamos para o bem público”, explicou meu primo.

Leoazinha não largou o boneco de barro durante toda a refeição.

“Qin He, aquele filho da mãe, é que é um gênio de verdade!”, disse Bochecha. “Nunca fazia nada, mas foi só pôr a mão na massa que logo superou Hao Mão Grande.”

“Cada obra do mestre Qin cristaliza seu sentimento”, interveio Jovem Bi, que até então só sorria sem dizer nada.

“Para moldar bonecos também precisa de sentimentos?”, perguntou Bochecha.

“Claro que sim”, respondeu ela. “Cada obra de sucesso é um bebê do artista.”

“Então aquela rã-touro também é seu bebê?” Bochecha apontou para a estátua no pátio.

Jovem Bi ficou corada e parou de falar.

“Você gosta tanto de bonecos de barro, prima?”, perguntou meu primo.

“Não é do boneco de barro que ela gosta, mas de bebês de verdade”, respondeu Bochecha.

“Que tal trabalharmos juntos? Você pode ser nosso sócio também”, meu primo disse, animado.

“Quer que a gente crie rã-touro com vocês?”, perguntei. “Tenho calafrios só de olhar para esses bichos.”

“Mas, primo, não criamos só rã-touro, também...”

“Não assuste seu primo”, interrompeu Bochecha, “vamos beber! Meu irmão, ainda se lembra de como o presidente Mao educou a ‘juventude instruída’? O campo é um mundo vasto no qual poderão desenvolver plenamente suas potencialidades!”

3.

Como disse Wang Fígado daquela vez, depois de aprender com as próprias dores: o amor é uma doença. Pelo que deixava transparecer durante todo aquele tempo em que foi apaixonado por Leoazinha, não dava mesmo para imaginar que continuaria a viver depois que ela se casou comigo. Do mesmo modo, a cisma de Qin He por minha tia também é uma espécie de doença. Depois que ela se casou com Hao Mão Grande, ele não se jogou no rio nem se enforcou. Em vez disso, transformou sua dor em arte, e assim surgiu um brilhante artesão, como se tivesse renascido pelo barro.

Fígado não nos evitou, ele até mesmo falou, por conta própria, de sua antiga obsessão por Leoazinha, e conversando e rindo, parecia falar de outra pessoa. Sua atitude despertou em mim muita gratidão. Dissolveu o remorso guardado há tantos anos e produziu certa proximidade e respeito por ele.

“Talvez não acreditem no que vou contar”, disse Fígado, “mas quando Leoazinha andava descalça na beira do rio, ela deixava pegadas, e eu ficava igual a um cachorro, de quatro na beira do rio, farejando aquele rastro, as lágrimas pingando, pa-tá, pa-tá.”

“Você inventou isso agora”, disse Leoazinha, corando.

“É a mais pura verdade”, garantiu Fígado, “se houver uma vírgula de mentira, quero ter furúnculo na ponta do cabelo!”

“Veja só”, me disse Leoazinha, “furúnculo no cabelo! Que tal deixar sua sombra pegar gripe?”

“Esse é um detalhe interessante”, falei, “quero escrever sobre você no roteiro da peça.”

“Obrigado”, disse Fígado, “você deve mesmo escrever sobre todas as asneiras feitas por aquele idiota chamado Wang Fígado, material tenho de sobra.”

“Se você se atrever a escrever isso, eu queimo seu manuscrito”, disse Leoazinha.

“O fogo pode destruir o papel, mas não destrói a poesia em minha alma.”

“Bancando o literato de novo!”, disse Leoazinha. “Wang Fígado, agora me ocorreu que era melhor ter casado com você do que com Corre Corre. Você pelo menos chorava sobre minhas pegadas.”

“Cunhada, não exagere na piada, vocês formam um casal perfeito.”

“Casal perfeito, pois sim”, retrucou Leoazinha, “não geramos nem o fio de cabelo de uma criança, isso é que é perfeição, não é?”

“Muito bem, não vamos falar de nós, vamos falar de você: não conheceu ninguém nesses anos todos?”

“Depois que sarei da minha doença, descobri que na verdade não gosto de mulher.”

“Então você gosta de homem?”, provocou Leoazinha.

“Não gosto de homem nem de mulher”, respondeu Fígado, “só gosto é de mim mesmo. Gosto do meu braço, da minha perna, da minha mão, da minha cabeça, das minhas feições, dos meus órgãos, das minhas vísceras, e até da minha sombra, muitas vezes converso com minha sombra.”

“Acho que agora você já está com outra doença”, disse Leoazinha.

“Para gostar de outra pessoa, há um preço a se pagar, mas para gostar de si mesmo, não precisa de nada. Posso me amar do jeito

que eu quiser, ser dono de mim mesmo...”

Fígado nos levou para conhecer o lugar onde estava morando com Qin He. Na entrada tinha uma placa com os dizeres: ATELIÊ DO MESTRE.

No tempo da comuna, esse lugar era um estábulo aonde eu sempre vinha brincar. Lembro-me que cheirava a esterco dia e noite, no pátio tinha um poço com uma tina do lado. Todo dia, de manhãzinha, o Velho Fang levava os animais um por um até a tina para dar de beber. O Jovem Du ficava junto do poço tirando água e despejando na tina. O estábulo era grande e bem iluminado, lá dentro se enfileiravam vinte e poucos cochos de pedra. Os dois primeiros cochos, mais altos, eram para as mulas e os cavalos, e os outros, mais baixos, para os bois.

Assim que entramos, vi que ainda havia, no pátio, dezenas de estacas de amarrar os animais e, nas paredes, ainda se podiam distinguir, esmaecidas, as palavras de ordem daquele tempo. Nem mesmo o cheiro daquela época tinha se dissipado por completo.

“Em princípio, era para ser demolido”, contou Fígado, “mas dizem que, numa visita de inspeção, as autoridades falaram que era preciso manter uma vila do tempo da comuna para servir de atração turística, e por isso não demoliram.”

“Então será que ainda vão criar gado aqui?”, perguntou Leoazinha.

“Acho que não. Velho Qin!”, gritou Fígado. “Mestre Qin! Temos visita!”

Não se ouvia um ruído dentro do galpão. Entramos atrás de Wang Fígado. Vimos que os cochos de pedra e as estacas de amarrar gado ainda estavam ali, assim como as marcas de coice e a bosta de vaca seca nas paredes. Ainda estavam ali o tacho de ferro onde cozinhavam a ração do gado e também o *kang* onde dormiam todos os seis filhos da família Fang. Eu mesmo passei umas noites nesse *kang* enorme, foi no mês mais frio do inverno, quando qualquer

pingo d'água vira gelo. Os Fang eram pobres, nem cobertor tinham. Para se proteger do frio, o velho Fang ficava colocando palha no fogão até o *kang* se tornar praticamente uma chapa quente. Os filhos estavam tão acostumados com o calor que dormiam como pedras, enquanto eu me revirava sem conseguir pegar no sono. Agora havia ali dois conjuntos de roupa de cama. Na parede da cabeceira, estavam coladas gravuras de Ano-Novo, uma com a imagem de um *qilin* que traz os bebês e outra com o desfile do primeiro colocado no concurso imperial. Vimos também uma grossa tábua de madeira apoiada sobre dois cochos. Em cima da tábua havia argila e ferramentas. No banco atrás da bancada estava sentado o nosso velho conhecido Qin He. Ele vestia uma túnica azul, com manchas coloridas nas mangas e no peito. Seus cabelos já estavam brancos, mas ainda divididos no meio. Seu rosto parecia o de um potro, dois grandes olhos melancólicos e profundos. Quando entramos na sala, ele levantou a cabeça, olhou para a gente, mexeu os lábios ensaiando um cumprimento. Depois disso, retomou sua pose: o queixo apoiado nas mãos, os olhos fixos na parede, como se meditasse.

Prendemos a respiração involuntariamente, não ousávamos falar alto, andávamos na ponta dos pés com medo de fazer qualquer barulho que pudesse interromper o pensamento do mestre.

Conduzidos por Fígado, fomos ver as obras do mestre. As peças semiacabadas secavam nos cochos. As já secas e prontas para receber a pintura ficavam enfileiradas em longas prateleiras na parede norte. As criancinhas, de todas as poses e expressões, nos cumprimentavam de dentro dos cochos, pareciam cheias de vida mesmo antes de serem pintadas.

Fígado nos segredou que o mestre fica sentado assim quase todos os dias, às vezes passa noites em claro. Mas, como se fosse uma máquina, na hora marcada ele amassa o barro na bancada para

mantê-lo homogêneo e macio. Às vezes passa o dia inteiro sentado sem moldar um só boneco, mas quando se põe a trabalhar a velocidade é impressionante. “No momento, sou seu vendedor e mordomo”, disse Fígado, “consegui afinal encontrar o trabalho que mais me convém, assim como o mestre encontrou afinal sua vocação.

“O mestre não faz questão de muita coisa, come o que for servido. Claro que sempre compro para ele os alimentos mais nutritivos e benéficos para a saúde. Ele é o orgulho da nossa aldeia e de toda a região.

“Uma vez, no meio da madrugada”, continuou, “descobri que o mestre não estava no *kang*. Acendi a luz às pressas e fui procurá-lo. Não estava na bancada de trabalho, nem no pátio — aonde teria ido? Suei frio de tanta aflição. Se acontecesse alguma coisa com o mestre, seria uma grande perda para a nossa aldeia. O chefe do distrito já veio aqui três vezes junto com os secretários da Cultura e do Turismo. Sabem quem é o chefe do distrito agora? É o filho de Yang Lin, lembram dele? Aquele ex-secretário-geral do Partido que sofreu muito no Nordeste de Gaomi e teve uma relação meio indefinível com sua tia. O rapaz se chama Yang Xiong, é talentoso, tem um olhar elétrico, dentes brancos, e um cheiro de tabaco fino. Dizem que estudou na Alemanha. Da primeira vez que veio, decidiu não demolir este estábulo; da segunda vez, convidou o mestre para um banquete no município, mas o mestre agarrou-se à estaca de amarrar cavalos e não quis ir de jeito nenhum, como aqueles homens que preferiam morrer a fazer vasectomia; na terceira vez, o chefe do distrito trouxe ao mestre uma placa e o certificado de mestre artesão.” Fígado retirou de um cocho de boi a placa de cobre banhada a ouro e o certificado encapado em camurça azul e nos mostrou. “Naturalmente, Hao Mão Grande também ganhou uma placa e um certificado iguais. O chefe do distrito também o convidou

para o banquete, e é claro que Mão Grande não compareceu. Ele só iria a um banquete desses se Hao Mão Grande não fosse. Mas é exatamente por isso que o jovem chefe do distrito nutre uma admiração especial pelos dois talentos locais.” Fígado tirou do bolso um maço de cartões de visita, separou três e disse: “Olhem, ele me deu um cartão cada vez que veio aqui. Ele me disse assim: ‘O Nordeste de Gaomi é uma terra de muitos talentos, e você também, velho Wang, é um deles!’. Daí eu respondi que minha existência tinha sido um fracasso, uma sucessão de erros, e que, fora a minha malfadada história de amor, que todo mundo conhece, não há mais nada digno de nota em minha vida. Agora meu único ganha-pão é usar do meu palavreado para vender esses bonecos de barro. Mas sabem o que ele falou? ‘Alguém capaz de dedicar metade da vida a um amor já é uma lenda em si. Tantas personagens excêntricas e extraordinários já surgiram neste Nordeste de Gaomi, para mim você é um deles.’ Esse cara é, sem dúvida, um novo modelo de funcionário público, não tem nada a ver com aquilo que se vê por aí. Na próxima vez em que ele vier, vou apresentá-lo a vocês. Ele me incumbiu de cuidar bem do mestre e garantir sua segurança. Por isso, quando descobri que o mestre desapareceu no meio da noite, fiquei empapado de suor. Se algo acontecesse com o mestre, o que eu diria ao chefe do distrito? Sentei-me na frente do fogão, paralisado, vendo o luar escorrer como água para dentro do cômodo. Na sombra atrás do fogão, dois grilos estridentes davam o tom de desolação. Nisso ouvi uma risadinha que vinha de dentro do cocho. Levantei-me num pulo e dei uma espiada, ali estava o mestre deitado de barriga para cima. Como o cocho era curto demais, ele cruzou as pernas à maneira dos iogues e deixou as duas mãos sobrepostas no peito. Tinha uma expressão serena e sorridente, olhei com mais atenção e vi que ele estava em sono profundo, rindo no sonho. Vocês devem saber que os gênios da nossa terra sofrem

de insônia severa. Eu, Wang Fígado, apesar de ser só meio gênio, também padeço desse mal! Não sei se vocês dois também têm insônia.”

Leoazinha e eu trocamos um olhar e balançamos a cabeça. “Não temos problemas para dormir, mal encostamos no travesseiro e já estamos ressonando. Não somos gênios, portanto.”

“Nem todo insone é gênio, mas quase todo gênio é insone”, disse Fígado. “A insônia de sua tia já é famosa em toda região. Altas horas da noite, quando reina o mais completo silêncio, muitas vezes se ouve ao longe um canto rouco, é a tia cantando. Enquanto ela faz seu passeio noturno, Hao Mão Grande molda seus bonecos. A insônia dos dois é cíclica, oscila conforme as fases da lua. Quanto mais brilhante a lua, maior a insônia, quando o brilho diminui, conseguem pegar no sono. Por isso o letrado e talentoso chefinho do distrito batizou os bonecos de Hao Mão Grande de ‘filhos do luar’. E até mandou uma equipe de televisão filmar o homem moldando os bonecos numa noite enluarada. Já viram esse programa? Ainda não? Não se preocupem. A série é uma iniciativa do próprio prefeitinho, se chama *Personagens singulares do Nordeste de Gaomi*. O episódio de abertura é sobre os ‘Filhos do luar’ do mestre Hao; o segundo episódio é ‘O mestre no cocho’; o terceiro, ‘O bem-falante’; o quarto, ‘Cantando com um coro de rãs’. Se vocês quiserem assistir, é só eu telefonar para a TV que eles mandam entregar os DVDs — versão original sem cortes —, inclusive vou sugerir à TV que faça um episódio sobre vocês, até já pensei no título: ‘O regresso dos desterrados’.”

Leoazinha e eu trocamos um sorriso, sabíamos que aquela conversa já tinha entrado no campo da criação artística, mas não era necessário acordá-lo, para que acordá-lo? Deixamos que ele continuasse falando.

Ele contou: "O mestre, acometido de insônia há tantos anos, conseguiu adormecer dentro do cocho, e dormiu profundamente, como um bebê inocente, aquele que, anos atrás, vinha boiando num cocho de madeira rio abaixo. Fiquei tão emocionado que meus olhos se encheram de lágrimas. Só os insones sabem o sofrimento que é não conseguir pegar no sono, e só os insones sabem a felicidade que é dormir. Eu fiquei velando ao lado do cocho, preendi a respiração com medo de fazer barulho e acordar o mestre. Aos poucos, minha vista ficou embaçada e senti que diante de mim aparecia uma trilha em meio a um capinzal denso, as flores do campo desabrochavam em uma variedade de cores e perfumes, borboletas esvoaçavam, abelhas zuniam. Ali na frente uma voz me chamava, era uma voz de mulher, muito anasalada, que soava meio abafada, mas parecia extremamente familiar. A voz me guiava para adiante, mas eu não conseguia ver a metade de cima do corpo dela, só a metade de baixo. Tinha nádegas cheias, roliças, pernas compridas e calcanhares escarlate, calcanhares escarlate que deixavam pegadas bem rasas no chão úmido. Nessas pegadas, de nitidez incomparável, dava para ver até as finas linhas deixadas pelas solas dos pés. Assim, eu fui atrás dela, e fui, e fui, e o caminho parecia que não acabava nunca... Pouco a pouco, senti que andava junto com o mestre. Mas não sei dizer desde quando, nem desde onde me acompanhava. Seguimos os calcanhares escarlate e chegamos a um pântano, o vento trazia do fundo do lodaçal um cheiro de lama e plantas em decomposição. Eu pisava em touceiras de juncos, lá longe cresciam caniços e cálamos, e muito mais flores e ervas cujos nomes desconhecíamos. Do fundo desse terreno alagado, vinham risos e algazarra de crianças. A mulher que só tinha visível a metade inferior do corpo gritou para o pântano com aquela voz carregada de magnetismo: 'Pestes e pestinhas, robe de ouro, cinturão de jade, quem foi agraciado, que venha agradecer, quem é

devedor, que venha pagar'. Mal terminou de pronunciar essas palavras e vi uma multidão de criancinhas vir correndo pelos charcos, vestiam apenas uma espécie de aventalzinho vermelho que cobria a barriga e deixava o traseiro de fora. Gritavam alegres em unísono. Umas usavam uma trança espetada para cima, outras tinham a cabeça toda raspada e outras ainda deixavam crescer três tufo de cabelo, à maneira das pinturas tradicionais. Seus corpos, pelo visto, eram bem pesadinhos. Uma membrana elástica parecia ter se formado na superfície do pântano. Correndo ali em cima, as crianças ganhavam mais embalo a cada passo, pulavam como cangurus. Os meninos, e claro que também havia meninas, cercavam a mim e ao mestre; os meninos, e as meninas também, abraçavam nossas pernas, saltavam em nossos ombros, agarravam nossas orelhas, puxavam nossos cabelos, sopravam em nossos pescoços, cuspiam em nossos olhos. Nos jogaram no chão e pegaram punhados de barro para passar em nossos corpos e também nos deles... Depois, passado algum tempo, ficaram quietas de repente, formaram um semicírculo a nossa frente, uns de bruços, outros sentados, uns de joelhos, outros com o queixo apoiado nas mãos, uns roendo os dedos, outros de boca aberta... Em resumo, tinham expressões naturais e faziam poses diversas. Meu Deus, mas não são esses os modelos do mestre? Vi que o mestre já tinha começado a trabalhar fazia tempo. Ele fixava os olhos numa criança, pegava um punhado de barro, apertava aqui e ali, e produzia a imagem viva de uma criança. Quando terminava uma, olhava para outra, pegava mais um punhado de barro, apertava aqui e ali, e produzia a imagem viva de outra criança...

“Um canto de galo me fez acordar num sobressalto. Percebi que tinha adormecido apoiado na borda do cocho. Minha baba empapava um bom pedaço da roupa sobre o peito do mestre. É só através da lembrança do sonho que o insone consegue saber se dormiu de fato.

Era como se eu ainda estivesse vendo aquela cena, isso queria dizer que eu dormi mesmo. Wang Fígado, o insone crônico, conseguiu dormir debruçado na borda de um cocho, aí está uma felicidade digna de se comemorar com fogos de artifício! No entanto, felicidade ainda maior foi o mestre ter conseguido dormir. Ele espirrou, abriu os olhos lentamente e pulou do cocho como se de repente se lembrasse de algo importante. Era madrugada, a alvorada atravessava a janela, o mestre lançou-se à bancada de trabalho, abriu as camadas de filme plástico que embrulhavam a argila, arrancou um pedaço e foi amassando, e foi apertando até surgir na bancada um boneco de aventalzinho na barriga e trança erguida para o céu. Senti uma emoção enorme, aquela voz magnética parecia soar de novo em meus ouvidos. Quem seria a dona da voz? Quem mais poderia ser? Era a misericordiosa e benevolente Trazedora de Bebês!”.

Ao dizer isso, os olhos de Fígado cintilaram marejados, e vi os olhos de Leoazinha lançarem um brilho diferente. Ela, de fato, tinha embarcado na conversa dele.

Fígado continuou: “Fui buscar a câmera na ponta dos pés e, sem me atrever a usar o flash, fotografei discretamente o mestre mergulhado em seu processo de criação. Na verdade, acho que nem mesmo um tiro disparado rente ao seu ouvido poderia acordá-lo. Seu semblante mudava a toda hora: ora sereno e absorto, ora risonho, às vezes endiabrado, às vezes solitário e melancólico — logo descobri que a expressão do mestre correspondia à expressão do boneco que estava sendo moldado em suas mãos, ou seja, enquanto dava forma a uma criança, ele próprio se tornava aquela criança, criava uma ligação visceral com ela.

“Na bancada diante do mestre, os bonecos aos poucos se multiplicavam, surgia um, e mais um, e agora outro. Os meninos, e as meninas também, formavam um semicírculo, todos voltados para

o mestre, tal como eu tinha visto em meu sonho! Foi uma surpresa imensa! Uma emoção sem tamanho! Então duas pessoas podem sonhar o mesmo sonho. São 'almas que se tocam', como diziam os antigos. Com isso descreviam o vínculo entre um homem e uma mulher que se amam, mas também se aplica perfeitamente a mim e ao mestre. Não somos amantes, mas compartilhamos a mesma desdita! A essa altura vocês já devem entender por que, entre os tantos bonecos que o mestre faz, nenhum é igual a outro. Ele não vai buscar as imagens de crianças só na vida real, mas também no sonho. Embora minhas mãos careçam de técnica, minha alma possui uma imaginação farta e meus olhos têm o poder de uma câmera. Consigo transformar uma criança em dezenas, centenas ou até milhares, e também sintetizar milhares, centenas ou dezenas de crianças numa só. Através dos sonhos, transmito ao mestre as imagens de crianças guardadas na minha cabeça, e ele, com suas mãos, materializa essas imagens numa obra. Por isso digo que o mestre e eu somos parceiros espirituais. Pode-se dizer que essas obras são nossa criação conjunta. Com isso, não pretendo roubar o mérito dele. Depois daquela minha história de amor, já me desencantei das coisas mundanas. Fama e fortuna, para mim, são nuvens passageiras. Digo tudo isso só para ilustrar esse milagre, ilustrar a relação entre o sonho e a criação artística. Queria que vocês entendessem que o fim de um amor é um tesouro, sobretudo para quem se dedica à criação artística. Quem nunca passou pela têmpera dessa dor, jamais alcança as esferas mais altas da arte."

Enquanto Wang Fígado nos dirigia sua caudalosa narrativa, o mestre mantinha o queixo apoiado nas mãos, quase imóvel, como se ele próprio tivesse se transformado numa estátua de barro.

4.

Wang Fígado mandou um menino nos entregar os DVDs da série *Personagens singulares do Nordeste de Gaomi*. O menino vestia uma bermuda jardineira que deixava de fora umas pernas compridas de Pinóquio, calçava botas de cano longo pelo jeito bem pesadas. Tinha cabelos cor de linho, sobrancelhas e cílios quase brancos, e olhos de um cinza-azulado, percebia-se logo que era mestiço. Leoazinha lhe ofereceu algumas balinhas, mas o menino, com as mãos atrás das costas, disse em sotaque local bem carregado: “Me disseram que vocês me pagariam pelo menos dez iuanes”.

Nós lhe demos vinte iuanes. Ele se curvou em sinal de gratidão e desceu a escada assobiando. Do parapeito da janela, vimos o menino caminhar a passos largos como uma personagem de desenho animado, rumo ao parque de diversões em frente ao nosso condomínio. Ali, entrevia-se uma montanha-russa.

Dias depois, quando passeávamos à beira do rio, encontramos o menino de novo. Junto com ele estava uma mulher branca bem alta, empurrando um carrinho de bebê. O menino e uma menina, obviamente sua irmã, estavam de patins, usavam capacete colorido de plástico rígido, joelheiras e cotoveleiras. Deslizavam cuidadosamente. Um homem de meia-idade, de feições delicadas, seguia a mulher branca. Falava ao telefone, um mandarim com agradável sotaque da região de Jiangsu e Zhejiang. Atrás dele vinha

um corpulento cachorro de pelo dourado. Logo reconheci que se tratava de um professor famoso de uma universidade em Pequim, uma celebridade que sempre aparecia na TV. Leoazinha, mais uma vez, colocou seu rosto gordo sobre o bebê mestiço de olhos azuis no carrinho. A mãe, sorridente, mostrava excelentes maneiras, enquanto o professor deixou transparecer um óbvio desdém. Mais que depressa puxei o braço de Leoazinha para afastá-la do carrinho. Ela, de olhos fixos no bebê, não percebeu a expressão do professor. Acenei-lhe pedindo desculpas e ele assentiu ligeiramente. Lembrei a minha esposa que ela não podia agir como avó-loba ao ver bebês encantadores. "As crianças de hoje são tesouros de seus pais", eu disse, "você ficou olhando para o bebê e nem percebeu a cara feia do pai." Leoazinha se sentiu injustiçada, começou a xingar os ricos que tinham filhos sem querer saber das cotas de natalidade, e os homens e mulheres casados com estrangeiros que produziam filhos numa corrida contra o tempo. Em seguida, teve pena de si mesma, arrependeu-se por trabalhar com minha tia na rígida e até mesmo cruel execução da política de planejamento familiar, fez tantos abortos, violou os princípios celestiais, e agora o céu a punia impedindo-a de ter um filho. Por fim, desejou que eu me casasse com uma mulher estrangeira e tivesse um monte de filhos mestiços. "Corre Corre", disse ela, "não vou ficar com ciúmes, nem um pingão de ciúmes, se você se casar com uma estrangeira. Tenham filhos à vontade, quantos conseguirem. Depois que nascerem me deem para eu cuidar." Nesse momento seus olhos se encheram de lágrimas, sua respiração ficou mais rápida, seus peitos redondos começaram a arfar, mal se contendo de tanto amor maternal. Se lhe desse um bebê, eu não duvidaria nada que jorraria leite.

Foi nessas circunstâncias que inseri no aparelho o DVD enviado por Wang Fígado.

A vida da minha tia com o artesão Hao Mão Grande se desenrolou diante de nós em meio à melodia de uma peça de ópera local, que alfineta os ouvidos forasteiros, mas enche de lágrimas nossos olhos.

Para ser franco, devo confessar que, embora jamais tenha me pronunciado sobre o assunto, no fundo me oponho ao casamento deles. Meu pai, meus irmãos e cunhadas compartilham a mesma opinião. Achamos que Hao Mão Grande não tem nada a ver com a minha tia. Desde muito pequenos esperávamos que ela um dia se casasse com alguém. O relacionamento com Wang Xiaoti foi motivo de orgulho para nós e, no entanto, terminou da maneira mais triste. Depois, teve o Yang Lin, que não correspondia ao nosso ideal tanto quanto o anterior, mas, como se tratava de um alto funcionário, era passável. Ela até podia se casar com Qin He, seu admirador obcecado, mesmo ele, comparado a Hao Mão Grande... Já estávamos preparados para a possibilidade de ela ficar para sempre solteira, chegamos a conversar sobre quem cuidaria dela no fim da vida. De repente, ela se casou com aquele homem. Naquela altura, Leoazinha e eu ainda morávamos em Pequim. Quando ouvimos a notícia, a primeira sensação foi de surpresa, depois perplexidade, e então tristeza.

O episódio "Filhos do luar" era sobre o artesão Hao Mão Grande, mas a verdadeira protagonista foi minha tia. Ela ocupou o centro das imagens em todos os instantes, do momento em que os jornalistas foram recebidos no pátio até a excursão pelo ateliê e pelo depósito dos bonecos de barro. Falava, gesticulava, fazia caras e bocas, enquanto Mão Grande permanecia sentado com grande serenidade atrás da bancada de trabalho, com um olhar vago e o rosto sem expressão, parecia um cavalo velho e sonolento. Será que, ao chegar ao ápice de sua criação artística, todos os mestres oleiros se tornam cavalos velhos e sonolentos? Ouvi tanto o nome desse grande mestre, mas, quando paro para fazer as contas, vejo que nos

encontramos poucas vezes. Desde que cruzei com ele no escuro, na noite do banquete para festejar a entrada do meu sobrinho na Aeronáutica, esta era a primeira vez que o via, depois de tantos anos, ainda assim pela tela da TV. O cabelo e a barba estavam inteiramente brancos, mas seu rosto continuava corado e brilhante, mantinha uma postura muito serena, assumia o ar distraído de uma divindade taoista. Foi nesse programa que ficamos sabendo, de modo inesperado, o motivo do casamento de minha tia com esse homem.

Ela acende um cigarro, traga profundamente e fala num tom quase desolado: "Casamento é uma coisa predeterminada. Digo isso a vocês, jovens, não com intenção de pregar idealismo — já fui uma completa materialista —, mas, quando o assunto é casamento, não tem como não acreditar no destino. Perguntem a ele", aponta para Hao Mão Grande, imóvel como uma estátua, "se alguma vez sonhou se casar comigo".

"Em 1997, quando completei sessenta anos", continuou minha tia, "meus superiores falaram para eu me aposentar. Claro que eu não queria fazer isso, mas já não tinha como argumentar, visto que deveria ter me aposentado cinco anos antes. O diretor do Posto de Saúde, vocês todos conhecem, era o filho do Huang Pele, da aldeia Hexi, o Huang Jun, aquele ingrato, que tinha o apelido de Pepino. Também fui eu que puxei esse bastardo do ventre de sua mãe. Dizem que fez medicina, mas não era capaz nem de achar um coração ou um pulmão com o estetoscópio, nem de achar uma veia para aplicar uma injeção, e muito menos de tomar o pulso, como ele podia ser diretor de um posto de saúde? Para enfiá-lo na escola de saúde, eu falei muito bem dele para o secretário Shen da Saúde Pública, mas depois, com o poder na mão, ele não reconhecia mais ninguém. Esse homem não sabia nada além de suas duas

especialidades: primeira, puxar saco para obter favores e, segunda, deflorar as moças.”

Nesse ponto, ela batia no peito com a mão, sapateava no chão. “Boba que eu era, coloquei a raposa no galinheiro, ajudei o malfeitor em seu malfeito! Ele abusou de quase todas as moças do hospital. Wang Xiaomei, da aldeia Wang, tinha dezessete anos, tranças grossas, rosto oval e pele de porcelana. Quando piscava, seus longos cílios se moviam como asas de borboleta, os olhos grandes pareciam saber falar. Todo mundo que a conhecia dizia que, se fosse descoberta por Zhang Yimou, aquela moça seria muito mais famosa que Gong Li ou Zhang Ziyi. Mas, em vez do renomado diretor de cinema, quem a descobriu primeiro foi Pepino, aquele pervertido. Foi até a aldeia Wang e, com uma lábia capaz de fazer morto levantar do túmulo, ele conseguiu convencer os pais da moça a deixá-la estudar ginecologia comigo no posto de saúde. Isso foi o que ele prometeu, mas Wang Xiaomei não apareceu um dia sequer na minha seção. O safado do Pepino dominou-a completamente. Mantinha a moça sempre a seu lado, não bastava fazer aquilo à noite, também faziam em plena luz do dia, muitos já tinham visto. Quando se fartava daquilo, ele ia para a cidade gastar o dinheiro público em banquetes para quem estivesse no poder, mexer os pauzinhos para ver se o transferiam para o governo distrital. Já viram a cara daquele sem-vergonha? Meio metro de cara de asno, lábios roxos, sangue brotando entre os dentes e um bafo podre, mas tão podre que quando abria a boca era capaz de fazer cavalo desmaiar. E uma pessoa assim ainda queria virar secretário adjunto distrital da Saúde Pública? Ele levava Wang Xiaomei de acompanhante, chegava a dar a moça de presente para os convidados. Um pecado, um pecado mesmo!

“Um dia, o sujeito de repente me chamou para a sala dele”, continuou minha tia, “a mulherada do hospital tinha medo de entrar

na sala dele, mas eu, naturalmente, não tinha medo nenhum. Levei um bisturi no bolso, pronta para castrar aquele filho da puta. Serviu chá para mim, todo sorrisos, me cobriu de elogios. 'Diretor Huang', interrompi, 'se tiver algo a dizer, diga logo, não precisa fazer rodeios.' Ele deu um sorriso amarelo e disse: 'Tia!', agora se atrevia a me chamar de tia! 'Vim ao mundo por suas mãos, tia, a senhora me viu crescer. Sou praticamente carne da sua carne, não sou?...' 'Quem sou eu', respondi, 'o senhor é um ilustre diretor de hospital e eu, uma simples ginecologista, eu não suportaria a honra de tê-lo como filho, não é? Pode ir direto ao assunto.' Ele deu outro sorriso amarelo, e sem vergonha nenhuma, continuou: 'Cometi um erro comum dos quadros dirigentes — não me contive e engravidei Wang Xiaomei'. 'Meus parabéns! Wang Xiaomei está com seu nobre descendente, a diretoria do nosso hospital terá um sucessor!' 'Tia, pare de brincadeira, há dias não consigo comer nem dormir de tanta preocupação.' — Até aquela besta tinha momentos em que não conseguia comer nem dormir! — 'Ela está me pressionando para que eu me divorcie, senão vai me denunciar ao Comitê Disciplinar Distrital.' 'Mas para quê?', eu disse, 'não é comum vocês, altos funcionários, terem amante? Compre uma casa para ela, pague uma pensão para sustentá-la e pronto!' 'Tia, isso é hora de rir de mim? Ter uma ou mais amantes não é algo que se admita à luz do dia. Ainda por cima, onde vou arrumar dinheiro para comprar uma casa para ela?' 'Então peça o divórcio.' Ele fechou aquela cara de jumento: 'Tia, a senhora sabe muito bem, meu sogro e meus cunhados carniceiros são todos uns facínoras, quando ficarem sabendo, vão acabar comigo'. 'Mas o senhor é diretor de hospital, alto funcionário!' 'Pare, tia! Sou apenas o humilde chefe de um posto de saúde de aldeia, para a senhora isso não é nada. Chega de me ironizar, me ajude a achar uma saída, por favor.' 'Que saída eu tenho?' 'Wang Xiaomei idolatra a senhora', continuou, 'ela me disse

isso inúmeras vezes. Ela pode não dar ouvidos a ninguém, mas a senhora ela escuta.' 'O que quer que eu faça?' 'Podia conversar com ela para convencê-la a tirar o bebê?' 'Pepino', eu disse com ódio, 'jamais voltarei a fazer essas coisas contra o céu e a razão! Ao longo da minha vida, abortei com minhas mãos nada menos de dois mil bebês! Não quero mais fazer isso. Pode contar que vai ser pai de novo! E digo mais: Wang Xiaomei é uma moça bonita, com certeza vai ter um bebê lindo, isso não é maravilhoso? Vá dizer a ela que, quando chegar a hora, eu faço o parto!'

"Deixei ele falando sozinho", disse minha tia, "saí feliz, mas, assim que cheguei a minha sala e tomei um copo d'água, veio uma tristeza. O canalha do Pepino bem que merecia ficar sem descendentes e Wang Xiaomei, com aquele corpo, grávida de um canalha desses, é uma pena. Se tem uma coisa que aprendi com todos os partos que eu fiz", minha tia continuou, "é o seguinte: a índole de uma pessoa depende menos da educação e mais da genética. Podem criticar minha teoria de classes por consanguinidade, mas foi o que a prática me ensinou. O descendente de uma pessoa má como Pepino pode até crescer num templo, mas vai ser um monge tarado. Por mais que eu sinta pena de Wang Xiaomei, não vou tentar convencê-la, não posso deixar Pepino se safar tão fácil, mesmo que acrescente a este mundo um monge tarado. No fim, ainda acabei fazendo o aborto de Wang Xiaomei.

"Foi Wang Xiaomei que me pediu", explicou a tia. "Ela se ajoelhou na minha frente, abraçou minhas pernas, sujou minha calça com lágrimas e meleca de nariz. Chorava muito. 'Tia, por favor, tia. Fui eu que caí nessa, ele me enganou. Agora, mesmo que me fizesse uma bela proposta de casamento, não me casaria com aquele monstro. Tia, por favor, faça o aborto para mim, não quero esse maldito bebê...'

“E foi por isso”, minha tia acendeu outro cigarro e deu uma tragada violenta, uma fumaça espessa cobria seu rosto, “que eu fiz. Wang Xiaomei era uma rosa prestes a desabrochar e ele a deflorou, jogou-a na desonra.” Ergueu o braço para enxugar as lágrimas. “Jurei que nunca mais faria uma cirurgia dessas. Não aguento mais. A mulher pode estar com um macaco peludo na barriga que não faço mais nada. Quando ouvi o barulho da bomba a vácuo, senti uma mão gigante agarrar meu coração e apertar cada vez mais forte. Doía tanto que fiquei coberta de suor, vi estrelas. Quando a cirurgia terminou, caí no chão esgotada...”

“Pois é, na minha idade a gente muitas vezes se perde na própria fala. Estou falando há tanto tempo e ainda não contei por que me casei com Hao Mão Grande. Anunciaram minha aposentadoria no dia 15 do sétimo mês do calendário lunar. O canalha do Pepino ainda queria me segurar mais, queria que eu me aposentasse sem deixar as funções. Disse que me daria oitocentos iuanes por mês. Bah! Cuspi na cara dele. ‘Seu pilantra, já me esfalfei de trabalhar, agora chega, nesses anos todos, de cada dez iuanes do faturamento deste posto de saúde, ganhei oito. Mulheres e crianças de todas as aldeias da região vinham fazer consulta neste posto por minha causa. Se eu quisesse ficar rica, poderia ganhar oitocentos ou mil por dia! Agora você quer me comprar com oitocentos por mês? Até um trabalhador braçal cobra mais do que isso! Trabalhei duro a vida inteira, não quero mais, quero descansar, quero passar a minha velhice no Nordeste de Gaomi.’ Foi assim que ofendi o canalha de Pepino, nos últimos anos, ele procurou me ferrar de todas as maneiras. Quer ferrar comigo? ‘Já passei por muita coisa nessa vida! Não tremi diante dos malditos japoneses quando moça, vou lá ter medo agora de você, seu moleque, depois dos setenta anos?’... Ah sim, deixe-me voltar ao tema principal.

“Se quiserem saber por que me casei com o Velho Hao, preciso começar pela história com a rã. Na noite em que anunciaram minha aposentadoria, alguns velhos colegas de trabalho me convidaram para jantar num restaurante. Fiquei bêbada naquela noite — na verdade não bebi muito, o problema foi a qualidade da bebida. O dono daquele restaurante, Xie Passarinho, filho do Xie Cem Patas, um daqueles bebês-batata-doce nascidos em 1963, ofereceu uma garrafa da mais fina aguardente de cereais para me homenagear. Mas aquela droga de bebida era falsificada. Bastou meio cálice para eu ficar tonta, tudo girava. Meus companheiros de mesa foram caindo um para cada lado, o próprio Xie Passarinho ficou de boca espumando e olhos revirados.”

Minha tia voltou trocando as pernas, queria chegar ao dormitório do posto de saúde, mas, sem saber como, acabou indo parar num brejo. Era um atalho sinuoso por entre juncos da altura de uma pessoa. Poças d’água brilhavam ao luar, como se fossem de vidro. Sapos e rãs coaxavam, quando uns paravam, outros começavam, se alternavam como numa competição de canto. A certa altura, soaram coaxos por toda parte, coac-coac-coac, o barulho cercava, concentrava-se, subia até o céu. De repente, tudo parou e foi silêncio por toda parte, só se escutava o estrilar de insetos. Minha tia disse que, em décadas de carreira médica, perdeu a conta de quantas vezes andou à noite sem nunca sentir medo. Naquela noite, porém, ficou aterrorizada. Normalmente, o som de uma rã é descrito como o de um tambor, mas naquela noite, as rãs choravam, parecia o choro reunido de milhares de recém-nascidos. Ela adorava o choro dos recém-nascidos, para uma obstetra, o choro de um bebê é a música mais linda do mundo! No entanto, aqueles coaxos de rã guardavam um ressentimento, uma decepção, como uma denúncia de inúmeras almas de bebês vitimados. Num instante o álcool que ela havia ingerido virou suor frio na pele. “Não pensem vocês que eu

estava alucinando, com a mente embriagada. O álcool saiu com o suor, ficou só a dor de cabeça, mas a mente estava completamente lúcida. Percorria o caminho lamacento tentando fugir daquela emboscada de coaxos. Mas fugir para onde? Por mais rápido que corresse, buá-buá-buá, aqueles choros dolentes e amofinados atacavam de todos os lados.” Ela queria correr, mas não conseguia mexer as pernas. A lama, como um chiclete cuspidor, fazia a sola de seu sapato grudar no chão. Precisava de toda sua força para levantar um pé, fios prateados prendiam o sapato ao chão. Ela cortava esses fios, mas outros apareciam a cada passo. Abandonou o sapato e seguiu descalça pelo caminho enlameado. Mas os pés descalços sentiam mais ainda a aderência da lama, aqueles fios prateados pareciam ter ventosas que agarravam seu pé, querendo separar a pele da carne. Minha tia contou que se ajoelhou no chão, como se fosse uma rã gigante, e rastejou para a frente enquanto a lama do caminho grudava nos joelhos, nas pernas, nas palmas. Ela rastejava desesperada, a todo custo, arrastava-se para a frente. Nesse instante, disse minha tia, das profundezas do denso juncal, por entre as folhas cintilantes das alfaces-d’água, pularam inúmeras rãs. Umas de pele verde, outras douradas, umas grandes como um ferro de passar, outras pequenas como um caroço de tâmara, umas de olhos dourados, outras de olhos avermelhados. Vieram como ondas, sitiaram minha tia por todos os lados, coaxando raivosas. Minha tia sentiu as bocas duras bicando sua pele, as patas arranhando seu corpo como se tivessem garras afiadas. Pularam sobre suas costas, no pescoço, na cabeça, e pareciam criar um peso tão grande que a fez desmoronar no chão. Minha tia explicou que o pavor maior não vinha dessas bicadas ou arranhões, mas sim do asco insuportável causado pelo contato daquelas barrigas pegajosas e frias com a sua pele. “Não paravam de mijar em mim, ou quem sabe era o sêmen que eliminavam.” Ela de repente se lembrou de

uma lenda que minha avó contava sobre a peça que uma rã pregou num ser humano: certa noite, uma moça foi sentar-se na beira do rio para se refrescar e adormeceu sem perceber. Ela sonhou que fazia sexo com um rapaz vestido de verde-esmeralda. Acordou grávida e deu à luz um monte de rãzinhas. Minha tia diz que, quando se lembrou disso, ela se levantou num impulso, foi o terror que lhe deu essa força extraordinária. Ela viu os bichos que estavam parados em suas costas caírem no chão um após outro como pedaços de barro. Mas ainda havia muitas rãs agarradas na sua roupa e nos seus cabelos, duas até mordiam os lóbulos das orelhas como um par de brincos horrendos. Saiu correndo, sem saber por que a aderência do chão desaparecera de repente. Enquanto corria, se sacudia e, com as duas mãos, tentava arrancar as rãs de seu corpo. Cada vez que agarrava uma rã, gritava e a jogava para longe com força. Quando tentou tirar as duas rãs penduradas nos lóbulos, quase arrancou as orelhas junto. Os bichos chupavam seus lóbulos com a firmeza de dois bebês famintos no peito da mãe.

Corria, gritava, mas não conseguia se livrar das rãs que a perseguiam. Em algum momento da corrida, olhou para trás e viu uma cena assustadora: milhares de rãs tinham formado um exército infinito, coaxavam, pulavam, trombavam, empurravam-se numa turva enxurrada que rolava adiante velozmente. Além disso, mais rãs surgiam à beira do caminho, umas formavam um batalhão para impedir a saída da tia, outras pulavam do capim à beira da trilha em ataques surpresa contra ela. A saia folgada de seda preta que ela vestia foi rasgada em tiras pelas rãs na emboscada. Ela via as rãs engolirem os pedaços da saia, engasgarem, se debaterem com as patas dianteiras e rolarem pelo chão mostrando a barriga branca.

Quando chegou à beira do rio e viu a ponte de pedra prateada sob o luar, as rãs já tinham rasgado toda a roupa que trazia no

corpo. Ela, quase nua, chegou à pontezinha e encontrou com Hao Mão Grande.

“Naquele momento, não importava mais a vergonha, nem percebi que eu estava praticamente nua”, continuou a tia, “vi uma pessoa sentada no meio da ponte, com uma capa de palha e um chapéu de bambu na cabeça, segurava alguma coisa com um brilho prateado — só mais tarde fiquei sabendo que era um pedaço de barro. Para fazer um boneco de luar, é preciso usar barro colhido ao luar. Naquele instante, nem reconheci quem era, não importava quem era, desde que fosse um ser humano, seria meu salvador.” Ela se lançou ao colo daquela pessoa, tentando enfiar-se sob sua capa de palha. Sentiu no peito o calor dele, enquanto nas costas ainda persistia o frio úmido e asqueroso das rãs. Mal gritou “socorro” e desmaiou.

A longa narrativa criou em nós uma empatia, a imagem da horda de rãs gravada em nossa mente produziu um arrepio na espinha. A câmera focou em Hao Mão Grande, ele continuava sentado ali como estátua, depois mostrou vários bonecos em close, a vista da pontezinha sobre o rio, e voltou a focar o rosto e a boca da tia. Ela continuou:

“Acordei deitada no *kang* de Hao Mão Grande, com uma roupa de homem no corpo. Ele me trouxe uma tigela de sopa de feijão-verde. O aroma restaurou minha lucidez. Quando tomei aquela sopa quente, o corpo todo ficou suado, senti dor ou ardência em vários lugares, mas ia desaparecendo a sensação fria, pegajosa e nojenta que me fazia gritar descontroladamente. Fiquei com herpes no corpo inteiro, aquilo ardia, coçava, doía. Logo veio a febre e tive delírios. Só consegui sobreviver graças à sopa de Hao Mão Grande. Minha pele descamou, doíam até os ossos. Já tinha ouvido histórias de descamar a pele, trocar de ossos, e sabia que estava passando por

um processo desses, como um renascimento. Depois que me curei, disse a Hao Mão Grande: 'Vamos nos casar?'"

Nessa altura, o rosto de minha tia já estava coberto de lágrimas.

O restante do programa mostrava o casal fazendo um boneco de barro juntos. Minha tia, de olhos fechados, fala com o marido que, também de olhos fechados, segura um pedaço de barro na mão: "Este bebezinho se chama Guan Xiaoxiong. Seu pai tem um metro e setenta e nove de altura, rosto quadrado, queixo largo, pálpebras sem dobrinha, orelhas grandes, nariz grande mas achatado; já a mãe tem um metro e setenta e três de altura, pescoço comprido, queixo afilado, maçãs do rosto salientes, pálpebras com dobrinhas, olhos grandes, nariz pontiagudo e arrebitado. O menino é trinta por cento parecido com o pai e setenta por cento com a mãe...". Enquanto a tia fazia sua descrição, nascia das mãos do marido o tal menino chamado Guan Xiaoxiong. A câmera mostrou o boneco em detalhe. Quando vi aquele rosto de traços delicados e indescritível tristeza, meus olhos ficaram marejados...

5.

Acompanhei Leoazinha numa visita à Maternidade Jiabao, um consórcio sino-americano. Ela sempre quis um emprego lá, mas infelizmente nunca achou um jeito de conseguir.

Assim que entramos no saguão, senti que não parecia um hospital, mas sim um clube exclusivo de alto padrão. Apesar de estarmos em pleno verão, soprava ali um vento frio, a temperatura era agradável. Escutavam-se músicas de fundo, agradáveis e suaves, e pairava no ar o aroma de flores frescas. Na parede oposta à entrada, estava fixado o emblema azul-claro do hospital, e uma inscrição em cor-de-rosa que dizia: UM COMPROMISSO PARA A VIDA TODA, COM CONFIANÇA TOTAL. Duas moças bonitas, de jaleco e chapeuzinho brancos, atendiam os clientes, com sorriso amável e voz meiga.

Uma mulher de meia-idade, de jaleco e óculos brancos, aproximou-se e perguntou, cordial: “Em que posso ajudá-los?”.

“Nada, estamos só olhando”, respondi.

A mulher nos levou à área de espera no lado direito do saguão, onde havia poltronas de vime espaçosas e uma estante rústica cheia de revistas luxuosas sobre o tema materno-infantil. Na mesinha, havia livros ilustrados, com impressão caprichada, sobre o hospital.

A mulher trouxe dois copos de água gelada do bebedouro e nos deixou a sós, sempre sorridente.

Ao abrir um desses livros, vi a imagem de uma doutora de meia-idade, com a testa brilhante, sobrancelhas compridas e delicadas, olhar gentil, um par de óculos sem armação sobre o nariz, dentes brancos e ordenados e um sorriso lindo. Levava no peito um crachá com foto. Sobre seu ombro esquerdo, lia-se: "A Maternidade Sino-Americana Jiabao é um novo modelo de estabelecimento que atende suas demandas. Aqui não há a sensação de frieza, mas um ambiente aconchegante, harmonioso, sincero e familiar, onde você vai vivenciar um serviço verdadeiramente digno da nobreza...". Sobre seu ombro direito, lia-se: "Observamos rigorosamente a Declaração de Genebra da Associação Médica Mundial de 1948 — exercer nossa profissão com consciência e dignidade; fazer da saúde dos pacientes nossa primeira preocupação; respeitar os segredos a nós confiados; manter, por todos os meios ao nosso alcance, a honra e as nobres tradições da profissão médica...".

Olhei discretamente para Leoazinha e vi que ela folheava o livro do hospital e franzia com força as sobrancelhas.

Virei a página e vi uma obstetra de ar solene e confiável medindo com fita métrica a barriga saliente e lisa de uma gestante. A paciente tem cílios longos, nariz afilado, charmosos lábios carnudos, rosto corado, sem nenhum traço da fadiga ou da palidez das grávidas. Uma linha de texto atravessa o braço da médica e se estende sobre a barriga da paciente: "Mantemos o mais elevado respeito pela vida humana desde o momento da concepção".

Um homem de estatura mediana, cabelos ralos e roupas esportivas de grife entrou no saguão com passos apressados. Pela expressão autoconfiante e a barriga um pouco proeminente, percebi tratar-se de um homem importante, se não fosse um alto funcionário, devia ser milionário. Evidentemente também podia ser um alto funcionário milionário. Com o braço esquerdo, enlaçava suavemente uma jovem alta e elegante, cuja cintura delicada

balançava dentro de um gracioso vestido de seda amarelo-claro. Meu coração palpitou, porque reconheci que era Jovem Bi, a multitalentosa funcionária administrativa que Yuan Bochecha e meu primo contrataram para o ranário. Baixei minha cabeça às pressas e cobri mais da metade do rosto com o livro na mão.

Virei outra página, no canto inferior direito, sob uma linda barriga bojuda, havia cinco bebês nus sentados em fileira. Todos inclinavam a cabeça para a esquerda, como se alguém chamasse sua atenção naquela direção. As cabeças redondinhas, as bochechas rechonchudas, formavam um arco adorável. Embora não desse para ver suas expressões, aquele arco lembrava um sorriso inocente. Dos seus cabelos, três eram mais ralos, dois mais densos, dois pretos, um louro, outros dois castanho-claros. Todos tinham orelhas grandes, sinal de boa sorte. O bebê que consegue ter sua foto impressa nesse material deve ser muito afortunado. Aparentam ter cinco meses, mal conseguem ficar sentados, ainda não encontram uma boa posição, curvam a cintura. Todos são gordinhos como leitõezinhos roliços, na fresta de seus braços dá para ver a barriguinha rotunda. Os bumbuns ficaram espremidos e achatados, é graciosa a dobra entre as duas nádegas. No espaço à esquerda deles, um parágrafo de uma dúzia de linhas dizia: "Nosso serviço de obstetrícia, centrado na família, valoriza a comunicação entre gestantes ou parturientes e a equipe médica de alto nível, além de enfatizar a educação médica das pacientes".

Aquele homem e Jovem Bi conversaram brevemente com uma atendente na recepção e foram conduzidos por uma moça elegante até o lado esquerdo do saguão. Era a área de espera reservada a VIPs, com um conjunto de sofás de espaldar alto, vermelho-tijolo. Na mesinha da frente havia um vaso com rosas cor de vinho. Mal se sentaram, o homem deu um espirro que quase me fez pular da poltrona. Esse espirro, afetado mas com um toque pessoal, parecia a

explosão de um detonador, que ativou minha memória. Será que é ele?

“Conforme a fase de gravidez, médicos conduzirão conversas detalhadas com a paciente e sua família sobre as condições da mãe e do feto, a nutrição e os exercícios da gestante, entre outros temas.”

Queria muito comunicar minha descoberta a Leoazinha, mas ela folheava o livro com impaciência e resmungava: “E ainda chamam isso de hospital... Quem é que pode se dar ao luxo de ficar num hospital desses?...”. Ela estava de costas para o homem e Jovem Bi, completamente alheia a sua presença.

Talvez achando que o lugar chamava muita atenção, ele se levantou, pegou o braço de Jovem Bi e foi com ela em direção à cafeteria localizada no fundo do saguão. Uma divisória simples a separava do resto da sala, com alguns vasos de costelas-de-adão verdejantes e um frondoso fícus que quase encostava no teto. As paredes internas eram forradas de papel que imitava tijolos vermelhos, havia uma lareira. Na parede atrás do bar, nichos quadriculados cheios de bebidas finas. Um rapaz bonito, de gravata-borboleta preta, preparava o café. O aroma de grãos de alta qualidade, misturado à fragrância das flores, chegou até nós trazendo bafejos de sofisticação.

“Além disso, o hospital oferece uma simulação de parto no terceiro trimestre de gestação, nossos médicos e enfermeiros, conforme suas condições físicas, elaborarão com você um plano de parto, e um curso para a futura mãe, tudo isso visa reforçar os detalhes de comunicação, proporcionando à gestante e à parturiente oportunidades de expressar plenamente suas demandas, preocupações e dúvidas...”

Sentado ali, com uma xícara de café na mão, ele conversava cordialmente com Jovem Bi. Era ele, era ele mesmo! Uma pessoa

até poderia modificar seu tom de voz, mas jamais o som espontâneo de um espirro. Uma pessoa bem que poderia fazer plástica para aumentar as dobrinhas na pálpebra, mas cirurgia nenhuma, por melhor que seja, mudará seu jeito de olhar. A uma distância de vinte metros de mim, ali estava ele conversando e rindo distraído, sem imaginar que um amigo de infância o observava. E assim, aquele Xiao Lábio Inferior, sem dobrinha na pálpebra, cruel e impiedoso, aos poucos transparecia no corpo daquele homem rico.

“Sem chance!” Leozinha jogou o folheto na mesinha, recostou-se na poltrona e disse com frustração: “Todos têm doutorado nos Estados Unidos, mestrado na França, lecionam em faculdades de medicina... A melhor equipe médica do país... Eu, aqui, só serviria para lavar privada...”.

Embora fôssemos conterrâneos, embora tivéssemos morado em Pequim por longo tempo, nunca o tinha visto antes. Ainda me lembro que, quando ele se formou na universidade, o pai dele saiu às ruas gritando: “O meu filho vai trabalhar no Conselho de Estado!”. Mais tarde ouvi dizer que, depois de alguns anos naquele órgão, ele virou assessor de um ministro. Em algum momento ele foi despachado como secretário adjunto do Partido para não sei onde e, por fim, dizem que se tornou empresário, trabalhava com desenvolvimento imobiliário e ficou rico, tinha bilhões na conta...

A mesma moça elegante que os havia conduzido foi encontrá-los e levou-os para o fundo do saguão. Fechei o livro e vi na contracapa as mãos de uma médica e de uma paciente carinhosamente sobrepostas na barriga saliente. O texto acima da foto dizia: “Consideramos a gestante e seu bebê membros de nossa própria família, fazemos nosso serviço com extrema atenção a cada detalhe. Nesta casa você vai experimentar o ambiente mais aconchegante, usufruir da mais zelosa atenção e dos melhores cuidados”.

Sáímos do hospital e Leoazinha, angustiada, maldizia sem parar as modernidades através de pontos de vista anacrônicos, repletos de conotações políticas. Como eu tinha outra coisa em mente, não quis dizer nada. Mas a ladainha ainda iria longe e já estava difícil de aguentar, daí intervim: “Tudo bem, minha senhora, pare de azedar as uvas!”.

Por incrível que pareça, ela não ficou chateada. Só deu um sorriso amarelo: “Uma médica caipira como eu só serve para criar rãs na empresa de Yuan Bochecha”.

“Voltamos para cá a fim de curtir a aposentadoria, não para trabalhar”, lembrei.

“Mas precisamos achar uma ocupação. E se eu trabalhar de babá de recém-nascidos?”

“Pare com isso. Sabe quem eu vi agora há pouco?”

“Quem?”

“Xiao Lábio Inferior, agora conhecido como Xiao Verão-Primavera. Ele fez plástica, mas consegui reconhecê-lo assim mesmo.”

“Não é possível! Agora que está rico, por que voltaria para cá? Será que você não se enganou?”

“Meus olhos até poderiam se enganar, mas meu ouvido não. Aquele espirro dele, ninguém no mundo consegue fazer igual. Além do mais, seu jeito de olhar e de rir não mudou nada.”

“Quem sabe ele voltou para investir? Dizem que o distrito pode ser integrado ao município de Qingdao, se isso for verdade, o preço da terra e dos imóveis vai disparar!”

“Mas sabe quem estava com ele?”, perguntei.

“Como vou saber?”

“Era Jovem Bi.”

“Quem?”

“Jovem Bi, a moça que trabalha no ranário de Bochecha.”

“Oh, assim que botei os olhos nela sabia que era uma vadia! Deve ter alguma sujeira entre essa moça, seu primo e Yuan Bochecha.”

6.

Leoazinha nutria profunda aversão pelo ranário e não tinha nenhuma simpatia por Yuan Bochecha e meu primo. No entanto, pouco depois da nossa visita à maternidade sino-americana, ela disse de repente: “Corre Corre, vou trabalhar no ranário!”.

Olhei surpreso para seu rosto enorme e radiante.

“É sério, não estou de brincadeira”, desmanchou o sorriso e assumiu um ar sisudo.

“Aqueles bichos”, me esforcei para repelir a imagem das rãs que teimava em aparecer na minha cabeça, “quase peguei fobia de batráquios depois de ver o programa sobre minha tia — você vai criar aqueles bichos?”

“Na verdade, não há por que ter medo de anfíbios, eles têm o mesmo ancestral do homem”, ela disse. “O girino tem a mesma forma do espermatozoide e o óvulo humano também não difere muito de um ovo de rã. Além disso, já viu um feto com menos de três meses? Tem uma cauda comprida, igualzinho aos anfíbios na fase da metamorfose.”

Olhei para ela ainda mais espantado.

Ela parecia recitar de cor: “Por que a palavra ‘*wa*’ pode significar tanto ‘rã’ como ‘bebê’? Por que o choro de um bebê que saiu do ventre da mãe é parecido com o coaxo de uma rã? Por que os bonecos de barro da nossa terra muitas vezes têm uma rã no colo?”

E por que a deusa criadora da humanidade se chama Nü Wa? Tudo isso indica que o ancestral dos seres humanos foi uma grande rã, o homem evoluiu da rã. É totalmente errada a teoria de que o homem veio do macaco...”.

Pouco a pouco fui percebendo em sua fala o estilo de Yuan Bochecha e do meu primo, e assim me dei conta de que ela tinha caído na lábria daqueles dois.

“Pois muito bem”, eu disse, “se você estiver realmente entediada de ficar em casa, claro que pode ir lá para se distrair um pouco, mas”, continuei com um sorriso, “acho que em uma semana, no máximo, você vai sair de lá sem querer olhar para trás.”

7.

Professor, embora da boca para fora eu fosse contra Leoazinha trabalhar no ranário, no fundo fiquei contente com a notícia. Na realidade sou uma pessoa que gosta de ficar só, gosto de andar por aí sem companhia, enquanto perambulo vou me lembrando do passado; quando não tenho nada para lembrar, começo a devanear. Acompanhar minha mulher nas caminhadas era minha obrigação, e cumprir obrigação é um suplício, mas eu tinha de fingir que estava exultante. Com o emprego, ficou perfeito: de manhã cedo ela ia para o trabalho numa bicicleta elétrica que, dizem, meu primo comprou para ela. Através do vidro da janela eu a via, bem apumada na bicicleta, deslizar silenciosa e ágil pela rua à margem do rio. Assim que sua silhueta desaparecia da minha vista, era minha vez de descer do prédio às pressas.

Em alguns meses, visitei todas as quadras ao norte do rio. Deixei minhas pegadas em bosques, jardins, supermercados grandes e pequenos, clínicas de massagem feitas por cegos, áreas públicas para exercícios físicos, salões de beleza, farmácias, lotéricas, shopping centers, lojas de móveis e a feira livre na beira do rio. Eu fotografava com minha câmera digital cada lugar que visitava, como um cachorro que levanta a perna traseira para marcar cada lugar aonde vai. Até atravessassei aqueles campos ainda não explorados pelo comércio para visitar os canteiros de obra em plena atividade. Em

alguns a estrutura principal dos prédios já estava pronta, num estilo pouco convencional; em outros, ainda estavam cavando, assentando as fundações, não dava para adivinhar sua futura aparência.

Depois de ver quase tudo na margem norte, passei para a margem sul. Podia atravessar o rio pela ponte estaiada em forma de duas asas estendidas, ou descer o rio numa balsa de bambu até chegar ao cais Aijia, alguns quilômetros abaixo. Sempre usava a ponte, achava inseguro ir de jangada. Um dia, um acidente de carro paralisou o trânsito na ponte e eu decidi pegar a jangada para relembrar aquela cena do passado.

O condutor da embarcação era um rapaz de jaqueta tradicional com botões forrados. Tinha um sotaque local bem carregado, mas só falava expressões da moda. Sua jangada era feita de vinte troncos de bambu grossos como uma tigela, na proa, erguida acima da água, havia uma cabeça de dragão colorida entalhada em madeira. No meio da jangada estavam fixados dois banquinhos vermelhos de plástico. Ele me passou duas sacolas de plástico, pediu para colocá-las nos pés para evitar molhar os sapatos e as meias. Disse-me, sorridente, que muitos passageiros da cidade gostavam de ficar descalços. É muito engraçado ver como as mulheres da cidade ficam chapinhando na água com seus pés miudinhos, claros como peixes prateados. Tirei meus sapatos e meias e dei a ele, que os guardou num armário de lata e disse, meio a sério, meio de brincadeira: "Vou cobrar um iuane para guardar!". "Como quiser", respondi. Jogou-me um colete salva-vidas vermelho-tijolo e pediu: "Tio, precisa vestir isso. Senão meu patrão vai descontar do meu bônus".

Quando o jovem empurrou a jangada do cais, outros condutores que estavam agachados na margem gritaram: "Cabeça Chata, boa sorte! Tomara que se afogue!".

O rapaz, que manejava a embarcação com grande habilidade, respondeu: "De jeito nenhum! Se eu morrer afogado, sua irmã vai ficar viúva!".

A jangada entrou na correnteza central e desceu o rio em velocidade. Tirei a câmera para fotografar a ponte e a paisagem nas duas margens.

"Tio, de onde o senhor é?"

"De onde acha que eu sou?", respondi no sotaque local.

"O senhor é daqui mesmo?"

"Quem sabe seu pai foi meu colega de turma?" Quando vi sua cabeça achatada e comprida, me lembrei de um colega da aldeia Tanjia que tinha o apelido de Cabeça Chata.

"Mas eu não conheço o senhor. De que aldeia é?"

"Dirija direito essa jangada. Não importa se me conhece ou não, o fato de eu conhecer seu pai e sua mãe já é o bastante."

O jovem conduzia com experiência e olhava para mim de vez em quando, obviamente com a intenção de me identificar. Tirei um cigarro e acendi. Ele inalou e disse: "Tio, se não me engano o senhor está fumando a marca Zhonghua, de pacote mole".

Exatamente o que eu estava fumando. Leoazinha é quem trouxera. Segundo ela, foi Bochecha que me mandou. Ela disse: "O presidente Yuan disse que ganhou de uma grande figura, mas como ele só fuma Ba Xi, não quer trocar de marca".

Peguei outro cigarro, me inclinei para a frente e entreguei a ele. Num movimento reverente, o recebeu da minha mão e acendeu se virando de lado para barrar o vento do rio. Fumava com visível satisfação, em seu rosto se desenhava uma beleza feia, esquisita. Ele disse: "Tio, não é qualquer um que fuma uma marca dessas".

"Presente de um amigo", respondi.

"Eu sabia! Quem é que fuma isso pagando do próprio bolso? Então o senhor também é adepto dos 'quatro quase'?", perguntou,

sorrindo.

“Como assim ‘quatro quase’?”

“Quase só bebe e fuma o que ganha de presente, quase não mexe no salário, quase não usa a esposa... Tem mais um que esqueci.”

“Quase toda noite tem pesadelos!”, completei.

“Não era isso, mas não consigo lembrar o que era.”

“Nem precisa”, eu disse.

“Se voltar amanhã, com certeza vou saber dizer. Tio, já sei quem o senhor é.”

“Sabe quem sou eu?”

“O senhor deve ser Xiao Verão-Primavera”, disse ele com um sorriso bizarro, “meu pai me disse que o senhor é o mais capaz da turma dele. O senhor é um orgulho para os seus colegas de turma, e também para todo o Nordeste de Gaomi.”

“Ele era realmente muito capaz, mas não sou ele”, respondi.

“Deixe de modéstia, tio, logo que subiu na minha jangada, percebi que o senhor não é qualquer um.”

“Sério?”, ri.

“Claro! O senhor tem a testa brilhante, tem um halo em cima da cabeça. Sinal de que é uma pessoa de grande poder e grande riqueza.”

“Aprendeu fisiognomia com Yuan Bochecha?”

“O senhor também conhece o tio Yuan?”, deu um tapinha na testa e continuou. “Que burrice a minha, vocês foram colegas de turma, é claro que se conhecem. Embora nem se compare ao senhor, o tio Yuan também é uma pessoa capaz.”

“Seu pai também é muito capaz”, eu disse, “ainda lembro que ele conseguia andar de cabeça para baixo, até deu uma volta na quadra de basquete.”

“E de que serve isso?”, desdenhou ele. “Mente simplória, membros fortes! O senhor e o tio Yuan sabem usar a cabeça, brincam com o intelecto. ‘Os que trabalham com a mente, governam; os que trabalham com a força, são governados’.”

“Sua lábia não perde para a de Wang Fígado”, comentei, rindo.

“Tio Wang também é um gênio, mas ele optou por um caminho diferente dos seus”, apertava os olhinhos vivos e triangulares enquanto falava, “tio Wang diz por aí que está biruta, mas discretamente vai ganhando seu dinheiro.”

“Quanto ele ganha vendendo os bonecos de barro?”

“O que ele vende não são simples bonecos de barro, são obras de arte. Tio, o ouro pode ter preço, mas a arte não! Está certo que não dá para comparar o que tio Wang ganha com o que o senhor ganha, é como comparar uma poça de água com o mar. Já o tio Yuan é mais sabido que o tio Wang, mas se dependesse só da criação de rã, não ganhava nada.”

“Mas se um ranário não ganha com a criação, então ganha com o quê?”

“Tio, o senhor não sabe mesmo ou está se fazendo de desentendido?”

“Não sei mesmo.”

“Pare de brincar comigo, uma pessoa do seu nível sabe de tudo neste mundo! Uma coisa que até eu, da ralé, já sei, o senhor não vai saber?”

“Voltei para cá há pouco tempo, não conheço nada ainda.”

“Então acredito que o senhor não sabe mesmo. Já que não é um forasteiro, vou contar um pouco da história, para o senhor se distrair.”

“Pode contar.”

“A criação de rãs é só fachada, o negócio do tio Yuan, na verdade, é criar bebês para as pessoas.”

Fiquei chocado, mas tentei manter a calma.

“Falando bonito, eu chamaria de Centro de Gestação por Substituição, falando de jeito mais tosco, é um grupo de mulheres prontas para engravidar e dar uma criança para quem quer ter filho.”

“Existe um negócio desses? Não viola o controle de natalidade?”

“Nossa, tio Xiao, em que ano estamos? Ainda fala em controle de natalidade? Quem tem dinheiro paga a multa para ter mais filhos, como o Velho He, o ‘rei da reciclagem’: a mulher dele já teve quatro, a multa foi de seiscentos mil iuanes. Quando chegou o boleto da multa, ele no dia seguinte levou um saco de dinheiro para a Comissão de Planejamento Familiar. Quem não tem dinheiro, tem os filhos na surdina. Na época da Comuna Popular, os camponeses viviam debaixo de um controle ferrenho, precisavam pedir licença até para ir à feira e autorização escrita para viajar. Agora, você pode ir ao fim do mundo, ninguém está nem aí. Pode ir a outras cidades afofar algodão, consertar guarda-chuva, consertar sapato, vender legume,   s  alugar um porção ou montar um galpão embaixo de um viaduto, pode ter filhos   vontade, quantos quiser. Os funcionários públicos têm filhos com as amantes, isso nem precisa explicar, só os servidores públicos sem dinheiro nem coragem é que não se atrevem a ter mais filhos.”

“Então você quer dizer que, na prática, a política nacional de planejamento familiar está morta?”

“Não! A política está bem viva, senão com base em que iam cobrar multa?”

“Se for assim, as pessoas podem ter filhos   vontade, para que procurar os serviços de Yuan Bochecha?”

“Tio, o senhor talvez ande tão mergulhado no seu trabalho que não percebe o que se passa aqui fora. Os ricos podem ter muito dinheiro”, continuou ele sorrindo, “mas raramente são generosos como o Velho He, o rei da reciclagem. A maioria, quanto mais

enriquece, mais pão-duro fica. Querem ter um filho homem para herdar o patrimônio milionário, mas não querem pagar multa. Uma barriga de aluguel cria justificativas para poder evitar a multa. Além disso, os milionários e poderosos, no mais das vezes, já têm a mesma idade do senhor, o homem até pode estar todo empolgado, mas a mulher, no mais das vezes, já não dá pra usar.”

“Nesse caso pode manter uma amante.”

“Claro que pode, tem gente com três, quatro amantes. Mas também existe muita gente que tem medo da esposa e não quer dor de cabeça, daí vai ser cliente do tio Yuan.”

Meu olhar ultrapassou a margem e alcançou o pequeno prédio cor-de-rosa do ranário e o telhado dourado do templo. Fui tomado por uma sensação sinistra. Lembrei-me daquela madrugada pouco tempo antes, quando, depois de me levantar para ir ao banheiro, vivi uma inédita cena na cama com Leoazinha.

“Tio, o senhor não tem filho homem, não é?”, me perguntou o filho do Cabeça Chata.

Não respondi.

“Tio”, ele continuou, “não acho certo pessoas ilustres como o senhor não terem filho homem, isso é um crime, sabe? Como disse Confúcio: ‘Há três condutas não filiais, a pior delas é não gerar descendentes...’”

... Depois de esvaziar a urina que segurei a noite toda, sentia um alívio enorme e só queria voltar a dormir. Mas Leoazinha começou a me acariciar, e isso era algo que não acontecia havia muito tempo...

* * *

“Tio, de todo modo, o senhor precisa ter um filho homem. Isso não é um assunto só seu, mas de todo o Nordeste de Gaomi. O tio Yuan oferece opções diversas. O mais sofisticado é a barriga de aluguel com sexo: são todas moças bonitas, solteiras, saudáveis, com genes excelentes e diploma universitário. O senhor pode morar com a moça por algum tempo até ela engravidar. O custo, bem, o custo é relativamente alto, pelo menos duzentos mil iuanes. Se quiser que o filho nasça com a melhor das melhores qualidades, pode oferecer à moça um subsídio de nutrição, ou lhe dar um bônus. O maior risco seria, nisso de morar juntos, os dois lados começarem a ter sentimentos, aí o faz de conta vira verdade e pode prejudicar o casamento. Por isso, acredito que a tia não iria concordar..”

... Ela parecia excitada, mas o corpo continuava impassível. Além disso, muito estranhamente, ela não estava agindo da maneira que costumava agir esses anos todos. Como você quer? Vi os olhos dela faiscarem entre os primeiros raios do alvorecer. Ela sorriu, misteriosa: “Quero abusar de você”. Vendou meus olhos com um pano preto. “O que você quer?” “Não pode tirar! Você me maltratou metade da vida, agora é hora de me vingar.” “Você vai fazer uma vasectomia em mim?” Ela riu: “E eu lá teria coragem de fazer isso? Quero ver você desfrutar plenamente...”

“Não faz muito tempo, veio uma mulher criar confusão, até quebrou o carro do tio Yuan”, o Cabecinha Chata continuou. “O marido dela se apaixonou pela moça da barriga de aluguel, no final teve um filho homem e largou a esposa. Por isso, acho que a tia não vai aceitar isso de jeito nenhum...”

... Ela continuou me acariciando, me deixou excitado, enlouquecido. Tive a sensação de que colocava uma camisinha ou algo assim. "O que é isso? Acha necessário?" Ela não respondeu...

"Tio, se quiser apenas um filho homem e não estiver interessado em experimentar o gosto da flor do campo, vou te contar uma maneira mais econômica. Mas isso é segredo. O tio Yuan tem umas barrigas de aluguel bem baratas. Elas têm uma aparência assustadora, mas não nasceram assim. Eram moças bem lindas, ou seja, possuem genes excelentes. Tio, deve ter ouvido falar do incêndio na Fábrica Dong Li, que fazia brinquedos de pelúcia. O fogo matou cinco moças da nossa aldeia, três sobreviveram mas ficaram gravemente feridas e completamente desfiguradas. A vida delas virou uma angústia só. O tio Yuan acolheu-as gentilmente, dá a elas comida e bebida e um meio de ganharem algum dinheiro. Claro, é barriga de aluguel sem sexo, ou seja, seus girinos serão extraídos e injetados no útero delas. Quando chega o momento, só precisa vir buscar o bebê. Elas saem mais em conta, cinquenta mil iuanes para filho homem, trinta mil para filha mulher."

... Ela me fez rugir. Senti meu corpo afundar num abismo. Ela me cobriu e saiu silenciosamente...

"Tio, eu recomendo que..."

"Você está alcovitando para Yuan Bochecha, não está?"

"Tio, como o senhor pode usar ainda um termo tão antiquado?", disse ele rindo. "Faço prospecção de negócios para o tio Yuan. Quero

agradecer a você, tio Xiao, por me dar esta oportunidade de ganhar dinheiro. Então vou ligar para o tio Yuan agora.” Parou a jangada e tirou o celular. “Sinto muito”, respondi, “não sou seu tio Xiao nem tenho essa necessidade.”

8.

Professor, anteontem fiquei tão agitado numa briga com Leoazinha que meu nariz começou a sangrar, até sujou o papel de carta. Hoje sinto uma dorzinha de cabeça, mas isso não me impede de continuar este relato. Para escrever um roteiro de teatro, é preciso pensar em cada palavra, uma carta já não exige tanto. Para escrever uma carta, basta saber um punhado de caracteres e ter algo a dizer. Quando minha falecida esposa Wang Renmei me escrevia, ela fazia desenhos no lugar dos caracteres que não sabia escrever. E se desculpava: "Corre Corre, como não tenho muita instrução, só me resta desenhar". "Seu nível de instrução é muito alto", eu dizia. "Você desenha para se expressar, e com isso cria novos ideogramas!" "Vou te dar um filho, Corre Corre", lembrava ela, "vamos fazer um filho..."

Professor, depois de ouvir o Cabecinha Chata da jangada, cheguei trêmulo a uma conclusão angustiante: Leoazinha, obcecada por ter uma criança, pegou meus pequenos girinos e inseminou no corpo de alguma moça desfigurada. Passou por minha cabeça a visão de um grupo de "girinos" rodeando um óvulo, parecida com algo que tinha visto na infância: vários girinos atacando um pãozinho encharcado numa lagoa quase seca perto da aldeia. E a moça desfigurada que engravidara do meu bebê não era outra senão Chen Sobrancelha,

filha do meu antigo colega de escola Chen Nariz. Em seu ventre crescia meu filho.

Corri apressado até o ranário. No caminho, tenho a impressão de que várias pessoas me cumprimentaram, mas não me lembro de nenhuma delas. Por entre as barras reluzentes do portão elétrico, mais uma vez vi aquela ameaçadora estátua de rã-touro. Fiquei arrepiado, era como se sentisse na pele, mas na verdade apenas me lembrava de seu olhar frio, viscoso, mal-intencionado. Em frente ao pequeno prédio branco, seis moças em roupas coloridas saltitavam agitando guirlandas de flores nas mãos; ao lado delas, sentado numa cadeira, um homem fazia o acordeão gemer. Deviam estar ensaiando algum número. Era um dia tranquilo, de sol e brisa, nada tinha acontecido. Talvez fosse tudo imaginação minha. Seria melhor eu achar um lugar para me sentar e pensar seriamente em minha peça de teatro.

“Enquanto nada acontece, seja medroso como um rato; mas quando algo acontecer, fique valente como um tigre.” “Se não é desgraça, é felicidade; mas se é desgraça, não há como fugir.” Foi o que meu pai me ensinou. Gente velha adora provérbios. A lembrança daquelas palavras me fez sentir fome. Já tenho cinquenta e cinco anos. Não ousou me chamar de velho enquanto ainda tenho pai e irmãos, mas já sou um sol que passou do meio-dia e desliza rápido para a montanha do oeste. Uma pessoa em ocaso, um homem que se aposentou antes do tempo e comprou um apartamento em sua terra natal para curtir a velhice não tem nada a temer. Pensar nisso me deu ainda mais fome.

Entrei no Dom Quixote, o pequeno restaurante que ficava no lado direito da praça do templo. Desde que Leoazinha começou a trabalhar no ranário, tornei-me um cliente assíduo. Sentei-me na mesa ao lado da janela. O restaurante tinha pouco movimento e aquele lugar passou a ser quase exclusivamente meu. O garçom

baixinho e gordo se aproximou. Professor, sempre que me sento naquela mesa e olho para a cadeira vazia à minha frente, sonho que um dia o senhor estará sentado ali para discutir comigo sobre essa obra teatral de parto tão difícil — um sorriso largo se abria no rosto oleoso do garçom, mas sempre vi uma expressão esquisita por trás daquele sorriso. Deve ser a expressão de Sancho Pança em Dom Quixote, meio travesso, meio malicioso, ao mesmo tempo zombador e zombado, não sei se me agrada ou se me aborrece. A mesa era feita de tília bem grossa, sem nenhum verniz. A madeira tinha os veios bem nítidos e umas marcas de cigarro. Sempre escrevo nessa mesa. Quem sabe no futuro, quando minha obra for um grande sucesso, essa mesa será um patrimônio cultural. Então, para beber nela será preciso pagar uma taxa extra. Se o senhor tivesse se sentado à minha frente, seria ainda mais concorrida! Desculpe, como escritor, sempre gosto de usar essa fantasia presunçosa para me estimular a escrever...

“Professor”, o garçom fez menção de se curvar, mas não se curvou. Ele me disse: “Salve! Seja bem-vindo. O fiel escudeiro do grande cavaleiro está ao seu dispor”. Dizendo isso, me passou um cardápio escrito em dez idiomas.

“Obrigado”, respondi. “O de sempre: uma salada Margarita, uma porção de guisado à Viuvinha Antônia e uma cerveja preta Tio Marico.”

Ele saiu balançando a bunda como um pato balofo. Enquanto esperava meu prato, examinei a decoração e os adornos da sala: na parede estavam penduradas armaduras e lanças enferrujadas, a luva rasgada no duelo com o rival no amor, certificados e medalhas que marcavam méritos gloriosos e façanhas imortais, uma cabeça de veado bem realista, dois espécimes de faisão com plumagem esplêndida e várias fotos amareladas. O estilo era um arremedo do clássico europeu, mas parecia bem interessante. À direita da entrada

havia a estátua de bronze de uma jovem em tamanho natural, com seios reluzentes de tanto passarem a mão. Prestei bastante atenção: cada um que entrava no restaurante, fosse homem ou mulher, invariavelmente passava a mão naqueles peitos. A praça do templo estava em perpétua movimentação, o pregão de Wang Fígado sobressaía animado como sempre. Recentemente haviam lançado um programa chamado “O *qilin* que traz bebês”, disseram ser uma retomada da tradição, mas na verdade era invenção de alguns funcionários do Centro Cultural do Município — um programa insípido, amorfo, que, no entanto, resolveu o problema de emprego de dezenas de pessoas e por isso foi uma coisa boa. Além do mais, professor, como o senhor mesmo disse, o que chamamos de tradição um dia, lá na origem, foi arte de vanguarda. Vi muitos programas semelhantes na televisão, basicamente uma misturada de tradição, modernidade, turismo e cultura, tudo muito animado, sonoro, cintilante, cheio de recursos, radiante, enriquecedor. Justamente como o senhor se preocupava: enquanto num lugar tiros cruzam o céu e cadáveres cobrem o chão; noutra há música, dança, neon e festas intermináveis. É esse o mundo onde convivemos. Se existisse um gigante de proporções tais que nosso planeta lhe parecesse uma bola de futebol, ele estaria sentado olhando a Terra girar sem parar, ora paz, ora guerra, ora banquete, ora fome, ora seca, ora enchente... Não sei o que ele pensaria sobre isso. Desculpe, professor, estou divagando outra vez.

O pseudo-Sancho trouxe um copo de água gelada, um pratinho com pão, um pedaço de manteiga e um molho feito de azeite, alho e shoyu. O pão deles é muito bom. Quem já comeu pão estrangeiro sabe que o pão daqui é muito bom. Comer esse pão com molho já é uma delícia, para não falar do maravilhoso prato e a sopa que vieram depois. Professor, o senhor precisa jantar aqui uma vez, garanto que vai gostar de tudo. Além disso há uma tradição nesse

restaurante — na verdade, mais uma “regra” do que uma “tradição”: toda noite, antes de fechar, eles colocam os pães assados no dia, compridos e redondos, pretos e brancos, grossos e finos, numa cesta de vime na mesa da saída, e deixam os clientes levarem à vontade. Não há aviso mandando cada um levar apenas um pão, mas todo mundo faz isso conscientemente. Vai debaixo do braço ou no colo, o pão comprido ou quadrado, macio ou crocante, espalhando um aroma agradável, de trigo, de linhaça, de amêndoa ou de fermento. Passear à noite na praça do Templo Niangniang segurando um pão fresco é, para mim, uma emoção sem tamanho. Mas estou ciente de que isso é um luxo, porque sei muito bem que neste mundo ainda há tantos vivendo sem roupa que os cubra, sem comida que os sustente, e mais outros tantos lutando contra a morte.

A salada Margarita tinha alface, tomate e endívias, estava uma delícia. Quem será que deu a esse prato um nome que faz sonhar com a Europa Ocidental? Certamente foi Li Mão, meu colega de escola primária, filho da minha primeira professora. Como lhe contei em outras cartas, Mão é o mais talentoso dos meus colegas, ele é que deveria ter se dedicado à literatura, mas acabei sendo eu. Formou-se em medicina, tinha um futuro promissor, mas pediu demissão e voltou a nossa terra, abriu um restaurante desses, que não é uma coisa nem outra, ou é uma fusão harmoniosa de Oriente e Ocidente. Pelo nome do restaurante, pelos nomes dos pratos, dá para ver a influência da literatura sobre esse meu colega. Abrir um restaurante Dom Quixote num lugar meio caipira, meio ocidentalizado como o nosso, já é em si um feito quixotesco. Li Mão está mais gordo. Ele sempre foi baixinho, depois de engordar ficou parecendo mais baixinho ainda. Sentado num outro canto do restaurante, me olhava de longe, mas não nos cumprimentávamos. Às vezes eu me debruçava sobre a mesa para anotar minhas

impressões, enquanto ele pendurava o braço esquerdo no espaldar da cadeira e apoiava a bochecha na mão direita, passava muito tempo nessa posição, que, embora estranha, parecia bastante confortável.

O pseudo-Sancho trouxe o guisado e a cerveja. Não faltava mais nada. Tomei um gole da bebida, peguei um pedaço de carne e fui mastigando, e fui saboreando sem pressa enquanto meu olhar atravessava o vidro e alcançava uma encenação de contos mitológicos em plena luz do dia. A música barulhenta abria o caminho, seguida por uma procissão ricamente paramentada, com figurinos coloridos e personagens extraordinárias. A mulher montada no *qilin* tinha o rosto redondo como uma lua cheia e os olhos brilhantes como estrelas, levava no colo um bebê rosado — cada vez que vejo essa Trazedora de Bebês quero associá-la a minha tia. Mas na vida real minha tia sempre me vem à mente com uma túnica preta folgada, o cabelo desgrenhado como um ninho de pássaro, rindo como uma coruja, o olhar perdido, a fala desconexa, só para acabar com a bela imagem que fantasiei.

A procissão da Trazedora de Bebês deu uma volta na praça e posicionou-se no centro. A música parou, apareceu um mandarim de chapéu alto e túnica púrpura segurando uma tabuleta cerimonial — seu figurino lembrava um eunuco de teatro — que abriu um rolo amarelo e anunciou em voz alta: “O céu e a terra nutrem os cinco grãos. O sol, a lua e as estrelas criam todas as pessoas. Em nome do imperador de Jade, sua alteza a Trazedora de Bebês traz uma auspiciosa criança ao Nordeste de Gaomi, e chamo o fiel casal, Wang Liang e esposa, para receber o filho”. Mas os atores que representavam os pais nem tiveram tempo de segurar o filho auspicioso, um boneco de barro, que foi levado por uma das mulheres da praça desesperadas para ter um bebê.

Professor, por mais desculpas que eu ache para me consolar, sou, afinal, um homenzinho medroso como um rato, carregado de preocupações. Assim que tomei consciência de que aquela moça chamada Chen Sobrancelha carregava meu bebê em seu ventre, me senti amarrado por um pesado sentimento de culpa. Porque ela é a filha do meu colega de escola, Chen Nariz, porque ela foi criada, durante algum tempo, por minha tia e Leoazinha. Naquela época, eu mesmo colocava, com minhas mãos, leite em pó em sua boquinha. Ela é mais nova que minha filha. Se por acaso Chen Nariz, Li Mão, Wang Fígado, meus amigos de outrora, souberem da verdade, com que cara vou olhar para eles?

Lembro-me de duas ocasiões em que encontrei Chen Nariz desde que voltei a morar em minha aldeia natal.

A primeira vez foi num anoitecer no final do ano passado, quando voavam os flocos de neve. Naquela altura, Leoazinha ainda não tinha o emprego no ranário. Andávamos na neve, olhando a dança dos flocos sob a luz dourada em torno da praça. Ao longe, soavam de vez em quando os fogos de artifício. A atmosfera do Ano-Novo era cada vez mais presente. Minha filha, que estava na Espanha, me telefonou para contar que estava passeando com o marido numa pequena aldeia da terra de Cervantes. Eu e Leoazinha, de mãos dadas, entramos no restaurante Dom Quixote. Contei para minha filha essa coincidência, e veio do celular a sua risada sonora.

“O mundo é muito pequeno, pai.”

A cultura é muito grande, professor.

Ainda não sabíamos que o restaurante pertencia a Li Mão, mas já percebíamos que o dono devia ser uma figura extraordinária. O ambiente nos agradou assim que entramos. Gostei, sobretudo daquelas mesas e cadeiras rústicas. Se cobrissem as mesas com toalhas brancas, engomadas e passadas, o restaurante ficaria com um aspecto bem europeu. Mas concordo com a explicação que Li

Mão veio a dar: segundo um estudo que ele disse ter feito, na época de Dom Quixote os restaurantes rurais da Espanha não usavam toalhas. E ainda continuou, muito futriqueiro: assim como as europeias da época não usavam sutiãs.

Professor, confesso que, assim que entrei e vi a estátua de bronze com os seios brilhantes de tanto serem tocados, minha mão se estendeu involuntariamente. Era uma mostra da minha mente poluída, mas eu estava tranquilo em relação a isso. Leoazinha me censurou com um psiu, eu disse a ela: "Para que esse psiu? Isto é arte". Ela respondeu muito séria: "É o que dizem muitos sem-vergonhas metidos a amantes da arte". O pseudo-Sancho aproximou-se com um sorriso, fez menção de curvar-se, mas não se curvou. Disse: "Sejam bem-vindos, meu senhor e minha senhora!".

Ele pegou nossos casacos, cachecol e chapéu e nos conduziu até uma mesa no meio do salão. Em cima dela havia uma tigelinha redonda de vidro com uma vela branca flutuando na água. Não gostamos daquela mesa e escolhemos outra perto da janela. A posição era melhor porque dava para ver, lá fora, os flocos de neve dançando na luz das lâmpadas da rua, e também porque oferecia uma vista panorâmica da sala. Vimos, sentado numa mesa de canto — onde eu sempre me sentaria depois —, um homem envolto em fumaça.

Reconheci-o pela mão direita sem o dedo anular. Reconheci-o pelo narigão vermelho. Chen Nariz, que um dia foi um homem bonito, agora ostentava uma calva no cocuruto e cabelos soltos na nuca, quase o penteado de Cervantes. Seu rosto estava seco, as bochechas encovadas, parecia ter perdido os molares. Com isso o nariz ficou mais proeminente. Ele segurava com três dedos da mão direita uma ponta de cigarro quase toda consumida, que punha nos lábios para sugar. Espalhou-se no ar um cheiro estranho de filtro de cigarro queimado. A fumaça jorrou de suas enormes narinas. Tinha

o olhar perdido dos fracassados. Eu estava meio sem coragem de encará-lo, mas não conseguia parar. Lembrei-me da estátua de Cervantes que vi no campus da Universidade de Pequim e entendi por que Chen Nariz estava sentado aqui. Ele vestia uma roupa esquisita, não era uma túnica, nem um casaco, em torno do pescoço tinha um tecido branco e rugoso. Achei que deveria ver uma espada ao lado dele, e de fato a encontrei encostada por ali. Descobri depois a luva de ferro, o escudo, a lança em pé no canto da sala. Achei que deveria estar acompanhado por um cachorro sujo e magro, e de fato o encontrei, sujo, mas não tão magro. Dizem que Cervantes também perdeu um dedo na mão direita. Mas Cervantes não devia andar com escudo e lança, então provavelmente se tratava de Dom Quixote, embora estivesse mais para Cervantes. A bem da verdade, nenhum de nós jamais viu Cervantes em pessoa, muito menos Dom Quixote, que nem sequer existiu. Assim, se a personagem representada por Chen Nariz era Cervantes ou Dom Quixote, fica a critério de cada um. Ver meu antigo amigo naquela situação me entristeceu. Já sabia da tragédia que se abatera sobre suas belas filhas. Chen Orelha e Chen Sobrancelha eram as irmãs mais lindas do Nordeste de Gaomi. O sangue estrangeiro de Chen Nariz, de origem incerta, mas de incontestável existência, fez seus rostos escaparem das planuras e ganharem formas cheias. De todas as descrições da beleza feminina na literatura clássica da China, nenhuma lhes servia. Eram como um camelo num bando de ovelhas, um grou entre as galinhas. Se tivessem nascido numa família mais abastada ou num lugar mais rico, ou mesmo se tivessem nascido de família pobre num lugar distante, mas por acaso encontrassem alguém que lhes desse oportunidades, poderiam ficar famosas num instante e subir rápido na vida. As duas foram juntas tentar a vida no Sul, talvez em busca dessas oportunidades. Ouvi dizer que foram à Fábrica de Brinquedos de Pelúcia Dong Li, cujo dono seria

estrangeiro, embora ninguém soubesse dizer se era estrangeiro mesmo. Duas irmãs tão bonitas, tão inteligentes, naquele ambiente de luxo e ostentação, se quisessem fazer dinheiro, se quisessem aproveitar a vida, bastaria vender o corpo. Mas foram trabalhar duro num chão de fábrica, aguentando um regime de trabalho extenuante, aguentando uma exploração brutal. Por fim, num incêndio que causou comoção nacional, uma ficou carbonizada e a outra teve o rosto queimado. A irmã mais nova só sobreviveu porque a mais velha a protegeu com seu corpo. Uma infelicidade sem tamanho! Isso quer dizer que elas não se deixaram corromper, eram duas moças boas, de caráter imaculado. Desculpe, professor, emocionei-me outra vez.

A vida de Chen Nariz foi uma tragédia incomparável. E ao encarnar uma celebridade morta ou um excêntrico ficcional lá no restaurante Dom Quixote, ele estava, penso eu, na mesma situação do porteiro anão que ficava na entrada da famosa boate Paraíso, em Pequim, ou do porteiro gigante da casa de banhos Cortina d'Água, em Cantão. Todos vendiam sua figura. O anão vendia sua baixa estatura, o gigante, sua altura, e Chen Nariz, seu nariz enorme. Suas situações eram igualmente infelizes.

Professor, naquela noite eu reconheci Chen Nariz logo à primeira vista. E isso apesar de não vê-lo há quase vinte anos. Mas eu o reconheceria mesmo depois de cem anos, na mais estrangeira das terras. Naturalmente, acredito que, ao mesmo tempo, ele nos reconheceu também. Os amigos de infância muitas vezes nem precisam de olhos, basta confiar no ouvido: com um suspiro ou um espirro já dá para saber exatamente de quem se trata.

Será que vamos lá cumprimentá-lo? Ou o convidamos logo para jantar conosco... Leoazinha e eu hesitávamos. Por sua expressão propositalmente alheia a tudo, o olhar fixo na cabeça de veado pendurada na parede, sabíamos que ele também estava em dúvida

se falava ou não conosco. Voltaram as cenas daquela noite da despedida do Deus do Fogão, quando ele veio a nossa casa com Chen Orelha para tentar levar Chen Sobrancelha. Naquela época ele era corpulento, vestia uma pesada jaqueta de couro de porco, estava pronto para quebrar nossa panela cheia de *jiaozi* com um almofariz, ofegava irritado, impaciente, parecia um urso de mau humor. Desde então, nunca mais o vimos. Acho que, enquanto relembávamos o passado, ele devia estar fazendo a mesma coisa, os sentimentos que nos vinham deviam estar vindo a ele também. Na verdade, nunca o odiamos. Sua infelicidade nos comovia profundamente. Não fomos logo falar com ele principalmente por não conseguir definir qual a atitude mais adequada. Porque, sem sombra de dúvida, para usar uma expressão local, estamos levando uma vida mansa, e ele não. E quem está na melhor tem muita dificuldade de achar a maneira certa de encarar um amigo na pior.

Professor, tenho o vício de fumar. É um vício que já encontra várias restrições na Europa, nos Estados Unidos e até no Japão. Por toda parte, o fumante é lembrado de sua vulgaridade e de sua falta de educação. Mas aqui em nossa terra, por enquanto, ainda não existem essas restrições. Peguei o maço, tirei um cigarro e acendi com um fósforo. Gosto do leve cheiro de enxofre que se espalha no instante em que se acende um fósforo. Professor, eu estava fumando um cigarro Jin Ge, literalmente “pavilhão dourado”, uma marca local de preço bem elevado. Dizem que cada maço custa duzentos iuanes, ou seja, cada cigarro custa dez iuanes. Uma libra, cerca de meio quilo, de trigo sai por oitenta centavos, ou seja, seria preciso vender doze libras e meia de trigo para poder comprar um cigarro dessa marca. Doze libras e meia de trigo poderiam virar quinze libras de pão e alimentar uma pessoa por pelo menos dez

dias. Mas um cigarro da marca Jin Ge acaba em algumas baforadas. A embalagem era realmente magnífica, me lembrava o Pavilhão Dourado de Kyoto, em seu estimado país. Não sei dizer se aquele pavilhão realmente inspirou os designers da embalagem. Sei que meu pai odeia que eu fume esse cigarro, mas ele só fez um comentário simples: "Carma ruim!". Expliquei a ele, apressado, que não fui eu que comprei, ganhei de outra pessoa. A resposta dele foi mais simples: "Pior ainda". Me arrependi de dizer o preço do cigarro a meu pai: só serviu para reforçar minha futilidade e meu esnobismo. No fundo, que diferença existe entre mim e os novos-ricos que ostentam grifes e exibem esposas novinhas? Mas também não posso jogar fora um cigarro tão caro só por causa de uma crítica do meu pai. Se fizesse isso, não iria piorar ainda mais meu carma? Adicionaram alguma especiaria no tabaco. Um aroma inebriante exala enquanto ele queima. Vi que Nariz não conseguia firmar o corpo, deu uma série de espirros sonoros, seu olhar tinha se desviado aos poucos da cabeça de veado para o nosso lado, primeiro inseguro, tímido, vacilante, depois ganancioso e ávido, até um tanto cruel, e recaía sobre nós com uma mistura de todos esses sentimentos.

Professor, o homem finalmente se levantou e veio em nossa direção arrastando a espada como se fosse uma bengala, mancava. A iluminação do restaurante era fraca, mas dava para enxergar seu rosto. Suas feições e músculos faciais produziam, em conjunto, uma expressão complexa, difícil de descrever com palavras precisas. Não sabia dizer, naquele momento, se ele fixava os olhos em mim ou na fumaça que saía da minha boca. Levantei-me apressado, a cadeira fez um barulho atrás de mim. Leoazinha também se levantou.

Ele parou bem na nossa frente e eu logo estendi a mão, fingindo surpresa: "Chen Nariz". Ele não me deu conversa, muito menos apertou minha mão. Manteve uma distância respeitosa e fez uma reverência profunda. Depois, com as mãos apoiadas naquela espada enferrujada, disse num tom teatral: "Nobre senhora, estimado senhor, eu, cavaleiro Dom Quixote de la Mancha, apresento-vos meus respeitos. Sou um humilde servo ao vosso inteiro dispor".

"Deixe de brincadeira, Nariz", eu disse, "que teatro é esse? Sou Wan Perna e esta aqui é Leoazinha..."

"Prezado senhor, estimada senhora, para um cavaleiro leal, não há causa mais sagrada do que empunhar a espada para defender a paz e a justiça..."

"Cara, pare com esse teatro."

"O mundo é um grande palco onde todo dia se encena o mesmo repertório. Senhor e senhora, se puderdes oferecer-me um dos cigarros em vossa mão, estou disposto a mostrar-vos a fantástica arte da esgrima."

Passei-lhe um cigarro às pressas e acendi para ele, solícito. Ele deu uma longa tragada, a brasa na ponta reluziu e queimou rapidamente. Franziu os olhos, amontoando as rugas do rosto, depois pouco a pouco relaxou, dois grossos fios de fumaça saíram por suas largas narinas. Ver alguém desfrutar tanto de um cigarro me deixou surpreso e comovido. Apesar de ser fumante há muito tempo, meu vício não é dos mais fortes, por isso nunca senti o que esse homem experimentava diante de mim. Deu uma nova tragada, profunda, o tabaco logo se queimou quase todo. Esse tipo de cigarro luxuoso, muito espertamente, tem o filtro bem comprido. Isso, por um lado, reduz a quantidade de tabaco e, por outro, oferece algum consolo aos fumantes ricos que temem a morte, mas não conseguem largar o vício. Com apenas três tragadas ele já estava queimando o filtro do cigarro. Eu simplesmente lhe entreguei o

maço todo. Olhou em volta encabulado, e, num movimento brusco, pegou o maço e o enfiou na manga. Esquecido da promessa de mostrar a maravilhosa arte da esgrima, correu para a entrada, mancando e arrastando a espada e uma das pernas. Ao passar pela porta, aproveitou para tirar uma baguete do cesto de vime.

“Dom Quixote! Está pedindo coisas aos clientes de novo!” O pseudo-Sancho vinha em nossa direção com duas canecas espumantes de cerveja preta nas mãos, sua voz era direcionada a Chen Nariz. Lá atrás do vidro, vimos o coitado atravessar a praça arrastando a espada enferrujada e a perna inválida, sua longa sombra oscilando até desaparecer na escuridão. O cachorro, que parecia bem robusto, o seguia de perto. O homem ia todo acobardado, e o cachorro, todo altivo.

“Que sujeito desagradável!”, disse o pseudo-Sancho meio se desculpando, meio se exibindo. “Ele sempre apronta dessas, é só virarmos as costas, uma vergonha. Em nome do patrão, peço-lhes desculpas. Mas acredito que dar uns cigarros e umas moedas a um cavaleiro abatido não deve aborrecê-los tanto.”

“De modo algum, imagine...” Senti que não conseguiria me acostumar ao modo de falar desse garçom gordo. Não está atuando num filme, nem numa peça de teatro, para que falar com essa afetação. Perguntei: “Mas foram vocês que o contrataram?”.

“Senhor, a bem da verdade”, respondeu o garçom, “no início do negócio, nosso patrão teve pena dele, desenhou esse figurino e pediu para nós dois ficarmos na entrada do restaurante e atrair clientes. Mas ele é cheio de problemas, bebe demais, fuma demais, e quando está atacado não presta para nada. Além de tudo, ainda anda colado com aquele cachorro sarnento. Também não dá a mínima para a higiene pessoal. Eu, por exemplo, tomo banho duas vezes por dia. Podemos não ter uma aparência agradável, mas pelo menos o cheiro do nosso corpo agrada os clientes. Faz parte da ética

profissional de um garçom experiente. E aquele sujeito, a não ser quando pega uma chuva forte, nunca toma banho. O fedor chega a espantar os clientes. Além disso, ele mais de uma vez violou a proibição do nosso patrão: pedir coisas ou dinheiro dos clientes. Se eu fosse patrão, já tinha expulsado um malandro desses a pauladas, mas gente boa que é, nosso patrão deu várias chances na esperança de que ele melhorasse o comportamento. Só que um homem desses não vai mudar, como o cachorro não vai deixar de comer cocô. Nosso patrão deu dinheiro para ele não voltar mais, mas ele sempre volta depois de gastar tudo. Se eu fosse o patrão, chamava a polícia, mas o nosso patrão é um homem gentil e o tolera, ainda que possa prejudicar o negócio.” O garçom gordo baixou a voz: “Mais tarde, ouvi dizer que ele foi colega de turma do patrão. Mesmo assim, ele não precisava ser tão tolerante. Algum tempo depois, alguém finalmente reclamou do cheiro azedo do ‘Dom Quixote’ e das pulgas do cachorro sarnento. Nosso chefe pagou uma pessoa para levá-lo à força a uma casa de banho, onde lavaram minuciosamente o homem e o cachorro. Isso se tornou uma regra, banho forçado uma vez por mês. Mas o sujeito é ingrato. Todas as vezes, ele fica xingando mergulhado na água do banho: ‘Li Mão, seu filho da puta, você está arruinando a dignidade de um cavaleiro!’”.

Professor, naquele dia depois do jantar, Leoazinha e eu passeávamos melancólicos à beira do rio, caminhando em direção ao nosso novo apartamento. O reencontro com Chen Nariz fez surgir em nosso coração todo tipo de sentimento. Como é angustiante olhar para o passado. Em algumas décadas, tudo está completamente transformado, surgiram tantas coisas com as quais nem sequer sonhamos, e outros tantos assuntos seríssimos, de vida ou morte, viraram piada. Não trocamos palavra, mas é muito provável que pensássemos a mesma coisa.

Professor, a segunda vez que o vi foi no hospital da zona de desenvolvimento. Estavam conosco Li Mão e Wang Fígado. Ele tinha sido atropelado por um carro de polícia. Segundo o policial que dirigia, e conforme atestaram testemunhas oculares, a viatura seguia normalmente pela estrada quando, do nada, Nariz se jogou na frente do veículo. Foi simplesmente uma tentativa de suicídio. O cachorro o seguiu e também entrou na frente. O carro bateu em Nariz e ele voou para o arbusto à beira da estrada, o cachorro foi esmagado sob as rodas. Nariz teve fraturas múltiplas nas duas pernas, machucou também o braço e a lombar, mas não correu risco de morte. Já o cachorro ofereceu a própria vida, sacrificou-se pelo seu amo.

Foi Li Mão que nos avisou do acidente de Chen Nariz. Segundo Mão, o policial de fato não teve culpa, mas considerando a condição de Nariz e o fato de ele acionar todos os seus contatos, a polícia concordou em pagar dez mil iuanes de indenização. A quantia obviamente não era suficiente para uma lesão tão grave. Entendi que Li Mão tinha chamado nosso grupo de velhos colegas de turma para visitá-lo no hospital com o propósito fundamental de captar recursos para pagar as despesas médicas de Nariz.

Ele ficou numa enfermaria grande, com vinte leitos, o dele era o número 9, perto da janela. Era início de maio, na frente da janela um pé de magnólia roxa em plena florada exalava um aroma delicioso. Apesar do grande número de leitos, a enfermaria estava bem limpa e arrumada. Ainda que não se compare aos grandes hospitais de Pequim e Shanghai, este já era um enorme progresso em relação ao posto de saúde da comuna, duas décadas atrás. Professor, acompanhei minha mãe quando ela ficou uma semana internada no posto de saúde. Os leitos estavam cheios de piolhos, as paredes tinham manchas de sangue e fileiras de moscas. Ainda tremo só de lembrar. As duas pernas de Nariz estavam engessadas,

o braço direito também, estava deitado de costas, só conseguia mexer o braço esquerdo.

Quando nos viu chegando, ele virou a cara para o outro lado.

Foi Wang Fígado que quebrou o gelo, fazendo graça: "Mas o que aconteceu, Grande Cavaleiro? Foi na luta contra os moinhos? Ou no duelo contra seu rival no amor?"

"Se não quiser continuar vivendo, basta me avisar, para que se jogar na frente de um carro de polícia?", brincou Li Mão.

"Mas que ótimo ator! No papel de cavaleiro, nem fala mais conosco", disse Leoazinha. "É tudo culpa de Mão, que deixou você amalucado."

"Como assim amalucado?", perguntou Li Mão. "Ele é o príncipe da maluquice fingida."

De repente, ele começou a chorar amargamente. A cabeça virada ficou mais baixa, seus ombros se contraíam, a mão esquerda, que ainda conseguia mexer, arranhava a parede.

Uma enfermeira magra e alta entrou com passos rápidos, escaneou cada um de nós com um olhar gelado, deu uns tapinhas na cabeceira de ferro da cama e disse: "Número 9, pare com isso".

Ele parou de chorar imediatamente, desentortou a cabeça e fixou em nós seu olhar turvo.

A enfermeira esguia apontou para o buquê que deixamos na mesa de cabeceira, franziu o nariz com desdém e ordenou: "Segundo as regras deste hospital, não é permitido entrar com flores na enfermaria".

"Mas que regra é essa?", questionou Leoazinha, descontente. "Nem os grandes hospitais de Pequim têm essa regra!"

A enfermeira esguia nem se deu ao trabalho de discutir com Leoazinha e disse para Chen Nariz: "Fale para sua família pagar a conta, hoje é o último dia".

"Mas que tom é esse?", falei, indignado.

A enfermeira franziu os lábios e disse: "É o tom do trabalho".

"Vocês ainda têm algum espírito humanitário?", perguntou Wang Fígado.

"Só estou transmitindo a mensagem", disse a enfermeira. "Vocês, com o espírito humanitário, podem pagar a conta por ele, acredito que o diretor do nosso hospital dará a cada um de vocês uma medalha com os dizeres: EXEMPLO DE HUMANISMO."

Fígado ainda queria discutir, Mão o deteve.

A enfermeira saiu, mal-humorada.

Olhamo-nos, cada qual com seu pensamento. Com a gravidade da lesão de Chen Nariz, as despesas médicas deviam chegar a uma cifra assombrosa.

"Por que me colocaram aqui?", Nariz se queixou. "Mesmo que eu morra, é da conta de vocês? Se não me tivessem colocado neste lugar, eu já estaria morto e não precisaria mais sofrer deitado aqui."

"Não fomos nós que te salvamos", disse Fígado, "foi o policial que te atropelou que chamou a ambulância."

"Se não foram vocês que me trouxeram para cá", disse ele com frieza, "então o que estão fazendo aqui? Vieram ter pena de mim? Vieram prestar solidariedade? Não preciso. Podem sair agora e levem essas flores tóxicas. O cheiro está me dando dor de cabeça. Querem me ajudar com as despesas médicas? Não precisa de jeito nenhum. Sou um cavaleiro digno, amigo próximo do rei e amante da rainha, essa merreca de despesa médica será paga naturalmente pelos cofres do Estado. Mesmo que os reis não paguem minha conta, não preciso de suas esmolas. Minhas filhas são duas fadas lindas, bem afortunadas, se não se tornarem primeiras-damas, podem se casar com a família real. O dinheiro que elas deixam escapar por entre os dedos dá para comprar este hospital!"

Professor, é claro que entendemos o que Chen Nariz queria dizer com esses delírios. Ele com certeza estava se fazendo passar por

maluco, apesar de sua mente estar clara como um espelho d'água. Mas uma vez acostumada a esse fingimento, com o tempo a pessoa pode ficar meio biruta mesmo. Quando viemos visitá-lo no hospital com Li Mão, na verdade estávamos apreensivos. Não há problema algum em levar flores, dizer palavras de consolo ou até doar algumas dezenas de iuanes. Mas nos fazer arcar com as enormes despesas médicas na verdade seria meio... porque, afinal de contas, Chen Nariz é praticamente ninguém para nós e ainda se encontra num estado desses, se estivesse um pouco mais normal... Em suma, professor, embora não nos falte o senso de justiça e a compaixão, no final ainda somos pessoas mundanas e não tão nobres e generosas a ponto de ajudar uma aberração social. Por isso, o disparate de Nariz nos ofereceu uma desculpa. Ficamos olhando para Li Mão, que nos tinha convocado. Ele coçou a cabeça e disse: "Nariz, descanse bem. Já que foi uma viatura da polícia que te atropelou, eles é que devem se responsabilizar por tudo. Se isso não acontecer, vamos tentar achar outro jeito..."

"Saíam daqui!", disse Nariz. "Se meus braços conseguissem levantar a lança, eu bateria nessas suas cabeças ignorantes."

Se não saíssemos agora, teríamos algum outro momento mais oportuno? Quando estávamos prontos para sair abraçados àqueles buquês de flores pulverizadas com aromatizante de qualidade inferior, a enfermeira alta e magra entrou na enfermaria acompanhada de um homem de jaleco branco. A enfermeira apresentou o homem: era o vice-diretor financeiro do hospital. Também nos apresentou ao vice-diretor, dizendo que éramos parentes do leito número 9. Sem rodeios, o vice-diretor mostrou uma conta, segundo a qual a soma das despesas com o salvamento e os cuidados médicos já passava de vinte mil iuanes. Ele salientou, repetidamente, que o preço contabilizava apenas os custos básicos. A cifra seria muito mais alta se o cálculo fosse feito como de praxe.

Enquanto isso, Chen Nariz não parava de gritar, irritado: "Saíam daqui, seus aproveitadores, agiotas, vermes de defunto, não conheço vocês de lugar nenhum". Ele brandia o braço que ainda conseguia mexer, batia na parede, tateou até pegar uma garrafa na mesa de cabeceira e jogou-a no leito da frente, acertou o velho moribundo que tomava soro. "Saíam daqui, minha filha é dona deste hospital, vocês são todos empregados dela. Uma palavra minha pode fazer vocês perderem o emprego..."

No auge da discussão, professor, entrou na enfermaria uma mulher de vestido preto e véu negro. O senhor já deve saber quem era. Sim, era Chen Sobrancelha, a caçula de Nariz que sobreviveu ao incêndio na fábrica de brinquedos com o rosto desfigurado.

Ela entrou como uma aparição, flutuando enfermaria adentro. O vestido e o véu pretos traziam uma sensação de mistério, e também um calafrio sinistro, algo infernal. A bagunça parou de imediato, parecia que tinham desligado a energia de uma máquina ruidosa. Até o ar quente e abafado esfriou. Na árvore de magnólia à frente da janela, um pássaro cantava com ternura.

Não conseguimos ver o rosto dela, nem mesmo um só pedaço de pele do seu corpo. O que podíamos ver era sua alta estatura, os membros longos e delgados, um corpo de modelo. Naturalmente sabíamos que era Sobrancelha. Claro que Leoazinha e eu relembramos aquele bebê de colo de mais de duas décadas atrás. Ela acenou para nós e disse ao vice-diretor do hospital: "Sou a filha dele, vim pagar as suas dívidas!".

Professor, tenho um amigo especialista do Instituto de Queimaduras do Hospital 304 em Pequim, um acadêmico prestigiado. Segundo ele, para um paciente com queimaduras, é mais difícil suportar a dor psicológica do que a dor física. Quando veem no espelho pela primeira vez seu rosto desfigurado, o forte

choque e a enorme angústia são insuportáveis. Essas pessoas precisam de muita coragem para continuar vivendo.

Professor, o homem é um produto das circunstâncias. Em determinados contextos, um covarde pode se tornar valente, um bandido pode fazer boas ações, mesmo o mais pão-duro pode gastar fortunas sem piscar. A presença de Sobrancelha e sua coragem de assumir a responsabilidade nos deixaram envergonhados. Essa vergonha virou um senso de decência. E com o senso de decência, veio um arroubo de generosidade. Primeiro foi Li Mão que falou, e depois nós: "Sobrancelha, querida sobrinha, podemos arcar com a conta de seu pai".

A moça respondeu friamente: "Obrigada pela bondade, mas já estamos devendo muito a outros, não podemos contrair mais dívidas".

Chen Nariz gritou: "Fora daqui, seu demônio de véu preto, como se atreve a fingir que é minha filha? As minhas filhas, uma estuda na Espanha, namora um príncipe e logo vai tratar do casamento; a outra está na Itália, comprou o vinhedo mais antigo da Europa, de onde sai o melhor vinho, encheu um navio de dez mil toneladas que está a caminho da China...".

9.

Professor, é com muita vergonha que digo ao senhor que ainda nem peguei na caneta para escrever o roteiro do teatro que o senhor espera há tanto tempo. Os materiais são tantos que me sinto como um cachorro querendo abocanhar uma montanha, sem saber por onde começar. Enquanto imaginava, muitos acontecimentos da vida real relacionados ao tema vieram, um após o outro, destruir minha ideia inicial com sua riqueza dramática. Além disso, o que me deixou num beco sem saída foi ter me envolvido, involuntariamente, num problema enorme. Não sei como me livrar disso, ou seja, não sei como assumir meu papel nesse acontecimento.

Professor, acho que o senhor deve ter adivinhado que tudo aquilo que contei não era fantasia, era fato consumado. Leoazinha finalmente admitiu que roubou meus girinos e fez Chen Sobrancelha engravidar de meu bebê. Senti o sangue subir à cabeça a ponto de não conseguir controlar minha raiva, e dei-lhe uma violenta bofetada. Reconheço que não é certo bater em mulher, sobretudo um homem como eu, com essa coroa de "dramaturgo" na cabeça, não deveria fazer uma barbaridade dessas. Mas, professor, eu estava fora de mim naquele momento.

Depois de me despedir do Cabecinha Chata, o condutor da jangada, comecei a fazer algumas investigações, mas sempre fui barrado pela segurança nas tentativas de entrar no ranário. Tentei

ligar para Yuan Bochecha e meu primo, mas os dois trocaram o número de celular. Interroguei Leoazinha, ela riu da minha maluquice. Imprimi páginas da internet que relatavam o envolvimento do ranário no comércio de barrigas de aluguel e fui à Comissão Municipal de Planejamento Familiar apresentar uma denúncia. Ficaram com os documentos e nunca mais deram resposta. Fui à delegacia de polícia registrar ocorrência, mas o policial que me atendeu disse que não era da competência deles. Liguei para a ouvidoria da prefeitura, o atendente prometeu levar o assunto ao prefeito... Professor, assim se passaram meses. Quando finalmente consegui arrancar a verdade da boca de Leoazinha, o feto na barriga de Chen Sobrancelha já tinha seis meses. Aos cinquenta e cinco anos, eu, sem saber como, me tornei pai de um bebê. Se a gravidez não for interrompida por meio de medicamentos, um método arriscado e brutal, eu com certeza serei pai outra vez. Quando eu era mais jovem, já sacrifiquei a vida da minha falecida mulher Wang Renmei num aborto forçado, e isso é o que mais me dói, um pecado do qual nunca pude me redimir. Agora, mesmo que eu queira manter o sangue-frio, professor, não adianta mais nada, porque nem consigo entrar naquele ranário. Mesmo que eu conseguisse, não teria como encontrar Chen Sobrancelha. Imagino que esse criadouro de rãs deve ter um complicado sistema de passagens secretas que conduzem a um labirinto subterrâneo. Além do mais, pelo que Leoazinha conta, também pressinto que Yuan Bochecha e meu primo têm um pé na máfia; se ficarem zangados, não vão querer saber de parentes nem nada, serão capazes de qualquer coisa.

Quando Leoazinha levou o tapa, deu alguns passos para trás e sentou-se pesadamente no chão. O nariz começou a sangrar. Passou um tempo até ela fazer algum ruído, mas não era choro, era um riso de desdém. Depois falou: "Muito bem! Corre Corre, seu bandido!"

Como se atreve a me bater, algum cachorro comeu sua consciência? Só fiz isso para seu bem. Você só tem uma filha, nenhum filho. Sem filho homem, seu sangue acaba aqui. E me aflige não poder te dar um filho homem. Para compensar, achei uma barriga de aluguel para você, para você poder ter um filho homem, dar continuidade ao seu sangue, ao seu clã. E em vez de me agradecer, você ainda me bate! Isso me magoa demais...”.

Dizendo isso, ela chorou. As lágrimas escorriam junto com o sangue do nariz. Fiquei com muita pena. Mas bastou lembrar que ela teve a ousadia de esconder de mim um assunto tão grave para meu sangue ferver de novo.

Ela disse, chorando: “Sei que você está com dó de gastar aqueles seiscentos mil iuanes. Não precisa pagar essa conta, vou pagar com a minha aposentadoria. Quando o bebê nascer, você também não precisa criar, vou tomar conta dele. Enfim, não vai ter nada a ver com você. Li no jornal que pagam cem iuanes para cada doação de esperma. Vou te pagar trezentos, como se você tivesse doado esperma uma vez. Pode voltar para Pequim, e fica a seu critério se divorciar ou não, de qualquer jeito essa criança não vai ter nada a ver com você”. Ela passou a mão no rosto e falou como uma guerreira heroica: “Mas se você quiser destruir esse bebê, vou morrer na sua frente”.

Professor, pelas cartas que lhe escrevi, o senhor já deve saber como Leoazinha é geniosa. Depois de batalhar ao lado de minha tia por todo canto, lidar com todo tipo de gente, ela forjou uma personalidade que une heroísmo e malandragem. Essa mulher, quando provocada, é capaz de fazer qualquer coisa. Só me restava confortá-la, usar a razão para explicar, a emoção para comover, tentando achar a maneira mais adequada de resolver esse imbróglio.

Embora a lembrança do aborto me dê calafrios e uma sensação nefasta, ainda tenho a esperança de que essa seja a solução para

meu problema. No fundo, o motivo pelo qual Chen Sobrancelha concordou em ser barriga de aluguel, pensei, era financeiro; então, usar o dinheiro para resolver o problema veio como uma solução lógica. A questão essencial era como encontrar Sobrancelha.

Depois daquela vez na enfermaria de Chen Nariz, nunca mais vi a moça. Ela usava um vestido preto, cobria o rosto com um véu preto, seu paradeiro era misterioso, tudo isso me fazia sentir que existia, no Nordeste de Gaomi, um mundo paralelo onde eu jamais havia posto os pés. Nesse mundo viviam cavaleiros, médiuns e gente que cobria o rosto. Lembrei-me que, pouco tempo antes, dei a Li Mão cinco mil iuanes para as despesas médicas de Chen Nariz, e pedi que ele entregasse a Sobrancelha. Dias depois, Mão devolveu o dinheiro e disse que Sobrancelha não quis aceitar. Talvez Sobrancelha estivesse trabalhando como barriga de aluguel justamente para pagar a conta hospitalar do pai. Quando pensei nisso, fiquei ainda mais perturbado. Isso é simplesmente... maldita Leoazinha... melhor eu procurar Li Mão. Dos meus colegas de turma, ele é o único que ainda pode ser considerado normal da cabeça.

Ontem de manhã, naquele canto do restaurante Dom Quixote, sentei com Li Mão frente a frente. Na praça a multidão era um formigueiro e estavam encenando o número do *qilin* que entrega bebês. O pseudo-Sancho deixou dois chopes na mesa e saiu discretamente para nos deixar a sós. Mão tinha um sorriso bastante ambíguo, parecia prever meu segredo. Quando eu, muito hesitante, contei tudo a ele, Mão começou a rir, insensível.

“Você está rindo da desgraça alheia”, reclamei.

Ele levantou seu copo e bateu no meu, tomou um gole generoso e disse: “Que mal há nisso? É uma grande alegria! Parabéns, meu irmão! Ter filho na sua idade é motivo de festa!”.

“Pare de gozação”, continuei, preocupado, “posso estar aposentado, mas continuo tendo uma ligação com minha função

pública. Como vou justificar para meus superiores o nascimento desse bebê?”

“Essa conversa de superior, unidade de trabalho, meu irmão, tudo isso é corda que você mesmo põe em seu pescoço”, disse Li Mão, “o fato que temos diante de nós é uma nova vida, concebida pela combinação de seu esperma com um óvulo, que está prestes a nascer. Não existe alegria maior do que ver o nascimento de uma vida carregando seus próprios genes. Esse nascimento é a continuação de sua vida.”

“Mas o problema essencial”, interrompi, “é que depois que esse bebê nascer, onde é que vou poder fazer o registro?”

“Esse detalhe é tão complicado para você? Os tempos são outros, hoje em dia, com dinheiro, praticamente não há coisa que não se consiga fazer. Além do mais, mesmo sem esse registro, ele já existe neste planeta como ser humano, algum dia vai desfrutar de todos os direitos de um cidadão.”

“Já chega, irmãozinho, vim até aqui para achar uma solução, mas você só fica com essa conversa mole. Nessa minha volta à aldeia, percebi que todos vocês, não importa o grau de escolaridade, falam de um jeito teatral! Com quem aprenderam isso?”

Ele riu: “Mas assim é uma sociedade civilizada! Numa sociedade civilizada, todo mundo é ator, de teatro, filme, telenovela, ópera, diálogo cômico, esquete, cada um está no seu papel, a sociedade não é um grande palco?”.

“Pare com essa conversa fiada”, eu disse, “pense logo numa solução. Não me diga que quer me ver chamando Chen Nariz de sogro!”

“Qual é o problema de chamar Nariz de sogro? O sol vai se apagar? O mundo vai parar de girar? Vou te dizer uma verdade: não pense que todas as pessoas do mundo estão interessadas na sua vida. Você acredita que está todo mundo de olho em você, não é?”

Mas na verdade cada um tem suas preocupações, ninguém quer saber desse seu problema. Se você vai ter um filho com a filha de Chen Nariz ou ter uma filha com outra mulher, é tudo problema seu. Mesmo que alguns intrometidos venham a comentar, é tudo passageiro, é névoa, sopra um vento e acabou. O mais importante é o bebê ser sangue do seu sangue, seu nascimento já é um grande lucro.”

“Mas eu e Nariz... isso parece até incestuoso!”, comentei.

“Bobagem! Você não tem nenhum laço de sangue com Sobrancelha, que incesto é esse? Quanto à idade, isso importa menos ainda. Quando um velho de oitenta anos se casa com uma moça de dezoito não é uma notícia boa, daquelas que todo mundo sai espalhando? E você nem mesmo viu o corpo de Sobrancelha, ela é como uma ferramenta, você alugou e usou, ponto final. Enfim, meu irmão”, ele disse, “pare de pensar demais e achar mais perturbações. Cuide de sua saúde e se prepare para criar seu filho.”

“Pare com esse papo furado”, eu disse apontando para meus lábios cheios de bolhas, “a ansiedade está me consumindo! Como velho colega de escola, peço que você dê um recado a Sobrancelha: diga a ela para interromper imediatamente a gravidez. Vou pagar a taxa de aluguel conforme combinado e mais dez mil iuanes para compensar os danos físicos eventualmente causados pelo aborto. Se ela achar pouco, posso pagar mais dez mil.”

“Para que isso? Já que você está disposto a gastar dinheiro, espere até ela ter seu filho e gaste seu dinheiro para abrir os canais do registro oficial do bebê e ser um pai de pleno direito.”

“Mas não posso explicar isso a meus superiores.”

“Mas você se acha muito importante mesmo, não é?”, ironizou Li Mão. “Acredita que seus superiores têm tempo para se importar com sua vida. Quem você acha que é? Você só escreveu algumas porcarias de teatro que ninguém assistiu. Acredita que isso faz de

“você um membro da casa imperial? O nascimento de seu filho será comemorado pelo país inteiro?”

Nisso, entraram uns mochileiros curiosos para olhar o restaurante, o pseudo-Sancho foi rolando como uma bola para recebê-los com um sorriso. Baixei minha voz e disse: “Só te peço que me ajude desta única vez em toda a minha vida”.

Ele cruzou os braços e balançou a cabeça com aquela expressão de “sinto muito”.

“Seu desgraçado, quer ficar assistindo enquanto eu pulo nesse abismo de fogo?”

“Você está me pedindo para te ajudar num assassinato.” Ele também baixou a voz: “Um feto de seis meses já consegue chamar pelo papai lá dentro da barriga!”.

“Vai me ajudar ou não?”

“Acha que consigo encontrar Sobrancelha?”

“Em todo caso, você consegue encontrar Nariz. Dê a ele meu recado, deixe que ele fale com a filha.”

“É fácil falar com Nariz”, disse Li Mão, “ele pede esmola todos os dias na frente do templo. No fim da tarde, vem beber aqui com o dinheiro que conseguiu durante o dia e leva um pão grátis. Pode ficar sentado aqui até ele aparecer ou ir procurá-lo ali na frente. Mas espero que não fale nada, mesmo que falasse, só iria gastar saliva. Se você ainda tiver alguma compaixão, não vai torturá-lo com essas coisas. Em todos esses anos, aprendi que a melhor forma de resolver problemas espinhosos é esperar para ver como as coisas se desdobram e levar o barco conforme a corrente.”

“Bem”, eu disse, “então vou levar o barco conforme a corrente.”

“Meu irmão, quando o bebê completar um mês, vou dar um banquete para comemorar.”

10.

Já fora do restaurante, me senti realmente mais relaxado. Na verdade não era nada demais, era só um bebê que ia nascer! O sol continuava a brilhar, os pássaros continuavam a cantar, as flores continuavam a abrir, a grama continuava verde e a brisa continuava a soprar de leve. Na praça, o séquito da Trazedora de Bebês se posicionava como duas asas ao som ruidoso da banda, mulheres ansiosas por um filho se acotovelavam na esperança de tomar aquele boneco precioso da mão da deusa. As pessoas com o mais vivo ardor glorificavam a procriação, ansiavam pela procriação, celebravam a procriação, e eu ali sofrendo, aflito, angustiado porque alguém esperava um filho meu. Tudo isso só tinha uma explicação: quem tinha um problema não era a sociedade, era eu.

Professor, encontrei Chen Nariz e seu novo cachorro atrás de uma grossa coluna à direita da entrada do templo. Era um cão de raça estrangeira, coberto de pintinhas pretas, obviamente mais nobre que o vira-lata que morreu atropelado. Como foi que um nobre cão estrangeiro se tornou parceiro de um vagabundo? Parecia ser mistério, mas, pensando bem, não era nada de estranhar. Os lugares de desenvolvimento econômico recente, como o Nordeste de Gaomi, sempre misturam estrangeiro e nativo, ouro e areia, belo e feio, certo e errado. Muitos novos-ricos que gostam de se manter na moda, tendo dinheiro, comprariam até um tigre para criar como

animal de estimação em casa. Quando falidos, venderiam a esposa para pagar as dívidas. Muitos cachorros abandonados na rua eram, até bem pouco tempo, raças famosas e de preço altíssimo, criadas por famílias ricas. Como no início do século passado, quando eclodiu a Revolução Russa, muitas mulheres da nobreza se exilaram em Harbin, no extremo nordeste da China, e tiveram de rever seus valores para ganhar o pão, ou viraram prostitutas, ou se casaram com gente simples da classe baixa e geraram descendência mestiça naquela cidade. Quem sabe o nariz grande e os olhos fundos de Chen Nariz tivessem algo a ver com essa história. A combinação entre o dálmata sem dono e Chen Nariz era algo parecido com isso. Com a cabeça tomada por esses pensamentos aleatórios, fiquei observando-os a uma distância de mais de dez metros. As muletas estavam de um lado e, na sua frente, se estendia um pano vermelho, pelo jeito com dizeres pedindo esmola para um deficiente físico. Sempre havia mulheres cobertas de joias que se inclinavam e deixavam uma nota ou algumas moedas na tigela de ferro diante dele. A cada esmola, o dálmata levantava a cabeça e dava três latidos carinhosos. Sempre três latidos, nada mais nada menos. Às vezes a doadora ficava comovida e podia até desembolsar outra quantia. Na verdade eu não tinha mais a intenção de comprá-lo com uma fortuna para que ele convencesse Chen Sobrancelha a fazer o aborto. Caminhei em sua direção conduzido apenas pela curiosidade. Fiquei com vontade de saber o que estava escrito naquele pano vermelho — mania de literato.

Estava escrito o seguinte:

“Sou o Imortal Muleta de Ferro, desci do céu ao mundo dos mortais trazendo o Cão de Jade. A Trazedora de Bebês é minha tia, mandou-me aqui pedir esmola. Quem me der uma pequena contribuição terá um filho promissor, desfilará a cavalo pelas ruas como um campeão imperial...”

Deduzi que o texto devia ser de Wang Fígado e a caligrafia, de Li Mão. Os dois, cada qual à sua maneira, tentavam ajudar esse colega de turma em dificuldade. Ele arregaçou as barras da calça folgada e deixou à mostra duas pernas parecidas com berinjelas podres. De repente me lembrei de uma história que minha mãe havia me contado:

Certo dia, depois que o Muleta de Ferro virou Imortal, ele ficou sem lenha para cozinhar em casa. A mulher perguntou: "O que vamos queimar?". "Queime minha perna", respondeu o marido. Ele enfiou uma perna no fogão e acendeu o fogo, as chamas ardiavam, o vapor subia da panela, a comida estava quase pronta. A cunhada chegou, viu a cena e gritou: "Cuidado para não machucar sua perna!". Foi aí que ele queimou a perna e ficou manco.

Depois de terminar a história, minha mãe nos lembrava: "Diante de um milagre, é preciso manter silêncio, jamais mostrem surpresa".

Ele vestia um grosso casaco vermelho-tijolo, enebado e lustroso como uma armadura. Era o quarto mês do calendário lunar, a brisa trazia um calor ameno. No campo ao longe, os pés de trigo enchiam seus grãos. Numa lagoa distante ou num ranário próximo, os bichos buscavam parceiros emitindo sonoros coaxos. Moças jovens já vestiam finas saias de seda para mostrar suas curvas, e o nosso amigo ainda estava com aquele traje. Eu sentia calor só de olhar para ele, mas ele se encurvava trêmulo. Seu rosto estava bem bronzeado, a careca brilhava como se tivesse sido polida. Eu não entendia por que ele tinha de usar aquela máscara encardida, seria para esconder seu nariz saliente? Seu olhar, vindo das profundezas de seus olhos, encontrou o meu, que, tímido, se desviou depressa para o cachorro. O cachorro me olhava também, com o mesmo olhar frio e vago. Faltava um pedaço da sua pata dianteira esquerda, parecia ter sido cortada com algo bem afiado. Nesse ponto entendi que o cachorro e o homem estavam realmente com a mesma dor.

Nesse ponto, percebi também que, na frente dele, não adiantava falar nada, a única coisa que podia fazer era deixar o dinheiro e sair de perto rapidamente. Eu tinha no bolso apenas uma nota de cem, era para pagar meu almoço e jantar, ainda assim deixei o dinheiro na tigela de ferro sem pensar duas vezes. Ele não mostrou nenhuma reação, mas o cachorro latiu três vezes para não perder o costume.

Afastei-me deles com um suspiro. A uns dez passos, não me contive e olhei para trás. Meu subconsciente ia pensando: "O que ele vai fazer com uma nota tão graúda?". Naquela tigela só havia notas de um iuane e moedas, todas sujas e gastas. A nota rosada de valor alto chamava muita atenção. Acho que ninguém daria uma esmola tão generosa. Não acredito que ele ficaria indiferente diante de uma nota de cem nova em folha. Professor, acho que usei padrões mesquinhos para medir um grande homem, quando olhei para trás, vi uma cena que me causou revolta: um menino roliço, de uns dez anos, lançou-se de trás de uma coluna, curvou-se sobre a tigela de ferro, pegou a nota de cem e saiu correndo. O movimento foi tão rápido que, quando me dei conta, ele já estava a mais de dez metros, entrando num beco ao lado do templo em direção à Maternidade Jiabao. O menino vesgo tinha uma cara familiar, eu tinha certeza de tê-lo visto antes em algum lugar. Sim, de fato eu o tinha visto, me lembrei. Era o mesmo que, certa vez, fez minha tia desmaiar de susto dando a ela uma rã magricela e preta embrulhada num papel. Foi no dia da inauguração da Maternidade Jiabao, no primeiro ano depois de nossa volta.

Diante desse acontecimento súbito, Chen Nariz não esboçou nenhuma reação. O dálmata rosnou para o vulto do menino, olhou para o dono e ficou calado, pousou a cabeça sobre as patas dianteiras. Tudo voltou à tranquilidade.

Fiquei incomodado, por Chen Nariz e seu cachorro, mas também por mim. Porque o dinheiro era meu. Queria compartilhar minha

indignação com as pessoas ao meu redor, mas andava cada qual ocupado com a própria vida e o acontecimento passou como relâmpago, sem rastros. Eu não deixaria em paz esse moleque que manchou a imagem de simplicidade e humildade do povo do Nordeste de Gaomi. Quem produziu esse descendente do mal que perturbava uma mulher, roubava deficientes físicos e só fazia coisas indecentes? A julgar por sua agilidade, eu sabia que não era a primeira vez que roubava dinheiro da tigela de Nariz. Apertei o passo e fui atrás do menino. Ele estava bem na minha frente, a uns cinquenta metros, e já tinha parado de correr. Pulou para pegar um galho de salgueiro cheio de tenras folhas verde-amareladas, brandiu-o como um chicote. Nem sequer olhou para trás, na certeza de que o homem manco e seu cachorro coxo não viriam atrás dele. Seu moleque, espere só, vou te apanhar.

Ele virou e entrou na feira livre instalada ao longo do rio. A feira era coberta com chapas de plástico verde, a luz lá dentro era verde. As pessoas em movimento naquele espaço pareciam peixes nadando na água.

Havia uma grande fartura de mercadorias, as barracas enfileiradas formavam corredores tortuosos. As bancas de legumes e frutas exibiam produtos exóticos cujo nome nem eu, de origem camponesa, sabia dizer, de todas as cores e formas. Eu só podia suspirar lembrando a carência material de três décadas atrás. O menino conhecia muito bem o caminho e foi direto à seção de pescados. Acelerei para poder acompanhá-lo e, ao mesmo tempo, chamavam minha atenção os peixes, tartarugas, camarões e caranguejos expostos nas barracas dos dois lados. Os salmões prateados que lembravam leitões eram importados da Rússia. Os caranguejos peludos com as patas esticadas como se fossem aranhas gigantes vinham de Hokkaido, no Japão. Havia também lagostas da América do Sul, abalones da Austrália. Evidentemente a

grande maioria eram peixes mais comuns como carpas, xaputas, dourados e tilápias. Salmões já cortados exibiam sua carne alaranjada em contraste com a brancura do gelo. Um cheiro bom vinha das barracas onde assavam filés de peixe. O menino parou na frente de uma banca de lula grelhada, sacou aquela minha nota, comprou um espetinho e recebeu de troco um maço de notas. Levantou a cabeça, querendo enfiar na boca o espeto de metal com pedaços de lula, sua pose parecia a de um engolidor de espadas na praça do templo. No momento em que habilmente engolia um pedaço de lula, com aqueles tentáculos finos pingando um líquido vermelho-escuro, pulei para perto dele, agarrei seu pescoço por trás e gritei:

“Aonde vai, seu ladrão?”

O moleque se abaixou e livrou seu pescoço da minha mão. Peguei-o pelo pulso e ele esgrimiu contra mim o espeto de lula gotejante. Tirei a mão depressa, ele escapuliu como um peixe-cobra. Dei um passo à frente e agarrei-o pelo ombro. Ele tentou se livrar de mim com um movimento brusco, sua camiseta puída rasgou e cedeu, mostrando o corpo lustroso como uma cavalinha preta. Ele abriu o berreiro, mas não derramava lágrimas, só uivava feito um lobo. Enquanto isso, tentava cravar o espeto em minha barriga. Tentei me esquivar, não deu tempo, levei uma espetada no braço esquerdo. De início não doía, só senti uma ardência. Depois veio uma dor danada e saiu um sangue escuro. Apertei a ferida com a mão direita e gritei:

“Ele é um ladrão! Roubou dinheiro de uma pessoa com deficiência!”

Grunhindo como um porco alucinado, o ladrãozinho investiu em minha direção com força total, com um olhar assustador. Professor, naquele instante fiquei aterrorizado e dei uns passos para trás, me esquivava, gritava. Ele tentava me apunhalar, chorava, berrava:

“Vai pagar pela minha roupa! Vai pagar!”

Ele ainda misturava uma saraivada de palavrões que sou incapaz de reproduzir aqui, professor, senti tanta vergonha de minha terra ter produzido um descendente desses. Na confusão, peguei de uma barraca de peixe uma tabuleta de madeira daquelas que dizem a origem e o preço do pescado e usei como escudo para me proteger dos ataques. Cada investida era mais feroz que a outra, ele queria mesmo me matar. Acertou a tábua várias vezes, feriu minha mão direita, que não consegui desviar e ficou empapada de sangue. Professor, minha cabeça estava tão confusa que nenhuma ideia me ocorreu, a única coisa que fiz foi, por instinto de sobrevivência, recuar, me afastar aos tropeços. Várias vezes meu calcanhar batia num cesto de peixe ou numa tábua, quase caí de costas. Se eu tivesse caído, professor, não teria como escrever para o senhor. Se eu tivesse caído, ou teria sido morto ali mesmo pela selvageria daquele menino transformado em bicho, ou ficaria gravemente ferido e teria ido parar no hospital. Professor, tenho de admitir que, naquele momento, eu estava tomado pelo medo, e minha natureza covarde, frouxa, se expunha sem reservas. Em pânico, eu olhava de um lado e de outro na esperança de que algum vendedor me estendesse a mão solidária para me salvar do perigo. Mas eles ou assistiam de braços cruzados, ou me ignoravam, indiferentes, alguns até aplaudiam, na torcida. Professor, sou mesmo um inútil, um covarde, sem um pingote de brio. Como eu podia recuar diante de um moleque de dez anos? Ouvi uma súplica lamuriosa saindo da minha boca, intermitente, como o ganido de um cachorro que apanha:

“Socorro... Socorro...”

O menino já tinha parado com o berreiro fazia tempo — na verdade, ele não chorou em momento algum —, seus olhos estavam redondos de tão arregalados, nem dava para ver o branco dos olhos, pareciam um par de girinos gordos. Mordia o lábio inferior, me

espreitava, parou por um instante e deu um bote. “Socorro...”, gritei, erguendo a tábua... O espeto acertou minha mão outra vez, o sangue escorria... Ele deu mais um bote... Assim, ele foi me atacando repetidas vezes, assim eu fui recuando covarde enquanto gritava por socorro, até chegar aos raios de sol...

Larguei a placa e saí correndo, gritando por socorro. Professor, sinto vergonha de lhe contar esse vexame, mas exceto o senhor, não tenho mais ninguém com quem desabafar. Eu corria, o pânico era tanto que nem sabia para onde estava indo, ouvia uma gritaria ensurdecadora à minha volta. Cheguei à rua de petiscos. Havia um carro cor de prata estacionado em frente a um daqueles restaurantezinhos. Vi o letreiro preto pendurado sobre a porta com uma expressão em vermelho que não fazia sentido para mim: FAISOA. Duas mulheres estavam sentadas na entrada, uma alta e forte, outra baixinha e delicada. As duas se levantaram de repente. Eu me lancei a elas como se encontrasse um salvador — tropecei e caí no chão. Feri os lábios e o sangue escorreu por entre os dentes. Não tinha visto a corrente pendurada em dois pinos de ferro. Um deles tombou. As duas mulheres se aproximaram, torceram meus braços e me levantaram. Senti meu rosto se cobrir de tapas e cuspe. Não veio o menino que me perseguia, isso foi um alívio. Mas, professor, por azar eu não conseguia me livrar daquelas duas mulheres do restaurante Faisoa. Elas insistiam que eu tinha derrubado o pino que sustentava a corrente, e esse pino atingiu o carro delas e danificou o veículo. Professor, na traseira do carro de fato havia uma manchinha branca do tamanho da ponta de uma agulha, mas com certeza não foi produzida pela queda do pino. Elas não queriam me soltar, me xingaram de tudo, chamaram a atenção de muitas pessoas em volta. A baixinha era a mais feroz, suas feições lembravam as do menino que me perseguia. Ela apontava o dedo contra mim, parecia querer furar meus olhos. Cada desculpa

que eu queria dar era soterrada em dezenas de maldições. Professor, naquele momento fiquei agachado no chão com a cabeça entre os braços, sentia um desespero sem precedentes. Leoazinha e eu optamos por voltar a morar em nossa terra por causa de um incidente semelhante que aconteceu conosco na rua Huguosi, em Pequim. Foi num restaurante chamado Perdiz, que ficava em frente ao Teatro do Povo. Tínhamos ido olhar os cartazes do teatro e eu também derrubei um pino pintado de vermelho e branco com uma corrente pendurada. O pino nitidamente caiu bem longe do carro branco, mas a moça que estava na frente do restaurante, de cabelos dourados, carinha firme e lábios finos como lâminas foi verificar o carro e descobriu uma mancha branca do tamanho da ponta de uma agulha na traseira do carro. Insistiu que tinha sido deixada pelo pino que derrubamos. Ela gesticulava e esbravejava no baixo calção dos becos de Pequim. Falou que havia crescido ali, que tinha visto todo tipo de gente! “Por que vocês caipiras não ficam em sua terra, vêm fazer o que na capital? É para dar vergonha ao povo chinês?”. A gorda, com um cheiro forte de pomada de hemorroidas, avançou com tudo e me deu uma pancada que me quebrou o nariz. À nossa volta, homens carecas e velhos de barriga para fora da camisa também entraram na conversa, ostentavam sua identidade de pequineses, nos forçavam a pedir desculpas e pagar uma indenização. Acovardado, dei o dinheiro e pedi desculpas. Quando chegamos em casa, choramos abraçados e tomamos a decisão de voltar a morar no Nordeste de Gaomi. Achávamos que na nossa terra ninguém iria mexer conosco. Jamais imaginei que a ferocidade dessas duas mulheres em nada ficaria a dever à daquelas da rua Huguosi. Realmente não consigo entender como pode haver gente tão terrível.

Professor, um perigo maior se aproximava: avistei o menino vindo em minha direção, bravo como uma onça. Tinha comido todos os

pedaços de lula do espeto, que agora estava mais afiado. De repente percebi que era filho da baixinha, e a gorda devia ser tia dele. O instinto de sobrevivência me fez reunir forças para ficar de pé, queria correr, o que aliás era minha especialidade, com os anos de vida mansa eu esquecera esse meu dom. Agora, diante de uma situação de vida ou morte, a habilidade voltou num instante. As duas mulheres ainda queriam me segurar, o menino começou a me provocar verbalmente, enquanto eu uivava como um cachorro acuado. Eu tinha o corpo coberto de sangue, o rosto contorcido de dor, até acho que meti um pouco de medo nelas, porque no instante em que uivei percebi em seus rostos uma expressão petrificada, mulheres com essa expressão no rosto sempre me despertam profunda simpatia. Aproveitando aquele momento de hesitação, me enfiei no vão entre dois carros. Corra, Wan Perna, Wan Corre Corre, aos cinquenta e cinco anos de idade, Wan Corre Corre recuperou seu dom de velocista. Corri feito um louco pela ruazinha que cheirava a frango frito, fedentina de peixe, espetinho de cordeiro e sei lá mais o quê. Senti minhas pernas leves como capim, o chão parecia elástico, e eu ganhava mais impulso a cada pisada. Eu era um cervo, um antílope, um super-homem na superfície da lua, ligeiro como uma andorinha. Senti que eu era um cavalo, um puro-sangue valioso, daqueles capazes de prender sob o casco uma andorinha em voo, um corcel alado, livre de qualquer limitação...

A sensação de corcel alado, contudo, não passou de breve ilusão. O fato era que eu ofegava, a garganta ardia em chamas, o coração batia como um tambor, o peito se expandia, a cabeça pesava, a vista escurecia, era como se as veias fossem estourar a qualquer momento. O instinto de sobrevivência tomou conta do meu corpo exaurido, eu estava lutando com a morte, e não é só maneira de falar. Ouvi à minha volta uma gritaria estrondosa de gente ameaçando me bater. Primeiro apareceu um jovem barbudo num

paletó preto, de olhos verdes que pareciam vaga-lumes cruzando as trilhas da montanha no meio da noite. No instante em que seus dedos pálidos estavam prestes a me agarrar, abri a boca e ejeteci um jato de sangue escuro que fez seu rosto pálido mudar de cor na hora. Eu o ouvi soltar um ganido, depois se agachou cobrindo o rosto. Professor, fiquei com muita pena, eu sabia que a sua tentativa de me deter era motivada por um senso de justiça, sinal de que ele era um homem de caráter. O sangue que cuspi, como uma sépia fugitiva que ejeta suas vísceras, sujou seu rosto e feriu seus olhos, senti um sincero remorso. Se eu fosse um homem digno, deveria parar, me desculpar e lhe pedir perdão, mesmo que tivesse a ponta de uma faca nas minhas costas. Mas não, professor, não fiz jus a seus ensinamentos. Depois, outros honrados cavalheiros parados ao longo da rua torciam para que eu fosse apanhado, mas não se mexiam; decerto minha técnica de cuspir sangue os desencorajava; jogavam em mim garrafas meio cheias de Coca-Cola, fui deixando para trás aquele líquido marrom e sua espuma dourada, símbolo da cultura americana...

Professor, tudo acaba, por melhor ou pior que seja, tudo um dia acaba. O episódio de perseguição e fuga em que o certo e o errado se embaralhavam afinal terminou quando consumi o último sopro de minhas forças e desabei em frente à Maternidade Jiabao. Naquele exato momento, um sedã BMW, ofuscante como uma safira, deixava as densas folhagens e o onipresente aroma de flores do pátio do hospital. Minha queda deve ter causado uma impressão extremamente desagradável a quem estava no carro: coberto de sangue, eu parecia um cachorro morto caído do céu. Primeiro levaram um susto e logo devem ter achado que era um mau presságio. Sei que, quanto mais rico, mais supersticioso. O grau de riqueza é proporcional ao grau de credulidade. Sei que os ricos acreditam mais no destino que os pobres, e valorizam mais a vida

que os pobres. Isso é normal. Os pobres estão resignados com sua pobreza, mas os ricos seguram sua riqueza com ambas as mãos, como quem carrega a porcelana mais fina. Quando surgiu do nada caído diante do carro deles, a BMW, como um cavalo novo, ergueu as patas dianteiras, arregalou os olhos e soltou um relincho assustado. Mil perdões, desculpe, desculpe mesmo. Eu me contorcía, tentava rastejar para ceder passagem à BMW. Mas meu corpo, como um inseto com a cauda presa por tachinhas, não conseguia sair do lugar. Lembrei-me de uma brincadeira maldosa que fazia na minha infância, ou até mesmo depois de adulto: pegava uma lagarta daquelas verdes e prendia sua cauda no chão ou na parede com tachinhas ou espinhos. Ficava olhando o bicho se debater, assistindo ao combate entre a vontade de fugir e o corpo que não obedecia ao comando. Eu não tinha um pingo de piedade, até sentia algum prazer. Comparado a um inseto desses, sou poderoso, tão poderoso que ele não tem como perceber minha forma. Para ele, sou a força misteriosa que cria todos os desastres. O inseto nem mesmo sente a minha mão maligna, somente a tachinha ou o espinho. Agora consigo experimentar na pele a angústia que causei a essas pequenas criaturas. Insetos, me desculpem, mil desculpas, *I am sorry!*

Vi um homem batendo no volante do carro, a buzina tocou, era um som macio. Sinal de que o motorista era um homem bem-educado e paciente, não um novo-rico qualquer. Um novo-rico qualquer faria a buzina soar como um alarme antiaéreo. Um novo-rico qualquer poria a cabeça para fora da janela e encheria a boca de palavrões contra mim. Por causa desse bom homem, eu queria rastejar o mais rápido possível, deixar a passagem livre, mas meu corpo não obedecia ao comando.

O homem acabou perdendo a paciência e desceu do carro, vestia uma jaqueta esporte cor de damasco, com um xadrez laranja no

colarinho e nos punhos. Lembro vagamente que, quando ainda trabalhava em Pequim, alguém muito familiarizado com todas as grifes do mundo me disse o nome dessa marca em chinês, mas já esqueci. Nunca sou capaz de lembrar nomes de grifes, na verdade é uma resistência psicológica, é o reflexo distorcido do ódio e do ciúme da classe baixa em relação à classe alta. Tal como eu menosprezo o pão ocidental diante do pão de vapor, o queijo diante da pasta de soja. O homem desceu do carro mas não me xingou, nem me chutou, só ordenou ansioso ao segurança na entrada do hospital: "Tirem logo esse cara da minha frente".

Dada a ordem, ele de repente apertou os olhos e ergueu a cabeça em busca de um estímulo da luz do sol, então deu um sonoro espirro. Todos os acontecimentos do passado brotaram na minha mente. Mais uma vez foi pelo espirro que reconheci o homem: Xiao Lábio Inferior, Xiao Verão-Primavera, meu colega de escola que já foi alto funcionário e agora está rico. Dizem que foi na febre do "carvão" que ele se tornou empresário e ganhou seu primeiro balde de ouro, desde então, aproveitando a rede de contatos cultivada na carreira pública, atirou para todos os lados e ganhou mais do que sonhava, ficou bilionário. Li uma entrevista na qual ele mencionou o fato de comer carvão na infância. Na verdade me lembro muito bem que ele não comeu; ele olhava para nós comendo o carvão enquanto estudava o mineral em sua mão. Professor, veja só, mesmo nessa situação tão deplorável eu ainda me preocupava com esses detalhes, não tenho mais jeito mesmo.

Um segurança sozinho não conseguiu me arrastar, dois seguranças, cada qual me pegando por um braço, me levaram de uma maneira que ainda se pode dizer amigável, até embaixo do outdoor gigante a leste do portão do hospital. Eles me aprumaram e me sentaram encostado à parede. Vi meu colega Xiao se enfiar no carro. Vi o carro passar cuidadosamente pelo quebra-molas na

entrada do hospital, fazer a curva e sumir. Vi, ou melhor, imaginei que no banco de trás do carro estava Jovem Bi, com seu rosto delicado e seus cabelos pretos caídos sobre os ombros. Carregava no colo um bebê rosado.

As pessoas que me perseguiam se juntaram. As duas mulheres, o menino, o jovem em cujo rosto cuspi sangue e o homem que me atirou uma garrafa de Coca-Cola esticavam o pescoço para me espiar. Na minha frente, as dezenas de rostos formavam uma imagem ambígua. O menino ainda queria me atacar com o espeto de ferro, mas foi impedido pela mulher que parecia mais jovem. Um homem com cara de professor universitário estendeu dois dedos finos e compridos embaixo do meu nariz, eu sabia que ele queria ver se eu ainda respirava. Prendi a respiração, era uma forma de me proteger. Quando criança, ouvi um tio que tinha trabalhado na Manchúria dizer que, se a gente encontrar um tigre ou um urso na floresta, a melhor coisa a fazer é deitar no chão, prender a respiração e se fingir de morto; todo animal feroz tem um quê de herói, o herói não bate em quem se rende, a fera não come o que já está morto. O truque mostrou-se bastante eficaz, o professor levou um susto e saiu de perto de mim sem dizer nada. Seu ato era o mesmo que declarar aos que o cercavam: o homem está morto! Para eles eu era um ladrão que tinha roubado os pertences de alguém, ainda assim a legislação do nosso país não confere aos cidadãos de bem o direito de executar a pancadas um ladrão no meio da rua. Amedrontados, dispersaram-se às pressas para não se meter em encrenca. As duas mulheres também fugiram, arrastando o menino consigo. Soltei um longo suspiro e experimentei a dignidade e a honradez dos mortos.

Certamente foram os dois seguranças que chamaram a polícia porque, quando a viatura chegou de sirene ligada, só os dois foram receber e contar o que tinha acontecido. Três agentes vieram até

mim para perguntar sobre a ocorrência. Tinham rostos bem jovens. Os dentes amarelados mostravam que eram naturais daqui. Senti vontade de chorar e as lágrimas escorreram. Daí comecei a contar, chorando como uma criança que encontra os pais depois de sofrer *bullying*. Dos três policiais, só aquele com uma verruga no meio das sobrancelhas me ouviu com atenção, os outros dois ficaram de olhos grudados no outdoor. Depois da minha narrativa, o da verruga entre as sobrancelhas perguntou: "Como podemos comprovar que tudo o que disse é verdade?". "Podem perguntar a Chen Nariz", respondi. De olho no outdoor, outro policial, o mais alto, falou: "Como está se sentindo? Quer que a gente leve você ao hospital?". Já conseguia mexer as pernas, olhei para os ferimentos nos braços e nas mãos, tinham parado de sangrar. O da verruga disse: "Se não for incômodo, pode vir conosco à delegacia para registrar a ocorrência; se preferir, pode voltar a casa primeiro para se cuidar". "Então não há mais justiça neste mundo?", perguntei. "Senhor, existe justiça, com certeza, mas tem que ter prova e testemunha. Pode fazer Chen Nariz e o vendedor de peixe testemunharem? Pode garantir que as duas mulheres e o menino não vão dizer que foi você que começou? O menino é neto de Zhang Punho, o bandido da aldeia Dongfeng, vem de berço ruim, mas é apenas uma criança, o que se pode fazer contra ele?" "Tudo bem", eu disse, "vou deixar passar. Azar o meu. Aprenda com cada erro. Na sua idade não é bom se meter onde não foi chamado. Melhor ficar em casa brincando com o neto, aproveitando a companhia da família. Obrigado. Gastaram gasolina do Estado, usaram veículo público, só lhes dei problema." "Senhor, está zombando de nós?" "De jeito nenhum, como poderia zombar? Estou sendo sincero, absolutamente sincero!" Verruga entre Sobrancelhas e o policial alto se viraram para sair, o outro, de rosto quadrado e boca grande, continuou imóvel, de olhos fixos no outdoor. Verruga entre Sobrancelhas falou: "Wang, vamos! Cada vez

que vê uma criança fica paralisado!”. O Boca Grande estalou os lábios: “São tão lindos! Tão lindos!”. “Então vá logo semear na sua mulher.” “Aquela lá é terra ruim, semeio sem parar, mas nela não brota nada.” O policial alto disse: “Não fique só reclamando da sua mulher, você também deve fazer um exame, sabe lá se suas sementes não estão torradas”. O Boca Grande retrucou: “Duvido...”.

Entraram na viatura discutindo em voz alta e me deixaram embaixo do outdoor. Me senti deprimido, e desamparado também. Mesmo que eu fosse com eles à delegacia para registrar a ocorrência, de que adiantaria? As duas mulheres, duas das três filhas de Zhang Punho, deviam considerar minha tia uma inimiga. Logo entendi por que o menino fez minha tia desmaiar de susto com uma rã. Provavelmente foi por instrução da mãe ou da tia. Com isso, queriam vingar a avó dele, apesar de minha tia não ser culpada da morte dela. Não dá para discutir com gente assim. Bem, azar o meu. Não, foi um teste de Deus, vou aguentar firme, só assim consigo paz. Sou um homem de ambição, um escritor que está criando uma peça de teatro. Esses sofrimentos e sentimentos constituem um material excelente. Para ser um grande homem, é preciso suportar angústias e ofensas que um homem comum não consegue, Han Xin, por exemplo, que aguentou a humilhação de passar por entre as pernas do outro; Confúcio, que passou fome por uma semana; e Sun Bin, que engoliu as próprias fezes... Diante desses santos e sábios do passado, o que são o sofrimento e a injustiça a que fui submetido? Pensando assim, professor, meu peito desanuviou, minha respiração fluiu, minha vista clareou e minhas forças voltaram. Girino, levante-se, o céu vai lhe confiar uma grande missão, é preciso enfrentar as dificuldades com coragem, não reclamar nem odiar quem quer que seja.

Fiquei de pé, as feridas doíam, a barriga roncava, as pernas bambeavam e eu via estrelas, mesmo assim aguentei firme e não

caí. Achava que haveria um monte de gente me olhando, mas não tinha ninguém, nem mesmo os dois seguranças na entrada do hospital se importavam comigo. Isso só comprovou o que Li Mão havia dito. Pensando nele, me lembrei do meu bebê no ventre de Chen Sobrancelha, o que eu sentia agora era bem diferente do que sentia de manhã. De manhã eu queria porque queria estrangular aquele bebê, mas agora tinha mudado de ideia. Quando virei a cabeça e vi o outdoor, meu pensamento ficou muito claro: quero ter esse bebê! Preciso urgentemente dessa criança! É um tesouro que o céu me concede, todo meu sofrimento foi por causa dele.

Professor, vou lhe dizer que naquele outdoor estavam coladas centenas de ampliações de fotos de bebê. Bebês rindo, bebês chorando; uns de olhos fechados, outros de olhos entreabertos, outros com um olho fechado e um aberto; um olhando para cima, outro, para a frente; um esticando os braços querendo pegar algo; outro fechando os punhos, com ar contrariado; um chupando a mão, outro cobrindo as orelhas; um rindo de olhos abertos, outro de olhos fechados; um chorando de olhos abertos, outro de olhos fechados; um carequinha, outro de cabelos pretos; um louro, outro de cabelo castanho-claro com um brilho sedoso; um de rosto enrugado, como um velhinho, um de cabeça e orelhas grandes, como um leitão; um branco como um bolinho de arroz, outro moreno como um pedaço de carvão; um franzindo os lábios zangado, outro de boca aberta gritando; um com biquinho querendo mamar, outro de boca fechada, recusando o mamilo; um mostrando a língua encarnada, outro, rosada; um com covinha em cada bochecha, outro só num lado; um com dobrinha na pálpebra, outro sem dobrinha; um com cabeça redonda como uma bola, outro meio oval, como uma melancia; um franzindo a testa como um pensador, outro com expressão exaltada de ator... Em suma, uma centena de bebês cada qual com sua expressão, cada qual tão adorável quanto o outro. Pelo texto do

outdoor, fiquei sabendo que era uma montagem com as fotos de todos os bebês nascidos no hospital em seus dois anos de funcionamento, uma exposição de resultados. É uma causa verdadeiramente grande, nobre e doce... Professor, fiquei profundamente comovido, meus olhos se encheram d'água. Ouvi o chamado da voz mais sagrada, vivi o sentimento mais digno da humanidade, é o amor pela vida, comparado a isso, qualquer outro amor parece vulgar e menor. Senti que minha alma recebia um batismo solene, senti que todos os pecados do meu passado finalmente encontravam uma oportunidade de redenção. Não importa quais sejam as causas e consequências, vou abrir os braços e acolher este bebê que o céu me confiou!

11.

Professor, naquele dia, diante daquele outdoor com centenas de fotos de bebês, minha alma recebeu um batismo solene. Minha hesitação, minha indecisão, o esfaqueamento, a agressão, os insultos, a perseguição, tudo fazia parte de um processo necessário, como os oitenta e um obstáculos que o monge Xuanzang* teve de enfrentar no caminho em busca dos livros sagrados na Índia. Sem enfrentar o sofrimento, como alcançar a iluminação? Sem passar pelo sofrimento, como entender a existência?

Quando cheguei em casa, limpei os ferimentos com algodão e álcool e apliquei um remédio para contusões diluído em aguardente. O corpo continuava dolorido, mas o espírito se recuperava bem. Quando Leoazinha apareceu, abracei-a e coleí meu rosto ao seu. Eu disse a ela: "Meu bem, obrigado por me dar esse bebê, ele pode não vir de seu ventre, mas vem de seu coração. Por isso, é nosso filho legítimo".

Ela chorou.

Professor, enquanto lhe escrevo, sentado diante desta escrivania, estou pensando em como vou criar esse bebê. Ambos temos quase sessenta anos, o vigor físico se esvai. Em tese, deveríamos contratar uma babá experiente ou uma ama de leite para amamentar nosso filho e fazê-lo ficar com jeito de gente. Minha mãe dizia que crianças criadas com leite de vaca ou de cabra não

tenham jeito de gente. Até é possível criar uma criança com leite de vaca, mas os riscos são muitos. Depois do leite sem proteína e da contaminação por melamina, será que os comerciantes desonestos e inescrupulosos vão parar com suas "experiências químicas"? Depois dos bebês de cabeça grande, dos bebês com cálculos renais, sabe lá que outros bebês podem aparecer! Agora eles estão com o rabo entre as pernas, como cachorro que levou paulada, fazendo cara de coitado, mas em poucos anos vão levantar o rabo de novo, bem alto, e inventar fórmulas ainda mais odiosas para prejudicar as pessoas. Sei que o líquido mais precioso que existe neste mundo é o colostro materno. Ele contém várias substâncias misteriosas que na verdade são a materialização do amor materno. Ouvi falar de gente que contrata uma barriga de aluguel e, depois de receber o bebê, ainda paga uma quantia altíssima pelo colostro da mãe, alguns até deixam o bebê com ela para ser amamentado durante um mês inteiro antes de ir para casa. É óbvio que o custo é ainda maior. Leoazinha me disse que o pessoal da empresa é firmemente contra essa prática. Segundo eles, quando a mãe natural amamenta o bebê, cria-se um vínculo sentimental profundo que acarreta uma infinidade de problemas. Com um brilho nos olhos, Leoazinha me disse:

"Sou a mãe dele, vou ter leite!"

Ouvi minha mãe contar casos semelhantes, mas pareciam muito fantásticos, não dava para acreditar em tudo. Talvez, penso eu, no caso de uma mulher jovem com histórico de gestações, a memória da lactação possa, sob o estímulo da boquinha do bebê e uma grande dose de amor, ser despertada nos seios que já amamentaram. Mas Leoazinha, uma mulher quase sexagenária que jamais engravidou, não será capaz dessa façanha. Se acontecesse, não seria façanha, seria milagre mesmo.

Professor, eu lhe conto tudo isso sem um pingão de vergonha. O senhor é um pai extremamente amoroso que criou um bebê

condenado pelos médicos até a idade adulta. Ao longo desses anos, deve ter experimentado vários acontecimentos que se aproximavam do milagre. Por isso, o senhor deve compreender o que sinto e o comportamento obsessivo da minha esposa. Ultimamente, ela faz amor comigo quase toda noite. Deixou de ser aquele nabo chocho, agora é um pêsego suculento. Isso já é quase um milagre, uma surpresa que me deixa bastante feliz. Todas as vezes, ela me lembra: "Devagar, Girino, sem afobação, não vá machucar nosso filho". Quando acabamos, ela sempre coloca minha mão na sua barriga e diz: "Olha só, está chutando". Toda manhã ela lava os seios com água morna e puxa suavemente os mamilos encolhidos.

Quando contamos a meu pai a boa-nova da gravidez de Leoazinha, ele, com seus quase noventa anos, se pôs a chorar, as barbas tremendo, e disse, agradecido:

"O céu atendeu nossas preces, os ancestrais nos acudiram, o bem foi recompensado, bendito seja!"

Professor, já adquirimos todos os itens necessários para o bebê. Tudo de primeira. O carrinho foi feito no Japão, o berço na Coreia do Sul, as fraldas em Shanghai e a banheira de carvalho vem da Rússia... Leoazinha é totalmente contra a compra de mamadeira, tentei convencê-la: "E se seu leite não for suficiente? Vamos comprar uma, só por precaução". Então compramos uma mamadeira francesa e leite em pó importado da Nova Zelândia. Como também não tínhamos tanta confiança no leite em pó da Nova Zelândia, sugeri comprar uma cabra e deixá-la sob os cuidados do meu pai. Poderemos nos mudar para morar com ele e alimentar nosso bebezinho diariamente com leite fresco de cabra. Apoiando seus seios enormes com as mãos, Leoazinha disse, aborrecida:

"Tenho certeza de que meu leite vai jorrar como um chafariz!"

Nossa filha que mora na Espanha ligou para perguntar o que andávamos fazendo, eu respondi: "Yanyan, estou meio encabulado,

mas é uma notícia boa. Sua mãe está esperando um bebê e em pouco tempo você vai ter um irmãozinho!”. Ela parou por um instante e disse, contente: “Pai, está falando sério?”. “Claro que estou”, respondi. “Mas quantos anos ela tem?”, desconfiou. “Pode pesquisar na internet, recentemente uma dinamarquesa de sessenta e dois anos teve gêmeos saudáveis.” Do outro lado, minha filha gritou de alegria: “Que ótimo, pai! Parabéns, muitas felicidades! Do que vocês precisam? Posso mandar pelo correio”. “Não precisamos de nada”, eu disse, “temos tudo que é necessário.” “Mas não importa se precisam ou não, vou comprar assim mesmo para fazer minha parte como irmã mais velha. Pai”, continuou, “parabéns a vocês dois, são como uma árvore de mil anos que floresce e um galho seco que volta a brotar depois de uma eternidade. Vocês produziram um milagre!”

Professor, sempre sinto uma culpa profunda em relação a minha filha, porque tive relação direta com a morte da mãe dela. Fui eu que, em nome da minha carreira profissional, acabei com a vida de Wang Renmei e do bebê que ela carregava no ventre. O bebê, se estivesse vivo, seria um rapaz de mais de vinte anos. Agora, de qualquer forma, veio outro filho. Como consolo, digo a mim que na verdade esse é o mesmo bebê de duas décadas atrás. Veio atrasado, mas enfim chegou.

Professor, é com grande embaraço que lhe digo que terei de deixar o roteiro do teatro para depois. Em relação a isso, um bebê prestes a nascer é muito mais importante. Isso até pode ser bom, uma vez que os fragmentos de ideias que tive eram mais escuros e sanguinários, só continham destruição mas não nascimento, apenas desespero e nenhuma esperança. Uma obra dessas só poderia envenenar o coração das pessoas e agravar meu pecado. Mas, professor, acredite em mim, vou escrever esse roteiro. Logo após o

nascimento desse bebê, vou pegar a caneta para compor uma ode à nova vida. Professor, não vou decepcioná-lo.

Nesse meio-tempo, fui com Leoazinha visitar minha tia. Era um dia lindo, ensolarado, as duas sóforas no quintal dela estavam em plena florada, algumas pétalas já se desprendiam. Sentada sob uma árvore, minha tia murmurava alguma coisa de olhos fechados. Seus cabelos grisalhos e densos como um monte de palha estavam cobertos de flores, abelhas esvoaçavam sobre sua cabeça. Num banquinho baixo, diante de uma bancada de laje montada ao pé da janela, estava sentado o marido, Hao Mão Grande. O homem, condecorado pelo município como Mestre do Artesanato Folclórico, amassava um pedaço de argila. Seus olhares estavam perdidos como num transe. Minha tia disse:

“O pai dessa criança tem rosto redondo, olhos estreitos, nariz achatado, lábios grossos e duas orelhas gordas; já a mãe tem rosto oval, olhos arredondados, pálpebras com dobrinhas, boca pequena, nariz pronunciado, duas orelhas finas sem os lóbulos. O menino é mais parecido com a mãe, só que sua boca é maior, lábios mais grossos e orelhas também maiores. O nariz não é tão pronunciado como o da mãe...”

Vimos que, enquanto a tia murmurava, um boneco de barro tomava forma nas mãos do marido. Ele usou um espetinho de bambu para marcar as feições, ficou olhando por algum tempo, fez algumas mudanças, colocou sua obra numa tábua e passou para a tia.

Ela ergueu o boneco, ficou olhando e disse:

“Aumente um pouco os olhos e engrosse levemente os lábios.”

Ele pegou de volta o boneco, fez as alterações e entregou a minha tia. Sob as sobrancelhas grossas e grisalhas, seu olhar era elétrico.

Segurando o boneco na mão, ela olhava de longe e de perto repetidas vezes, uma expressão meiga apareceu em seu rosto. “É

isso, é exatamente isso, é ele mesmo.” De repente, ela mudou de tom e falou para o boneco de barro: “É você, seu travesso, seu diabinho. Dos dois mil e oitocentos bebês que eu destruí, só faltava você. Com você aqui, está completo”.

Deixei a garrafa de aguardente no parapeito e Leoazinha colocou a caixa de doces ao lado da tia. Dissemos em coro: “Tia, viemos visitá-la”.

Como se tivesse sido flagrada fabricando produtos proibidos, minha tia ficou toda atrapalhada, quase em pânico. Tentou tapar os bonecos de barro com a roupa, mas não conseguiu. Desistiu e disse: “Não queria esconder de vocês”.

“Tia”, eu disse, “já vimos o documentário que Wang Fígado nos deu, nós a entendemos, sabemos o que se passa na sua mente.”

“Se sabem, então tudo bem!” Levantou-se e entrou no cômodo lateral levando o boneco recém-moldado. Sem se virar, disse numa voz abafada: “Venham comigo”. Seu corpanzil trajado de preto criou em nós uma pressão misteriosa. Meu pai já havia dito que a tia não andava boa da cabeça, por isso, desde que voltamos, quase nunca viemos visitá-la. Lembrando a glória de minha tia nos bons tempos e olhando para o desamparo em que vive hoje, senti uma tristeza tomar meu coração.

Dentro desse cômodo lateral estava escuro, um ar frio e úmido atacava as narinas. Minha tia puxou a corda da luminária na parede. Uma lâmpada de cem watts iluminou cada detalhe. O cômodo tinha três divisões, todas as janelas estavam fechadas com adobe. Escaninhos de madeira forravam três paredes, leste, sul e norte. Tinham nichos quadrados de tamanho igual, em cada nicho, um boneco de barro.

Minha tia colocou o boneco que segurava no último espaço vazio. Depois disso, deu um passo para trás, acendeu três incensos numa

mesinha posicionada no meio do quarto. Ajoelhou-se, com as mãos unidas, e murmurou algo.

Seguindo o exemplo dela, logo nos ajoelhamos também. Eu fiquei sem saber o que rezar. Os rostos expressivos dos bebês no outdoor na entrada da Maternidade Jiabao passavam pela minha cabeça como um filme, um após o outro. Meu peito se encheu de sentimentos de gratidão, de culpa e um pingo de terror. Entendi que minha tia reproduzia, pelas mãos do marido, cada um dos bebês cujo aborto havia provocado. Suponho que, dessa forma, tentava compensar o remorso por algo que na verdade nem era culpa dela. Se ela não fizesse os abortos, outros fariam. Além disso, os casais que queriam ter filhos fora das regras não iriam escapar da responsabilidade. E se ninguém tivesse feito tudo aquilo, o que seria da China hoje? É realmente difícil dizer.

Terminada a prece, minha tia se levantou e disse, sorridente: “Corre Corre, Leoazinha, chegaram em boa hora, o meu desejo se concretizou. Olhem bem para essas crianças, cada uma tem um nome. Reuni todas elas aqui para receber minhas oferendas, no momento oportuno vão reencarnar no lugar devido”. Ela nos mostrou cada boneco dos compartimentos, explicando seus respectivos destinos.

“Essa menina”, disse minha tia, apontando uma boneca de olhos arredondados que fazia biquinho, “deveria ter nascido em agosto de 1974, filha do casal Tan Xiaoliu e Dong Yue’e na aldeia Tanjia, mas eu a destruí. Agora está bem, seu novo pai é um grande produtor de hortaliças, e sua mãe é uma mulher muito hábil. A família inventou o método de irrigar o salsão com leite, criando um legume de frescor sem igual, que é vendido por sessenta iuanes o quilo.

“Esse menino”, contou minha tia apontando um boneco sorridente de olhos estreitos como um fio, “deveria ter nascido em fevereiro de 1983 na família de Wu Junbao e Zhou Aihua na aldeia Wujiqiao, e

também foi arruinado por mim. Mas agora esse menino afortunado nasceu numa família de políticos, os pais dele são quadros do governo, seu avô é alto funcionário da província e sempre aparece na TV. Rapaz, acho que agora não te devo mais nada.

“Essas duas irmãs”, apontando duas bonecas num só compartimento, “deveriam ter nascido em 1990, seus pais sofriam de hanseníase e, embora tenham sido curados, ficaram com as mãos parecendo pés de galinha e umas caras de demônio. Se nascessem numa família dessas, as duas crianças viveriam num abismo da miséria. Eu acabei com as duas, mas ao mesmo tempo as salvei. Agora, na noite do Ano-Novo de 2000, as duas nasceram no Hospital Popular de Jiaozhou, bebês do milênio, seu pai é um famoso ator da ópera local e sua mãe, dona de uma boutique. Na festa de virada do ano, as duas irmãs apresentaram na TV um trecho famoso da Ópera Maoqiang, *Apreciando lanternas*:** ‘A lanterna de berinjela é totalmente roxa; a de cebolinha é desgrenhada; a de pepino tem espinhas; a de nabo é crocante; e ainda há caranguejo com suas tenazes e seus olhos arregalados, e galinhas botando ovos...’. Seus pais me ligaram especialmente para me avisar desse programa na TV Jiaozhou. Enquanto eu assistia, as lágrimas não paravam de cair...

“Ainda tem esse”, disse apontando um boneco vesgo, “que deveria ter nascido na família de Zhang Punho na aldeia Dongfeng, mas também foi abortado. Apesar de a culpa não ser inteiramente minha, tive parte da responsabilidade. Ele nasceu em julho de 1995 na família de Zhang Laidi, segunda filha de Zhang Punho. Quando Laidi veio me procurar, já tinha duas filhas, com mais um bebê, ia violar as cotas. Embora o pai dela tenha quebrado minha cabeça naquela novela interminável de rancores, mesmo assim devolvi a Laidi o menino que deveria ter sido gerado pela mãe dela. Ele seria irmão, mas acabou virando filho. Só eu sabia desse segredo, que agora conto para vocês, e não podem contar isso para ninguém. Esse

menino é mau caráter, sabendo que tenho medo de rãs, ele me deu um bicho embrulhado num papel e me fez desmaiar de medo. Mas não o odeio, neste mundo tem de tudo, o bom caráter é gente, mau caráter também é...”

Por fim, minha tia apontou para o boneco que acabou de ser colocado no compartimento e perguntou: “Conhecem ele?”.

Com lágrimas nos olhos, respondi: “Tia, não precisa falar mais, conheço ele...”.

“Tia”, Leoazinha disse, “esse menino está prestes a nascer. Seu pai é dramaturgo e sua mãe, enfermeira aposentada... Tia, muito obrigada, estou grávida...”

Professor, ao ler tudo isso que escrevi, será que vai achar que estou delirando? Admito que minha tia está com algum problema psicológico, e minha esposa, louca para ter um filho, também anda meio esquisita. Espero que o senhor possa perdoá-las e compreendê-las. Uma pessoa que se sente culpada sempre busca algum meio de se consolar, como a viúva de Xiang Lin que procurava se redimir no conto “Sacrifício de Ano-Novo”, de Lu Xun, que o senhor bem conhece; quem tem lucidez não deve apontar para os devaneios, dê ao perturbado um pouco de esperança, algum alívio, para que não tenha pesadelos à noite, para que viva como qualquer um sem o sentimento de culpa. Eu obedeco às duas e até me esforço para acreditar no que elas acreditam, essa deve ser a escolha certa. Sei que pessoas de mentalidade científica vão rir de mim, pessoas que ocupam o altar da moralidade vão me criticar, alguns mais conscientes até podem me denunciar aos órgãos competentes, mas não quero mudar, pelo bem dessa criança e dessas duas mulheres, minha tia e Leoazinha, que se dedicaram a um trabalho tão especial, prefiro continuar ignorante.

Naquele dia, minha tia tirou um estetoscópio e fez de conta que auscultava Leoazinha. Minha esposa ficou deitada de barriga para

fora, o rosto transbordando de felicidade; minha tia examinava com toda a atenção e seriedade. Terminado o procedimento, passou a mão tantas vezes elogiada por minha mãe na barriga de Leoazinha e perguntou: “Deve ter cinco meses, não? Está ótimo, o batimento está bem claro e a posição, correta”.

“Já tem mais de seis meses”, respondeu Leoazinha, corando.

“Pode levantar.” Minha tia deu uns tapinhas na barriga de Leoazinha e disse: “Apesar da sua idade, ainda sugiro fazer o parto natural. Sou contra a cesariana. Uma mãe que não faz o parto pelo canal biológico não experimenta por completo a sensação de ser mãe”.

“Estou um pouco preocupada...”, disse Leoazinha.

“Estou aqui, para que se preocupar?” Ela levantou as mãos e continuou: “Deve confiar nessas mãos que trouxeram vinte mil bebês ao mundo”.

Leoazinha segurou uma das mãos de minha tia e a encostou no rosto, como uma filha mimada, e disse:

“Tia, eu confio na senhora...”

* Xuanzang ou Tang Sanzang, monge do século VII encarregado de buscar escrituras budistas na Índia e cuja peregrinação inspirou a narrativa do romance *Jornada ao Oeste* (século XVI).

** Na Festa das Lanternas, que encerra as festividades do Ano-Novo chinês, a tradição manda exibir lanternas de papel de cores variadas e formatos originais, que são apreciadas pelos vizinhos.

12.

Professor, tenho uma ótima notícia!

Meu filho nasceu na madrugada de ontem.

Como a minha esposa, Leoazinha, estava tendo seu primeiro filho em idade avançada, nem os doutores da Maternidade Jiabao, que dizem ter estudado na Inglaterra ou Estados Unidos, se atreveram a atendê-la. Nesse momento, lembramos naturalmente de minha tia, afinal, sabe mais quem vive mais. Se minha esposa tivesse fé em uma única pessoa, seria minha tia. As duas juntas fizeram inúmeros partos, ela sabe como minha tia age nas situações de emergência.

Leoazinha começou a sentir as dores quando cumpria hora extra à noite no ranário de Yuan Bochecha e meu primo. Em tese, nesse momento, ela deveria estar descansando em casa, mas, teimosa como é, não aceitou os conselhos. Com a barriga saliente, ela andava pelas ruas, provocando muitos comentários e olhares de inveja. Quem a conhecia cumprimentava de longe: "Já está desse jeito, e ainda não fica em casa descansando? O irmão Girino é muito malvado". "Qual é o problema", ela respondia, "fazer um parto é como colher uma fruta madura. Quantas camponesas dão à luz tranquilamente na plantação de algodão ou no bosque à beira do rio? Quanto mais caso fizer, mais problema terá." Sua teoria coincidia com a de muitos profissionais veteranos de medicina tradicional

chinesa. Quem escutava isso balançava a cabeça, a maioria concordava e, na hora, ninguém dizia nada contra.

Quando soube da notícia, fui às pressas ao ranário. Yuan Bochecha já havia mandado meu primo buscar minha tia. Ela estava de jaleco branco, uma máscara grande no rosto e os cabelos desgrenhados enfiados numa touca branca. Seu olhar estava eufórico, me fez lembrar aqueles idosos com grandes aspirações. Conduzida por uma moça de branco, minha tia entrou na sala de parto secreta. Fiquei na sala de Yuan Bochecha tomando chá com ele.

No centro da sala havia uma mesa nada menor que uma mesa de pingue-pongue, cor de mogno, e atrás dela uma cadeira giratória preta, de espaldar alto e couro legítimo. Sobre a mesa estavam uma pilha de livros e uma pequena bandeira nacional, muito vermelha. Bochecha pareceu ler meu pensamento e disse, sério: “Cara, até um bandido tem o direito de ser patriótico”.

Ele mostrava desenvoltura no preparo do chá à maneira tradicional, e me disse com uma ponta de exibicionismo: “Este é um chá Dahongpao do monte Wuyi. Não é feito de ouro, mas é de primeira qualidade. Nem quis oferecer ao chefe do distrito quando ele veio. Mas estou preparando para você, isso quer dizer que sou uma pessoa de caráter, não?”.

Vendo que eu estava distraído, Yuan Bochecha disse: “Pode ficar tranquilo, está tudo sob controle, não se preocupe. Vai dar tudo certo. Não perturbamos sua tia à toa, ela é a padroeira do Nordeste de Gaomi. Com ela aqui, o resultado só pode ser: segurança para a mãe e o bebê, felicidade para todos!”.

Mais tarde, me reclinei no sofá espaçoso e confortável e caí no sono. No sonho, vi minha mãe e Wang Renmei. Minha mãe estava com uma roupa de seda muito brilhante, se apoiando numa bengala com cabeça de dragão; Wang Renmei vestia agasalho vermelho e

calça verde, uma combinação bastante caipira, mas ainda graciosa. Ela carregava no braço esquerdo um embrulho de pano vermelho, pelas brechas dava para ver um pulôver amarelo. Andavam sem parar pelo corredor, a bengala da minha mãe batia no chão num ritmo brando, mas me deixou muito ansioso. Eu disse: "Mãe, a senhora não quer sentar para descansar um pouco? Andar assim não vai deixar ninguém em paz". Ela sentou no sofá, logo em seguida sentou no chão com as pernas cruzadas. Segundo ela, sentar no sofá a deixava sem ar. Wang Renmei, com uma expressão encabulada, se escondia atrás da minha mãe como uma menininha. Toda vez que olhava para seu rosto, ela virava a cabeça para o lado. Vi que ela tirou o pulôver amarelo do embrulho e o estendeu. A roupa parecia ter o tamanho da palma da mão de um adulto. Eu disse: "Isso só serve para um boneco". Ela ficou corada e disse: "Fiz conforme o tamanho do bebê na minha barriga". Só então percebi que a barriga dela estava visivelmente saliente, e as manchas no rosto também diziam que ela estava grávida. Depois eu disse: "Mas o bebê na sua barriga também não pode ser tão pequeno!". Seus olhos ficaram vermelhos de repente e ela disse: "Corre Corre, diga para sua tia me deixar ter esse filho". Minha mãe bateu a bengala no chão: "Tenha esse bebê agora, vou te proteger aqui. Minha bengala pode bater num imperador insensato e nos ministros corruptos, quero ver quem ousa me impedir, eu mato da pior maneira". Minha mãe cutucou um dispositivo na parede com a bengala, na mesma hora uma porta oculta se abriu devagar. Vi lá dentro uma sala bem iluminada, clara como o dia, havia uma mesa de operação coberta com lençol branco e, em volta dela, quatro pessoas de jaleco branco e máscara enorme. Minha tia estava na cabeceira da mesa, totalmente encoberta, com luvas de borracha nas mãos. Quando Wang Renmei entrou e viu essa cena, virou-se e quis fugir, mas minha tia estendeu a mão e a agarrou. Ela começou a chorar como

uma menina indefesa e gritou para mim: "Corre Corre, por amor ao nosso casamento de tantos anos, me ajude...". Fiquei muito triste e as lágrimas rolaram... Minha tia fez um gesto e quatro pessoas com uniforme de enfermeiro se juntaram e levaram Wang Renmei para a mesa de operação. Eles a despiram com movimentos bruscos. Nesse momento, vi uma mãozinha encarnada se estender por entre as pernas dela, o polegar, o mindinho e o anular estavam fechados e o indicador e o dedo médio fizeram o gesto internacionalmente popular de "V", o que fez minha tia e suas colegas caírem na gargalhada. Depois de rir bastante, minha tia disse: "Pare com isso, pode sair agora!". Então um bebê veio saindo devagar. Pôs a cabeça para fora e ficou olhando, como um animalzinho esperto. No momento certo, minha tia o pegou pelas orelhas, envolveu sua cabeça e fez força para puxar: "Quero ver você não sair!". Logo se ouviu um barulho de pipoca e minha tia segurava na mão um bebê coberto de sangue e muco...

Acordei num sobressalto e senti calafrios. Meu primo e Leoazinha abriram a porta e entraram. Minha esposa segurava uma manta, de onde saía o choro rouco de um bebê. Meu primo falou em voz baixa: "Parabéns, meu primo, seu filho nasceu!".

Meu primo nos levou de carro à aldeia onde mora meu pai, hoje um pedaço de roça dentro da cidade. Como mencionei numa carta anterior, foi o chefe do distrito, agora prefeito, que mandou preservar esse modelo cultural, uma aldeia de estilo arquitetônico da Revolução Cultural, com os slogans pintados nos muros, painéis com palavras revolucionárias, alto-falantes pendurados e o espaço de reunião da equipe de produção... Era madrugada, não havia nenhum pedestre nas ruas, só alguns ônibus madrugadores passavam correndo levando uns poucos passageiros com cara de fantasma. Garis com o rosto todo tapado, menos os olhos, varriam as calçadas, levantando nuvens de poeira. Eu tinha muita vontade de ver o rosto

do bebê, mas a expressão de Leoazinha, mais solene, mais cansada e mais feliz que uma parturiente me fez desistir da ideia. Tinha um cachecol vermelho-escuro enrolado na cabeça, seus lábios estavam rachados. Ela segurava firmemente o bebê no colo, abaixava o rosto de vez em quando, parecia estar olhando para ele ou inalando o cheiro do bebê.

Nós já tínhamos transferido todos os apetrechos do bebê para a casa do meu pai. Como era difícil achar uma cabra leiteira, meu pai encomendou leite com um criador de vacas na aldeia chamado Du. Eles criavam duas vacas que produziam cinquenta litros por dia. Meu pai lhe disse várias vezes que não adicionasse nada no leite, e o cara respondeu: “Meu tio, se o senhor não acreditar em mim, pode vir aqui para tirar leite por conta própria”.

Meu primo estacionou em frente à casa do meu pai. Ele já estava à nossa espera na rua. Junto com ele estava minha cunhada e umas mulheres mais jovens, deviam ser esposas de meus sobrinhos. Minha cunhada pegou o bebê, e as outras mulheres ajudaram Leoazinha a sair do carro e entrar no pátio. Foram diretamente para o quarto de “confinamento”, que estava arrumado fazia tempo.

Minha cunhada abriu o cantinho na manta e mostrou ao meu pai esse neto que veio atrasado. Com lágrimas nos olhos, ele não parava de dizer “muito bem”. Olhando para o bebê de cabelos pretos e rosto corado, fiquei com sentimentos confusos e as lágrimas caíram.

Professor, essa criança me devolveu a juventude e me trouxe inspiração. Sua concepção e seu nascimento foram mais complicados que a média, e a confirmação de sua identidade ainda pode causar vários problemas espinhosos, mas como minha tia sempre diz: “Depois que saiu da boca da panela, é uma vida, vai se tornar um cidadão legítimo deste país e desfrutar de todos os benefícios e direitos que o Estado concede a suas crianças. Se

houver algum problema, quem deverá arcar com ele seremos nós, que o pusemos no mundo. Ao bebê, não daremos nada a não ser amor”.

Professor, a partir de amanhã, vou pegar os papéis e concluir, com a maior celeridade, essa peça de teatro tão demorada. Minha próxima carta ao senhor será uma peça que provavelmente jamais será encenada:

As rãs.

PARTE V

Caro professor,

Finalmente concluí o roteiro.

Muitos acontecimentos na vida real se entrelaçam com o enredo, o que, durante o processo, muitas vezes me deixou sem saber se eu estava registrando um fato fielmente ou criando uma ficção. Levei apenas cinco dias para terminar. Parecia uma criança ansiosa para contar aos pais tudo o que viu e pensou. Por mais afetado que soe me comparar a uma criança quando já passei dos cinquenta anos, esse foi meu verdadeiro sentimento. O escritor que não tiver coragem de parecer um pouco afetado pode largar a caneta.

O roteiro é parte orgânica da história da minha tia. Alguns eventos no roteiro podem não ter acontecido na vida real, mas aconteceram na minha mente. Por isso, considero-os verídicos também.

Professor, achava que escrever poderia ser uma forma de redenção, mas, depois de terminar o roteiro, não senti minha culpa diminuir, pelo contrário, tornou-se mais pesada. Quanto à morte de Wang Renmei e do bebê que ela carregava, que era meu filho também, embora eu possa usar todas as razões para me desculpar, ou jogar a culpa na minha tia, na unidade onde servia, em Yuan Bochecha ou até na própria Wang Renmei — como tenho feito há décadas —, hoje, mais do que nunca, estou ciente de que sou o

único responsável. Fui eu que, em nome do tal "futuro da carreira", mandei minha mulher e meu filho para o inferno. Imaginar o bebê de Chen Sobrancelha como a reencarnação daquele feto morto foi apenas uma maneira de me consolar. É a mesma lógica da minha tia ao produzir os bonecos de barro. Cada criança é única e insubstituível. O sangue que manchou as mãos jamais será lavado? A alma atormentada pela culpa jamais encontrará alívio?

Professor, aguardo sua resposta.

*Girino
3 de junho de 2009*

AS RÃS
Drama em nove atos

PERSONAGENS

TIA, ginecologista aposentada, tem mais de setenta anos.

GIRINO, dramaturgo, sobrinho da tia, tem mais de cinquenta anos.

LEOAZINHA, ex-assistente da tia, mulher de Girino, tem mais de cinquenta anos.

CHEN SOBRANCELHA, barriga de aluguel, tem mais de vinte anos. Sobreviveu a um incêndio que a deixou gravemente desfigurada.

CHEN NARIZ, pai de Sobrancelha, colega de escola de Girino. Morador de rua, tem mais de cinquenta anos.

YUAN BOCHECHA, colega de escola de Girino, executivo de um ranário que opera uma agência clandestina de barrigas de aluguel, tem mais de cinquenta anos.

PRIMO, chamado Jin Xiu, primo de Girino, funcionário de Yuan Bochecha, tem mais de quarenta anos.

LI MÃO, colega de escola de Girino, dono de restaurante, tem mais de cinquenta anos.

DELEGADO, policial com cerca de quarenta anos.

WEI, policial feminina recém-formada na academia de polícia, tem cerca de vinte anos.

HAO MÃO GRANDE, mestre de artesanato folclórico, cria bonecos de barro, marido da tia.

QIN HE, mestre de artesanato folclórico, cria bonecos de barro, admirador da tia.

LIU GUIFANG, colega de escola de Girino, diretora da hospedaria do governo distrital.

GAO MENGJIU, prefeito de Gaomi durante o período da República da China.*

ALGUNS GUARDAS.

DOIS SEGURANÇAS DO HOSPITAL.

DOIS HOMENS MASCARADOS.

CINEGRAFISTAS, UMA REPÓRTER DE TV E OUTRAS PESSOAS.

* Período anterior à República Popular da China, encerrado em 1949.

Ato I

Maternidade Sino-Americana Jiabao. Sua entrada suntuosa lembra um órgão público. Na parede de mármore, à esquerda da entrada, vê-se uma placa com o nome do hospital.

À direita da entrada, um grande outdoor exibe um mosaico formado por centenas de fotos de bebês, cada um numa pose diferente.

À esquerda da entrada, um segurança de uniforme cinza, em posição de sentido, bate continência para cada um dos carros de luxo que passam por ele. Seus movimentos exagerados parecem ridículos.

Brilha uma enorme lua cheia. Ouvem-se barulhos de bombinhas vindos de trás da cortina. De vez em quando, fogos de artifício iluminam o céu.

SEGURANÇA (tira o celular do bolso para ler as mensagens, não se contém e ri em voz alta) Hehe...

O chefe do segurança sai pelo portão silenciosamente.

CHEFE (vai até atrás do segurança e diz em voz baixa, mas em tom severo) Li Jiatai, de que está rindo?! (sente algo saltar sobre seu

pé). Ué, em que estação estamos? Por que tantas rãs? De que está rindo?!

SEGURANÇA (*assustado, se atrapalha e se apressa em voltar à posição de sentido*) Chefe, é o aquecimento global, o efeito estufa; não ri de nada...

CHEFE Como assim, não riu de nada? (*sacode o pé para espantar a rã*) O que será que é isso? Será que vamos ter outro terremoto? Estou perguntando do que estava rindo?

SEGURANÇA (*olha ao redor para se certificar de que ninguém está por perto e ri*) Chefe, essa piada é muito engraçada...

CHEFE Já disse que vocês não podem mandar mensagens durante o expediente!

SEGURANÇA Chefe, não mandei mensagem nenhuma. Estava só olhando.

CHEFE E faz diferença? Se o diretor Liu vir isso, você perde seu emprego.

SEGURANÇA Se perder, perdi, não quero mais trabalhar aqui mesmo. O dono do ranário é marido de uma tia minha. Minha mãe já conversou com essa tia e pediu para ela falar para o marido me arrumar um emprego lá...

CHEFE (*impaciente*) Tudo bem, tudo bem! Você me deixa confuso com todos esses tios e tias. Com um tio desses, é claro que não vai ter medo de perder o emprego. Mas este é o meu ganha-pão. Por isso, enquanto estiver trabalhando, não pode receber nem mandar mensagens, não fale ao telefone, está tudo proibido!

SEGURANÇA (*de peito erguido e em alerta*) Sim, senhor!

CHEFE Tenha mais cuidado!

SEGURANÇA (*de peito erguido e em alerta*) Sim, senhor! (*não se contém e ri*), hehe...

CHEFE Você bebeu mijo de cadela, ou sonhou que casou com mulher rica? Fale logo, de que está rindo?!

SEGURANÇA Não estou rindo de nada...

CHEFE (*estende a mão direita*) Dá aqui!

SEGURANÇA O quê?

CHEFE O que você acha? O celular!

SEGURANÇA Chefe, juro que não vou olhar mais.

CHEFE Pare de me enrolar! Não vai me entregar? Então vou contar ao diretor Liu.

SEGURANÇA Chefe, estou namorando, não posso ficar sem celular...

CHEFE Quando seu pai namorava, nem telefone fixo tinha, mas nem por isso deixou de se casar com sua mãe, não foi? Anda logo!

SEGURANÇA (*relutante, entrega o celular ao chefe*) Não queria rir, mas essa mensagem é muito engraçada.

CHEFE (*manuseando o celular*) Quero ver que mensagem tão engraçada é essa... "Para formar excelentes velocistas, a Comissão Nacional de Esportes ordenou o casamento entre Qian Bao, campeão dos cem metros, com Jin Lu, campeã de maratona. No final da gestação, Jin Lu foi ao hospital para ter o bebê. Qian Bao perguntou ao médico: "Minha esposa teve um filho ou uma filha?". "Não vi direito", respondeu, "logo depois de nascer o bebê correu sem deixar rastro." Que achou de tão engraçado nessa piada velha? Me deixe ler algumas (*o chefe saca seu celular, prepara-se para ler, mas logo percebe algo, guarda os dois celulares no próprio bolso*). Hoje é o Festival da Lua Cheia de Outono, o diretor Liu recomenda atenção redobrada nos feriados!

SEGURANÇA (*estende a mão*) O meu celular!

CHEFE Está confiscado temporariamente. Devolvo depois do expediente!

SEGURANÇA (*implorando*) Chefe, estamos em pleno feriado, todas as famílias reunidas, felizes, alegres, comendo bolo, soltando fogos, admirando a lua cheia, namorando, mas eu estou aqui, parado

como um poste, e você ainda me priva desse prazer de enviar torpedos para minha namorada.

CHEFE Pare de enrolar e faça o seu plantão direito. Precisa ficar com olhos e ouvidos em alerta para barrar qualquer suspeito do lado de fora desse portão...

SEGURANÇA Deixe disso, para que cair na conversa do Liu Cabeção? Quem vem aqui em pleno feriado? Bandido também tira férias, não é?

CHEFE Quero mais seriedade! Acha que estou brincando? (*em voz baixa, misterioso*). Na noite do Ano-Novo chinês, veio um bando de terroristas. Eles invadiram (*abaixa a voz*) a maternidade, levaram oito bebês como reféns...

SEGURANÇA (*sério*) Oh...

CHEFE (*misterioso*) Sabe a amante de quem está no nosso hospital esperando o parto?

SEGURANÇA (*ouve atento o que o chefe sussurra*)

CHEFE (*em voz baixa, misterioso*) ... entendeu agora? Lembre-se, o Mercedes preto e o BMW verde são dele. Precisa bater continência e seguir com o olhar. Não pode parecer nem um pouco desleixado!

SEGURANÇA Sim, senhor! (*estende a mão*). Agora pode me devolver meu celular?

CHEFE Não, de jeito nenhum. A noite de hoje é uma data auspiciosa, a esposa do presidente Jin pode ter o bebê agora, a nora do secretário Song também tem o parto previsto para hoje, Audi preto A6, placa 08858. Fique de olho!

SEGURANÇA (*descontente*) Esses filhos da puta, como sabem escolher o momento para nascer! Minha namorada disse que a lua de hoje é a maior e a mais redonda dos últimos cinquenta anos (*ergue a cabeça para olhar a lua e cita um verso tradicional*): "A lua

brilhante, quando nasceu? Ergo a taça e pergunto ao escuro céu...”.

CHEFE (*irônico*) Chega de afetação! Se soubesse declamar tão bem na escola, não viraria segurança (*em alerta*). O que é aquilo?!

Entra Chen Sobrancelha vestindo túnica e véu pretos, segura um pequeno suéter vermelho.

CHEN S. (*balança o corpo, parece embriagada*) Meu filho... meu filho... cadê você? A mamãe está te procurando. Onde você se escondeu...

SEGURANÇA É ela de novo, aquela doida.

CHEFE Vai, tire-a daqui!

SEGURANÇA (*fica em posição de sentido*) Não posso me ausentar do plantão!

CHEFE É uma ordem: tire-a daqui!

SEGURANÇA Mas estou de plantão!

CHEFE Sua área de atuação se estende a cinquenta metros de cada lado do portão!

SEGURANÇA Em caso de ocorrência suspeita, o guarda de plantão precisa permanecer no posto para prevenir a entrada de elementos suspeitos pelo portão e comunicar imediatamente ao supervisor (*tira o walkie-talkie da cintura*). Chefe, comunico o aparecimento de um elemento suspeito embaixo do outdoor à direita do portão. Favor mandar reforços assim que possível!

CHEFE Puta que o pariu, mas que pilantra!

A iluminação foca na frente do outdoor.

CHEN S. (*aponta para as fotos de bebês no outdoor*) Filho, meu filho, a mamãe está te chamando, escutou? Está brincando de esconde-

esconde com a mamãe? Meu danadinho, meu tesouro, venha mamar, senão o cachorrinho vai roubar o leite da mamãe... (*aponta para uma das crianças no outdoor*). Você quer meu leite? Não deixo, não, você nem é meu filho! Meu filho tem olhos grandes e dobrinha nas pálpebras, mas você tem olhos pequenos demais... E você quer meu leite, mas também não é meu bebê, meu bebê tem o rosto corado feito maçã, mas o seu é amarelado... Você, menos ainda, meu bebê é um menino gorducho, mas você é uma menina, menina não vale nada... (*lúcida*). Pagam cinquenta mil por um menino, e só trinta mil por uma menina! Seus filhos da puta, valorizam os meninos, desprezam as meninas, que mentalidade feudal. Suas mães não são mulheres? E suas avós não são mulheres? Se todos tivessem só filho homem, e nenhuma filha, este mundo não ia acabar? Vocês, altos funcionários, grandes intelectuais e pessoas de amplo conhecimento, por que não entendem um raciocínio tão simples?... O quê, você está dizendo que é meu filho? Pirralho, você deve estar babando com o cheiro do meu leite? (*franze o nariz*). Quer me enganar? Seu pirralho, nem em sonho! Escutem aqui, mesmo que tapem meus olhos com uma faixa preta, mesmo que misturem meu bebê com outras mil crianças, ainda consigo saber quem é meu filho só pelo cheiro! Sua mãe nunca te disse? Cada bebê tem um cheiro diferente! Quer mamar? Vá procurar sua mamãe. Ah, pois é, vocês, crianças de ricos não falam mamãe, é "mamã", não dizem mamar, é amamentar... O quê? Sua mãe não tem leite? Que mãe é essa que não tem leite? Vocês ficam falando de progresso, acho que isso é retrocesso. Retrocederam para não terem o filho pelo canal natural, e os seios não dão mais leite. Deixaram o trabalho para as vacas e ovelhas. Crianças que crescem tomando leite de vaca fedem a gado, as que tomam leite de ovelha recendem a ovelha. Só quem cresce

tomando leite humano é que tem cheiro de gente. Querem comprar meu leite? Nem pensar. Não vendo nem que me paguem uma montanha de ouro, estou guardando para meu filho... Meu filho, venha logo... Senão esses meninos vão roubar meu leite. Olha só como eles são gulosos, já abriram a boca; estão todos com fome, suas mães venderam seu leite em troca de cosméticos para passar no rosto, ou de perfume para passar no corpo. Elas não são boas mães, são pura vaidade, não ligam para a saúde da criança... Meu filho querido, venha logo...

CHEFE (*fica em posição de sentido, bate continência*) Senhora, aqui é uma maternidade, as parturientes e os bebês precisam de um ambiente silencioso. Por isso, peço-lhe que se retire imediatamente e pare de fazer barulho!

CHEN S. Quem é você? O que está fazendo aqui?

CHEFE Sou o segurança!

CHEN S. O que faz um segurança?

CHEFE Mantemos a ordem social e defendemos a segurança de órgãos públicos, escolas, instituições e empresas, correios, bancos, centros comerciais, hotéis, estações e outros!

CHEN S. Conheço você! (*dá uma risada*). Conheço você! Você é o guarda-costas de Yuan Bochecha. Chamam vocês de cão de guarda!

CHEFE Não pode insultar a nossa dignidade! Sem gente como nós, a sociedade cairia no caos!

CHEN S. Foi você que levou o meu bebê! Consigo reconhecê-lo mesmo sem o jaleco branco e a máscara grande!

CHEFE (*chocado*) Senhora, tem de se responsabilizar por suas palavras. Posso processá-la por calúnia!

CHEN S. Acha que não o reconheço nessa roupa? Acha que com o uniforme de segurança você se torna uma boa pessoa?! Você é um cachorro criado por Yuan Bochecha. Wan Coração, aquela

bruxa, fez o parto do meu filho e só me deixou dar uma olhada... (*angustiada*). Não... Nem uma olhada ela me deixou dar... Elas taparam meu rosto com um pano branco, queria ver o meu filho, só uma olhada, mas elas o levaram sem me deixar dar sequer uma olhada... Mas ouvi o choro, meu filho estava à minha procura, chorava porque queria me ver também. Não há neste mundo filho que não queira ver a mamãe! Mas elas o levaram à força. Sei que ele estava com fome, queria mamar. Todos vocês sabem como o colostro é valioso para o filho. Acham que tive pouco estudo e não sei dessas coisas? Sei sim, sei de tudo. Consigo canalizar o melhor do meu corpo para os meus seios, o cálcio dos ossos, a essência da medula óssea, a proteína do sangue e as vitaminas da carne, é tudo bombeado para os seios. Depois de beber do meu leite, meu filho não vai pegar resfriado, nem diarreia, nem febre, vai crescer mais rápido, melhor e mais bonito. Mas vocês o levaram de mim sem deixá-lo tomar um gole sequer (*avança sobre o chefe e o agarra pela roupa*).

CHEFE (*perturbado*) Senhora, a senhora com certeza está enganada.

Que bochecha, que rosto, não sei do que está falando...

CHEN S. É claro que vai dizer que não conhece. Bando de ladrões, bandidos, demônios que roubam crianças para vender. Vocês podem não me conhecer, mas eu conheço vocês. Não foram vocês que levaram meu bebê à força e me deram dois comprimidos para dormir? Quando acordei, não foram vocês que mentiram para mim que o bebê nasceu morto? Não foram vocês que arranjaram um gato morto esfolado e me disseram que era o corpo do meu filho? Seus bandidos, levaram meu filho e ainda não querem me pagar o serviço. Ficou combinado que me pagariam cinquenta mil por um menino, mas só me pagaram dez mil porque disseram que meu bebê nasceu morto. Levaram meu filho e ainda querem roubar meu colostro! Vieram tirar meu leite com tigela e mamadeira e

ainda dizem que é dez iuanes o mililitro! Animais. O meu colostro é guardado para meu filho! Dez iuanes? Não vendo nem por cem mil!

CHEFE Senhora, mais uma vez, peço-lhe que se retire daqui, ou vou chamar a polícia.

CHEN S. Chamar a polícia? Ótimo! Estou mesmo querendo encontrar algum policial. Eles são da polícia popular e amam o povo. Se uma pessoa do povo perder sua criança, o policial vai fazer alguma coisa, não vai?

CHEFE Com certeza vai fazer algo. Mesmo que alguém perca um cachorro, a polícia ajuda a procurar, uma criança então, nem se fala.

CHEN S. Pois bem, vou procurar a polícia.

CHEFE Isso mesmo, vá logo (*indica a direção*). Siga por esta rua, vire à direita no sinal, bem ao lado de um caraoquê fica a delegacia da rua Binhe.

Um carro sai do hospital buzinando.

CHEN S. (*para por um momento, parece despertar de repente*) Meu filho, eles pegaram meu filho e levaram nesse carro (*corre em direção ao carro*). Seus ladrões, devolvam meu filho...

O chefe tenta impedi-la, mas Chen Sobrancelha, reunindo uma força súbita e descomunal, se choca contra o chefe, que cambaleia.

CHEFE (*irritado*) Pare-a!

O segurança no portão avança e agarra Chen Sobrancelha, que quer impedir a passagem do carro. Sobrancelha luta violentamente para se livrar. O chefe a alcança e os dois homens tentam conter

Sobrancelha. Na luta, o véu preto cai e mostra o rosto assustador de uma paciente queimada. Os dois seguranças se assustam e dão um passo para trás.

SEGURANÇA Ai, minha mãe...!

CHEFE (*olhando para as pequenas rãs esmagadas sob as rodas e os sapatos*) Mas que merda, de onde estão vindo essas criaturas?

Cortina.

Ato II

Sob luz verde, o palco parece um sombrio mundo subaquático. Ao fundo, há uma caverna em meio a finos capins. Da caverna chega de vez em quando o coaxo de rãs e o choro de bebês. Uma dúzia de bebês está pendurada acima do palco. Eles agitam braços e pernas e choram juntos.

À frente da cena, estão posicionadas duas bancadas para moldar bonecos de barro. Sentados atrás dessas bancadas, Hao Mão Grande e Qin He amassam a argila, totalmente concentrados.

Entra a tia, arrastando-se para fora da caverna. Veste uma túnica preta folgada, os cabelos despenteados.

TIA (*como se recitasse uma lição decorada da cartilha*) Meu nome é Wan Coração, tenho setenta e três anos. Trabalhei como ginecologista por exatos cinquenta anos. Já estou aposentada, e mesmo assim continuo a trabalhar dia e noite sem descanso. Pelas minhas mãos nasceram ao todo nove mil oitocentos e oitenta e três bebês... (*ergue a cabeça, olha para os bebês pendurados*). Crianças, que lindo é seu choro! Quando o escuto, fico mais tranquila; quando não escuto, sinto um vazio no coração. É o som mais lindo do mundo; é o réquiem da tia. Que

pena não ter gravador naquele tempo para gravar o choro dos recém-nascidos. Enquanto vivesse, escutaria esse som todos os dias; quando morresse, tocaria a gravação no meu enterro. O pranto de nove mil oitocentos e oitenta e três bebês em coro deve ser uma música muito bonita... (*fascinada*). Que seu choro comova o céu e a terra! Que seu choro leve a tia ao paraíso...

QIN (*sombrio*) Cuidado que os choros podem te arrastar para o inferno!

TIA (*caminha com leveza por entre os bebês pendurados, como um peixe nadando alegre; dá tapinhas no bumbum das crianças*)
Chorem, meus tesouros, chorem! Silêncio indica problema. Choro é sinal de saúde...

HAO Biruta!

QIN De quem está falando?

HAO De mim mesmo!

QIN Se falava de si, tudo bem, falar de mim é que não pode (*com arrogância*). Porque sou o escultor mais famoso do Nordeste de Gaomi. Se tem gente que não acha, problema deles. No trabalho com a argila, sou o número um do mundo. O homem tem de saber como se valorizar, se você mesmo não acreditar que é alguém, quem mais vai levá-lo a sério? Os bonecos que produzo são verdadeiras obras de arte, cada um vale cem dólares.

HAO Ouviram? Agora sabem o que é pouca-vergonha? Quando eu brincava com argila, ele ainda estava catando titica de galinha para comer. Eu fui condecorado mestre do artesanato folclórico! E você, é o quê?

QIN Camaradas e amigos, ouviram isso? Hao Mão Grande, mais do que sem-vergonha, você é descarado mesmo, é um maluco, é obsessivo-compulsivo. Passou a vida inteira moldando os bonecos, mas até agora não conseguiu concluir nenhum. Você sempre destrói o que faz antes de terminar, achando que o próximo

sempre será melhor que o último. Quem tudo quer nada tem. Camaradas e amigos, vejam as mãos dele, tão grandes que nem parecem de gente, são patas de rã, pés de pato, com membranas entre os dedos...

HAO (*irritado, joga um punhado de barro em Qin He*) Pare de falar merda! Seu perturbado, saia já daqui!

QIN Quem é você para me mandar embora?

HAO Você está na minha casa.

QIN Quem pode provar que esta é a sua casa? (*aponta para a tia e os bebês pendurados*). Ela pode provar isso? E eles?

HAO (*aponta para a tia*) Ela com certeza tem como provar.

QIN Por que ela é capaz de fazer isso?

HAO Ela é a minha mulher!

QIN Por que diz que ela é sua mulher?

HAO Porque eu me casei com ela.

QIN Quem pode provar que você se casou com ela?

HAO Porque dormi com ela!

QIN (*segura a cabeça angustiado*) Não...! Sua mentirosa! Você me enganou. Desperdicei minha juventude por sua causa. Você me prometeu, você disse que não casaria com mais ninguém, a vida inteira!

TIA (*irrita-se com Hao Mão Grande*) Para que você o provocou? Tínhamos combinado.

HAO Esqueci.

TIA Você se esqueceu? Vou lembrá-lo. Eu disse que eu podia me casar com você, mas você teria de aceitá-lo, tratá-lo como meu irmão mais novo, tolerar suas birutices, suas bobagens e seus disparates; cuidando de lhe dar comida para comer, um teto para morar e roupa para vestir.

HAO Também preciso tolerar que ele durma com você, certo?

TIA Louco! Os dois enlouqueceram!

QIN (*aponta para Hao Mão Grande com raiva*) O louco aqui é ele. Eu sou muito normal!

HAO Não adianta gritar, não adianta se irritar. Não importa se seu punho fica mais alto que uma árvore, não importa se saltam cerejas vermelhas de seus olhos, se crescem cornos de carneiro na sua cabeça, se voam pássaros de sua boca, se o seu corpo se enche de pelos de porco, nada disso pode mudar o fato de que você é louco! Isso é um fato gravado na pedra!

TIA (*sarcástica*) Esse palavreiro todo, aprendeu lendo o roteiro do Girino?

HAO (*aponta para Qin He*) A cada dois meses você precisa voltar para o manicômio de Feng Er Shan e passar três meses internado. Lá você veste camisa de força, toma sedativos e, se precisar, senta na cadeira elétrica. Transformam você num saco de ossos, e você lá, de olhar vidrado, parecendo um órfão africano. Seu rosto fica cheio de merda de mosca, feito um emplastro velho. Já faz dois meses que você fugiu, não faz? Amanhã ou depois precisa voltar, não precisa? (*imita uma sirene de ambulância, Qin He treme da cabeça aos pés, ajoelha-se no chão*). Da próxima vez que entrar lá, não sai mais. Se um maníaco como você ficar solto, vai trazer fatores de desarmonia para esta sociedade harmoniosa!

TIA Chega!

HAO Se eu fosse médico, trancaria você lá dentro para sempre. Ia espancá-lo com um bastão elétrico, ia deixá-lo espumando pela boca, tendo convulsões, em estado de choque, sem poder acordar nunca mais. E mesmo que acordasse, estaria completamente sem memória (*Qin He abraça a cabeça e rola no chão, solta gritos assustadores*).

HAO Isso é o que se chama de rocambole de burro, uma péssima interpretação. Continue, continue rolando. Olhe, sua cara está mais comprida; fique aí, suas orelhas estão crescendo; daqui a

pouco vai se transformar em um burro de puxar moinho (*Qin He, de quatro no chão, com a bunda inclinada para o alto, imita um burro puxando o moinho*). Isso, assim mesmo. É um ótimo burro! Depois de moer essas duas medidas de feijão, ainda tem uma medida de sorgo. Um bom burro não precisa tapar os olhos, porque não come a farinha do moinho. Trabalhe direito e seu dono não vai te maltratar. Já preparei a ração para você se fartar.

A tia tenta ajudar Qin He a se levantar, mas ele morde a mão dela.

TIA Você é um ingrato.

HAO Eu já disse, não tem nada a ver com você. Cuide bem daquelas crianças, não deixe que passem frio nem fome. Mas também não pode deixar que comam demais ou que vistam muita roupa. É como você sempre fala: para o bebê ficar bem, deixe-o sentir um pouquinho de fome e frio (*volta-se para Qin He*). Por que parou de puxar? Burro preguiçoso. Só trabalha à base de chicotada?

TIA Pare de perturbá-lo! Ele é doente!

HAO Ele é doente? Acho que você é que é doente!

Qin He desmaia com a boca espumando.

HAO Levante-se, pare de se fingir de morto! Esse truque é velho. Esse truque eu já vi inúmeras vezes. Até o besouro no monturo sabe. Quer me assustar, se fingindo de morto? Bah! Não tenho medo disso! Melhor você morrer mesmo! Morra agora, não demore nem mais um minuto!

Às pressas, a tia tenta socorrer Qin He. Hao Mão Grande a impede.

HAO (*amargurado*) Minha paciência já chegou ao limite. Não posso mais permitir que você use aquela forma de socorrê-lo...

A tia se move para a esquerda, Hao Mão Grande a acompanha para a esquerda; a tia se move para a direita, Hao Mão Grande a segue para a direita.

TIA Ele é um doente! Para a mente de um médico, há apenas dois tipos de pessoas neste mundo: os saudáveis e os doentes. Mesmo que ele tenha batido em meus pais, se estiver tendo um ataque, eu deixarei de lado o rancor para tentar salvá-lo; mesmo que o irmão tenha um ataque epilético enquanto me estupra, vou tirá-lo do meu corpo para socorrê-lo.

HAO (*de repente retesa o corpo e murmura amargurado*) Enfim você admitiu que teve sei lá que envolvimento com os dois irmãos.

TIA Isso já faz parte da história, da história de uma civilização milenar. Quem reconhece a história é materialista histórico; quem a nega, é idealista histórico.

TIA (*senta-se ao lado de Qin He, abraça-o como se fosse um bebê, balança-o e murmura uma canção*) Quando penso em você, meu coração se parte... quando penso em você, quero chorar mas as lágrimas não saem... quero escrever, mas não sei o endereço, quero cantar, mas não lembro a letra... quero beijar, mas não acho sua boca, quero abraçar, mas não acho você...

Sai da caverna um menino de aventalzinho verde (com uma rã bordada) e cabeça lisa como uma melancia. Ele lidera um bando de rãs (interpretadas por crianças), sentadas em cadeiras de rodas, apoiadas em muletas ou com os braços enfaixados. O menino verde grita: "Pague a dívida! A dívida!". As "rãs" coaxam.

A tia grita, solta Qin He e foge do menino verde e do bando de rãs no palco.

Hao Mão Grande e Qin He, já desperto, bloqueiam o ataque do bando de rãs para proteger a tia, que sai de cena. O menino verde e as rãs a seguem.

Cortina.

Ato III

Sala de audiência da delegacia. Há apenas uma mesa comprida e, sobre ela, um telefone. Flâmulas e certificados de condecoração pendurados na parede.

A policial Wei, sentada, sinaliza a Chen Sobrancelha que sente na cadeira do outro lado da mesa. Chen veste a mesma roupa: túnica e véu pretos.

WEI (*formal, fala como novata*) Cidadã, faça o favor de se sentar.

CHEN S. (*do nada*) Cadê os dois tambores? Não devia ter dois tambores na entrada?

WEI Que tambores?

CHEN S. Antigamente sempre tinha tambores, por que vocês não colocaram lá? Sem eles, como o povo vai denunciar as injustiças?

WEI Você está falando dos *yamen*, as sedes de governo da sociedade feudal! Estamos no socialismo, os *yamen* já deixaram de existir faz tempo!

CHEN S. Mas não no governo de Kaifeng...

WEI Você viu isso na novela, não foi? O magistrado Bao, chefe do governo de Kaifeng...

CHEN S. Quero falar com o magistrado Bao.

WEI Cidadã, está na sala de audiência da delegacia da rua Binhe e eu sou a policial de plantão, Wei Ying. Pode me contar seus problemas, vou tomar nota e informar a meus superiores.

CHEN S. Mas meu problema é muito grande e só o magistrado Bao consegue resolver.

WEI Cidadã, hoje ele não se encontra. Por que não me conta seus problemas e me encarrego de informá-los ao magistrado? O que acha?

CHEN S. Promete?

WEI Prometo! (*aponta a cadeira à frente*) Sente-se, por favor.

CHEN S. Esta cidadã que vos fala não se atreve a se sentar.

WEI Falei para se sentar, pode se sentar.

CHEN S. Esta que vos fala agradece pelo assento!

WEI Aceita um copo d'água?

CHEN S. Esta que vos fala não deseja beber.

WEI Cidadã, vamos deixar de lado esse teatro todo. Como se chama?

CHEN S. Meu nome original era Chen Sobrancelha, mas essa Chen já morreu. Ou melhor, metade dela está morta, a outra metade ainda é viva. Por isso, não sei mais meu próprio nome.

WEI Cidadã, está brincando comigo? Ou quer que eu brinque com você? Isto aqui é uma delegacia de polícia, é um lugar sério.

CHEN S. Eu tinha as sobrancelhas mais lindas do Nordeste de Gaomi, daí o meu nome. Agora não tenho mais... Não tenho mais sobrancelhas (*estridente*), nem cílios, nem cabelos, não tenho mais por que ser chamada de Sobrancelha.

WEI (*dando-se conta da situação*) Cidadã, se não se importar, pode tirar o véu?

CHEN S. Não!

WEI Se não me engano, você é vítima do incêndio da Fábrica de Brinquedos Dongli, não é?

CHEN S. Você é muito inteligente.

WEI Estava na academia de polícia quando vi na TV a reportagem sobre o incêndio. Esses capitalistas não têm nenhum escrúpulo! Eu me solidarizo, do fundo do coração, com o seu sofrimento. Se deseja pedir indenização pelo acidente, é melhor procurar um tribunal, o Comitê do Partido, a prefeitura, ou até a imprensa.

CHEN S. Mas você não conhece o mandarim Bao, o Justo? Só ele pode resolver meu problema.

WEI (*a contragosto*) Está bem, pode falar. Vou fazer todo o possível para transmitir suas reivindicações a meus superiores.

CHEN S. Quero processar as pessoas que roubaram o meu bebê.

WEI Quem roubou seu bebê? Não se afobe, conte com calma. Acho melhor tomar um copo d'água para molhar a garganta. Sua voz já está rouca (*serve um copo de água e entrega-o a Sobrancelha*).

CHEN S. Não quero beber. Sei que você quer ver o meu rosto quando eu estiver bebendo água. Odeio o meu rosto, e também odeio que os outros vejam o meu rosto.

WEI Mil desculpas, não era minha intenção.

CHEN S. Depois do acidente, só olhei uma vez no espelho. Desde então, fiquei com ódio do espelho e de qualquer objeto que reflita a imagem. Eu queria me matar assim que terminasse de pagar as dívidas do meu pai, mas agora não quero mais morrer. Se eu me matar, meu bebê vai morrer de fome. Se eu me matar, meu bebê vai ficar órfão. Meu filho está chorando, escute... Está rouco de tanto chorar, quero amamentá-lo. Meus seios parecem balões de tão inchados, vão estourar logo. Mas eles esconderam minha criança...

WEI Quem são eles?

CHEN S. (*olha para a porta em alerta*) São rãs do tamanho de uma tampa de panela, que mugem como bois. São rãs ferozes que comem crianças...

WEI (*levanta-se para fechar a porta*) Moça, fique tranquila. Estas paredes são à prova de som.

CHEN S. Estão por toda parte, agem em conluio com gente do governo.

WEI Mas Bao, o Justo, não tem medo deles.

CHEN S. (*levanta-se da cadeira e ajoelha-se no chão*) Mandarin Bao, o abuso que sofri é profundo como o mar, peço-vos fazer justiça por esta humilde cidadã.

WEI Pode contar.

CHEN S. Com vossa permissão, excelência, esta que vos fala tem por nome Chen Sobrancelha e é natural do Nordeste de Gaomi. Meu humilde pai, Chen Nariz, crendo na superioridade dos homens sobre as mulheres, engravidou minha humilde mãe fora do planejamento para ter um menino. Infelizmente seu plano foi descoberto, minha humilde mãe teve de se esconder e foi perseguida no rio por funcionários do governo. Por desgraça, minha humilde mãe morreu logo depois de dar à luz na jangada. Meu pai ficou muito desapontado ao ver que tinha mais uma filha. De início, me abandonou à própria sorte, mais tarde me levou para casa. Como nasci fora da cota, meu humilde pai teve de pagar uma multa de cinco mil e oitocentos iuanes. Desde então, começou a beber todos os dias e, quando bêbado, batia em mim e na minha irmã. Mais tarde, fui para o Sul, com minha humilde irmã, Chen Orelha, buscar um emprego em Cantão. Por um lado para pagar a dívida do meu humilde pai, por outro, para encontrar uma vida decente. Éramos, as duas irmãs, beldades reconhecidas, se quiséssemos seguir o mau caminho, ganharíamos dinheiro fácil. Mas guardamos nossa honra como a flor de lótus que se mantém pura em meio à lama. Então, um incêndio inesperado levou a vida de minha irmã e destruiu meu rosto...

Wei enxuga as lágrimas com um lenço de papel.

CHEN S. Minha irmã morreu para me salvar... Irmã... Por que me salvou? Antes morrer do que viver como um fantasma vivo...

WEI Malditos capitalistas! Deviam ser todos presos e fuzilados!

CHEN S. Eles foram bons, pagaram vinte mil iuanes como indenização por minha irmã, arcaram com todas as despesas médicas durante minha internação no hospital, e me pagaram quinze mil. Dei todo esse dinheiro ao meu pai e disse a ele: "Pai, o que pagou de multa para me ter fora da cota, mais os juros ao longo desses vinte anos, estou lhe devolvendo com esse dinheiro. A partir de hoje, não lhe devo mais nada!".

WEI Seu pai também não é flor que se cheire.

CHEN S. Por pior que seja, é meu pai, você não pode falar mal dele.

WEI O que ele fez com o dinheiro?

CHEN S. O que mais ele faria? Comeu, bebeu, fumou, torrou tudo!

WEI Esse é um imprestável da pior espécie.

CHEN S. Como disse, você não pode falar mal do meu pai.

WEI (*falando para si mesma*) Estou me preocupando à toa. E depois?

CHEN S. Depois, fui trabalhar no ranário.

WEI Conheço essa empresa, é muito famosa. Ouvi dizer que estão extraindo um produto cosmético da pele das rãs. Se conseguirem, vão registrar uma patente mundial.

CHEN S. São justamente eles que quero processar.

WEI Continue.

CHEN S. A criação de rãs é só fachada, o verdadeiro negócio é produção de bebês.

WEI Produção de bebês?

CHEN S. Eles contrataram um grupo de jovens para gestar os bebês para os ricos que precisam de filhos.

WEI Existe um negócio assim?

CHEN S. Na empresa existem vinte quartos secretos e vinte mulheres contratadas, umas casadas, outras solteiras; umas feias, outras bonitas; umas engravidam com sexo, outras, sem sexo...

WEI Espera aí! Como assim? Engravidar com ou sem sexo?

CHEN S. Pare de se fazer de desentendida! Não sabe dessas coisas? Você ainda é virgem?

WEI Mas não entendo mesmo...

CHEN S. Engravidar com sexo é dormir com o homem, morar com ele como um casal até engravidar. Sem sexo é injetar o esperma do homem no útero da mulher com um tubo! Você é virgem?

WEI E você?

CHEN S. Claro que sou.

WEI Mas acabou de dizer que teve um bebê.

CHEN S. Tive um filho, sim, mas continuo virgem. Eles fizeram uma enfermeira gorda inserir um tubo de esperma no meu útero, por isso engraidei e tive a criança. Mas nunca dormi com um homem, sou pura, sou virgem!

WEI Quem são eles mesmo?

CHEN S. Isso não posso falar, ou vão matar meu filho...

WEI É o gordo do ranário? Como se chama mesmo? Ah, Bochecha, não é?

CHEN S. Cadê Yuan Bochecha? Eu estava à procura dele. Desgraçado, você mentiu para mim, vocês me enrolaram! Falaram que o meu bebê nasceu morto e me mostraram um gato esfolado dizendo que era meu filho. Encenaram uma versão moderna de "O príncipe e o guaxinim". Tudo isso para ficarem com meu dinheiro, tudo isso para me impedir de procurar meu filho. Não quero dinheiro, nem gosto de dinheiro, se eu gostasse, em Cantão, tinha aceitado a proposta de um empresário taiwanês de me pagar um milhão por três anos. Mas quero o meu filho. Meu filho é a melhor

criança do mundo. Mandarin Bao, a justiça está em vossas mãos...

WEI Assinaram algum contrato com você para ser barriga de aluguel?

CHEN S. Assinaram, sim. Pagaram um terço na assinatura. Quando o bebê nascesse e fosse entregue sem problemas, aí pagariam o restante.

WEI Assim pode ficar um pouco complicado, mas tudo bem, o mandarim Bao vai julgar o caso. Pode continuar.

CHEN S. Me disseram que o tubo de esperma veio de um homem importante. Um gênio, com genes excelentes. Disseram que, para ter um bebê saudável, ele parou de fumar e beber. Comia um abalone e dois pepinos-do-mar por dia. Esse cuidado todo durou nada menos que seis meses.

WEI (*irônica*) Investiu pesado, hein?

CHEN S. Criar bons descendentes é uma tarefa de muito longo prazo, não se devem poupar esforços. Disseram que esse homem importante viu a minha foto antes de ser desfigurada e achou que eu tinha uma beleza mestiça.

WEI Já que não gosta de dinheiro, por que aceitou ser barriga de aluguel?

CHEN S. Eu disse que não gosto de dinheiro?

WEI Isso saiu da sua própria boca.

CHEN S. (*tentando se lembrar*) Agora me lembrei, é que meu pai foi hospitalizado depois de um acidente de carro. A barriga de aluguel era para pagar as despesas de internação.

WEI Você é mesmo uma boa filha. Um pai desses é melhor morto mesmo.

CHEN S. Já pensei assim também, mas ele é meu pai, afinal de contas.

WEI Por isso falei que você é uma boa filha.

CHEN S. Sei que meu filho não morreu porque ouvi o choro dele quando nasceu... Escute, ele está chorando de novo... Meu filho, não tomou nem um bocado do leite de sua mãe desde que chegou a este mundo... Coitadinho dele...

O delegado abre a porta e entra.

DELEGADO Que choradeira é essa? Não pode falar mais baixo?

CHEN S. (*de joelhos*) Magistrado Bao, excelência, fazei-me justiça...

DELEGADO O que é isso? Que bagunça é essa?

WEI (*em voz baixa*) Delegado, isto pode ser um tremendo caso criminal! (*entrega as anotações ao delegado e este as folheia*). Pode envolver crime de prostituição organizada e crime de tráfico de crianças!

CHEN S. Mandarin Bao, resgatai meu filho...

DELEGADO Bem, Chen Sobrancelha, vou aceitar suas queixas por escrito. Vou relatar tudo ao mandarim. Agora pode voltar para casa e esperar por notícias.

Sai Chen Sobrancelha.

WEI Delegado!

DELEGADO Você é recém-chegada, não está a par da situação. Essa mulher é vítima do incêndio da Fábrica de Brinquedos Dongli, e faz anos que não anda boa da cabeça. Merece nossa compaixão, mas o que mais podemos fazer?

WEI Mas delegado, eu vi que...

DELEGADO Você viu o quê?

WEI (*relutante*) A secreção de leite nos seios dela!

DELEGADO Pode ser suor, não? Wei, você foi empossada há pouco tempo. Nossa profissão exige que fiquemos alerta, mas sem

excessos de zelo!

Cortina.

Ato IV

A ambientação do palco é a mesma do Ato II.

Hao Mão Grande e Qin He moldam bonecos, cada um na respectiva bancada.

Em silêncio, entra um homem de meia-idade, vestindo um blazer cinza amarrotado, com uma gravata vermelha no pescoço, uma caneta no bolso e uma pasta debaixo do braço.

HAO (*sem erguer a cabeça*) Girino, você por aqui de novo?!

GIRINO (*adulando*) Como o tio Hao é fenomenal, só de ouvir já sabe que sou eu.

HAO Não foi com o ouvido, foi com o nariz.

QIN O olfato de um cão é dez mil vezes mais sensível que o de um homem.

HAO Como se atreve a me insultar?!

QIN Como assim? Só falei que o olfato de um cão é dez mil vezes mais sensível que o do homem.

HAO Não vai parar?! (*com a argila na mão, molda rapidamente o rosto de Qin He. Levanta para mostrar a Girino e Qin He e joga-a no chão com força*). Vou amassar essa criatura sem-vergonha!

QIN (*sem se intimidar, molda a figura de Hao Mão Grande, mostra a Girino e joga-a no chão*) Vou amassar este cão velho!

GIRINO Calma, tio Hao! Calma, tio Qin! Calma, mestres! Vocês acabaram de moldar excelentes obras de arte. É uma pena terem amassado tudo!

HAO Pare de se intrometer. Cuidado senão vou moldar uma figura sua e amassá-la!

GIRINO Por favor, molde minha figura, mas não a amasse. Quando meu roteiro for publicado, vou usar a imagem na capa.

HAO Eu já lhe disse que sua tia prefere ver formigas subindo na árvore a ler esse maldito roteiro.

QIN Por que você não vai trabalhar na roça em vez de escrever teatro? Se você for capaz de escrever alguma coisa, vou comer este pedaço de barro.

GIRINO (*humilde*) Tio Hao, tio Qin, minha tia está envelhecendo, já não tem a vista boa. Não vou fazê-la ler meu roteiro sozinha, prefiro ler em voz alta para ela e para vocês também. Devem ter ouvido falar de Cao Yu e Lao She, dois dramaturgos que sempre liam seus roteiros em voz alta para os atores e diretores.

HAO Mas você não é um Cao Yu, nem um Lao She.

QIN E nós não somos atores, muito menos diretores.

GIRINO Mas vocês são personagens da minha obra! Gastei muita tinta para embelezar vocês, se não ouvirem, será uma lástima. Se ouvirem e não ficarem satisfeitos com alguma coisa, ainda posso alterar; se não quiserem ouvir, não adianta se arrepender depois que a peça for montada ou publicada (*dramático*). Para escrever este roteiro, gastei dez anos e todas as minhas posses, até tirei umas vigas do teto para vender (*aperta o peito e tosse dolorosamente*). Para escrever este roteiro, consumi um fumo de baixa qualidade, amargo e picante. Na falta desse fumo, usava folhas de acácia. Passei um sem-número de noites em claro.

Prejudiquei minha saúde e encurtei minha vida. Para que tudo isso? Pela fama? Pela riqueza? (*estridente*). Nada disso! Foi por amor a minha tia, foi para enaltecer a grande mãe do Nordeste de Gaomi! Agora, se vocês não quiserem me dar ouvidos, vou morrer na sua frente!

HAO Quem você pretende assustar com isso? Como prefere morrer? Enforcando-se ou tomando veneno?

QIN Até parece comovente, fiquei com vontade de ouvir.

HAO Você pode ler em voz alta, mas não na minha casa.

GIRINO Aqui é, antes de tudo, a casa da minha tia, só depois é que pode ser a sua casa.

A tia sai engatinhando da caverna.

TIA (*lânguida*) Quem está falando de mim?

GIRINO Tia, sou eu.

TIA Sabia que era você. O que está fazendo aqui?

GIRINO (*abre a pasta apressado, tira uma resma de manuscritos e lê afobado*) Tia, sou eu, sou Girino da vila Liang Xian (*Qin He e Hao Mão Grande trocam um olhar intrigado*). Meu pai é Yu Peisheng e minha mãe, Sun Fuxia. Sou um dos "bebês batata-doce" e o primeiro que a senhora trouxe ao mundo. Minha esposa é Tan Yu'er, também nasceu pelas suas mãos, seu pai é Tan Jinhai e sua mãe, Huang Yueling...

TIA Pare de ler isso! Depois de virar dramaturgo, você mudou seu sobrenome? Mudou a data de nascimento? Trocou de pai e mãe? Mudou de aldeia? Trocou de esposa? (*caminha por entre a dúzia de bonecos pendurados no palco, ora cabisbaixa e pensativa, ora pisando duro, martela o peito com o punho. De repente, dá um tapa na bunda de um bebê e ele começa a chorar. Bate na bunda dos bebês, um após outro, e todos choram. Em meio ao choro das*

crianças, ela começa a falar sem parar, o choro vai diminuindo). Escutem bem, vocês, bebês batata-doce! Tirei vocês com minhas próprias mãos! Pestinhas, nenhum de vocês me poupou da canseira. Trabalho com isso há mais de cinquenta anos, e nem agora tenho descanso. E nesses cinquenta anos, quantas vezes fiquei sem comer? Quantas noites fiquei sem dormir? As mãos sujas de sangue, a cabeça empapada de suor, a roupa suja de fezes e urina, acham que é fácil ser ginecologista no campo? Nas dezoito aldeias no Nordeste de Gaomi e suas mais de cinco mil famílias, existe casa onde eu não tenha entrado? E os barrigões de suas mães e mulheres, existe algum que não tenha visto? E os canalhas dos seus pais, todos fui eu que operei. Agora alguns de vocês são do governo, outros são ricos. Vocês podem correr soltos diante do prefeito ou mostrar os dentes para o governador, mas, na minha frente, quero que se comportem! Por mim, teria castrado todos vocês, seus cachorros, pelo bem de suas mulheres. Parem com esse risinho impertinente, seriedade! O planejamento familiar diz respeito ao destino de uma nação e à vida do povo, é uma prioridade. Parem de fazer caretas, não adianta. Se é para fazer aborto, fazemos, se é para fazer ligadura, fazemos também. Nenhum homem presta, quem disse isso? Não sabem? Se não sabem, também não sei. Só sei que nenhum homem presta. E, apesar de não prestarem, não dá para ficar sem vocês. Foi o arranjo que Deus fez quando criou o mundo, tigres e lebres, gaviões e pardais, moscas e mosquitos... Se faltasse uma só criatura, o mundo não seria mundo. Dizem que existe uma tribo na selva africana onde as pessoas vivem em árvores e fazem ninhos. As mulheres botam ovos no ninho e depois saem e ficam de cócoras pelos galhos para comer frutas silvestres. Enquanto isso, os homens se cobrem de folhas, deitam-se sobre os ovos e ficam chocando por quarenta e nove dias. Depois, as crianças

quebram a casca e dão um pulo para sair. Já nascem sabendo subir em árvores. Acreditam nisso? Não? Mas eu acredito! Já fiz o parto de um ovo do tamanho de uma bola de futebol. Foi chocado por quinze dias e dele saiu um bebê gordo chamado Dan Sheng. Infelizmente morreu de encefalite. Se estivesse vivo, teria uns quarenta anos e com certeza seria um grande escritor, porque no aniversário de um ano ele escolheu de presente, sem piscar, uma caneta. Quando morre o tigre, o macaco vira rei. Só porque Dan Sheng morreu, agora chegou sua vez de brincar com as letras...

GIRINO (*com infinita admiração*) Tia, a senhora tem mesmo o dom da palavra. Não só é uma distinta ginecologista, como também uma excelente dramaturga! O que acabou de dizer de improviso seria uma fala maravilhosa no palco!

TIA Como assim "de improviso"? As palavras que saem da minha boca são todas bem pensadas (*aponta para a resma de manuscritos nas mãos de Girino*). Isso aí é o roteiro que escreveu?

GIRINO (*humilde*) Sim.

TIA Qual é o título mesmo?

GIRINO *Wa*.

TIA *Wa* como em *wawa*, bebê, ou como em *qingwa*, rã?

GIRINO Por enquanto é "rã", mas é claro que dá para mudar para "bebê", e claro que ainda podemos mudar para *wa* como em Nü Wa. A deusa Nü Wa criou o homem, a rã é símbolo de fertilidade e totem do Nordeste de Gaomi, em nossas esculturas de argila, nossas pinturas do Ano-Novo há exemplos concretos do culto à rã.

TIA Mas não sabe que tenho fobia a rãs?

GIRINO Meu teatro é justamente para analisar o motivo dessa sua fobia. Depois de ler o texto, quem sabe consegue lidar com seu complexo e parar de ter medo de rãs?

TIA (*estende a mão*) Então me dê esse seu roteiro.

Girino entrega o roteiro à tia, respeitoso.

TIA (*para Qin He e Hao Mão Grande*) Qual de vocês vai tacar fogo nesta baboseira?

GIRINO Mas, tia, isso me custou dez anos de suor!

TIA (*joga os papéis para o alto, as folhas se espalham no palco*) Não quero nem olhar. Só de cheirar, já sei que peido você soltou! Com o pouco de conhecimento que você tem, ainda se atreve a analisar o motivo da minha fobia de rãs?

Girino, Qin He e Hao Mão Grande brigam para pegar os papéis no chão.

TIA (*mergulhada em suas lembranças*) Na manhã do dia em que você nasceu, eu estava lavando as mãos no rio e vi uma horda de girinos na água. A seca daquele ano era grave, havia mais girinos que água. A imagem me fez lembrar que, de todos aqueles girinos, só um em cada dez mil vai se transformar em rã. A maioria vai virar lama. É como o esperma do homem. Da horda de espermatozoides, só um em dez milhões fecundará um óvulo e virará um bebê. Daí pensei que os girinos devem ter uma conexão mística com a reprodução humana. Quando sua mãe me pediu para dar um nome a você, disse Girino, sem piscar. Sua mãe disse: "Bom nome, bom mesmo! Girino, é fácil criar um bebê com nome modesto". Girino, seu nome traz sorte!

Girino, Qin He e Hao Mão Grande ouvem, segurando alguns papéis na mão.

GIRINO Obrigado, tia!

TIA Mais tarde, o *Diário do Povo* divulgou um método contraceptivo com girinos. Era assim: antes de fazer sexo, as mulheres em período fértil deviam ingerir catorze girinos vivos para evitar filhos. Claro que não funcionou e aquelas mulheres tiveram rãs!

HAO Pare de falar essas coisas, ou vai passar mal de novo.

TIA Quem vai passar mal? Não estou doente, doente é quem come rã. Mandaram um bando de mulheres cortarem a cabeça das rãs com uma tesoura na beira do rio. Depois tiram a pele das rãs como quem tira uma calça. As coxas são iguais às de uma mulher. Foi aí que começou minha fobia. Aquelas coxas... parecem de mulher..

QIN Quem come esses bichos acaba pagando seus pecados. Eles têm um parasita que sobe até o cérebro e deixa a pessoa idiota, com cara de rã.

GIRINO Esse é um detalhe importante. Quem come rã vira rã. Mas minha tia foi a heroína defensora das rãs.

TIA (*angustiada*) Não, minhas mãos estão manchadas de sangue de rã. Fui enganada, sem saber comi bolinhos de carne de rã. Como seu tio-avô havia me contado, sem saber, um imperador comeu almôndegas feitas com a carne de seu filho. Mais tarde, quando foi forçado a sair da capital, vomitou algumas almôndegas que, ao tocarem o chão, viraram coelhos, e "coelho" em nossa língua tem a mesma pronúncia de "vomitar o filho". Naquele dia, voltei para casa com o estômago revirando, e ainda parecia ouvir um *coac coac*. Era um desconforto enorme, uma náusea enorme. Fui até o rio, vomitei umas coisinhas verdes que viraram rãs assim que caíram na água...

Lideradas pelo menino de aventalzinho verde na barriga, as rãs deficientes saem se arrastando da caverna. O menino grita: "Pague o que deve! Pague o que deve!". As rãs coaxam com raiva.

A tia dá um grito e desmaia.

Hao Mão Grande a abraça e tenta reanimá-la.

Qin He tenta espantar o menino e sua horda de rãs.

Girino pega o manuscrito página por página do chão.

GIRINO (*tira do bolso um convite vermelho*) Tia, na verdade sei o motivo fundamental da sua fobia de rãs. Sei também que, ao longo desses anos, você vem tentando por todos os meios remediar o "pecado" que acredita ter cometido. Na realidade, a culpa não é sua; aquelas rãs defeituosas são ilusões da sua cabeça. Tia, com sua ajuda nasceu meu filho. Para comemorar, vou oferecer um grande banquete e queria poder contar com sua presença, (*a Hao e Qin*) e de vocês dois também!

Cortina.

Ato v

É noite, raios de luz incidem oblíquos, um brilho dourado toma o palco.

Num canto do templo de Niangniang, Chen Nariz e seu cachorro estão enrodilhados ao pé de uma grossa coluna. O cachorro pode ser representado por um homem. Diante de Chen está uma tigela de ferro muito surrada, dentro dela algumas notas e moedas. Duas muletas de madeira descansam ao lado.

Entra Chen Sobrancelha como um espectro, vestindo túnica preta, o rosto coberto por um véu negro.

Dois homens entram no palco logo atrás dela, vestidos da mesma forma.

CHEN S. *(em prantos)* Bebê... Meu bebê... Onde está... Meu bebê...
Onde está...

Os dois homens de preto se aproximam de Sobrancelha.

CHEN S. Quem são vocês? Por que estão vestidos de preto e com o rosto coberto? Ah, entendi, também são vítimas daquele

incêndio...

HOMEM DE PRETO A Sim, também somos vítimas.

CHEN S. (*lúcida*) Não, as vítimas do incêndio são todas mulheres, e vocês nitidamente são homens.

HOMEM DE PRETO B Somos vítimas de outro incêndio.

CHEN S. Coitados de vocês...

HOMEM DE PRETO A Pois é, somos uns coitados.

CHEN S. Devem estar muito angustiados...

HOMEM DE PRETO B Sim, muito angustiados...

CHEN S. Já fizeram o transplante de pele?

HOMEM DE PRETO A (*sem entender*) Que transplante de pele?

CHEN S. É tirar a pele boa do bumbum ou da coxa, de onde não foi queimado, e colocar na parte queimada. Não fizeram isso?

HOMEM DE PRETO B Sim, claro que fizemos. A pele do nosso bumbum foi totalmente retirada pelo médico para colocar no nosso rosto...

CHEN S. Fizeram o transplante de sobrancelha também?

HOMEM DE PRETO A Sim, sim.

CHEN S. Usaram os cabelos ou os pelos pubianos?

HOMEM DE PRETO B O que é isso? Pelo pubiano pode virar sobrancelha?

CHEN S. Se o couro cabeludo estiver todo queimado, só se podem aproveitar os pelos pubianos, melhor que nada, não acham? Se nem houver os pelos pubianos, vai ficar pelado mesmo, parecendo uma rã.

HOMEM DE PRETO A Sim, sim, sim. Não temos nenhum pelo, estamos lisos como rãs.

CHEN S. Já se olharam no espelho?

HOMEM DE PRETO B Nunca nos olhamos no espelho.

CHEN S. Nós, pacientes queimados, temos medo do espelho e também temos ódio dele.

HOMEM DE PRETO A Sim, quebramos qualquer espelho que encontrarmos pela frente.

CHEN S. Isso não adianta nada. Podem quebrar o espelho, mas vão quebrar também a vitrine de uma loja ou um chão de mármore? E a água que reflete a imagem e os olhos que nos olham? Quando nos veem, eles vão fugir gritando, as crianças podem até chorar de medo. Chamam a gente de fantasma, de demônio. Seus olhos são nossos espelhos, por isso não há como quebrar todos os espelhos. A melhor maneira é esconder nosso rosto.

HOMEM DE PRETO B Sim, sim, sim. Por isso cobrimos nosso rosto com um véu negro.

CHEN S. Já pensaram em se matar?

HOMEM DE PRETO B Nós...

CHEN S. Até onde sei, das irmãs que ficaram feridas, cinco já cometeram suicídio. Elas se mataram depois de se olhar no espelho...

HOMEM DE PRETO A Maldito espelho!

HOMEM DE PRETO B Por isso quebramos todos os espelhos que encontramos pela frente.

CHEN S. Eu queria me matar, mas depois desisti da ideia...

HOMEM DE PRETO A Viver é bom. Antes viver mal que morrer bem!

CHEN S. Desde que engravidei, desde que senti essa pequena vida pulsando na minha barriga, não queria mais morrer. Sentia que eu era um casulo feio, e que uma vida linda estava sendo gestada, e quando ela rompesse o casulo e saísse, eu me tornaria uma casca vazia.

HOMEM DE PRETO B Lindas palavras.

CHEN S. Depois que meu filho nasceu, não virei casca vazia nem morri. Eu me descobri ainda mais viva. Não sequei nem murchei, pelo contrário, ganhei mais viço. A pele seca no meu rosto parece

mais fresca, meus seios estão cheios de leite... a reprodução me deu uma nova vida... Mas eles levaram meu filho...

HOMEM DE PRETO A Venha conosco, nós sabemos onde está seu filho.

CHEN S. Sabem onde meu filho está?

HOMEM DE PRETO B Estávamos à sua procura para ajudá-la a encontrar seu filho.

CHEN S. (*animada*) Graças a Deus, me levem logo, me levem para onde está meu filho...

Os dois homens de preto, segurando Sobrancelha, estão prestes a sair de cena.

O cachorro de Chen Nariz pula como uma flecha e agarra com a boca a perna esquerda do homem de preto A.

Chen Nariz se levanta de um salto, segurando as muletas, pula para a frente. Apoia o corpo em uma muleta, enquanto ataca o homem de preto B com a outra.

Os dois homens se livram do cachorro e de Chen Nariz, recuam para um lado do palco e tiram uma arma, como um punhal. Nariz fica ao lado do cachorro, Sobrancelha está na parte anterior do palco, formando assim um triângulo.

CHEN N. (*rosnando*) Larguem minha filha!

HOMEM DE PRETO A Seu velho desgraçado, bêbado, malandro, indigente. Como se atreve a dizer que é sua filha?

HOMEM DE PRETO B Se é mesmo sua filha, então chame-a, quero ver se ela responde.

CHEN N. Sobrancelha... Minha pobre filha...

CHEN S. (*friamente*) Deve ser um engano. Deve ter se enganado.

CHEN N. (*pesaroso*) Sobrancelha, sei que você odeia o papai. Devo a você, devo a sua irmã e a sua mãe. Fiz mal a vocês, sou um pecador, um inútil, um morto-vivo...

HOMEM DE PRETO A Isso é uma confissão? Tem alguma igreja aqui por perto?

HOMEM DE PRETO B Vá para o leste ao longo do rio, uns dez quilômetros, há uma igreja católica recém-restaurada.

CHEN N. Sobrancelha, sei que foi enganada por eles. Quem te enganou foi um velho amigo do papai, agora vou te ajudar a fazer justiça.

HOMEM DE PRETO A Seu velho, saia da frente.

HOMEM DE PRETO B Moça, venha conosco, garantimos que vai ver seu filho.

Chen Sobrancelha vai em direção aos dois homens. Nariz e o cachorro tentam impedi-la.

CHEN S. (*com raiva*) Quem é você? Por que me impedir? Quero achar meu filho, sabia? Ele nunca tomou do meu leite desde que nasceu. Se não amamentá-lo, vai morrer de fome, sabia?

CHEN N. Sobrancelha, você me odeia, entendo; você não quer me reconhecer como seu pai, de acordo. Mas não pode ir com eles. Eles venderam seu filho. Se você for com eles, vão jogar você no rio para se afogar, e depois, vão forjar uma cena de suicídio. Essas coisas, já fizeram mais de uma vez...

HOMEM DE PRETO A Seu velho, acho que você já viveu o bastante. Como pode nos caluniar desse jeito?

HOMEM DE PRETO B Que besteira é essa? Numa sociedade como a nossa, como podem existir essas maldades, homicídio, assassinato?

HOMEM DE PRETO A Deve ter assistido muito daqueles filmes em salinhas de vídeo.

HOMEM DE PRETO B E agora tem dessas alucinações.

HOMEM DE PRETO A Acha que socialismo é capitalismo.

HOMEM DE PRETO B E que gente de bem é bandido.

HOMEM DE PRETO A E que boas intenções são maldade.

CHEN N. Vocês são um monte de bosta que ninguém quer, são o pior lixo da sociedade...

HOMEM DE PRETO B Como se atreve a nos chamar de pior lixo da sociedade? Você é um porco que fuça a lixeira para achar comida. Sabe com quem está falando?

CHEN N. Claro que sei com quem estou falando. Conheço vocês e sei o que fizeram.

HOMEM DE PRETO A Acho que é hora de convidá-lo para tomar um banho frio no rio.

HOMEM DE PRETO B Amanhã de manhã, as pessoas que vierem queimar incenso e amarrar boneco vão dar falta do velho mendigo na entrada do templo junto com seu cachorro coxo.

HOMEM DE PRETO A Ninguém vai se importar com isso.

Os dois homens lutam com Nariz e seu cachorro. O cachorro morre e Nariz é derrubado no chão. Os dois tentam esfaquear Nariz, então Sobrancelha tira o véu, mostra o rosto hediondo e solta um grito demoníaco. Assustados, os dois homens deixam Nariz e fogem.

Cortina.

Ato VI

Uma enorme mesa redonda no meio do quintal de uma casa camponesa, cheia de taças e pratos. No fundo do palco lê-se: FESTA DE UM MÊS DE JINWA.

No proscênio, Girino, vestindo uma roupa tradicional de seda brilhante, bordada com os ideogramas "felicidade" e "longevidade", dá boas-vindas aos convidados.

Entram em cena, um após outro, os colegas de escola de Girino, Li Mão e Yuan Bochecha, seguidos pelo primo. Cada um deles pronuncia cumprimentos e felicitações semelhantes.

A tia, vestindo uma túnica vermelho-escura, entra em cena de maneira solene, escoltada por Hao Mão Grande e Qin He.

GIRINO (*contente*) Tia, finalmente a senhora chegou.

TIA Como poderia deixar de vir celebrar uma nova vida na família Wan?

GIRINO Se Jinwa nasceu em nossa família, foi graças à senhora!

TIA Que exagero! (*olha para os convidados a sua volta e diz sorrindo*). Nenhum foge à regra (*todos parecem intrigados*). A tia aponta para Hao Mão Grande e Qin He). Com exceção destes

dois, todos vocês nasceram pelas minhas mãos. Sei até quantas pintas tem na barriga de suas mães (*todos riem*). Por que ainda não convidou as pessoas à mesa?

GIRINO Como podemos nos sentar antes de a senhora chegar?

TIA E seu pai? Chame-o para ocupar o lugar de honra.

GIRINO Meu pai anda um pouco resfriado nesses dias, foi a casa da minha irmã para ficar longe da agitação. Falou para a senhora sentar-se no lugar de honra.

TIA Então não vou me furtar à minha responsabilidade.

TODOS Por favor, por favor.

TIA Girino, você e Leoazinha já têm mais de meio século de idade e ainda assim conseguiram ter um bebê saudável. Mesmo que não entrem para o... *Guinness*, não é? — o livro *Guinness* dos recordes —, nunca vi algo assim nos cinquenta anos de minha carreira de ginecologista, por isso pode-se considerar uma grande felicidade!

Todos fazem coro, uns dizem "grande felicidade", outros, "milagre".

GIRINO Tudo isso graças à panaceia de minha tia!

TIA (*suspira*) Quando jovem, eu era uma completa materialista, mas, com a idade, estou cada vez mais idealista.

LI Na história da filosofia, o idealismo deve ter seu espaço.

TIA Vejam só quanta diferença entre quem tem estudo e quem não tem.

YUAN Somos gente ignorante, idealismo ou materialismo, para nós dá no mesmo.

TIA Neste mundo pode até não existir fantasma, mas existe carma. Se Girino e Leoazinha conseguiram ter um bebê depois dos cinquenta anos de idade, quer dizer que as gerações passadas do clã Wan acumularam méritos.

PRIMO As fórmulas de minha tia também fizeram sua parte.

TIA Com fé tudo funciona! (*para Girino*). Sua mãe foi sovina a vida inteira. Mas nesta geração, vocês vivem bem, têm mais dinheiro e ainda recebem uma felicidade dessas, é hora de mudar os costumes da família, ser mais generosos!

GIRINO Fique tranquila, tia. Não temos finas iguarias como pata de urso ou mocotó de camelo, mas tudo de que se precisa está na mesa: frango, pato, peixe e carne.

TIA (*olha os pratos na mesa*) Pelo que vejo, realmente está bem farto. E bebida? O que tem para beber?

GIRINO (*tira duas garrafas de uma caixa debaixo da mesa*) Maotai, a melhor aguardente que existe.

TIA Verdadeira ou falsificada?

GIRINO Consegui com Liu Guifang, diretora da Hospedaria Oficial da Prefeitura. Ela garantiu que é legítimo.

LI Ela foi nossa colega de escola.

YUAN É com velhos colegas que se comete a fraude.

TIA Ah, ela! É a segunda filha de Liu Baofu, da aldeia Liu. Ela também nasceu pelas minhas mãos.

GIRINO Mencionei esse relacionamento de propósito, e ela, solenemente, tirou as garrafas do cofre.

TIA Pois é, sabia que ela não teria coragem de me servir aguardente falsa.

Girino abre a garrafa e serve um pouco da bebida para a tia degustar.

TIA Ótima aguardente, é cem por cento verdadeira. Sirvam-se, sirvam-se todos.

Girino serve a bebida a todos.

TIA Já que estou no lugar de honra, vou propor alguns brindes: o primeiro é para agradecer à boa liderança do Partido Comunista da China, que nos fez sair da pobreza, prosperar, emancipar o pensamento e viver melhor. Sem isso, não teríamos os bons momentos que sobrevieram. Estou certa ou não?

Todos concordam em uníssono.

TIA Então, fundo seco!

Todos secam o cálice.

TIA Com o segundo brinde, quero agradecer aos antepassados da família Wan. Foram eles que, geração após geração, acumularam méritos para que seus filhos e netos possamos, hoje, colher os frutos da felicidade.

Todos secam o cálice.

TIA Com o terceiro brinde entramos no assunto principal, Girino e Leoazinha, esse casal tão amoroso que conseguiu ter um filho em idade avançada, que vocês sejam muito felizes.

Em resposta, todos erguem os cálices, vozerio.

Entram Liu Guifang e dois funcionários carregando caixas de papelão, seguidos por uma jornalista de TV e o câmara.

LIU Parabéns! Parabéns!

GIRINO Colega Liu, que surpresa!

LIU Vim brindar à felicidade do casal! Não sou bem-vinda?
(*cumprimenta todos na mesa com um aperto de mão. Aperta a mão da tia*). Tia, como a senhora está jovem!

TIA Que nada, sou uma bruxa velha!

GIRINO Se eu convidasse, você não viria! Não precisava trazer tanta coisa, sua presença já basta!

LIU Mas eu trabalho na cozinha, isso aqui não é nada de mais
(*apontando para as caixas*). São pratos que eu mesma fiz: peixe frito, gelatina de porco, pãozinho no vapor. Quero que vocês provem. Tia, trouxe-lhe uma garrafa de Maotai de cinquenta anos, um presente especial em sua homenagem.

TIA Um Maotai de cinquenta anos é realmente algo especial. No Festival de Primavera do ano passado, uma autoridade da prefeitura de Pingnan me mandou uma garrafa dessas por sua nora. Quando abri a tampa, o aroma encheu a sala!

GIRINO (*cuidadoso*) Colega, e essas pessoas, quem são?

LIU (*puxa a jornalista*) Esqueci de apresentar. Gao é jornalista da TV municipal, apresentadora e produtora do programa *Assuntos Sociais*. Este é o tio Girino, dramaturgo, que ganhou um filho em idade avançada, algo realmente extraordinário. Esta (*puxa a jornalista até a frente da tia*) é a madrinha do Nordeste de Gaomi, a tia. Gente de todas as idades, velhos e jovens a chamam de "tia". Todos nós, e também das duas gerações que nos seguiram, viemos ao mundo pelas mãos da tia.

TIA (*pega a mão da jornalista*) Vejam que moça bonita. Só de olhar para você, já posso imaginar a aparência de seus pais. Antes, quando procuravam alguém para namorar o filho ou a filha, considerava-se principalmente o status social. Mas agora o que defendo é considerar primeiro os genes, e depois o status social. Com bons genes, nascem descendentes saudáveis e inteligentes; se os genes forem ruins, tudo será em vão.

JORNALISTA (*faz um sinal para o câmara filmar*) Como a tia se mantém atualizada!

TIA Nada disso, é que tenho contato com pessoas de todas as profissões, e sempre ouço esses termos novos...

GIRINO (*sussurrando para Liu*) Colega, não convém divulgar muito este assunto, não acha?

LIU (*em voz baixa*) Gao é a noiva do meu filho. Na TV a concorrência é feroz, estão disputando fontes, informações e ideias. Devemos ajudá-la.

JORNALISTA Tia, a senhora acha que o fato de o sr. Girino e sua esposa terem conseguido um filho nessa idade tem a ver com seus bons genes?

TIA Mas é claro. Ambos têm bons genes.

JORNALISTA Em sua opinião, quem tem os melhores genes, o sr. Girino ou sua esposa?

TIA Você precisa entender o que é gene antes de me fazer essa pergunta.

JORNALISTA Poderia explicar a nossos telespectadores, em linguagem simples, o que é gene?

TIA O que é gene? Gene é a vida! É o destino!

JORNALISTA O destino?

TIA A mosca só assenta em ovo rachado, entende?

JORNALISTA Entendo.

TIA Uma pessoa com genes ruins é como um ovo que já saiu rachado, entendeu?

LIU Gao, deixe a tia beber e respirar um pouco. Pode entrevistar o tio Girino. Este é o tio Yuan Bochecha e este, tio Li Mão. Todos foram meus colegas de escola e são especialistas em assuntos genéticos. Pode entrevistar um por um (*serve bebida à tia*). Desejo à tia saúde e longevidade, que seja sempre a padroeira das crianças da nossa região!

JORNALISTA Tio Girino, sei que nasceu em 1953 e hoje tem cinquenta e cinco anos. Nas aldeias, pessoas com sua idade já têm netos, mas o senhor acabou de se tornar pai. Pode falar um pouco sobre a sensação de ganhar um filho com essa idade?

GIRINO No mês passado, o professor Li, da Universidade Qidong, de setenta e oito anos, levou seu filho que mal completou um mês para visitar o avô de cento e três anos no hospital, você viu essa matéria?

JORNALISTA Vi.

GIRINO Homens de cinquenta anos estão no auge de sua vida. O mais importante é a mulher.

JORNALISTA Podemos entrevistar sua esposa?

GIRINO Ela está descansando. Daqui a pouco vem brindar com os convidados.

JORNALISTA (*aponta o microfone para Yuan*) Diretor Yuan, ao ver o professor Girino ganhar um filho, não fica tentado a ter um também?

YUAN Ouçam isso! Se não fico tentado a ter um filho! Tentado até fico, mas não quero mais um. Meus genes não devem prestar, tive dois filhos, um pior que o outro; se fizesse mais um, não sairia boa coisa. Além do mais, minha mulher é um pedaço de chão seco, se plantasse ali uma pequena árvore, em três dias viraria uma bengala.

LI Pode pedir a ajuda da amante, ora!

YUAN Meu irmão, você também já tem certa idade, não pode sair falando essas coisas. Somos gente decente, honrada, como poderíamos fazer um escândalo desses?

LI E isso lá é escândalo? Isso é moda, é tendência. É promover a melhoria genética e o alívio da pobreza. É alavancar o crescimento das demandas internas e fomentar o desenvolvimento.

YUAN Pare com isso. Se isso sai no programa, você vai preso.

LI Pergunte se ela tem coragem de pôr isso no programa.

JORNALISTA (*sorri sem responder, vira-se para a tia*) Tia, dizem que a senhora preparou uma fórmula que faz as mulheres rejuvenescerem depois da menopausa.

TIA Muita gente ainda diz que meu remédio muda até o sexo do bebê na barriga da mãe. Vocês acreditam nisso também?

JORNALISTA Na dúvida, a gente acredita.

TIA Se você acredita em Deus, Ele existe; se não, é só um pedaço de barro. Todo mundo pensa assim.

GIRINO Gao, camaradas da TV, por que não sentam à mesa para beber um pouco? Depois de beber, continuam a entrevista, o que acham?

JORNALISTA Bebam vocês, ajam como se não estivéssemos aqui.

LI Mas vocês ficam andando para lá e para cá, como é que vamos fazer de conta que não estão?

JORNALISTA Vocês não precisam considerar que somos pessoas, pensem que somos... sei lá!

YUAN Guifang, minha colega. Naquele tempo, você era meu ídolo, faço questão de brindar com você!

LIU (*ergue o cálice para brindar com Yuan*) Desejo um grande sucesso a seu negócio no ranário. Espero que seu creme Pele de Anjo seja lançado em breve.

YUAN Não mude de assunto, preciso contar como fiquei fascinado por você naquele tempo.

LIU Pare de se fazer de bobo, deixe de falsidade! Quem é que não sabe que sua empresa está cheia de moças bonitas?

JORNALISTA (*aproveitando o momento para falar ao microfone*) Caros telespectadores, o programa *Assuntos Sociais* apresenta hoje um acontecimento feliz no Nordeste de Gaomi. O famoso dramaturgo Girino, que depois de aposentado voltou a nossa terra para escrever, e sua esposa, Leoazinha, ambos com mais de cinquenta

anos de idade, surpreendentemente conseguiram gerar um filho, que nasceu com saúde no último dia 15...

TIA É hora de trazer o bebê para mostrar aos convidados!

Girino sai de cena correndo.

LIU (*olha séria para Yuan e diz em voz baixa*) Pare de falar bobagens, a tia está chateada.

Girino volta com Leoazinha. Ela tem uma toalha enrolada na cabeça e traz no colo o bebê envolto em um pano.

Um fotógrafo tira fotos.

Todos batem palmas para comemorar.

GIRINO Venha, deixe a tia-avó dar uma olhada primeiro.

Leoazinha leva o bebê à tia, que levanta um canto do pano e observa.

TIA (*emocionada*) Que criança linda, linda mesmo. Tem bons genes, traços perfeitos, se tivesse nascido na sociedade feudal, com certeza seria um campeão dos concursos imperiais.

LI Mais do que campeão, quem sabe seria imperador?

TIA Vamos competir para ver quem bajula mais?

JORNALISTA (*estende o microfone para a tia*) Tia, este bebê também nasceu por suas mãos?

TIA (*põe um envelope vermelho na manta do bebê, Girino e Leoazinha recusam, a tia abana a mão*) Esta é a regra, a tia-avó tem dinheiro (*para a jornalista*). Graças à confiança que eles

depositaram em mim. Ela é uma gestante de idade muito avançada, estava sob forte pressão psicológica. Sugeri que fosse a um hospital para “abrir a melancia”, mas ela não queria. Concordo com ela, só depois de ter um bebê através do canal de parto é que a mulher sabe o que é ser mulher e como ser mãe!

Enquanto a tia concede a entrevista, Leoazinha e Girino mostram o filho a cada um dos convidados, que põem envelopes vermelhos na manta do bebê.

JORNALISTA Tia, será este o último bebê a nascer pelas suas mãos?

TIA O que acha?

JORNALISTA Dizem que não são só as mulheres daqui que a idolatram e confiam na senhora, mas até parturientes de Pingdu e Jiaozhou também a procuram, é isso mesmo?

TIA Nasci para trabalhar duro.

JORNALISTA Dizem que suas mãos possuem um poder mágico e só de tocar a barriga de parturiente aliviam muito sua dor e acabam com a ansiedade e o medo.

TIA É assim que se cria um mito.

JORNALISTA Tia, por favor, mostre suas mãos, queríamos fazer alguns close-ups.

TIA (*sarcástica*) As massas populares precisam de mitos! (*a todos*). Sabem quem disse isso?

LI Alguma grande personalidade, pelo jeito.

TIA Fui eu que disse.

YUAN Mas a tia é praticamente uma grande personalidade!

LIU Que praticamente que nada! A tia é uma grande personalidade!

JORNALISTA (*solene*) Foi este par de mãos comuns que trouxe ao mundo milhares de bebês...

TIA Também foi este par de mãos comuns que mandou milhares de bebês para o inferno! (*toma um cálice de aguardente*). As mãos da tia estão manchadas por dois tipos de sangue: um perfumado, outro fedorento.

LIU Tia, a senhora é uma santa, a trazedora de bebês da nossa terra. Quanto mais olho para a estátua de Niangniang no templo, mais acho parecida com a senhora. Devem ter se inspirado na sua fisionomia.

TIA (*embriagada*) As massas populares precisam de mitos...

JORNALISTA (*estende o microfone a Leoazinha*) A senhora quer falar alguma coisa?

LEOAZINHA Falar o quê?

JORNALISTA Qualquer coisa, por exemplo, o que sentia ao saber que estava grávida pela primeira vez, como foi a gestação, por que teve de convidar a tia para fazer o parto...

LEOAZINHA Quando fiquei sabendo que estava grávida, achei que estava sonhando. Tenho mais de cinquenta anos, fazia dois anos que não menstruava, como podia engravidar de repente? A gestação foi metade alegria, metade preocupação. Alegre por poder ser mãe finalmente. Durante mais de uma década, eu trabalhava com a tia como ginecologista, ajudei-a a fazer o parto de muitos bebês, mas não consegui ter meu próprio filho. Mulher sem filho não é mulher completa, e não consegue erguer a cabeça na frente do marido. Agora, tudo isso é passado.

JORNALISTA E a metade preocupação? O que a preocupava?

LEOAZINHA Acima de tudo a minha idade, estava preocupada de não conseguir gerar um filho saudável. A outra preocupação era não conseguir fazer o parto natural e ter de cortar a "melancia". É claro que, quando estava em trabalho de parto, a tia pôs a mão na minha barriga e todas as preocupações desapareceram. O que me restava era seguir as ordens dela e concluir o parto.

TIA (*embriagada*) Lavo o sangue fedorento com o perfumado...

Chen Nariz entra silenciosamente, apoiando-se nas muletas.

CHEN N. Como não convidam o avô para celebrar o primeiro mês de seu neto? Acham isso certo?

Todos aturdidos.

GIRINO (*atrapalhado, inquieto*) Meu irmão, perdão, mil perdões, me esqueci de você...

CHEN N. (*ri, descontrolado*) Você me chamou de irmão? Haha (*aponta, com uma muleta, para o bebê no colo da Leoazinha*). Por ele você deveria se ajoelhar, bater a testa no chão três vezes e me chamar de "sogro", não?

YUAN (*aproxima-se de Chen e o puxa*) Chen, vamos Chen, venha comigo. Vamos pegar uma mesa lá no Rei da Barbatana.

CHEN N. Saia da minha frente, seu canalha ordinário, desavergonhado. Quer calar minha boca com essa sua comida podre? Pode esquecer! Hoje é o grande dia do meu neto, não vou a lugar algum, só quero beber aqui em sua homenagem! (*senta-se em uma cadeira e percebe a presença da tia*). Tia, você sabe de tudo, sabe de cada criança que nasce por aqui, sabe quem tem semente que não germina, e quem tem terra onde não cresce mato, sabe tudo, a senhora pede semente emprestada para umas, e terra emprestada para outros, "rouba as vigas e troca os pilares", "avança em segredo para Chencang", "atravessa o mar sem deixar o céu saber", "sacrifica a ameixeira em favor do pessegueiro", "solta quando quer capturar", "mata com espada de outrem"... já empregou cada um dos Trinta e Seis Estratagemas...

TIA Só deixei dois para você usar: “tumultuar o Leste para atacar o Oeste”, “abandonar a pele como a cigarra dourada”. Naquele ano, você por pouco não me enganou. Metade do sangue fedorento que está nas minhas mãos (*cheira as mãos*) foi você quem colocou!

LI (*servindo bebida*) Chen, vamos, beba mais.

CHEN N. (*bebe em um gole*) Meu irmão, você, que é um homem justo, diga lá quem tem razão...

LI (*interrompe Chen Nariz, serve-lhe um copo maior*) Quem tem razão, quem não tem, só Deus é quem sabe! Aqui está, use um copo maior!

CHEN N. Você quer me embebedar? Quer me calar com a bebida? Está enganado.

LI Claro que estou enganado. Você é muito bom de copo, nem com mil tragos fica tonto. Mas hoje temos Maotai legítimo, seria uma pena não aproveitar! Vamos, saúde!

CHEN N. (*enxuga mais um copo, ofegante com as lágrimas nos olhos*)

Tia, Girino, Leoazinha, Bochecha, Jin Xiu, vejam a situação a que cheguei, sou um miserável! Entre os mais de cinquenta mil habitantes das dezoito aldeias do Nordeste de Gaomi, existe alguém mais miserável que eu? Digam, existe? Não, não existe ninguém assim! Ninguém leva uma vida pior que a minha. Mas vocês se juntaram para abusar de mim, deste inválido. Se abusassem só de mim, tudo bem, afinal de contas não sou nenhum santo, é meu carma! Mas por que abusaram de minha filha? Sobrancelha, uma menina que vocês viram crescer, a moça mais bonita da região, ela e a irmã, Orelha, elas deveriam se casar com a família imperial e ir morar em um palácio, como rainha, como princesa, mas... tudo por minha culpa... foi um castigo... Minha filha serviu de barriga de aluguel para você (*aponta para Girino com fúria*), porque precisava ganhar dinheiro

para pagar minhas contas no hospital. Mas vocês, velhos colegas de escola, tios, dramaturgo, empresários, inventaram uma mentira para dizer a ela que o filho dela morreu ao nascer? Assim deixaram de pagar a ela os quarenta mil iuanes prometidos... Lá em cima existe justiça! Deus, por que não abre seus olhos para ver isso? Olhe para esses malfeitores... Camaradas da TV, podem filmar, filmem tudo, eu, ela, eles, exponham isso para o grande público...

LIU Chen, pare de se gabar de ser bom de copo. Com dois tragos já começou a falar bobagem.

CHEN N. Liu Guifang, você é esperta mesmo. Com a reestruturação da hospedaria, de repente virou uma grande empresária, agora é milionária. Procurei você para pedir um trabalho para a minha filha, ainda que fosse acender o fogo na cozinha. Mas você não me concedeu essa graça. Disse que a empresa estava cortando funcionários, que estava difícil fazer favores, mas ...

LIU Meu colega, reconheço meu erro. Quanto a Sobrancelha, pode contar comigo. É só mais uma boca para alimentar, não é? Vou sustentá-la, está bem?

Yuan Bochecha, Jin Xiu e outros tentam levar Chen Nariz embora.

CHEN N. (*resistindo*) Ainda não vi meu neto (*tira um envelope vermelho do bolso*). Neto, seu avô é pobre, mas segue o protocolo. Também preparei um envelope vermelho para você...

Yuan Bochecha, Jin Xiu e outros tiram Chen Nariz dali. Nesse momento, do outro lado do palco, entra Chen Sobrancelha vestindo túnica e véu pretos.

Ao ver Chen Sobrancelha, todos ficam consternados. Silêncio no palco.

CHEN S. *(inala de maneira exagerada, fala baixo de início, mas vai aumentando a voz)* Filho, meu bebê, sinto seu cheirinho, tão bom, tão doce, tão forte *(tateando como se fosse cega, aproxima-se de Leoazinha, nesse momento o bebê no colo chora alto)*. Filho, filhinho... desde que nasceu, não tomou nem um gole de leite, deve estar morrendo de fome... *(toma o bebê do colo de Leoazinha e sai de cena correndo, todos ficam em choque, sem saber o que fazer)*.

LEOAZINHA *(estende os dois braços desesperada)* Meu filho, meu Jinwa...

Leoazinha é a primeira a ir atrás de Sobrancelha, seguida por Girino e outros. Caos no palco.

Cortina.

Ato VII

No telão do fundo do palco, a imagem muda constantemente. Ora uma rua movimentada, ora uma feira lotada, ora um parque onde uns praticam tai chi, outros passeiam com gaiolas de passarinho, outros tocam erhu... a alternância de imagens indica os lugares por onde ela passa na fuga.

Com o bebê no colo, Chen Sobrancelha corre enquanto fala frases desconexas sobre a criança.

CHEN S. Meu querido bebê... Finalmente a mamãe te achou... A mamãe não vai te largar nunca mais...

Leoazinha, Girino e outros estão atrás dela.

LEOAZINHA Jinwa... meu filho...

No palco, às vezes Sobrancelha corre sozinha, enquanto olha para trás, gritando, de vez em quando, para as pessoas na rua: "Ajudem-me, ajudem meu filho".

Às vezes a fugitiva e os perseguidores aparecem ao mesmo tempo. Sobrancelha pede socorro aos transeuntes: "Ajudem-nos!".

Leozinha grita para as pessoas na frente: "Parem ela! Parem essa ladra que roubou meu filho! Parem essa maluca..."

Chen Sobrancelha cai no chão, levanta-se, cai de novo e levanta-se novamente.

Desde que a cortina se abre até o momento em que se fecha, o som rápido e agudo de um violino da Ópera de Pequim se mistura ao choro da criança.

Cortina.

Ato VIII

Set de filmagem da novela Gao Mengjiu.

O palco é ambientado como o tribunal de um yamen distrital da época republicana. Apesar de algumas mudanças, mantém basicamente a ambientação dos tempos imperiais. No alto do salão, em posição central, há uma placa com a inscrição JUSTIÇA E HONRADEZ. Nas colunas laterais há placas com os versos de um dístico em que se lê, em letras garrafais, de um lado, VENTA, CHOVE, E O CÉU CONTINUA AZUL; e de outro, UM QUÊ DE LETRADO, UM QUÊ DE SOLDADO, UM QUÊ DE BÁRBARO. Um sapato enorme descansa sobre a mesa do magistrado.

Gao Mengjiu veste um terno preto de estilo chinês e usa um chapéu. No colete, vê-se a corrente de prata do relógio de bolso. Nos dois lados do palco, estão posicionados guardas do yamen com bordões nas mãos, mas, em vez dos trajes antigos, vestem ternos pretos de estilo chinês, o que lhes dá um ar meio cômico.

O diretor e a equipe de fotografia e som estão ocupados com os preparativos.

DIRETOR Todos na posição, preparar... Ação!

GAO (*pega o sapato e bate na mesa*) Ai ai ai... problemas! (*canta*). O magistrado Gao está diante de um caso difícil no tribunal, os Zhang e os Wang brigam por terras e cada qual diz ter razão, cabe a este magistrado decidir quem está certo, quem está errado... Eu, Gao Mengjiu, sou natural do distrito de Baodi, prefeitura de Tianjin. Alistei-me no Exército ainda jovem, lutei ao lado do marechal Feng Yuxiang no país inteiro e acumulei vários méritos. Fui promovido ao comando da guarda pessoal do marechal. Certo dia, um subordinado andava pela rua de óculos escuros e de braços dados com uma prostituta. Por acaso ele foi visto pelo marechal Feng, que me repreendeu por não ser rígido o suficiente com meus soldados. Envergonhado, certo de não ter correspondido às expectativas do marechal, pedi demissão e voltei a minha terra. No décimo nono ano da República, meu companheiro de armas e conterrâneo Han Fuqu assumiu o governo da província de Shandong e veio diversas vezes me convidar para trabalhar com ele. Sem poder desprezar tão generosa amizade, tomei posse do cargo na província. Fui conselheiro provincial, prefeito de Pingyuan e Qufu, e, nesta primavera, assumi a prefeitura de Gaomi. Terra de gente ladina e turrona, onde grassava a bandidagem, imperava o jogo e corria o ópio, a segurança pública era uma calamidade. Desde que tomei posse, empreendi reformas a passos largos, o banditismo foi erradicado, os valores da família, enaltecidos. Gosto de sair incógnito para averiguações e sou especialista em julgar casos difíceis (*em voz baixa*). Por certo que já dei motivo para piadas, não sou santo, como poderia estar livre dos erros? E será que nem os santos erram? Os notáveis locais me presentearam com este dístico: VENTA, CHOVE, E O CÉU CONTINUA AZUL; UM QUÊ DE LETRADO, UM QUÊ DE SOLDADO, UM QUÊ DE BÁRBARO. Foi muito bem escrito, muito bem mesmo! Ganhei também um apelido: Gao Sola!

Talvez porque eu goste de bater com a sola do sapato na cara desses espertalhões e dessas megeras (*canta*). Numa sociedade sem ordem, o governante deve recorrer a punições severas, em tempos brutais, é preciso ser bruto, usei artimanhas para acabar com a bandidagem e a golpes de sola fiz meu nome. Guardas...

TODOS OS GUARDAS Sim!

GAO Já está tudo pronto?

GUARDAS Tudo pronto!

GAO Que o autor do processo e o réu se apresentem!

GUARDA A Que o autor do processo e o réu se apresentem!

Chen Sobrancelha entra em cena tropeçando, com o bebê no colo.

CHEN S. Meritíssimo, sr. Bao, peço que defenda esta que vos fala...

Leoazinha, Girino e outros entram em seguida.

Os figurantes que representam os familiares de Zhang e Wang também entram, de maneira caótica.

DIRETOR (*irritado*) Parem! Parem! O que é isso? Que bagunça é essa?

Diretor de cena! Diretor de cena!

CHEN S. (*lança-se no chão e ajoelha-se diante da mesa*) Meritíssimo, sr. Bao, peço que defenda esta que vos fala!

GAO Mas meu sobrenome não é Bao, é Gao.

CHEN S. (*em meio ao choro do bebê*) Sr. Bao, meritíssimo, estou sofrendo uma injustiça sem igual na história, o senhor precisa julgar este caso com imparcialidade!

Yuan Bochecha e o primo seguram o diretor, murmuram algo e o diretor assente com a cabeça. Dá para entreouvir Bochecha: "Nossa

empresa fará um patrocínio de cem mil!”.

O diretor vai até Gao Mengjiu e cochicha algo em seu ouvido.

O diretor faz um gesto para o câmara, dando sinal de continuar.

Yuan Bochecha se aproxima de Girino e Leoazinha e diz algo a eles em voz baixa.

GAO (*pega o sapato e bate na mesa com força*) Cidadã diante deste tribunal, ouça-me. Hoje vou abrir uma exceção e julgar seu caso sem ser agendado. Diga-me seu nome, local de origem, o assunto do seu processo e seu réu, o que vai falar é só a verdade, se houver qualquer meia verdade, sabe quais são minhas regras?

CHEN S. Não sei.

TODOS OS GUARDAS (*em coro*) Oh oh!

GAO (*bate com o sapato na mesa*) Se houver qualquer meia verdade, vou bater com a sola em seu rosto!

CHEN S. Bem entendido!

GAO Conte-me toda a verdade.

CHEN S. Meritíssimo, meu nome é Chen Sobrancelha, sou natural de Nordeste de Gaomi. Perdi minha mãe na infância e fui criada junto com minha irmã. Já adulta, fui com ela trabalhar numa fábrica de brinquedos. Um incêndio matou minha irmã e deformou meu rosto...

GAO Chen Sobrancelha, tire o véu para que eu possa ver seu rosto.

CHEN S. Meritíssimo, não posso tirar...

GAO Por que não?

CHEN S. Com o véu, sou uma pessoa; sem o véu, viro um fantasma.

GAO Veja só, Chen Sobrancelha, para eu julgar um caso, preciso seguir certos procedimentos jurídicos. Com o véu cobrindo seu

rosto, como vou saber quem você é?

CHEN S. Meritíssimo, peça a eles para cobrirem os olhos.

GAO Cubram seus olhos.

CHEN S. Meritíssimo, olhe bem para mim. Meritíssimo, como a vida é sofrida (*deixa o bebê, tira o véu e tapa o rosto com as mãos*).

A um sinal de Gao Mengjiu, Leoazinha se lança para pegar o bebê e o segura no colo.

LEOAZINHA (*chorosa*) Meu bebê, Jinwa, meu bebezinho. Deixe a mamãe olhar para você... Girino, venha cá, o que aconteceu com nosso filho? Essa louca jogou nosso filho no chão e o matou!

CHEN S. (*grita e se lança enlouquecida contra Leoazinha*) É meu filho... meritíssimo, ela roubou meu filho...

Os guardas seguram Sobrancelha.

A tia entra em cena lentamente.

GIRINO Aí vem a tia!

LEOAZINHA Tia, veja o que aconteceu com Jinwa.

A tia aperta alguns pontos no corpo do bebê, que começa a chorar. Girino dá uma mamadeira a Leoazinha, que a coloca na boca da criança. O choro para.

CHEN S. Meritíssimo, não a deixe amamentar meu bebê com leite de vaca, é envenenado. Meritíssimo, tenho o meu próprio leite... Quer ver, posso espremer para o senhor ver...

Entram Chen Nariz e Li Mão.

CHEN NARIZ (*bate no chão com a muleta*) Ainda há justiça em plena luz do dia?!

GAO (*angustiado*) Venha cá, Chen Sobrancelha, é melhor colocar o véu de volta!

CHEN S. (*com medo, procura o véu com a mão e o coloca no rosto*) Meritíssimo, assustei o senhor... Peço desculpas...

GAO Chen Sobrancelha, já que o seu caso está em minhas mãos, vou investigar até entendê-lo a contento.

CHEN S. Muito obrigada, meritíssimo.

Girino e Yuan Bochecha escoltam Leoazinha e se preparam para sair.

GAO (*bate com o sapato na mesa*) Não lhes dei permissão para se retirar! Ainda não terminei meu julgamento, quem se atreve a sair? Guardas, fiquem de olho neles!

O diretor gesticula e pisca um olho para Gao Mengjiu, este finge que não viu nada.

GAO Chen Sobrancelha, você não para de dizer que o bebê é seu, então lhe pergunto, quem é o pai dessa criança?

CHEN S. Ele é um alto funcionário, um homem rico, poderoso.

GAO Por mais alto que seja o cargo, por mais rico ou poderoso que seja o homem, ele deve ter um nome, não?

CHEN S. Mas não sei o nome dele.

GAO Quando se casou com ele?

CHEN S. Nunca me casei.

GAO Oh, foi um filho fora do casamento. Então quando você teve com ele... relações sexuais?

CHEN S. Meritíssimo, não entendi.

GAO É que... quando dormiu com ele, como direi? Fizeram amor, entende?

CHEN S. Meritíssimo, nunca dormi com homem nenhum, sou virgem.

GAO Ah, está ficando complicado. Não dormiu com um homem, como ficou grávida e teve um filho? Será que não possui esses conhecimentos básicos de biologia?

CHEN S. Meritíssimo, o que digo é a mais pura verdade (*apontando para Leoazinha e o grupo*). Eles me deram um tubo de vidro...

GAO Fertilização in vitro.

CHEN S. Não foi fertilização in vitro.

GAO Entendi, é como se fosse nesses postos de reprodução do gado, foi a inseminação artificial.

CHEN S. Meritíssimo, (*ajoelha-se*) imploro sua investigação. Eu queria ter esse bebê, receber o pagamento pela barriga de aluguel, pagar os custos médicos do meu pai e me afogar num rio. Mas depois que fiquei grávida, depois que senti seu movimento na minha barriga, eu não quis mais morrer. Há outras moças que ficaram grávidas junto comigo, mas elas não amavam o bebê na barriga como eu. Tenho feridas no rosto e no corpo também. Nos dias nublados ou de chuva, as feridas doem e coçam demais. Nos dias secos, chegam a rachar e sangrar. Meritíssimo, meus meses de gestação não foram fáceis. Meritíssimo, passei por sofrimentos indescritíveis e, com todo o cuidado, finalmente tive o bebê. Mas eles mentiram para mim dizendo que a criança havia morrido... Sabia que meu filho não tinha morrido... Fui procurar e procurar e finalmente o encontrei... Não quero mais meu pagamento, nem que seja um milhão ou dez milhões. Quero só o meu filho! Meritíssimo, peço-lhe, por misericórdia, que me dê a guarda desse bebê...

GAO (*para Girino e Leoazinha*) Vocês dois, são legalmente casados?

GIRINO Casados há mais de trinta anos.

GAO Casados há mais de três décadas e nunca tiveram um filho?

LEOAZINHA (*descontente*) Acabamos de ter agora, não?

GAO Pela aparência, deve ter mais de cinquenta anos, não?

LEOAZINHA Eu sabia que ia perguntar isso (*apontando para a tia*). Ela é a ginecologista do Nordeste de Gaomi, fez o parto de milhares de bebês e curou inúmeros casos de infertilidade. Quem sabe o senhor também nasceu pelas mãos dela? Pode perguntar à tia, que é a testemunha de todo o processo, desde a gestação até o parto.

GAO Há muito tempo ouvi falar da grande fama da tia, que deve ser uma personalidade aqui na região, bem respeitada e tem autoridade nas palavras!

TIA Eu realmente fiz o parto dessa criança.

GAO (*para Chen Sobrancelha*) Foi ela que fez seu parto?

CHEN S. Meritíssimo, antes de entrar na sala do parto, eles vendaram meus olhos.

GAO Esse caso, acho que não consigo julgar direito! Devem fazer um exame de DNA.

O diretor cochicha algo para Gao Mengjiu, e este discute com o outro em voz baixa.

GAO (*dá um longo suspiro e canta*) Mistério, mistério, mistério, o caso me deixa totalmente perplexo. Com quem fica a custódia do bebê? De repente, vislumbro uma estratégia (*sai de trás da mesa*). Vejam bem, já que colocaram esse caso na minha mesa, vou esquecer o teatro e julgar o caso com seriedade! Guardas!

TODOS OS GUARDAS Sim!

GAO Quem não obedecer às minhas ordens receberá pancadas de sapato.

TODOS OS GUARDAS Sim!

GAO Chen Sobrancelha, Leoazinha, cada uma de vocês tem sua versão e ambas parecem ter razão. É difícil julgar. Por isso peço que Leoazinha entregue o bebê nas minhas mãos.

LEOAZINHA Não quero...

GAO Guardas!

TODOS OS GUARDAS (*em coro*) Sim...

O diretor cochicha algo para Girino e este cutuca Leoazinha com o cotovelo, em um sinal para que entregue o bebê a Gao Mengjiu.

GAO (*olha para o bebê no colo*) Realmente é um bom menino, não é à toa que as duas famílias estão brigando por ele. Chen Sobrancelha, Leoazinha, ouçam bem: já que não consigo julgar com quem fica o bebê, vou pedir para vocês tentarem tirar a criança das minhas mãos. O bebê fica com quem conseguir. Vamos resolver este caso confuso de maneira confusa! (*levanta o bebê*). Comecem!

Chen Sobrancelha e Leoazinha se lançam em direção ao bebê, disputando-o, e ele chora. Sobrancelha pega o bebê no colo dela.

GAO Guardas! Prendam Chen Sobrancelha e peguem o bebê de volta.

Os guardas pegam o bebê de volta e o entregam a Gao Mengjiu.

GAO Chen Sobrancelha, sua audaciosa. Mentiu que era a mãe da criança, mas na hora de disputá-la, estava sem nenhuma piedade, obviamente isso demonstra que você é a mãe falsa. Ao lutar pelo bebê, quando Leoazinha escutou o choro dele, o profundo amor dela pelo filho a fez soltar a mão para não machucá-lo. O

meritíssimo sr. Bao usou esse método para julgar casos semelhantes: quem solta a mão é a mãe de verdade! Por isso, seguindo esse precedente, a custódia fica com Leoazinha. Chen Sobrancelha, que roubou o bebê de outros e ainda teceu as mentiras, deveria levar vinte pancadas de sola, mas considerando que é uma pessoa com deficiência, vou isentá-la das punições, pode se retirar!

Gao Mengjiu entrega o bebê a Leoazinha.

Chen Sobrancelha luta para se soltar e grita, mas é controlada pelos guardas.

CHEN N. Gao Mengjiu, você é um incompetente!

LI (*cutuca Chen Nariz*) Meu irmão, deixe estar. Já combinei com Yuan Bochecha e Girino, vão pagar a Sobrancelha uma indenização de cem mil.

Cortina.

Ato IX

Quintal da casa da tia, mesmo cenário.

Hao Mão Grande e Qin He continuam moldando bonecos.

Em um lado do palco, Girino segura uma resma de manuscritos e lê em voz alta.

GIRINO Se alguém me perguntar qual é a cor predominante do Nordeste de Gaomi, responderei sem hesitar: o verde!

HAO (*murmura descontente*) E o vermelho? Sorgo vermelho, rabanete vermelho, sol vermelho, casaco vermelho, pimenta vermelha, maçã vermelha...

QIN Terra amarela, bosta amarela, dente amarelo, doninha amarela, só não tem ouro...

GIRINO Se alguém me perguntar qual é o som principal do Nordeste de Gaomi, responderei com orgulho: coaxo de rãs!

HAO Por que se orgulhar disso?

QIN Choro de bebê merece orgulho.

GIRINO Aquele coaxo abafado como um mugido de bezerro, tristonho como um balido de ovelha, alto e claro como uma galinha anunciando o ovo, potente e desconsolado como o choro dos recém-nascidos...

HAO E o latido? E o miado? E o zurro?

GIRINO (*irritado*) Vocês dizem isso só para me contradizer!

QIN Acho que o seu roteiro é, em essência, uma contradição.

TIA (*friamente*) Isso que você acabou de ler são minhas falas?

GIRINO São falas da personagem "a tia" na peça.

TIA Essa personagem "a tia" sou eu ou não?

GIRINO É a senhora e não é.

TIA Como assim?

GIRINO Esta é uma lei universal da criação artística. É como os bonecos que eles moldam: a imagem vem da vida real, mas recebe acréscimos de imaginação e criatividade.

TIA Se a peça for mesmo encenada, não tem medo de arranjar problemas? Você só usou nomes verdadeiros.

GIRINO Isto ainda é um rascunho, tia. Na hora de finalizar, vou trocar todos os nomes por nomes estrangeiros, a tia seria Tia Maria, Hao Mão Grande viraria Henry, Qin He, Allend, Chen Sobrancelha, Tonia, Chen Nariz, Figaro... Até o Nordeste de Gaomi ganharia o nome de Vila Macondo.

HAO Henry? Que nome interessante.

QIN É melhor me chamar de Rodin ou Michelangelo, o trabalho deles tem mais a ver com o meu.

TIA Girino, teatro é uma coisa, vida real é outra. Sempre acho que vocês, e, claro, eu também, estamos devendo a Chen Sobrancelha. Nesses dias, a insônia me atacou novamente, aquele fantasma e sua horda de rãs deficientes vieram me perturbar todas as noites. Senti a pele fria de suas barrigas, e até o fedor gélido de seus corpos.

HAO É alucinação causada pela neurastenia, tudo alucinação.

GIRINO Tia, entendo seus sentimentos. Também me sinto culpado por lidar com o assunto dessa maneira, mas poderia ser tratado de alguma outra forma? Em todo caso, Chen Sobrancelha é uma

maluca, uma doida gravemente desfigurada, de rosto demoníaco. Seria muito irresponsável darmos a ela a custódia da criança. Além disso, querendo ou não, sou o pai biológico dessa criança. Se a mãe tiver um distúrbio mental e for incapaz de cuidar da própria vida, o mais natural é o pai tomar conta da criança. Mesmo que o caso chegasse ao Supremo Tribunal Popular, a decisão seria essa. Não é verdade?

TIA Quem sabe se devolvermos o bebê ela ficará curada? Milagres podem acontecer entre mãe e filho...

GIRINO Não podemos usar a criança numa experiência tão arriscada. Uma psicopata é capaz de fazer qualquer coisa.

TIA Mesmo psicopata, ela ama a criança.

GIRINO Mas o amor dela pode machucar o bebê. Tia, não precisa se sentir culpada por isso. Já fizemos tudo o que podia ser feito. Pagamos a ela o dobro como compensação, nós a levamos ao hospital para ser tratada. Também não fomos injustos com Chen Nariz. No futuro, quando ela estiver completamente curada e o bebê estiver maior, podemos achar o momento certo de contar a verdade ao meu filho, apesar de isso só lhe trazer angústia.

TIA Para falar a verdade, ultimamente tenho pensado muito na morte...

GIRINO Tia, não precisa pensar demais. Acabou de completar setenta anos, a senhora pode não ser como o sol do meio-dia, mas é sol das duas ou três da tarde, e não falo isso para bajular. Ainda tem muitas horas até o anoitecer! Além do mais, o povo daqui não pode viver sem a senhora!

TIA É claro que não quero morrer. Quem é que, não tendo doença ou desgraça, sendo capaz de comer e dormir direito, vai querer morrer? Mas eu não consigo dormir! Altas horas, quando todo mundo está dormindo, só eu e a coruja na árvore continuamos

acordadas. A coruja está caçando ratos, mas e eu, fico sem dormir para quê?

GIRINO Pode tomar comprimidos para dormir. Muitas grandes personalidades sofrem de insônia, e elas tomam comprimidos.

TIA Mas esses comprimidos não funcionam para mim.

GIRINO Então tome ervas medicinais...

TIA A médica aqui sou eu! Escute uma coisa, isso não é doença. Chegou a hora de eu pagar meus pecados, aquelas almas vieram acertar as contas comigo. Nas noites silenciosas, quando aquela coruja pia no galho, eles vêm, cobertos de sangue, choramingando, misturados com aquelas rãs de pernas quebradas. Seu choro também se mistura com o coxo das rãs, ninguém sabe distinguir um do outro. Correm atrás de mim pelo quintal inteiro. Não que eu tenha medo de suas mordidas, tenho medo de suas barrigas frias e do seu fedor. Digam-me do que é que tenho medo nesta vida? Tigre, leopardo, lobo, raposa, não tenho medo de nenhum desses animais que assustam qualquer um, mas tenho pavor dessas rãs-fantasma.

GIRINO (*para Hao Mão Grande*) Será que é necessário chamar um taoista para exorcizar?

HAO Ela também está dizendo suas falas.

TIA Quando não consigo pegar no sono, fico pensando na minha vida. Desde o primeiro parto que fiz até o último. Uma cena segue a outra como se fosse um filme. Na verdade, não fiz nenhuma maldade ao longo da minha vida... aqueles feitos... contam como maldade?

GIRINO Tia, ainda não dá para concluir se foram "maldade" ou não. Mesmo que concluísse que sim, foram "maldade", a senhora não poderia ser responsabilizada por isso. Tia, não precisa se culpar, se afligir. A senhora é uma heroína, não uma pecadora.

TIA Não sou mesmo pecadora?

GIRINO Se deixassem o povo desta região votar em uma única pessoa do bem, a senhora ganharia o maior número de votos.

TIA As minhas mãos são limpas?

GIRINO Não só limpas como sagradas.

TIA Quando não consigo pegar no sono, me lembro da morte da mulher de Zhang Punho, de Wang Renmei e de Wang Vesícula.

GIRINO Não podem culpar a senhora! De jeito nenhum!

TIA Sabe o que a mulher de Zhang Punho disse antes de morrer?

GIRINO Não sei.

TIA Ela disse: "Wan Coração, você não descansará em paz!".

GIRINO Aquela megera, isso é coisa que se diga?

TIA Sabe o que Wang Renmei disse ao morrer?

GIRINO O que ela disse?

TIA Ela disse: "Tia, estou com muito frio...".

GIRINO (*pesaroso*) Renmei, eu também senti frio...

TIA E o que Wang Vesícula me disse ao morrer, você sabe?

GIRINO Não sei.

TIA Quer saber?

GIRINO Claro... mas...

TIA (*animada*) Ela disse: "Tia, obrigada por salvar meu bebê". Você acha que fui eu que salvei o bebê dela?

GIRINO Claro que foi a senhora.

TIA Então, posso morrer tranquila.

GIRINO Tia, a senhora falou errado. Deveria dizer que pode dormir tranquila e viver bem a vida.

TIA Uma pessoa com pecado não pode nem tem o direito de morrer, ela tem de viver e passar por angústias e sofrimentos, como um peixe sendo grelhado ou um chá de ervas sendo fervido. Só dessa maneira redime seus pecados e, uma vez redimido, morrerá com toda a tranquilidade.

Desce de cima do palco um enorme laço preto, a tia se aproxima do laço, coloca-o em volta do pescoço e chuta o banco sob seus pés.

Hao Mão Grande e Qin He continuam moldando os bonecos.

Girino pega uma faca, levanta o banco, pula para cima dele e corta a corda.

A tia cai no chão.

GIRINO (*ajuda a tia a se levantar*) Tia! Tia!

TIA Já morri?

GIRINO Pode entender assim, mas gente como a senhora não morre.

TIA Então quer dizer que renasci?

GIRINO Sim, podemos dizer que sim.

TIA Vocês estão bem?

GIRINO Estamos!

TIA Jinwa está bem?

GIRINO Muito bem.

TIA Leoazinha secretou leite?

GIRINO Secretou, sim.

TIA Tem muito leite?

GIRINO Abundante.

TIA Abundante como?

GIRINO Como uma fonte.

Cortina.

Fim da peça.

Glossário

erhu — instrumento musical tradicional chinês com duas cordas e um arco, cujo som se assemelha ao da voz humana. O nome deriva dos Hu, minoria étnica nômade do norte da China na Antiguidade.

Duanyang — outro nome do Festival do Barco-Dragão, celebrado no quinto dia do quinto mês lunar.

jiaozi — pastéis de farinha de trigo cozidos com farto recheio de carne e legumes picados.

kang — plataforma aquecida construída no interior das casas nas regiões mais frias da China, usada como leito ou espaço para receber visitantes.

qilin — criatura mitológica com cabeça de dragão, corpo de cavalo, escamas de peixe e rabo de leão. Tem natureza benévola e poderes mágicos.

Wan Seis Vísceras — nome faz referência ao termo da medicina tradicional chinesa que, em sua “Teoria dos órgãos Zang Fu”, fala em “Cinco Órgãos” (*zang*) e “Seis Vísceras” (*fu*).

yamen — local de trabalho e residência de um mandarim (alto funcionário da administração estatal) na China imperial; por extensão, qualquer órgão público.



RENATO PARADA

MO YAN, em chinês "Não fale", é o pseudônimo de Guan Moye, nascido em 1955 na província de Shandong. Seu primeiro e mais aclamado romance, *Sorgo vermelho*, foi publicado em 1986 e adaptado ao cinema em 1987 por Zhang Yimou. Além de romancista, é autor de novelas e coletâneas de contos. Laureado com os mais prestigiosos prêmios da China, foi o primeiro autor de seu país a ganhar o Nobel de literatura, em 2012, sendo o mais aclamado de sua geração. Vive em Beijing.

Copyright © 2009 by Mo Yan
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
蛙 (Wa)

Capa e ilustração de capa
Carlo Giovani

Preparação
Leny Cordeiro

Revisão
Jane Pessoa
Carmen T. S. Costa

ISBN 978-85-438-0420-0

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Capa

Rosto

Parte I

1.

2.

3.

4.

5.

6.

7.

8.

9.

10.

11.

12.

13.

14.

15.

Parte II

1.

2.

3.

- 4.
- 5.
- 6.
- 7.
- 8.
- 9.
- 10.
- 11.
- 12.

Parte III

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.
- 6.
- 7.
- 8.

Parte IV

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.
- 6.
- 7.
- 8.
- 9.
- 10.
- 11.
- 12.

Parte V

As rãs - Drama em nove atos

Ato I

Ato II

Ato III

Ato IV

Ato V

Ato VI

Ato VII

Ato VIII

Ato IX

Glossário

Sobre o autor

Créditos